

Falar sobre histórias: refletindo sobre os contextos de creche e jardim de infância e investigando práticas socializadas de leitura de histórias com as crianças

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada

Marta Filipa de Mendonça Marques

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Sónia Cristina Lopes Correia

Professora Doutora Maria José Gamboa

Leiria, março de 2024

Mestrado em Educação Pré-Escolar

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Ao Politécnico de Leiria por ter sido uma segunda casa nos últimos quatro anos e meio.

Ao meu pai e à minha mãe de coração, por acreditarem que seria capaz de fazer grandes coisas e por estarem presentes nos momentos de maior ansiedade.

À minha irmã Rita e ao meu irmão Paulo, por serem inspiração e por me fazerem querer mudar o mundo através da Educação.

À minha avó, a minha melhor amiga e aquela que desejava ver-me formada um dia. Espero que estejas orgulhosa de mim.

Às professoras Sónia e Maria José, por serem luz neste caminho atribulado. Sem vós este relatório não ficaria concretizado.

À Raquel, à Sara e à Margarida. De estranhas a amigas, obrigada pelas aventuras incríveis, por também aturarem os meus devaneios e por me arrancarem inúmeras gargalhadas

A todas as educadoras de infância e auxiliares com as quais cruzei caminho e tive oportunidade de aprender. Obrigada pelas reflexões, pelas conversas e por todo o amor demonstrado.

Por último, muito obrigado a todas as crianças com as quais contactei neste mestrado. Ensinaram-me a importância de voltar a ser criança e a espantar-me com o mundo.

RESUMO

O presente relatório de Prática de Ensino Supervisionada decorre do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, e nele pretende-se partilhar vivências experienciadas entre os anos letivos 2021/2022 e 2022/2023 e as respetivas reflexões deste percurso formativo. Este relatório apresenta duas partes, a reflexiva e a investigativa, em que as histórias ocupam um papel central.

A primeira parte do relatório apresenta algumas das “minhas histórias”, efetuadas nos diferentes contextos vivenciados em Creche e Pré-Escolar (rede privada e rede pública) e com vários intervenientes. As reflexões revelam as conquistas e os desafios vivenciados e as aprendizagens que realizei ao longo deste percurso formativo.

Na segunda parte, apresenta-se o estudo empírico, um estudo de caso de cariz qualitativo, que se orientou pela seguinte questão: “De que forma um projeto de intervenção educativa poderá promover o envolvimento das crianças em práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias?”. Este estudo emerge de observações das crianças, em contexto de prática supervisionada e do interesse em descobrir como é que o educador pode levar as crianças a consolidar a sua relação com os livros e as suas histórias, ampliando esses diálogos além-sala. Assim, quis-se fomentar um ambiente em que a leitura e a partilha de ideias fossem algo presente, implementando-se um projeto de intervenção. Os resultados obtidos confirmam o potencial formativo das histórias para a infância e a sua relevância para a construção do interesse e do olhar crítico das crianças, através da socialização de práticas em torno dos livros. Os resultados destacam, ainda, o papel do mediador na construção de uma relação positiva de envolvimento da criança com o livro.

Palavras-chave

Aprendizagens, histórias infantis, mediadores de leitura, práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias.

ABSTRACT

This report on Supervised Teaching Practice is part of the Master's Degree in Pre-School Education at the School of Education and Social Sciences of the Polytechnic of Leiria, and it aims to share experiences from the 2021/2022 and 2022/2023 school years and the respective reflections from this training programme. This report has two parts, the reflective and the investigative, in which stories take centre stage.

The first part of the report presents some of "my stories", made in the different contexts experienced in nursery and pre-school (private and public) and with various stakeholders. The reflections reveal the achievements and challenges I've experienced and the lessons I've learnt along the way.

The second part presents the empirical study, a qualitative case study, which was guided by the following question: "How can an educational intervention project promote children's involvement in socialised reading/listening and storytelling practices?". This study emerged from observations of the children in the context of supervised practice and an interest in discovering how the educator could lead the children to consolidate their relationship with books and their stories, extending these dialogues beyond the classroom. So we wanted to foster an environment in which reading and sharing ideas were present, by implementing an intervention project. The results obtained confirm the formative potential of stories for children and their importance in building children's interest and critical thinking through the socialisation of practices around books. The results also emphasise the role of the mediator in building a positive relationship between the child and the book.

Keywords

Learning, children's stories, reading mediators, socialised reading/listening and storytelling practices

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Índice Geral	v
Índice de Tabelas	ix
Índice de fotografias	x
Abreviaturas.....	xi
Introdução.....	1
PARTE I – DIMENSÃO REFLEXIVA.....	3
CAPÍTULO I – PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTO DE CRECHE	3
1.1. O início de uma viagem sem retorno	4
1.2. Observar e planificar o desconhecido	4
1.3. Passeando no tempo da criança.....	8
1.4. Vamos documentar.....	8
1.5. Educador de infância: extraterrestre ou ser comum?	10
CAPÍTULO II – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CONTEXTO DE JARDIM DE INFÂNCIA.....	14
2.1. O portefólio – uma avaliação a ser usada.....	14
2.2. A criança – redescobrir este ser.....	18
2.3. Espaço exterior – Brincar num espaço rico em aprendizagens	21
PARTE II – DIMENSÃO INVESTIGATIVA.....	24
CAPÍTULO I – PARTINDO DO QUE SE SABE PARA QUE O CONHECIMENTO NUNCA ACABE	24

1.1. Educação Literária – a leitura de narrativas em contexto de Jardim de Infância	25
1.2. Educação Literária em EI – critérios de escolha de livros/narrativas	28
1.3. Compreensão leitora em EI – compreender o que se lê para se compreender melhor o mundo.....	32
1.4. Educação Literária em EI: os mediadores na leitura de histórias	34
CAPÍTULO II – COMO FAZER O QUE VAMOS FAZER?	38
2.1. Contexto e participantes	38
2.2. Projeto de intervenção	41
2.3. Métodos, instrumentos e técnicas de recolha e tratamento de dados	48
CAPÍTULO III – AQUI APRESENTADO, AQUI EXPLANADO	52
3.1. – Escuta/leitura de livros e interação – as práticas de leitura das crianças.....	52
3.2. A socialização de práticas de leitura durante o projeto de intervenção.....	55
3.2.1. Intervenção e emoções tidas em torno dos livros do projeto de intervenção	56
3.2.2. Os critérios de seleção de livros cómicos	58
3.2.3. Participação na elaboração e apresentação do vídeo	60
3.3. Impacto do projeto de intervenção nas práticas de leitura das crianças	63
CAPÍTULO IV – Conclusões, limitações e recomendações	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
Referências bibliográficas	73
Anexos	1
Anexo I: reflexão de grupo da semana de 25 a 27 de outubro de 2021.....	2
Anexo II: Pedido de autorização aos encarregados de educação	3
Anexo III: Livros usados durante o projeto.....	4
Anexo IV: guião de entrevista inicial aplicado às crianças	6
Anexo V: folha usada na votação	7
Anexo VI: Texto usado para a realização do vídeo do autor.....	8
Anexo VII: guião de entrevista final aplicado às crianças	8

Anexo VIII: transcrição número 1 do R	9
Anexo IX: transcrição número 1 da MS	10
Anexo X: transcrição número 1 da M	11
Anexo XI: transcrição número 1 do L	12
Anexo XII: transcrição número 1 da V	13
Anexo XIII: transcrição número 1 da MR.....	15
Anexo XIV: transcrição número 12 do R.....	16
Anexo XV: transcrição número 12 da MS	17
Anexo XVI: transcrição número 12 da M	19
Anexo XVII: transcrição número 12 do L.....	21
Anexo XVIII: transcrição número 12 da V	24
Anexo XIX: transcrição número 12 da MR	30
Anexo XX: questionário aplicado aos encarregados de educação	33
Anexo XXI: resposta do encarregado de educação do R	34
Anexo XXII: resposta do encarregado de educação da MS	36
Anexo XXIII: resposta do encarregado de educação da M.....	38
Anexo XXIV: resposta do encarregado de educação do L.....	40
Anexo XXV: transcrição número 2 do R	42
Anexo XXVI: transcrição número 2 da MS	43
Anexo XXVII: transcrição número 2 da M.....	45
Anexo XXVIII: transcrição número 2 do L.....	47
Anexo XXIX: transcrição número 2 da V	49
Anexo XXX: transcrição número 2 da MR.....	51
Anexo XXXI: transcrição número 3 da leitura da história <i>Eustáquio, o mágico magnífico</i>	53
Anexo XXXII: transcrição número 3 da leitura da história <i>El mejor libro para aprender a dibujar una vaca</i>	55
Anexo XXXIII: transcrição número 3 da leitura da história <i>Presos</i>	57

Anexo XXXIV: transcrição número 4 da conversa sobre a votação com as crianças	59
Anexo XXXV: transcrição número 5 da votação da MS	61
Anexo XXXVI: transcrição número 5 da votação da M	61
Anexo XXXVII: transcrição número 5 da votação do L.....	62
Anexo XXXVIII: transcrição número 5 da votação da V	62
Anexo XXXIX: transcrição número 5 da votação da MR.....	63
Anexo XL: transcrição número 6 da contagem dos votos.....	64
Anexo XLI: transcrição número 7 da visualização do vídeo do “autor” da história..	65
Anexo XLII: transcrição número 8 da conversa das ideias para o vídeo a apresentar	66
Anexo XLIII: transcrição número 9 da filmagem do vídeo a apresentar	70
Anexo XLIV: transcrição número 10 da visualização do vídeo.....	72
Anexo XLV: transcrição número 11 da leitura da história do vídeo.....	73
Anexo XLVI: tabela de categorias de análise da MS	75
Anexo XLVII: tabela de categorias de análise da M.....	79
Anexo XLVIII: tabela de categorias de análise do R	83
Anexo XLIX: tabela de categorias de análise do L	85
Anexo L: tabela de categorias de análise da V	90
Anexo LI: tabela de categorias de análise da MR	96

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Fases e atividades do projeto de intervenção;

Tabela 2: Projeto desenvolvido e técnicas e instrumentos de recolha de dados

Tabela 3: Categorias e subcategorias usadas para responder aos objetivos deste estudo.

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Criança a brincar com a água usando uma colher

Fotografia 2: Exemplo de documentação pedagógica efetuada

Fotografia 3: Capa do portfólio do T

Fotografia 4: Capa do portfólio do R

Fotografia 5: Mesa de luz

Fotografia 6: Proposta dos balões de água congelados

Fotografia 7: A descoberta do L

Fotografia 8: A casa do caracol

Fotografia 9: Quadro com a votação do livro mais "engraçado" por parte de todas as crianças do grupo

ABREVIATURAS

EI – Educação de Infância

JI – Jardim de Infância

PP – Prática Pedagógica

1.ºCEB – Primeiro Ciclo do Ensino Básico

ESECS - Escola Superior e Ciências Sociais

INTRODUÇÃO

O presente relatório emerge do percurso formativo realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, sendo este lecionado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Neste documento será retratado todo o trajeto efetuado no decorrer das três práticas pedagógicas previstas no seu plano de estudos, sendo que duas foram feitas numa instituição com creche e jardim de infância (JI) de cariz privado e a outra num JI de cariz público.

A vida de um educador de infância está repleta de ação, de movimento, de procura do desconhecido e de caminhos que façam com que a jornada da infância seja devidamente aproveitada e vivida com todas as pessoas com as quais as crianças contactam no seu dia a dia. Para que tal aconteça, é necessária uma constante reflexão e pensamento acerca de aspetos como a observação e a planificação, passando pela documentação pedagógica, as famílias, os gostos e interesses das crianças, entre outros. No fundo, o educador de infância não passa de um questionador e de um pensador que pensa a infância, busca novos conhecimentos e coloca em prática o que aprende, numa tentativa de conseguir encontrar respostas. Todos estes percursos e caminhos estão espelhados neste relatório.

Este relatório encontra-se, assim, dividido em duas partes: a primeira parte (Parte I – Dimensão Reflexiva) que foca a dimensão reflexiva e a segunda parte (Parte II – Dimensão Investigativa) que apresenta a dimensão investigativa. Na dimensão reflexiva estão espelhados os aspetos que considero importante mencionar e refletir durante o meu percurso como mestranda, ilustrando as principais descobertas, as dificuldades que foram sentidas e as aprendizagens que fui fazendo no decorrer de cada um dos contextos.

A dimensão investigativa ilustra o estudo empírico desenvolvido em contexto de JI (JI público), em que pude estudar a relação entre criança e narrativas e de que modo a sua exploração pedagógica deve integrar práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias.

O estudo que se apresenta está dividido em quatro capítulos, sendo que no primeiro encontra-se o enquadramento teórico que serviu de base e de suporte para a

concretização deste relatório e do projeto desenvolvido. Seguidamente, encontra-se o segundo capítulo com a metodologia de investigação, onde encontramos informações referentes ao contexto e participantes do estudo, uma explicação do projeto desenvolvido e os métodos, instrumentos e técnicas de recolha e tratamento de dados usados. O terceiro capítulo diz respeito à apresentação e discussão dos dados recolhidos e o quarto e último capítulo estão presentes as considerações finais deste relatório, onde se encontrarão as respostas à questão de partida e objetivos, bem como as limitações identificadas.

Por fim, é possível encontrar a conclusão do presente relatório, onde estarão espelhadas as aprendizagens efetuadas e as adversidades encontradas no decorrer deste percurso. É também possível encontrar as referências bibliográficas mobilizadas neste trabalho e respetivos anexos.

PARTE I – DIMENSÃO REFLEXIVA

Nesta primeira parte deste Relatório de Prática Pedagógica (PP) serão explanadas as etapas principais de todo o caminho percorrido no decurso das minhas práticas pedagógicas desenvolvidas neste Mestrado. Está dividido em dois capítulos, tendo por base uma ordem cronológica. O primeiro capítulo faz menção à PP desenvolvida em contexto de Creche e o segundo capítulo faz menção às duas PP desenvolvidas em JI. A opção por elaborar uma reflexão que contempla ambos os contextos de JI (privado e público) prende-se com o facto de considerar que tinha aprendizagens e reflexões similares a ambos os contextos, pelo que não me fazia sentido repeti-las. Cada capítulo terá uma reflexão com enfoque nas aprendizagens desenvolvidas, desafios sentidos e vivências, assim como aprendizagens feitas em conjunto com o Outro. Algumas reflexões apresentadas aqui foram feitas em conjunto tanto com os professores como com as educadoras de infância, sendo também citados, em alguns momentos, exemplos de exercícios formativos para ilustrar as minhas aprendizagens e momentos significativos.

CAPÍTULO I – PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTO DE CRECHE

A minha PP em Creche foi efetuada no ano letivo 2021/2022 entre os dias 20 de setembro de 2021 e o dia 20 de janeiro de 2022, ocupando três dias da semana (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira). Foi desenvolvida numa instituição de Leiria, instituição essa com valência de Creche e Pré-Escolar e com capacidade para acolher 148 crianças. Essa instituição sustentava o seu trabalho pedagógico com base na abordagem *Reggio Emilia*. Esta abordagem traduz-se em “an experience that (...) offers hope for a renewed culture of childhood and for reclaiming the school as a public space of central importance to democratic societies” (Rinaldi, 2021, p. 2). O grupo onde estive integrada tinha 14 crianças com idades entre os 12 e os 24 meses, bem como uma educadora e uma auxiliar de ação educativa.

Neste capítulo apresentam-se, de seguida, os cinco subcapítulos: i) O início de uma viagem sem retorno; ii) Observar e planificar o desconhecido, iii) Passeando no tempo da criança; iv) Vamos documentar e v) Educador de infância: extraterrestre ou ser comum?

1.1. O INÍCIO DE UMA VIAGEM SEM RETORNO

A primeira PP de qualquer aluno que entre num mestrado ligado à Educação é especial. Somos rodeados por incertezas, por medos, por esperanças, por muitas dúvidas e por crianças e adultos que transformam a nossa vida, que nos levam numa viagem sem retorno. A educadora de infância do grupo de Creche onde estive inserida, numa carta que nos escreveu no final da PP, partilhou que “Na escola real há de tudo. Há tempo e há pressa. Há desordem que às vezes beira o caos, mas que depressa volta a ser ordem e tudo volta a ter sentido. Há pessoas que chegam e outras que se perdem pelo caminho. Há escolhas constantes e há também dúvidas constantes”. Nesta escola real, tudo isto se revelou, para mim, como algo cheio de um potencial infinito, capaz de se tornar em algo maravilhoso.

Com as palavras da educadora, e com tudo aquilo que vivi nesse primeiro semestre, consegui perceber o que é realmente trabalhar com crianças de Creche, um contexto com o qual ainda não tinha tido o privilégio de contactar. O facto de esta prática ser de três dias ao invés de um, como acontecia na licenciatura, fez com que conseguisse estabelecer um maior contacto com as pessoas e com as crianças. Estar quase uma semana inteira nesta PP fez com que percebesse que tudo aquilo era a sério: estaria a aprender a ser uma educadora de infância, com profissionais que todos os dias dedicavam o seu tempo e esforço para que o desenvolvimento holístico da criança se proporcionasse. Ver tudo isso fez-me perceber que não era um sonho e que teria uma oportunidade para tentar aprender coisas novas, aventurar-me no desconhecido e deliciar-me com a beleza que é a Infância. No fundo, esta seria uma viagem ao mundo da Educação, um mundo onde nos conseguimos perder, se nos deixarmos encantar pelo que observamos.

1.2. OBSERVAR E PLANIFICAR O DESCONHECIDO

Considero que agora tenho uma visão diferente do que é observar, quando comparada com a visão que tinha durante a licenciatura. Para mim, observar seria o ato de olhar, simplesmente. Fui aprendendo que olhar e observar são palavras com um significado diferente: consigo olhar para uma folha, por exemplo, mas se a observar com calma conseguirei ver as suas várias cores, os seus veios e o quão bicuda ela é. Ao observarmos podemos, verdadeiramente, perceber algo ou alguém. É uma ação difícil: é algo que precisa de tempo, pré-disposição e treino. No início, observar era-me difícil, por não saber o que observar ou o que registar daquilo que ia observando. Mas depois,

com a leitura e com o olhar mais focalizado da educadora, que nos ia alertando para certas situações que iam acontecendo em contexto de interação com as crianças, consegui começar a fazer esse exercício. Nunca se sabe o que viremos a observar e isso fez com que se tornasse algo entusiasmante para mim. Um exemplo disso mesmo foi quando as crianças visitaram o pinhal perto da instituição e eu consegui verificar o fascínio de uma das crianças pela casca de uma árvore, o que me levou a ficar junto dela, a tocar na mesma e a oferecer-lhe pedaços que estavam caídos pelo chão.

As primeiras semanas foram destinadas à construção de instrumentos de recolha de dados, bem como à construção do plano para observação e recolha de dados acerca do meio, da instituição e da sala e do grupo onde fomos inseridas. A observação dos espaços e dos contextos fez com que a criação de laços entre estagiária, crianças e adultos fosse possível, o que proporcionou a oportunidade de perceber meios para auxiliar as crianças no seu desenvolvimento e melhorar a minha prática.

A observação do contexto, dos espaços, do meio envolvente e dos materiais levou-me a perceber melhor a instituição e o contexto onde esta se encontrava inserida. Sabemos que “Há inúmeros motivos para observarmos os outros. [...] observamos para obter informação, que pode ser útil para atingir determinados objetivos. Uma dessas finalidades pode ser a criação de ambientes educativos estimulantes para as crianças” (Cardona et al., 2021, p. 87). Assim, também se pode perceber que a observação é um excelente auxílio no que concerne à planificação de propostas a serem desenvolvidas com as crianças.

Na visão de Parente (2012), observar é algo importante para o processo de planificação, pois ajuda a desenvolver e a responder aos interesses e necessidades das crianças e respetivas famílias, uma vez que é através da mesma e da escuta das crianças que se consegue conhecer e aprender mais sobre as mesmas. Só através da observação é que conseguimos aferir dados importantes para a nossa intervenção. A observação possibilita ver “a singularidade de cada criança, ajuda a conhecer o temperamento, pontos fortes, as características, a forma como se relaciona com os outros, etc” (Parente, 2012, p. 6).

Passado o tempo de observação inicial previsto no âmbito da PP, a calendarização começou a desafiar-nos para a planificação das propostas para cada semana para os vários momentos do dia. Assim, comecei por procurar conhecer melhor o conceito de planificação de propostas educativas com as crianças, para cada semana e para os vários momentos do dia delas. Na altura foi importante para mim procurar conhecer melhor o

conceito de planificação e o que deveria fazer na mesma. Encontrei a visão de Fonseca et al. (2015), que nos diz que “planificar é um processo que corresponde a um conjunto de ações pensadas previamente que vão permitir ao profissional colocar em prática as suas intencionalidades educativas. Assim, a planificação é considerada um instrumento que visa otimizar a prática educativa” (Fonseca et al., 2015, p.155). Com base nesta pesquisa consegui perceber que pensar nas propostas a serem concretizadas com as crianças é importante, assim como todos os momentos nos quais contactamos com as mesmas, uma vez que as aprendizagens podem ser realizadas nos diversos momentos do dia-a-dia.

Todavia, planificar em creche foi, para mim, um desafio. Percebi, aos poucos, que são muitas as formas de planificar e é um longo caminho até conseguirmos encontrar o modo de planificar que nos faz mais sentido. No fundo, sinto que temos a tendência para querer ter presente nas nossas mãos um modelo de planificação ou uma fórmula que nos diga o que escrever ou fazer relativamente à planificação, mas lentamente vim a perceber que a mesma é algo que deve transmitir as necessidades e interesses das crianças, deve ser algo que suporte as nossas intencionalidades. Terminei a PP em contexto de creche com a sensação de que ainda não tinha encontrado a melhor forma de planificar para mim, sendo que terei de procurar novas visões ou ideias que me possam auxiliar nesta jornada. É algo que terei de continuar a aprofundar na próxima PP e em próximas experiências profissionais. Aprendi também que é preciso ir pensando no que fazemos, no que mudamos e porque é que essas determinadas mudanças nos fazem sentido, justificando as nossas escolhas. Também é preciso ter em consideração os gostos ou interesses das crianças, a fim de lhes tentar proporcionar ambientes e propostas com sentido. Por exemplo, algumas crianças gostavam de brincar com a água no momento em que lavavam as mãos, e, com base nisto, procurámos proporcionar um momento em que pudessem brincar com a água livremente, usando utensílios como colheres ou borrifadores (fotografia 1).



Fotografia 1- Criança a brincar com a água usando uma colher

Esta experiência de planificar em creche deu-me ainda a oportunidade de começar a desconstruir algumas crenças, particularmente a ideia de que o que está escrito na planificação teria de ser cumprido na íntegra. Este entendimento sobre o que era planificar fez com que, por vezes, sentisse que a minha intervenção tinha sido má ou que o trabalho desenvolvido não tinha sido bom o suficiente porque não estava a cumprir com o previsto. As reflexões que fui fazendo individualmente e com a equipa ajudaram-me a ampliar a visão sobre a vivência e, percebi que talvez não fosse assim. Numa das reflexões semanais de grupo escritas abordámos essa questão: “Mas será que estaria mesmo a correr mal, ou só colocámos uma grande pressão em nós e nas crianças? O que significa correr mal ou bem?” (reflexão de grupo, semana de 25 a 27 de outubro de 2021, anexo 1). Realmente, o que é correr bem ou mal? Correu mal porque aconteceu algo de mau ou simplesmente a proposta não correu, por diversos fatores que não conseguimos antecipar, de acordo com a ideia que tínhamos em mente com o que estava escrito na planificação? Senti isso mesmo logo nas primeiras intervenções que fiz, por ter integrada na minha mente exatamente o que queria fazer. Assim, quando algo ínfimo não estava de acordo com a planificação, como no que respeita aos comportamentos das crianças, ao seu envolvimento ou aos materiais disponibilizados, bloqueava e não sabia o que fazer de seguida.

Este bloqueio que sentia comprometia, muitas vezes, o meu desempenho nas propostas efetuadas, deixando-me frustrada. Queria fazer um trabalho melhor do que aquele que tinha feito. Foi preciso ter algumas conversas e reflexões com a professora orientadora e com a educadora cooperante para perceber algo importante, algo que tem a ver com o erro.

Não é expectável que consigamos fazer tudo bem à primeira também, aspeto esse que ainda continuo a desconstruir dentro de mim. Errar é algo que ninguém gosta de experienciar, mas faz parte da jornada de aprendizagem. Através da tentativa e erro conseguimos modificar as nossas crenças e práticas e fazer com que fiquem mais consistentes e próximas da nossa visão de criança e de educação. Contudo, continuamos a colocar pressão em nós próprios, para que fique tudo bem. É imprescindível ter uma planificação que nos oriente e comunique com clareza aquilo que pretendemos fazer, bem como a intencionalidade educativa, os possíveis cenários de respostas ou perguntas que nós e/ou as crianças podemos fazer. Mas, o futuro é incerto, nunca sabemos o que poderá acontecer, muito menos nas nossas práticas, o que as torna ainda mais misteriosas e entusiasmantes. Foi isto que aprendi! Tentemos não colocar tantas

pressões em nós e nas crianças, a fim de sermos mais felizes e apreciar o momento em si e ir de mente aberta para tudo o que desenvolvamos.

1.3. PASSEANDO NO TEMPO DA CRIANÇA

Outra coisa que fui aprendendo neste contexto e que a educadora com a qual trabalhei me fez perceber foi que cada criança tem um tempo. Embora se saiba que as rotinas são importantes no dia a dia das crianças e que “Rotinas consistentes, que acontecem sensivelmente à mesma hora e da mesma maneira em cada dia, fornecem à criança conforto e um sentimento de controlo e segurança” (Portugal, Carvalho & Bento, 2016, p. 10) estas mesmas rotinas poderão ser adaptadas, para se valorizar o tempo de cada criança.

O tempo é só isso mesmo, *tempo*. Não era problema poder demorar-me um pouco mais com as crianças no momento do almoço ou no lavar das mãos. Aprendi isto mesmo com a rotina do almoço e do lanche, momentos em que tentava fazer tudo o mais depressa possível, para conseguir ir para a sesta na hora que estava estipulada e acabava por não conseguir fazer as coisas como era pretendido, desrespeitando totalmente a criança e, também, o ritmo do adulto. Mais uma vez, através da partilha com a educadora, com a professora e com a minha colega pude perceber que poderia dinamizar os tempos do almoço e do lanche de modo diferente e, por isso, decidi mudar a minha prática e demorar o tempo necessário com as crianças em cada uma das vivências.

Considero que faz parte da responsabilidade do educador de infância reservar tempo para escutar cada criança individualmente, compreendendo o que ela está a dizer e observando o que faz. Elas têm imenso para nos contar, tanto por palavras como por ações. Aprendi que um educador de infância, tendo isto em consideração, terá uma PP mais respeitosa do processo de desenvolvimento e aprendizagens das crianças, e assim com mais qualidade educativa. O tempo é crucial.

1.4. VAMOS DOCUMENTAR

Todos os dias, ao circular pelos corredores da instituição, deparava-me com uma vasta quantidade de documentação pedagógica que se encontrava nas paredes ou pendurada no teto. Observar algo assim, principalmente as fotografias/desenhos presentes e as narrativas fazia com que tivesse curiosidade em ver o que se tinha sucedido naquele momento, perceber quais as aprendizagens que emergiram, quais as vivências que foram proporcionadas às crianças. Percebi que sabia pouco sobre documentação

pedagógica e que precisava de conhecê-la melhor para poder compreendê-la e, conseqüentemente, para a poder concretizar também com o grupo de crianças.

Desta forma, considerei necessário fazer algumas leituras sobre o que consiste documentação pedagógica e os vários modos de a fazer.

Com as mesmas, percebi que a documentação pedagógica tem muito mais do que umas fotografias e umas frases a acompanhar. Com Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) descobri que a documentação

retira as práticas pedagógicas do anonimato, visibilizando-as e permitindo colocar em diálogo culturas e identidades: a cultura da criança e a cultura do adulto; a identidade da criança e a identidade do adulto. Nesse processo, revela-nos, desde o nascimento, um ser que sente, explora, comunica, vive. (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p.33).

Conseguí perceber que uma documentação pedagógica tem presente as várias identidades do adulto e do grupo que a concretizaram. Conta histórias e traduz as ideias e aprendizagens, mostrando também novos caminhos a seguir em futuras intervenções. Marques e Almeida (2011), fazendo suas as palavras de Malaguzzi (1999), reforçam que a documentação pedagógica, através da observação da criança, nos possibilita obter dados para conseqüentes planificações, sendo também um “instrumento de pesquisa para o professor, favorecendo o conhecimento dos percursos de aprendizagem da criança, permitindo ao adulto aproximar-se de sua lógica e, por fim, evidenciando a imagem de uma criança «competente»” (Marques & Almeida, 2011, p. 415).

Com uma leitura atenta sobre o tema e através de reflexões com a educadora cooperante e com a professora orientadora começámos (eu e a minha colega de PP) a criá-las, embora tenha havido um receio inicial, por não se saber muito bem que caminhos tomar e o que fazer. Embora estivessem expostas nas paredes da instituição, tínhamos incertezas relativamente aos momentos a serem relatados e qual(ais) a(s) melhor(es) maneira(s) de o fazer.

A leitura foi, sem dúvida, uma ajuda preciosa no que concerne ao entendimento que tenho atualmente da documentação pedagógica. Acabámos por fazer três experiências de documentação de parede, para que a comunidade educativa pudesse tomar conhecimento de alguns momentos passados com as crianças, sendo que dois desses registos diziam respeito a duas crianças do grupo e uma documentação pedagógica que

englobou todo o grupo numa experiência sensorial com tintas. Os tipos de documentação feitos, embora tivessem em comum o facto de estarem afixados, tiveram características e formatos diferentes, sendo necessárias, também, distintas reflexões e interações com cada uma das produções finais. Por exemplo, na documentação do grupo feita acerca de uma proposta que envolveu brincar com tintas, foi apresentada através de imagens e de palavras, captando exatamente as ações e falas que as crianças fizeram e disseram. No fundo, quisemos que as pessoas que contactassem com esta documentação pedagógica pudessem vivenciar e perceber o que se sucedeu nessa proposta desenvolvida (fotografia 2).



Fotografia 2 – Exemplo de documentação pedagógica efetuada

Já com o outro tipo de registo de parede, a nossa intenção foi focar a nossa atenção para duas crianças do grupo, que estavam a revelar mudanças ao nível do seu desenvolvimento motor, uma que começava a dar os seus primeiros passos e outra que começava a querer ficar de pé. Estes acontecimentos que observávamos eram vividos por nós com bastante alegria e, por isso, quisemos mostrar aos pais das mesmas e à restante comunidade educativa.

1.5. EDUCADOR DE INFÂNCIA: EXTRATERRESTRE OU SER COMUM?

Esta prática que fui fazendo fez-me perceber e vivenciar melhor o trabalho de um educador de infância. Contrariamente ao que muitas pessoas pensam, um educador de infância não passa o dia a brincar com as crianças, sem ter uma intencionalidade definida. Nunca tinha estado neste contexto e o contacto com crianças dessa idade foi muito reduzido, só com a minha irmã mais nova, quando esta tinha um e dois anos. Assim sendo, tinha ideias diferentes do que é realmente a Creche, por pensar que

crianças de idade de Creche eram muito pequenas e precisavam de muitos cuidados e atenção, por se poderem magoar. Estar em Creche mudou estas minhas perspectivas sobre a criança, e ainda bem, trazia comigo concepções muito distanciadas daquilo que é a sua competência e agência. Estas crianças de um e dois anos são capazes de fazer coisas que não pensamos. São verdadeiras exploradoras, persistentes e olham para tudo com um espanto e uma curiosidade deliciosa. No fundo, a criança “não está à espera de ser pessoa, (...) lê o mundo e o interpreta, (...) constrói saberes e cultura, (...) participa como pessoa e como cidadão na vida da família, da escola, da sociedade” (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p.29). Como é bom ser criança! Ter o mundo todo à sua frente e enfrentá-lo com confiança e determinação, sem medos. E o educador tem um papel crucial na vida das crianças que passam por si! Lembro-me de assistir a um seminário no âmbito da prática PP e de a oradora pedir para amachucar uma folha de papel branca e para depois abri-la e observarmos o que víamos. Essa folha, nas palavras da oradora, representava uma criança e cada vinco ou rasgadela uma marca que o educador deixava nessa criança. Já tinha ouvido falar desta experiência, mas ao realizá-la ficou bem clara a “metáfora profunda para a importância do educador e do professor na vida de uma criança.” (reflexão individual n.º 3).

Se somos educadores de infância, precisamos de saber exatamente qual a nossa função, formular a nossa própria ideia. Assim, sinto que a opinião de Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) me faz sentido e enriquece a minha própria definição de educador de infância. Estes autores dizem que “O papel do(a) educador(a) é o de organizar o ambiente e o de escutar, observar e documentar a criança para compreender e responder, estendendo os interesses e conhecimentos da criança e do grupo em direção à cultura” (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p. 13).

Na minha reflexão individual número 9 escrevi que, para mim, ser educador de infância é “também saber trabalhar em equipa, mas mais importante que isso é ter a noção de quando se precisa de ajuda e não ter medo de a pedir. Se queremos transparecer isso aos nossos meninos e meninas porque não começar por ser o exemplo?”. Esta questão é importante. Pedimos às crianças para pedirem ajuda sempre que necessitarem, mas nós não somos capazes de o fazer, por pensarmos que conseguimos sozinhos ou porque temos vergonha de admitir que somos humanos e que, por vezes, não conseguimos fazer tudo sozinhos. Porque é que nos fazemos isto? Trabalhar em equipa é mais proveitoso do que trabalhar sozinho. Estaremos a tornar-nos muito individualistas? Com esta PP aprendi que existem momentos em que temos mesmo de pedir ajuda, para poder

colaborar mais em equipa e, conseqüentemente, criar um ambiente mais proveitoso e comunicador entre todos os intervenientes da PP. Esta aprendizagem foi feita através de vários momentos de reflexão individual e em conjunto, para que pudesse perceber que trabalhando em equipa e pedindo ajuda conseguirei ampliar as minhas visões e perceções do que se passa ao meu redor, nomeadamente o que está a acontecer com cada criança, o que poderia ter feito diferente, entre outros aspetos. Tentarei, sempre que estiver na minha prática ou num contexto futuro, pedir ajuda sempre que o necessitar.

Felizmente, consegui ter comigo a minha colega em todo este percurso. Sempre trabalhámos para um mesmo objetivo: fazer com que esta PP fosse a melhor possível em todos os sentidos. Lembro-me de referir numa das minhas reflexões individuais isto e de fazer minhas as palavras de Cunha e Uva (2016), citado por Oliveira (2020), quando falei sobre trabalho cooperativo, uma vez que este é “(...) trabalho em que os alunos trabalham em conjunto para resolver a tarefa em questão” (Cunha & Uva, 2016, como citado em Oliveira, 2020, p.30). Foi isso mesmo que aconteceu. Tentámos sempre focar a nossa visão para todos os trabalhos que desenvolvemos e partilhámos ideias, a fim de se poder fazer um melhor trabalho possível.

Para além da minha colega, considero ser pertinente partilhar também a importância que a própria instituição, os docentes das unidades curriculares do mestrado e, ainda, professora orientadora tiveram neste semestre. Foram e são pessoas com as quais dá gosto partilhar ideias e aprender coisas novas, pessoas ouvintes e dispostas a tirar um pouco do seu tempo para auxiliar e para ensinar o que sabem aos seus alunos e a quem estiver disposto a ouvir. É isto que faz falta: mais trabalho colaborativo e mais disposição e tempo para ouvir o outro.

A minha formação de imagem de educador também foi possível graças a várias reuniões, em que a reflexão era a base das mesmas, mas também através de alguma leitura. Para além das leituras que fiz, também estive em diversas reuniões, tanto com a educadora como com a professora, que nos auxiliaram a refletir sobre diversos aspetos do dia a dia da prática que mereciam atenção. Penso que com esta prática consegui aferir melhor a necessidade intrínseca que um educador tem de refletir sobre aspetos da sua prática. Sem pensamento nem questionamento não existe mudança e essa é necessária se quisermos fazer das nossas práticas as melhores e as mais completas possíveis. Afinal, como nos diz Alarcão (1996)

A reflexão, pelo contrário, baseia-se na vontade, no pensamento, em atitudes de questionamento e curiosidade, na busca da verdade e da justiça. Sendo um processo simultaneamente lógico e psicológico, combina a racionalidade da lógica investigativa com a irracionalidade inerente à intuição e à paixão do sujeito pensante, une cognição e afectividade [sic] num acto [sic] específico, próprio do ser humano (Alarcão, 1996, p. 175).

Esta experiência em creche foi intensa, foi um turbilhão foi uma onda de aprendizagens e de crescimento enquanto futura educadora de infância. Com todos esses momentos em mente, considero que desempenhei um bom trabalho e guardarei para sempre na minha memória estes breves momentos que pude vivenciar com cada uma das crianças deste grupo.

CAPÍTULO II – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CONTEXTO DE JARDIM DE INFÂNCIA

Esta reflexão que aqui se apresenta irá abordar os dois contextos de PP em JI. Esta decisão foi tomada uma vez que se percebeu que muitos dos tópicos tratados em ambas as reflexões eram os mesmos, pelo que se decidiu ser pertinente a junção das vivências tidas nesses dois contextos uma vez que, na minha opinião, se transformaram num só momento de aprendizagens, mesmo sendo desenvolvidos em instituições e contextos diferentes.

A minha primeira PP em JI (Prática Pedagógica em Educação de Infância – Jardim de Infância I) foi realizada no ano letivo 2021/2022, entre os dias 20 de setembro de 2021 e o dia 20 de janeiro de 2022, ocupando três dias da semana (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira). Foi desenvolvida numa instituição privada de Leiria, a mesma instituição onde realizei a PP em Creche, e estive com um grupo de 25 crianças com idades entre os 3 e os 4 anos de idade. Por sua vez, a minha segunda PP (Prática Pedagógica em Educação de Infância – Jardim de Infância II) decorreu no ano letivo de 2022/2023, entre os dias 26 de setembro de 2022 e 11 de janeiro de 2023, com um grupo de 22 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, também ocupando três dias da semana (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira). Esta prática foi desenvolvida numa instituição de cariz público, situada em Leiria, tendo, para além da valência de pré-escolar, a de Primeiro Ciclo do Ensino Básico (1.ºCEB).

Nesta reflexão irei falar sobre vários aspetos inerentes às práticas pedagógicas desenvolvidas, estando a mesma dividida em três subcapítulos: i) O Portfólio – uma avaliação a ser usada; ii) A criança: redescobrir este ser e, ainda, iii) Espaço exterior – brincar num espaço rico em aprendizagens. Ao longo desta reflexão irão ser relatados alguns episódios que aconteceram nestes dois semestres, como forma de expressar as minhas aprendizagens e momentos significativos.

2.1. O PORTFÓLIO – UMA AVALIAÇÃO A SER USADA

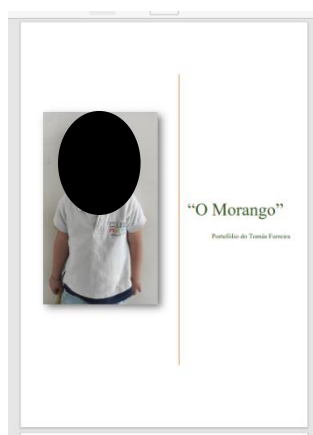
Se em contexto de creche consegui perceber que a observação está ligada à planificação, no contexto de JI consegui perceber melhor o quanto a observação é importante para o processo de planificação, podendo formar-se, assim, um ciclo interativo. O facto de estar integrada em grupos com um número maior de crianças do que aquele presente no grupo de creche levou a que tivesse de estar mais atenta ao que me rodeava, bem como

ao melhor modo de avaliar a minha prestação nos vários momentos do dia-a-dia, assim como nas diversas aprendizagens que as crianças iam fazendo.

Um dos pontos que mais me marcou nestes dois semestres em que estive em contexto de pré-escolar foi o portfólio da criança. Em tempo algum tinha concretizado um portfólio com uma criança, desconhecendo também o que era, como se estruturava ou que passos e procedimentos teria de fazer para poder construir um. Assim, foi preciso um grande exercício de pesquisa e leitura, bem como de conversa e reflexão com os docentes, professores orientadores e educadoras cooperantes, para que pudesse perceber qual o trabalho que teria de desenvolver e como o poderia fazer de modo completo.

A educação que se vai desenvolvendo em contexto de pré-escolar só é possível se houver um processo de avaliação, tendo esta então a função de “apoiar o desenvolvimento da educação, do currículo e das aprendizagens” (Cardona et al., 2021, p. 14). Mais se sabe também que, indo no seguimento do pensamento dos autores, que a avaliação não serve, de todo, para acolher ou descartar crianças, mas sim para que se possa fazer uma melhor regulação do trabalho e do currículo, tendo em conta o que a criança mais precisa, para que possa crescer e aprender os conteúdos inerentes ao currículo em educação pré-escolar (Cardona et al., 2021) e a desenvolver todo o seu potencial humano. Assim, e graças às leituras que fui fazendo, consegui perceber que o portfólio “surge da necessidade de avaliar a criança ao longo dos vários momentos da sua rotina diária, sendo este um dos instrumentos que auxiliam o educador de infância neste processo” (Gomes & Dias, 2020, p.281). O portfólio entende-se, assim, como um processo intrincado, o que pressupõe um exercício de planificação por parte do educador de infância. É também necessária a presença dos pais e das crianças neste processo, fazendo com que percebam o que é um portfólio (Gomes, 2021).

No primeiro semestre em contexto de JI, no ano letivo 2021/2022, a concretização do portfólio foi feita a pares, em conjunto com a minha colega de PP. Assim, escolhemos uma criança do grupo e explicámos que tínhamos de concretizar um trabalho com uma das crianças do grupo, perguntando-lhe se gostaria de participar. Como era um trabalho a ser feito por duas pessoas, cada uma ia tendo papéis diferentes, sendo estes rotativos:



Fotografia 3- Capa do portfólio do T

em cada semana uma ficava mais perto da criança, conversando com a mesma sobre o que estava a acontecer, enquanto a outra fazia registos escritos ou tirava fotografias, organizando um conjunto de evidências das aprendizagens da criança. No final, acabámos com um documento com o relato de vivências e de algumas aprendizagens da criança T (4 anos) que conseguimos registar (fotografia 3), mas que hoje reconheço ser um documento que se mostrava ainda muito prematuro e longe do que um portfólio realmente é, principalmente por não ter presente as várias áreas de conteúdo presentes nas Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE).

A PP do ano letivo de 2022/2023 foi um pouco diferente, uma vez que se pressupunha que as estudantes do mestrado em educação pré-escolar fizessem um portfólio individualmente. Isso fez com que eu tivesse de me adaptar, organizar e orientar de forma diferente da do semestre passado, pois teria de o concretizar sozinha. Assim, comecei por ler e aprender mais sobre portfólios e fiz planos para me organizar melhor na recolha de informações sobre a criança com a qual estaria a concretizar o portfólio.

De um modo geral, a concretização dos portfólios nos anos letivos diferentes levou a que se desenvolvessem diferentes oportunidades para recolha de dados, bem como diferentes modos de o fazer. A criança T, a criança com a qual eu e a minha colega de PP desenvolvemos o portfólio no ano letivo 2021/2022, ia conversando connosco, mostrando as brincadeiras que fazia ou o que ia descobrindo. Já a criança R, a criança com a qual desenvolvi o portfólio no ano letivo 2022/2023, não fazia isso. Era uma criança mais reservada, que se mantinha perto da educadora da sala e permanecia em silêncio a maior parte do tempo. A recolha de dados dessa criança demonstrou-se ser mais difícil do que aquela que tinha tido lugar no ano letivo 2021/2022, pelo que partilhei essa minha preocupação com a professora orientadora e com a educadora cooperante. Fizeram-me ver que, talvez, a maneira como eu a estava a vivenciar este processo com a criança poderia não ser o melhor caminho e pensámos em conjunto em novas abordagens e possibilidades. No fundo, as crianças são diferentes e têm interesses diferentes. A educadora fez menção de que o R gostava muito de desenhar e que poderia ver quais os seus interesses a partir daí.

Assim o fiz: sentei-me perto dele, a observar o que fazia. Rapidamente percebi que esta criança desenhava várias vezes personagens de desenhos animados e de videojogos, sendo que conhecia grande parte deles. Assim, foi possível estabelecer com essa criança uma conversa sobre esses seus interesses, levando a que se sentisse mais confortável

para partilhar comigo outros interesses que tinha e até mesmo partilhar mais desenhos seus e curiosidades sobre as personagens presentes neles.

Acabei por concretizar um portfólio em conjunto com esta criança, dinamizando vários momentos em que partilhava com o R, as fotografias que lhe ia tirando e anotando todos os seus comentários, as novidades que queria partilhar ou, até mesmo, perguntas que queria fazer sobre mim ou outro aspeto do mundo. O documento final, o portfólio do R, foi, pouco a pouco, sendo construído com a sua ajuda, espelhando quem era essa criança e acabando por ter o tema do *Spiderman*, o super-herói preferido do R (fotografia 4). A construção deste portfólio também teve a ajuda dos pais da criança, bem como da educadora cooperante, o que permitiu com que eu tivesse outras visões do R.



Fotografia 4- Capa do portfólio do R

A construção destes dois portfólios foi bastante enriquecedora para mim. Aprendi que é preciso pesquisa e fazer leituras, para que possamos entender melhor no que consiste um portfólio. Contudo, aquilo que considero ser a minha mais importante aprendizagem prende-se com a criança e nas estratégias usadas para chegar até ela. Cada criança é um ser único, com vivências prévias e experiências diferentes, o que faz com que não seja possível chegar a todas elas de igual modo. Foi preciso observação para perceber quais os possíveis interesses da criança, para poder desenvolver o portfólio com ela. Mesmo que não se tenha grandes informações sobre determinado interesse da criança, deve-se pesquisar mais sobre, para podermos “falar a mesma língua”, para que ela também se sinta disponível e predisposta a estabelecer laços connosco.

Também acho relevante falar, para concluir este tópico, sobre os registos efetuados aquando do portfólio, bem como a integração da família e de outros intervenientes na redação do mesmo. Para que o portfólio se transformasse naquilo que foi tive de recorrer a registos escritos e fotográficos dos vários acontecimentos que iam acontecendo no dia a dia do R. Ter sempre perto um caderno e um lápis, ou até mesmo

as notas do telemóvel auxiliou a que conseguisse registar com mais precisão e detalhe o que observava. Adotar essa estratégia foi preciosa, uma vez que tinha sempre comigo os materiais suficientes para poder relatar, de forma clara, o que estava a observar, auxiliando-me, depois, na construção da narrativa escrita presente no portfólio.

Relativamente à presença dos pais e de outros intervenientes na construção do portfólio do R, considero que foi importante a sua integração, uma vez que pude ter acesso a outros olhares relativamente à criança. Pedi, tanto à educadora do R, assim como aos seus pais, que me escrevessem uma caracterização da criança. Ao ler as mesmas, pude constatar que muitos dos elementos presentes nas mesmas já as tinha identificado, mas que existiam algumas que, pela natureza do espaço, não tinha conseguido observar e pude olhar para a criança com um novo olhar.

2.2. A CRIANÇA – REDESCOBRIR ESTE SER

Realmente, cada criança é única e cada um de nós tem uma ideia própria do que é a mesma. Antes de fazer a minha licenciatura e de ingressar no mestrado e, até mesmo, antes de refletir sobre este assunto, pensava, principalmente, que as crianças eram passivas e que necessitavam de ajuda para tudo. Mas agora não! A minha conceção de criança foi mudando muito ao longo do tempo e estes dois contextos de pré-escolar ajudaram-me imenso a consolidar um pouco mais a minha ideia do que é uma criança.

Tenho vindo a perceber e a compreender que uma criança é alguém curioso, que procura saber mais sobre o mundo e o que a rodeia. Dei conta disto em vários momentos, mas especialmente quando no ano letivo de 2021/2022 as crianças se começaram a interessar pelo mar e pelos seus animais. As suas curiosidades despertaram movimento e acabou-se por se desenvolver, com o grupo de crianças, um conjunto de propostas que pretendiam aprofundar esse seu interesse, responder às suas perguntas e incentivar mais a curiosidade, ainda que novas questões emergissem. Nesta vivência uma das propostas que mais me marcou foi a que fizemos na mesa de luz: pintámo-la de azul, forrámos uma parte com sacos pretos do lixo rasgados, colocámos em cima da mesma vários animais marinhos e “lixo” (tampas de plástico, papel amanchucado e em tiras) e deixámos as crianças explorar livremente os materiais dispostos na mesma (fotografia 5).



Fotografia 5- Mesa de luz

As interações que se desenvolveram a partir da mesa de luz foram muito interessantes, com as crianças a brincarem com os animais marinhos no meio de pedaços de plástico, fazendo com que esses mesmos animais “morressem”, levando também à partilha de saberes, por exemplo, quando uma criança partilhou connosco que sabia que os polvos tinham três corações.

Para além do lado curioso da criança, descobri que a criança também é um alguém que procura ter um lugar no mundo, querendo participar nas tarefas do dia a dia, por mais simples que sejam. Um exemplo desta afirmação foi vivido no ano letivo 2022/2023, quando fizemos uma proposta com enfoque no sensorial: pintar gelo. Eu e a minha colega enchemos vários balões de água e congelámo-los, para que cada criança tivesse mais do que um balão para pintar. Disponibilizámos aguarelas, pratos, vários pincéis e copos com água, para que se pudessem limpar os pincéis quando as crianças quisessem trocar de cor (fotografia 6).



Fotografia 6- Proposta dos balões de água congelados

A certa altura, um menino, o P (6 anos), que já tinha acabado a proposta e não queria continuar a pintar, perguntou-me se poderia ajudar-me a limpar as mesas, pois estavam sujas de aguarelas, ou se podia levar os pratos usados para o lavatório, para se poderem

limpar. Assenti e então o P foi buscar papel e o pano para limpar tudo, antes de transportar os pratos das outras crianças com cuidado para o lavatório. Sempre que entornava o gelo derretido para o chão parava e limpava o que tinha sujado, continuando depois com a sua tarefa. Outras crianças viram o que o P fazia, querendo também ajudar, tornando o momento da limpeza muito mais rápido e divertido. Gostei muito de ter dado espaço a esta criança para poder desempenhar estas tarefas, observando-o neste processo de dedicação e cuidado em relação ao espaço e ao grupo. Todas as suas ações foram feitas cuidadosamente, mostrando-me, assim, que as crianças só precisam de oportunidades para se envolverem nas tarefas do dia a dia e, por isso, cabe ao adulto proporcionar momentos assim, em que possam fazer, acertando e errando, com calma.

Por fim, também acho que a criança é um alguém criativo e com ideias, e que procura partilhá-la com o outro, levando a que esse outro se entusiasme e queira fazer parte dessa curiosidade. Um episódio que representa bem esta minha afirmação passou-se no espaço exterior da instituição onde fiz a minha PP em 2022/2023. Caracóis são animais que fascinam praticamente todas as crianças. Gostam de os observar, de brincar com eles, de os mostrar a todos. Mas... o que acontece se esse caracol for mesmo muito pequeno? Foi o que eu pude descobrir.

Uma criança, o L (4 anos), tinha descoberto um caracol muito, muito pequeno, o que fez com que o transportasse nas suas mãos com cuidado, mostrando-o a todos aqueles que encontrava (fotografia 7).



Fotografia 7- A descoberta do L

Até que pensou em algo: um caracol assim precisaria de uma casa, coisa que ele não tinha. Pediu-me para o guardar e rapidamente procurou material para que pudesse

construir a casa para o seu novo amigo. Duas outras crianças, a MR (4 anos) e o PS (4 anos), viram o quão atarefado estava o L e, quando perceberam o porquê de se comportar assim, prontamente começaram também a procurar folhas, paus, pedras, musgo, o que quer que fosse que pudessem usar para a casa do caracol. Trocaram ideias e ouviram-se mutuamente, acabando por construir então a casa para o seu novo amigo – o caracol (fotografia 8).



Fotografia 8- A casa do caracol

Tive a oportunidade de tirar fotografias à construção que foram fazendo, vivenciando também de forma intensa tudo o que ia vendo e posso dizer que adorei ter a oportunidade de experienciar algo assim. Com materiais e tempo disponíveis tudo é possível e a curiosidade expande-se, contagiando os outros. O meu papel, naquele momento, foi, simplesmente, desfrutar. Contemplar aquele momento, observar o que ia sendo feito e sorrindo, deixando-me encantar pelo entusiasmo fervente e a capacidade de criar que vinha das crianças.

2.3. ESPAÇO EXTERIOR – BRINCAR NUM ESPAÇO RICO EM APRENDIZAGENS

O episódio do caracol aqui relatado passou-se no espaço exterior da instituição, onde as crianças passavam algum do seu tempo a brincar. O facto de isso acontecer nos dois contextos de JI levou a que tivesse de ter um olhar mais atento a todas as potencialidades do espaço exterior, levando-me a fazer leituras. O espaço exterior é importante para o desenvolvimento holístico das crianças e cada vez mais tenho pensado no quão importante é deixar as crianças brincar ao ar livre. De facto, brincar em si é uma ação importante, visto que possibilita o desenvolvimento de capacidades motoras e/ou cognitivas, bem como de aprendizagens que afetarão a criança (Santos & Martins, 2020). Brincar pode acontecer em qualquer lugar e é muito importante para o desenvolvimento da criança. Pode-se inclusivamente dizer que, e atendendo às palavras

de Resnick (2020), o brincar não precisa de espaços abertos, nem de brinquedos dispendiosos. Para se brincar é preciso ser curioso, imaginativo e experimentar. Para além disso, também se sabe que brincar acaba por ser uma “forma de fortalecer a cooperação, as relações sociais e um forte mediador do ensino-aprendizagem, uma vez que o educador poderá beneficiar os momentos de ludicidade para transmitir e desencadear novos conhecimentos” (Martins & Neves, 2020, p. 123).

Ora, se o brincar em si é importante, quão mais importante e precioso será o brincar no espaço exterior? E o adulto, qual o seu papel enquanto a criança se aventura nas suas brincadeiras e descobertas no espaço exterior? Esta também foi uma questão que me surgiu durante a PP e que pretendi refletir. Será a presença do adulto importante? Se sim, o que poderá fazer para que as experiências no espaço exterior sejam as mais ricas possíveis? Consegui perceber que o adulto realmente tem de mediar e olhar pelas crianças, mas também deve “cuidar para que o brincar no espaço exterior seja marcado por momentos de fascínio e de proximidade com a Natureza, fomentadores de sentimentos positivos em torno do processo de aprendizagem” (Bilton, Bento & Dias, 2017, p.29).

Para além desta ideia, também acho pertinente destacar que o adulto deverá ser companheiro de brincadeira e integrar-se nas dinâmicas criadas pelas crianças, deixando que estas o guiem por caminhos desconhecidos e pela sua própria imaginação. O adulto, sendo uma referência importante para o desenvolvimento da criança, deverá ser exemplo e ele próprio deixar-se brincar e encantar com os mais diversos aspetos do dia a dia, encontrando inspiração e criatividade para tornar tudo aquilo que faz num jogo/brincadeira. Um adulto que não saiba brincar não percebe, verdadeiramente, a importância que esta ação tem no desenvolvimento da criança.

Tive a oportunidade de brincar muito com as crianças no espaço exterior da instituição, em ambos os contextos, e foi algo que me fascinou e me deixou feliz, por poder vivenciar, mesmo que por breves instantes, a alegria de poder brincar de novo. Brincar, na minha opinião é algo que qualquer educador de infância deverá ter. Conseguimos aprender muito com as crianças e com todas as brincadeiras que se desenvolvem e elas também podem aprender muito através do brincar. Assim, consegui aprender que o brincar é capaz de ser a mais importante atividade que uma criança pode fazer no seu dia a dia.

Estas aprendizagens em contexto de JI só foram possíveis através do meu contacto com vários intervenientes. Assim, para finalizar esta reflexão, gostaria de destacar e agradecer a todas as pessoas que me possibilitaram fazer a mais importante aprendizagem: educadores de infância têm a melhor profissão do mundo. Cada educadora e auxiliar de ação educativa com as quais me cruzei me proporcionaram momentos que em muito me enriqueceram e fizeram de mim a pessoa e estudante que sou! A elas estou grata. A profissão de educador de infância é difícil, dura e muitas vezes mal reconhecida, mas ter a certeza de que terei um impacto positivo na vida de uma criança e que a ajudarei a tornar-se na sua melhor versão e num ser humano capaz, competente, crítico e imaginativo faz com que tudo compense, faz com que tenha a certeza de que este é o caminho a seguir.

PARTE II – DIMENSÃO INVESTIGATIVA

Na segunda parte deste relatório encontra-se o ensaio investigativo, desenvolvido em contexto de PP em Educação Pré-Escolar – JI, com um grupo de crianças entre os 4 e os 6 anos de idade, numa instituição de cariz público. O mesmo emergiu através da observação do grande grupo e, também, do interesse da investigadora pela literatura para a infância. Efetivamente, tenho uma profunda curiosidade em descobrir como é que podemos levar as crianças a consolidar a sua relação com os livros e as suas histórias, ampliando esses diálogos além-sala. Assim, a dimensão investigativa deste relatório tem como tema principal a socialização de histórias e teve como pergunta de partida “De que modo um projeto de intervenção educativa poderá promover o envolvimento das crianças em práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias?”.

A organização deste trabalho foi feita ao jeito de quem conta uma história (esta história de investigação), organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo é referente ao enquadramento teórico que sustentou todo o trabalho e intitula-se “*Partindo do que se sabe para que o conhecimento nunca acabe*”; o segundo capítulo, “*Como fazer o que vamos fazer?*”, apresenta a metodologia de investigação desenvolvida e o terceiro, “*Aqui apresentado, aqui explicado*”, os dados recolhidos e a sua respetiva análise e discussão; já o quarto e último capítulo apresenta as conclusões, limitações e recomendações do estudo, intitulando-se “*Conclusões, limitações e recomendações*”. Também estão presentes as considerações finais.

CAPÍTULO I – PARTINDO DO QUE SE SABE PARA QUE O CONHECIMENTO NUNCA ACABE

Neste primeiro capítulo da dimensão investigativa encontra-se o aprofundamento teórico de temáticas e conceitos no âmbito da educação literária em JI, que sustentaram todo este trabalho investigativo desenvolvido, bem como o projeto de intervenção desenhado e concretizado com as crianças. O mesmo está sub-dividido em quatro subcapítulos: 1.1. “*Educação literária – a leitura de narrativas em contexto de Jardim de Infância*”, 1.2. “*Educação Literária em EI – critérios de escolha de livros/narrativas*”, 1.3. “*Compreensão leitora em EI – compreender o que se lê para se compreender melhor o mundo*” e 1.4. “*Educação Literária em EI: Educador como mediador na leitura de histórias*”.

1.1. EDUCAÇÃO LITERÁRIA – A LEITURA DE NARRATIVAS EM CONTEXTO DE JARDIM DE INFÂNCIA

Quando uma criança entra no JI, não podemos dizer que já é uma leitora. Contudo, também não podemos afirmar que essa mesma criança é uma não leitora, visto que nos tornarmos leitores durante a vida, graças a todas as “experiências gratificantes que temos com a leitura” (Azevedo, 2021, p.7). Tornar uma criança leitora, com vontade de ler por si própria, com finura e bem é, nos dias que correm, segundo Azevedo (2021), algo com a qual as sociedades modernas têm de se preocupar, uma vez que “o domínio da capacidade da leitura (e das múltiplas literacias) permite o desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioemocional do sujeito, aspetos relevantes no exercício da cidadania” (Azevedo, 2021, p. 8). Mais ainda, o que se pretende é que se consiga educar as crianças para que sejam leitores capazes de ler e interpretar a mensagem de um texto e que o façam de modo correto, “ultrapassando a estrutura de superfície do texto e alcançando a sua matriz profunda” (Azevedo & Melo, 2012, p. 926).

Vergopolan e Azevedo (2015) reforçam que um tema com grande destaque na educação pré-escolar é, precisamente, a literatura infantil, uma vez que a mesma poderá incitar a formação de pessoas que se tornam leitoras e de formadores que têm a consciência do quão importante é o papel intrínseco à literatura, tanto na vida da criança como no seu contexto escolar. Não obstante, é sabido que tornar uma pessoa num leitor bom, abalizado e sofisticado, que lê muito e bem, tendo como base uma vastidão de contextos e interesses vários é um objetivo que não é fácil de alcançar (Azevedo & Melo, 2012), uma vez que, cada vez mais, vivemos imersos numa sociedade caracterizada por ter uma vastidão de informação a circular, fazendo com que compreender aquilo que lemos e ouvimos se torne fundamental (Martins & Sá, 2008). É neste âmbito que surge a relevância da educação literária.

A educação literária acontece de muitas formas nos contextos de Educação de Infância. Faria et al. (2018) afirmam algo importante: a educação literária não deverá ter somente na sua base a leitura de livros. Os autores reforçam que a criança deverá também ter vários contactos com diferentes profissionais, como educadores, bibliotecários e outros. Esta dimensão é importante uma vez que devemos ter em atenção que uma criança é alguém que recebe informação de forma ativa e tem poder sobre a obra com a qual está a contactar, sendo capaz de efetuar novos significados e sendo capaz de preencher “os

vazios discursivos propositadamente deixados em aberto” (Mendes & Velosa, 2016, p. 126).

Contudo, e no âmbito do meu interesse investigativo irei focalizar a minha atenção para o âmbito das narrativas lidas. Porque será importante fazer com que uma criança contacte e reconheça a importância da leitura e do livro?

No seu texto, Faria et al. (2018) também expõem que a leitura tem valores e que o primeiro deles se relaciona com o prazer que a leitura nos traz. Somente isto bastaria para justificar o porquê de ser necessário ter hábitos de leitura, sendo o livro uma ferramenta crucial.

Uma criança consegue compreender o porquê de os livros serem tão importantes, descobrindo também que poderão mostrar-lhe novas aventuras e experiências. Quando uma criança percebe isto, nunca abandonará os livros e a leitura. Também é sabido que “Os livros literários são uma forma de sair da realidade, em se perder no caminho do conhecimento” (Fernandes, Moraes & Dering, 2021, p. 28) e por isso o livro revela-se como objeto importante para a criança, uma vez que é a partir deste que “as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 66). As mesmas autoras mencionadas anteriormente reforçam também que quando um educador conta ou lê uma história, quando crianças recontam ou inventam histórias, tendo por base a sua memória ou um conjunto de imagens, está-se a compreender o texto narrativo, que permitirá fazer com que o desejo de aprender a ler seja maior (Lopes da Silva et al., 2016).

São vários os profissionais, como psicólogos, professores e outros, que reconhecem “que o contacto precoce e sistemático da criança com o livro é de extrema relevância para o desenvolvimento cognitivo, psicológico, socioafetivo e emocional do ser em crescimento” (Mendes & Velosa, 2016, p. 124). Este contacto deve ser feito desde os primeiros meses de vida e de forma regular, com um livro com qualidade, tanto esteticamente, como iremos aprofundar mais à frente, como literariamente, fazendo com que haja uma contribuição para

alargamento da capacidade imaginativa da criança, favorecendo a interiorização gradativa de estruturas mentais cada vez mais complexas em termos de

linguagem bem como a consciencialização progressiva das regularidades e das convenções literárias, nomeadamente no que diz respeito às estruturas narrativas, linguísticas e metafóricas que o texto literário convoca (Mendes, 2019, p. 31).

Acrescentando ao que foi referido anteriormente, é importante dar conta que Mendes e Velosa (2016) partilham outro aspeto importante. Efetivamente, literatura para a infância serve igualmente para a segurança e o bem-estar emocional da criança, pois, para além dos “(...) valores estético-literários, socioculturais, morais e cívicos, as narrativas literárias são também um espaço de descoberta emocional que permite à criança organizar e vivenciar múltiplas emoções, promovendo o seu desenvolvimento, a sua maturidade e a sua capacidade relacional (Mendes & Velosa, 2016, p. 130).

Para além disto, crianças que leem com frequência estão mais sujeitas a perceber modelos retóricos e a usá-los. É também sabido que “a análise deste tipo de textos ajuda os jovens leitores a tornarem-se leitores críticos e seletivos, ou seja, a desenvolverem a sua competência literária” (Azevedo & Melo, 2012, p. 927).

Com base nestes entendimentos sobre a educação literária, particularmente sobre a leitura de narrativas, parece que se torna importante e necessário que hábitos de leitura sejam criados e consolidados por parte das crianças, para fomentar o crescimento de níveis de literacia e, assim, ter cidadãos dotados de consciência, que participem na sociedade de forma informada, sabendo filtrar e mobilizar adequadamente essa informação (Faria et al., 2018). Acresce a esta dimensão o facto de bons hábitos de leitura das crianças serem ainda importantes porque desenvolve-se “a sua capacidade de imaginação, favorece e educa a sua sensibilidade, cultiva a sua inteligência e fornece instrumentos essenciais para a toda a vida” (Faria et al., 2018, p.9).

As crianças no pré-escolar não sabem ler ou escrever. Tendo em conta esse facto, é necessário que tanto a educação literária – “(...) the teaching of a range of abilities and competencies (...) that allow students to become independent learners” (Reyes-Torres, 2014, p.43) – como a literacia emergente – “(...) the acquisition of literacy as a developmental continuum” (Lonigan, Burgess & Anthony, 2000, p.596) – estejam presentes no dia a dia da sala de atividades, para que se apoie as crianças a percecionar a

mensagem presente nas imagens e no texto dos livros, tendo como base “uma prática educativa que promova a constante participação da criança na interpretação do que ouve ler e do que vê nas ilustrações, por mais complexas que se lhe afigurem” (Mendes, 2019, p. 33). Esta prática educativa anteriormente mostrada poderá desenvolver-se através da literacia crítica. Auxiliar as crianças a terem a possibilidade de analisar criticamente o que ouvem, podendo tomar decisões e ideias próprias, faz com que a educação literária legitime a sua presença na vida das crianças nos dias de hoje. Neste sentido, é imprescindível que se consiga educar leitores e futuros leitores a usarem os mais diversos textos para além da construção de significados. A literacia crítica faz com que estes leitores e futuros leitores realizem propositadamente “uma análise questionadora dos significados aí presente e da influência que essas representações têm sobre si próprios nos contextos sociais, bem assim como mobilizando essa informação para denunciar e subverter publicamente a presença desse papel social oculto” (Pereira, 2009, p. 19).

Segundo Gamboa (2016), é importante fazer com que os jovens leitores consigam “compreender a semiose textual, compreender a natureza ideológica da linguagem e seus mecanismos semióticos, sabendo que os textos são muito mais do que pessoas papéis com tinta” (Gamboa, 2016, p. 171). A mesma autora refere que é importante conhecer e compreender todos os “mecanismos linguísticos, semióticos, ideológicos e literários” (Gamboa, 2016, p. 171) explorados nos textos, para que possamos perceber que estes constituem diferentes maneiras de olhar o mundo e de intervir sobre ele. Segundo a autora, é também nesta linha que se legitima o convívio precoce das crianças com o livro, orientado por um educador que conhece e domina formas de mediação leitora, considerando a complexidade dos livros e a singularidade de cada criança.

1.2. EDUCAÇÃO LITERÁRIA EM EI – CRITÉRIOS DE ESCOLHA DE LIVROS/NARRATIVAS

A leitura de literatura para a infância, e em particular de narrativas, em contexto de JI, pressupõe que se façam escolhas tendo por base critérios de seleção de narrativas. Sabendo que o livro é uma ferramenta crucial para o desenvolvimento harmonioso das crianças, devemos concentrar a nossa atenção para a escolha dos livros que apresentamos, uma vez que “o diálogo do leitor com a obra só é possível quando se verificam algumas condições como: a adequação das histórias às expectativas e aos

interesses das crianças, a adequação do texto ao desenvolvimento cognitivo da criança e a qualidade literária das obras” (Faria et al., 2018, p.11).

Sabemos que a seleção de um livro é importante porque, para além do que foi mencionado anteriormente, a relação entre livro e criança é, naturalmente, apaixonada, tornando-se mais forte se o livro apresentar aspetos que inquietem, desafiem a criança e a façam implicar-se diretamente na leitura. Mendes e Velosa (2016) ilustram isso muito bem, mostrando ainda que isso acontece “quando os livros são plurissignificativos e deixam margem para o preenchimento das intencionais lacunas discursivas que o potencial leitor infantil conseguirá completar (Mendes & Velosa, 2016, p. 128). Efetivamente, o educador deverá ter em atenção se um livro apresenta características literárias ou não, por mais pequenas sejam as idades das crianças com as quais está a contactar (Lima, 2018).

Lima (2018) refere que para escolher um livro dever-se-á ter em consideração as intencionalidades educativas do educador, mas isso não é razão suficiente para o escolher. É a partir da sua intencionalidade, considerando o seu grupo de crianças, que surgem critérios a ter em conta quando escolhemos um livro de qualidade. O educador deverá ter isso em consideração, sabendo mesmo que “as escolhas didáticas não precisam dificultar a compreensão e a interpretação do texto e, muito menos, o acesso do aluno a um status em que o literário implique, no seu movimento próprio, pensar ao mundo e a si mesmo” (Lima, 2018, p. 106).

Para este ensaio investigativo, iremos focar-nos nos álbuns ilustrados, pois foi essa a minha opção no âmbito do projeto de intervenção desenvolvido com as crianças. Segundo Rodrigues (2009) o álbum ilustrado tem como características destinar-se a crianças com idades entre os dois e os sete/oito anos, ter características físicas como capa dura, ser de grandes dimensões, ter poucas páginas e pouco ou nenhum texto, o papel ser de maior qualidade e gramagem, uma tipografia com um maior tamanho, muitas ilustrações que podem estar numa só página ou em duas páginas e ainda um maior cuidado com o design gráfico do mesmo (Rodrigues, 2009).

Assim, é preciso pensar no modo como as ilustrações que estão presentes nestes álbuns ilustrados são pertinentes para as crianças que os vão ler. A importância dos álbuns e dos livros ilustrados e da qualidade da ilustração passam por termos presente que esta

pode ter várias funções, nomeadamente a de complementar as informações contempladas no texto, e/ou de ampliar as possibilidades de interação, auxiliando na “(...) compreensão do texto verbal e dos sentidos que, de forma explícita ou implícita, ele transmite e veicula” (Mendes & Velosa, 2016, p.121). Estas ilustrações fazem com que a criança construa a sua própria narrativa, podendo também partilhá-la, em voz alta, com os outros, demonstrando assim ter presente “(...) literacia visual” (Mendes & Velosa, 2016, p. 122). Todas estas razões só mostram o quão importantes as ilustrações são para a compreensão das narrativas para as crianças, uma vez que estas ocorrem antes da leitura de textos verbais (Mendes & Velosa, 2016).

Relativamente a critérios de seleção de álbuns infantis, Silva e Barroso (2014) afirmam que estes critérios podem ser divididos em dois grupos: 1) os critérios gerais e 2) os critérios específicos. As mesmas autoras, tendo como base a visão de outros autores (como Colomer (2005), Filola (2004), Teberosky (2011) e Butlen (2008), apresentam, no âmbito dos critérios gerais a considerar na escolha de um livro, os seguintes: i) Valor literário (Discurso figurado, ironia, elipse, efeito de comicidade); ii) Estruturas linguísticas (Formas discursivas distintas, onomatopeias, alternância entre texto em prosa e texto rimado, repetições, aliterações, rimas, estruturas cumulativas); iii) Conteúdos temáticos (Conhecimento do mundo, problemas relativos ao universo infantil, o fantástico e o maravilhoso); iv) Originalidade na abordagem dos temas (O absurdo, o nonsense, o insólito, o inesperado, a subversão do real); v) Valor estético do álbum (Grafismo, design gráfico, técnicas de ilustração, policromia semântica); vi) Diversidade (Temas, autores, géneros) e vii) Adequação às diferentes faixas etárias (Quantidade de texto, tamanho e tipo de letra, nível de complexidade na abordagem dos temas, familiaridade dos temas, competência leitora)” (Silva & Barroso, 2014, pp. 119-120).

No que respeita aos critérios específicos, a escolha de livros deve considerar: i) a intertextualidade (estabelecida quer através da imagem, quer através do texto); ii) a relação texto-imagem (diálogo estabelecido entre o texto e a ilustração); iii) as referências culturais (referências que possibilitam o alargamento de horizontes e que possibilitam a fruição estética e artística da criança) e, ainda, iv) os valores veiculados (valores que o livro passa). Denota-se que estes critérios

prendem-se, antes de tudo, com os objetivos e percursos de leitura que o formador previamente definiu, atendendo à faixa etária a que se dirige, à maior ou menor familiaridade do público com o texto literário, às questões específicas que este pretende tratar e às competências que quer desenvolver junto dos destinatários (Silva & Barroso, 2014, p. 120).

Gostaria agora de focar a atenção para alguns critérios específicos que considere pertinentes no decorrer do projeto desenvolvido com as crianças. Um deles foi a relação intertextual, que tem por base as imagens e o texto, levando a que a literatura leve o leitor “para novos percursos de leitura, colocando desafios de compreensão que só são, por vezes, ultrapassados quando, seguindo as pistas presentes no texto ou na imagem, conhecemos os textos citados de forma mais ou menos explícita” (Silva & Barroso, 2014, pp. 120-121). Outro foi a relação imagem/texto. Esta pressupõe uma ligação entre a imagem e o texto de um livro, existindo uma maior ou menor complexidade, o que poderá ser um desafio para o leitor (Silva & Barroso, 2014).

As referências culturais constituem mais um critério específico tido em conta, uma vez que os álbuns poderão ter referências textuais ou imagéticas, que farão com que o alargamento de horizontes por parte da criança possa ser feito. Estas referências poderão estar ligadas, por exemplo, à pintura, à música, entre muitos outros (Silva & Barroso, 2014).

Por último, outro critério específico que devemos também ter em consideração são os valores que o livro veicula, uma vez que “o corpus da literatura infantil constitui-se a partir do acordo relativamente tácito de que a criança é um ser em formação que necessita de ser esclarecida, informada, aconselhada, ensinada, estruturada” (Silva & Barroso, 2014, p. 125).

Todos estes critérios apresentados são pertinentes, mas considero que um dos aspetos mais importantes na escolha de um livro prende-se com os gostos tanto do educador, como da criança, uma vez que não se deve ignorar nem menosprezar os gostos das crianças. Caso o educador-mediador tenha um comportamento similar a esse poderá “estar a comprometer o seu futuro de leitores apaixonados e envolvidos com os livros e com o universo da leitura, mas não pode demitir-se da sua missão educativa que, nesse

contexto, passa por lhes dar a ler livros de qualidade estética e literária” (Mendes & Velosa, 2016, p. 118).

1.3. COMPREENSÃO LEITORA EM EI – COMPREENDER O QUE SE LÊ PARA SE COMPREENDER MELHOR O MUNDO

Como se foi dando conta ao longo deste aprofundamento teórico, uma das dimensões que a literatura infantil pretende proporcionar é que as crianças sintam prazer sempre que leem ou ouvem ler um livro. Para isso, é necessário perceber que a educação literária se deve desenvolver desde que as crianças são pequenas (Mendes, 2015). De facto, o que precisamos é de “(...) Ensinar BEM a ler, ensinar a ler BEM” (Viana, 2012, p. 13). Para além disso, sabemos que

la lectura y su comprensión se conciben hoy como un proceso complejo e interactivo, a través del cual, el lector construye activamente una representación del significado poniendo en relación las ideas contenidas en el texto con sus conocimientos. La comprensión final del texto viene entonces producida por la conjunción de al menos dos factores (León, 1991, p.7).

É a partir daí que surge o conceito de compreensão leitora. Podemos definir a compreensão leitora como um processo de extração e construção de significados através de interações e de envolvimento com a linguagem escrita. Para que isso seja feito, é necessário encarar o texto como algo importante. Segundo Snow (2002), a compreensão leitora tem por base três elementos: “The reader who is doing the comprehending; The text that is to be comprehended; The activity in which comprehension is a part” (Snow, 2002, p. 11). Dentro da compreensão leitora existem vários níveis que deverão ser desenvolvidos com as crianças de pré-escolar: a compreensão literal, a reorganização, a compreensão inferencial e a compreensão crítica (Viana & Ribeiro, 2020.). A compreensão literal caracteriza-se pela identificação da informação presente no texto, recordando vários aspetos do mesmo. Este tipo de compreensão está relacionada “(...) con actividades como, la identificación de los detalles del texto; poder precisar los personajes, el tiempo, el espacio. la secuencia de los sucesos; la misma identificación de las palabras, la búsqueda de sus significados, entre otros” (Hidalgo, 2021, p. 30). Já a reorganização, permite, como sugere o próprio nome, “(...) uma nova organização às

ideias, informações ou outros elementos do texto, mediante processos de clarificação e síntese” (Brandão & Ribeiro, 2009, p. 3379). Na compreensão inferencial as crianças têm a oportunidade de estabelecer relações textuais sem que a informação seja explícita no texto “(...) de manera que esta experiencia lectora le permitirá inferir el contenido del texto. Es importante tener presente que en esta parte tomará en cuenta el sentimiento expresado (comprensión sentimental) y relacionado con su contexto social” (Hidalgo, 2021, p. 31). Por fim, com a compreensão crítica, as crianças têm a oportunidade de fazer juízos de valor sobre o que leem e escutam, contemplando todas as ações de personagens e pontos de vista do autor (Hidalgo, 2021).

Sabe-se que a compreensão leitora, assim como a linguagem e a comunicação auxiliam no desenvolvimento da função expressiva do ser humano, o que faz com que consigamos dar opiniões e partilhar vivências “como manifestación subjetiva de la realidad siendo un proceso interactivo e interpersonal que desde las perspectivas semántica, neurológica, psicológica, cultural y social influye en las actividades mentales y emocionales” (Alarcón, Pazmiño, Pazmiño & López, 2020, p.195). É de ressaltar que a compreensão leitora deverá ser desenvolvida em conjunto com a criança, que terá de ter um papel ativo, uma vez que é de especial importância o estabelecimento de “alicerces de uma verdadeira competência leitora que facilitará a entrada gradual na literatura adulta” (Mendes, 2015, p. 148). Isso poderá ser feito ao desenvolver-se a habilidade de fazer inferências, o que fará com que a criança consiga olhar para o texto e ilustrações do livro e andar pelos caminhos sugeridos pelo mesmo (Mendes, 2015).

Para além do que foi mencionado anteriormente, é possível ainda ver a importância do papel do leitor através do modelo transacional de leitura. Este modelo mostra-nos que o leitor que está a ler um texto tem um grande poder e que as vivências que tem consigo influenciam a forma como receciona o texto. Mais ainda se pode concluir que, segundo Rosenblatt (1994) “The reader's attention constantly vibrates between the pole of the text and the pole of his own responses to it” (Rosenblatt, 1994, p. 129). Este último aspeto é importante considerar, uma vez que, ainda segundo a mesma autora, o mesmo é muitas vezes ignorado. Se neste modelo transactional a leitura é uma transação entre o texto e o leitor, é também certo que para que a criança possa perceber melhor o texto e transporte para o mesmo as suas ideias é necessário que estejam presentes mediadores de leitura.

1.4. EDUCAÇÃO LITERÁRIA EM EI: OS MEDIADORES NA LEITURA DE HISTÓRIAS

A leitura está presente nas nossas vidas e em todas as etapas da mesma, desde que estamos na barriga das nossas mães até que morremos. São várias as pessoas que fazem a mediação entre a leitura e a criança, começando pelos pais da mesma, até chegar aos educadores de infância e bibliotecários (Barros et al., 2021). Contudo, para este estudo, irei focar a minha atenção nos educadores de infância e nos pais.

Um mediador de leitura é alguém que tem como principal função “auxiliar na compreensão da literatura como instrumento de organização e transformação da própria história dos leitores” (Silva, 2011, p. 117). Por isso mesmo, dever-se-á refletir sobre o seu papel na prática, uma vez que, “Dependendo de como for conduzida, ela poderá transformar o aluno em um leitor ou distanciá-lo do processo e, na maioria das vezes, para sempre” (Krug, 2015, pp.6-7).

Assim, e começando por focar os educadores de infância, tudo o que envolve a ação pedagógica do educador de infância que tem como vista a leitura e o trabalho que a envolve deverá ter em atenção situações onde a mediação esteja presente, bem como momentos onde a exploração da literatura infantil tenha um caráter mais livre (Santos & Saito, 2020). Por isso mesmo, é necessário que o educador de infância crie ambientes em que seja possível o envolvimento entre criança e a leitura e a escrita (Lopes da Silva et al. 2016).

O educador de infância, a pessoa responsável por um grupo de crianças, tem, assim, uma missão, uma vez que deverá proporcionar muitos contactos com livros que tenham tanto qualidade estética como qualidade literária, para que a estimulação do prazer da leitura seja assegurada. Ainda assim, o educador “deve igualmente ajudar as crianças a atribuir sentidos à narrativa verbal e visual para estimular não só a sua sensibilidade artística como sua compreensão (pré)leitora” (Mendes, 2019, p. 33). Estes sentidos e esta afetividade mencionados anteriormente, quando bem desenvolvidos, irá fazer com que as crianças se possam sentir “confortáveis para se expressar livremente, contribuindo para uma compreensão real do uso da linguagem escrita em situações significativas de aprendizagem” (Souza, Silva & Souza, 2018, p. 53).

Desta forma, o educador de infância tem um papel de mediador, um papel indispensável, podendo o mesmo mostrar às crianças com as quais tem contacto “a

importância e funções da leitura”, sendo, neste caso, essencial que se desenvolva um ambiente educativo rico, onde estejam presentes vários livros e materiais de fácil acesso às crianças (Balça & Leal, 2014, p. 2).

Balça e Leal (2014), fazendo suas as palavras de Azevedo (2006) e de Cerrillo (2006), afirmam que este educador que é um mediador tem presente em si uma missão, uma vez que é responsável “por selecionar e adquirir os textos que as crianças vão ouvir ler e vão contactar bem como proporcionar-lhes a hipótese de dialogar com o texto, sempre no sentido do desenvolvimento da compreensão leitora” (Balça & Leal, 2014, p. 2). Ainda nesta linha de pensamento, as mesmas autoras afirmam que as crianças só se sentirão envolvidas e motivadas, querendo escutar o que o profissional irá ler, se o mesmo tiver presente em si a sensibilidade e o conhecimento necessários sobre a leitura.

A mediação da leitura acontece nos jardins de infância e nas escolas, o que faz com que o educador tenha de ser, primeiramente, um leitor, tornando-se depois num profissional leitor, uma vez que

cabará a ele desenvolver-se enquanto pessoa e profissional, de direitos e deveres, usufruindo da prática da leitura, a fim de contribuir com o exercício de uma cidadania crítica e justa. Ao buscar novas práticas leitoras, o professor obterá oportunidades, sempre renovadas, melhorando, significativamente, estruturas [sic] textuais disponibilizadas em seu dia a dia, além de refinar seu conhecimento literário (Krug, 2015, p.2).

É importante pensar que o educador de infância, sendo um mediador, deverá primar a parte afetiva, para que o vínculo entre criança e livro se vá tornando mais forte. Esta mediação deverá ser pensada, uma vez que “o compartilhamento de leituras, em ambientes formais ou não formais de educação, pressupõe uma relação de cumplicidade entre os envolvidos” (Souza, Silva & Souza, 2018, p. 51).

O acesso das crianças aos livros poderá acontecer noutros contextos, para além do JI. Assim, cabe ao educador de infância possibilitar um contacto com obras diferentes e de vários tipos, leituras alternativas que possibilitam a ampliação de sentidos e o preenchimento de espaços em suspenso nos textos que contactam (Mendes, 2019). Estas

obras deverão ter algo que surpreenda, “que provoquem deslumbramento, que emocionem e façam sonhar, que alarguem a capacidade imaginativa e reflexiva do recetor infantil, que estimulem a sua sensibilidade artística e lhe permitam apurar o gosto” (Mendes & Velosa, 2016, p. 118). Tendo as histórias esse encantamento e deslumbramento, é inevitável que haja partilha de ideias e interações entre as crianças do grande grupo, mostrando o que sentem e dando aso a decisões conjuntas. Nestes momentos de socialização, tanto o educador como a criança um papel de agência e revelando-se como “(...) coatores da aprendizagem como uma base para a construção do saber” (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p.12).

O educador de infância também deverá ter em consideração que cada vez mais os media estão presentes e que o nosso dia a dia está repleto de tecnologia, por existirem mais “desenvolvimentos tecnológicos – mais meios, maior oferta, mais capacidade de acesso, maior escolha por parte do consumidor” (Pinto et al., 2011, p.25). Assim sendo, sabe-se que é imperativo que se preparem os cidadãos e cidadãs, a fim de poderem “lidar, de forma crítica e criteriosa, com a panóplia de meios, de informações e de conteúdos ao seu alcance” (Pinto et al., 2011, p.25). Para isso, estes cidadãos e cidadãs devem possuir “conhecimentos e capacidades que os habilitem a um consumo e a um conhecimento mais informados” (Pereira et al., 2014, pp. 5-6).

Neste meio, as crianças não são exceção. Desde muito cedo que estas crianças usam e têm contacto com, por exemplo, computadores, tablets ou telemóveis, entre outros (Lopes da Silva et al., 2016). Estes meios tecnológicos e informáticos permitem com que as crianças conheçam culturas e valores diferentes, bem como que haja “uma maior igualdade de oportunidades, uma vez que o acesso das crianças a estes meios poderá ser muito diverso” (Lopes da Silva, 2016, p. 93). Efetivamente, o que se pretende transmitir é que uma boa compreensão destes meios de comunicação fará com que “a criança não seja apenas consumidora (consultar, ver filmes, etc.), mas também produtora (fotografar, registar, etc.), alargando, deste modo, os seus conhecimentos e perspetivas sobre a realidade” (Lopes da Silva, 2016, p. 93).

Esta Educação para os Media irá focar, naturalmente, “(...) o vídeo, (...) mas também [...] as plataformas e redes digitais, os telemóveis, os tablets, os smartphones e outras formas de circulação e difusão de mensagens” (Pereira et al., 2014, p.6). Neste contexto, gostaria de salientar, fazendo minhas as palavras de Robson (2011) a importância do

uso do vídeo com as crianças, uma vez que o mesmo poderá ser um meio de percepção das diferentes perspetivas das crianças.

Para além dos educadores de infância, a família também é considerada mediadora no que concerne à ligação entre a leitura e as crianças, tendo esta um significativo papel, visto que a criança contacta com a sua família antes de tomar parte no JI, através de livros lidos, ilustrações exploradas e outras (Botini & Farago, 2014).

A qualidade, bem como a quantidade de interações estabelecidas entre família, criança e livro, são importantes para que a relação entre criança, livro e leitura se dê, contribuindo para a sua formação leitora (Balça et al., 2017). De facto, é sabido que os primeiros contactos que a criança estabelece com a leitura e a escrita vão marcá-la tanto que é a partir daí que começam a apaixonar-se com a ideia de poderem ler e escrever, podendo também escolher as suas próprias leituras (Botini & Farago, 2014).

Assim sendo, é essencial que as famílias leiam para as crianças, oiçam as suas crianças a ler para elas, bem como dar-lhes vários livros e partilhar leituras, levá-las a bibliotecas e livrarias, para que as crianças possam entrar no mundo da leitura e dos livros (Balça et al., 2017). O contacto com a cultura escrita também pode ser feito, por exemplo, “através da leitura de jornais, do livro de receitas que a mãe utiliza, entre outros” (Botini & Farago, 2014, p. 52).

Para além do que foi referido até agora, e em jeito de conclusão, é importante destacar que os principais mediadores de leitura das crianças se encontram tanto no contexto educativo como no contexto familiar. O momento de escuta de uma história deverá ser prazeroso e um local seguro para a criança, uma vez que esses espaços “são espaços de excelência para a manifestação de comportamentos emergentes de leitura e de escrita que, por sua vez, são facilitadores da criação de hábitos, de rotinas e do gosto pela leitura.” (Cruz et al., 2012, p. 16). Neste sentido, é imprescindível que tanto o educador de infância como as famílias tenham consciência da sua complementaridade neste processo e, de forma articulada, contribuam para que o contacto com a leitura e a escrita seja feita “em situações funcionais do quotidiano das mesmas” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 69).

CAPÍTULO II – COMO FAZER O QUE VAMOS FAZER?

O enquadramento teórico apresentado anteriormente sustentou todo o trabalho realizado no decorrer do projeto de intervenção desenvolvido com as crianças e a respetiva análise e discussão de resultados que, em capítulos mais à frente, será apresentada. Para esta análise foi necessário recolher dados durante e após o projeto de intervenção, tendo como questão “De que modo um projeto de intervenção educativa poderá promover o envolvimento das crianças em práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias?” e os seguintes objetivos:

- i) Caracterizar as práticas de leitura das crianças participantes do estudo;
- ii) Promover práticas de escuta, de narração e de leitura socializada de histórias, criando e analisando um projeto de intervenção pedagógica com e através das narrativas para a infância;
- iii) Refletir sobre o papel dos educadores (familiares e educadores de infância) como mediadores de práticas de envolvimento da criança com o livro.

Neste sentido, este capítulo apresenta, de forma sustentada, as opções metodológicas e os procedimentos que segui neste estudo, começando por apresentar o contexto onde foi realizado, os seus participantes e, posteriormente, descrevendo-se o projeto de intervenção e, ainda, explicitando os métodos, instrumentos e técnicas de recolha e de tratamento de dados usadas.

Como se pode perspetivar a partir da questão de investigação e dos objetivos definidos, este estudo caracteriza-se por ser um estudo de caso, uma vez que este permitiu investigar um acontecimento, não se podendo alterar ou influenciar os comportamentos observados (Yin, 2001), ao mesmo tempo que se usam várias fontes, levando a que se construa conhecimento, tendo presente a subjetividade do investigador (Meirinhos & Osório, 2010). É também um estudo de cariz qualitativo, por se pretender “entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais «de dentro» de diversas maneiras diferentes” (Gibbs, 2009, p. 8).

2.1. CONTEXTO E PARTICIPANTES

O presente estudo teve lugar numa instituição de cariz pública, no concelho de Leiria, que acolhia crianças do pré-escolar e do 1.ºCEB em duas salas de pré-escolar e quatro

salas de 1.ºCEB. A sala onde desenvolvi a minha PP continha uma estante com alguns livros e era frequente ver a educadora de infância a trazer livros infantis da sua casa, para ler às crianças, sendo que estes não ficavam, depois, na estante. As crianças que iam buscar livros à estante tanto se sentavam na zona do tapete como nas mesas de atividades a ler. Os participantes deste estudo foram seis (6) das vinte e quatro (24) crianças que frequentavam o grupo e são elas – a MS (5 anos e 11 meses), a M (5 anos e 6 meses), o R (5 anos e 5 meses), o L (5 anos e 0 meses), a V (4 anos e 8 meses) e a MR (4 anos e 3 meses), duas (2) crianças do sexo masculino (R e L) e quatro (4) crianças do sexo feminino (MS, M, V e MR). A idade apresentada entre parêntesis de cada criança corresponde à idade que tinham no início da recolha de dados para este estudo (janeiro de 2023) e, de modo a preservar a identidade de cada criança, foi minha opção referir-me a cada uma delas com letras, as letras iniciais dos seus nomes.

A concretização da amostra apresentada anteriormente teve como pressuposto uma amostra por conveniência, sendo também uma amostra aleatória. Explica-se este facto por querer conter na amostra tanto crianças mais novas como mais velhas do grupo, embora não importasse quais seriam as escolhidas, sendo essa escolha feita aleatoriamente. Esta amostra caracteriza-se por ser uma amostra por conveniência, por poder ser “extraída na base da acessibilidade, não tendo minimamente a preocupação da representatividade” (Dias, 2010, p.41). A escolha destas seis crianças foi feita de forma aleatória, por idade, tendo, por isso, feito dois grupos, o grupo das crianças mais velhas e o grupo das crianças mais novas, e escrito num papel os seus nomes. Retirei de cada grupo três papéis, de forma totalmente aleatória, para seleccionar as crianças que fariam parte da amostra deste estudo. Assim, uma amostra aleatória simples caracteriza-se por ter a construção de “uma lista enumerativa donde são extraídos os simples elementos que farão parte da amostra. Para esta seleção é preciso ter uma lista completa dos elementos que formam a população” (Dias, 2010, p.35). As crianças seleccionadas foram o R, a MS e a M como as crianças mais velhas do grupo e a V, o L e a MR como as crianças mais novas, e, por isso, solicitei, posteriormente, aos encarregados de educação destas crianças uma autorização específica para a recolha e tratamento de dados no âmbito deste estudo (ver exemplar Anexo 2). Todos os encarregados de educação autorizaram a participação das crianças no estudo, bem como alguns deles também contribuíram com alguns dados para o mesmo, como veremos mais à frente.

Irei apresentar, de seguida, cada uma destas crianças participantes. Os dados aqui explanados resultam dos vários momentos em que observei as crianças do grupo (onde as crianças participantes se incluíam), com a intenção de caracterização do mesmo. Assim, caracterizaremos as três crianças mais novas deste estudo (MR, L e V) e, depois, as mais velhas (MS, M e R), dando algum destaque à forma como elas, em grande grupo, habitualmente agiam aquando da escuta de histórias em grande grupo, no contexto de JI.

No início deste estudo, a criança MR (menina) era, a criança mais nova do grupo. Imaginativa, alegre, energética e faladora, tinha sempre um comentário ou ideia para dizer ou fazer. Gostava de brincar com os jogos de madeira da sala. Durante a leitura das histórias, pôde-se observar que a MR, por vezes, deitava-se no chão e olhava para o teto ou para os lados em silêncio, mas em alguns momentos tecia comentários e ideias sobre o que escutava.

A criança L (menino), por sua vez, também fazia parte do grupo de crianças mais novas da sala. Era uma criança calma e paciente, curiosa e questionadora. Gostava de brincar com as outras crianças da sala e nos momentos de leitura de histórias, observou-se que, na maioria das vezes, permanecia sentado no seu lugar, escutando a narrativa, e, por vezes ria e/ou tecia comentários sobre a mesma.

A criança V (menina) era, também, uma das crianças mais novas na sala. Dinâmica, responsável e participativa, tinha sempre alguma coisa a dizer, uma ideia para partilhar ou perguntas a fazer. Observava-se que no momento de leitura de histórias, a V olhava as mesmas com curiosidade, tecendo comentários com o grande grupo e colocando questões sobre aspetos inerentes à narrativa ou às ilustrações.

No que respeita às crianças mais velhas deste grupo, a criança MS (menina) era uma das crianças mais velhas, tanto do grande grupo, como da amostra, indo, no próximo ano letivo, para o 1.ºCEB. Era uma criança responsável, que gostava de desenhar e sempre com uma ideia própria sobre algum tema ou assunto de conversa. No momento de leitura de histórias percebeu-se que a MS as escutava com alguma atenção. Quando se faziam perguntas ou comentários sobre as mesmas, era frequente vê-la a responder em voz alta, tanto para as crianças ao seu lado, como para o grande grupo e para os adultos da sala.

A criança M (menina) era, à semelhança de MS, uma das crianças mais velhas do grupo que também ia para o 1.ºCEB. Era uma criança atenta ao que a rodeava, tomando atenção às coisas que lhe interessam. Gostava de desenhar e de ouvir histórias. No momento de leitura das mesmas, tanto permanecia em silêncio como tecia comentários. Após a leitura das narrativas também comentava acerca de ilustrações e de outros aspetos da narrativa.

Por sua vez, a criança R (menino) tinha entrado nesse ano pela primeira vez nesta instituição, tendo sido, também, a sua primeira experiência em contexto educativo, sendo a primeira vez que frequentava o contexto de JI. Nos momentos em grande grupo, o R permanecia em silêncio, tinha muito interesse em desenhar. Era também uma das crianças mais velhas da sala. No próximo ano letivo também iria ingressar no 1.ºCEB. Observou-se que, na maioria dos momentos da leitura de histórias em grande grupo, o R permanecia sentado no seu lugar, olhando para as ilustrações, sem tecer comentários, nem durante, nem após.

Refira-se também que, durante os registos videográficos, os nomes das educadoras das duas salas de pré-escolar e da minha colega de PP foram mencionados pelas crianças. Assim, de forma a proteger a identidade das mesmas, recorreu-se à letra F para se referir à educadora da sala B2, à letra H para se referir à educadora da sala B1 e às letras Ra para me referir à minha colega de PP.

Os encarregados de educação das crianças que responderam a um questionário enviado constituem-se por quatro indivíduos, sendo três (3) do sexo feminino e um (1) do sexo masculino, correspondendo a três (3) mães e a um (1) pai. As habilitações académicas destes encarregados de educação estão entre o 12.º ano e o mestrado e as suas idades variam entre os 26 e os 42 anos. Três destes encarregados de educação são casados e uma encarregada de educação é solteira.

2.2. PROJETO DE INTERVENÇÃO

Com seis crianças selecionadas para participar no estudo, foi desenvolvido um projeto de intervenção com as mesmas, contando, também, com a participação do restante grupo em alguns momentos. Este projeto teve como intenção criar um ambiente em que práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias pudessem ser

desenvolvidas e decorreu entre os dias 23 de janeiro de 2023 e o dia 3 de fevereiro de 2023, sendo este também o período correspondente à recolha de dados.

Neste tipo de projetos de intervenção desenvolvidos com as crianças, em que há a intenção de criar ambientes em que práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias se desenvolvam, os livros escolhidos são muito importantes, porque “A literatura permite às crianças aproximar-se e conhecer sua própria linguagem, a partir do discurso tratado em sala, permitindo a significação das palavras, através da arte de fruir o texto.” (Lima, 2018, p. 108). Este facto levou a que tivesse, como investigadora, de pensar muito bem sobre os livros a serem contemplados neste estudo. Após algum tempo, e com o auxílio de Silva e Barroso (2014), acabei por perceber que poderia ser interessante integrar livros infantis com um cariz cómico, que suscitassem o riso. Refleti em todos livros cómicos que já tinha tido contacto, ora pela minha experiência como contadora de livros (em contextos de PP e familiares), ora pela experiência de ouvinte, mas, também, solicitei ajuda especializada, concretamente a livreiras a exercer sua atividade profissional numa livraria da zona Oeste do país. No final de uma reflexão profunda e da análise de várias obras, baseando-me nos critérios de escolha de narrativas infantis de Silva e Barroso (2014), consegui compilar seis livros de cariz cómico, que seriam o mote e o ponto de partida para este projeto. Foram elas: a) *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo; b) *Presos*, de Oliver Jeffers; c) *El mejor libro para aprender a dibujar una vaca*, de Heléne Rice; d) *O livro sem bonecos*, de B. J. Novak; e) *Os bolsos da Marta*, de Quentin Blake, e, ainda, f) *A Toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça*, de Werner Holzwarth. Estes livros (anexo 3) despoletaram, assim, o projeto de intervenção com as crianças, que se desenvolveu em diferentes fases e com diferentes atividades em cada uma dessas fases.

Desde a seleção das obras cómicas por parte das crianças à reflexão sobre o processo de socialização vivido com a outra sala de JI, o projeto foi vivido por quatro principais momentos, aos quais designarei por fases, sendo elas:

- fase I: *Livros cá e lá. E o mais engraçado, qual será?;*
- fase II: *É para convencer? Então um vídeo vamos fazer!;*
- fase III: *O vídeo vamos mostrar e um livro contar?;*

- fase IV: *O projeto já desenvolvemos, mas e agora, o que aprendemos?*

Em cada uma destas fases decorreram atividades específicas com vista à concretização dos objetivos de cada uma delas que, de seguida irei apresentar.

- **Fase I – Livros cá e lá. E o mais engraçado, qual será? (23/1/2023 a 26/1/2023)**

A fase I do projeto de intervenção, designada por “*Livros cá e lá. E o mais engraçado, qual será?*” deu início a todo o trabalho que iria ser desenvolvido e decorreu entre os dias 23/1/2023 a 26/1/2023, contando com as crianças participantes do estudo, mas, também, em algumas atividades, com o restante grupo de crianças. Assim, foram desenvolvidas quatro (4) atividades (atividades 1a, 1b, 2 e 3), como veremos de seguida, que tiveram como intenção geral: conhecer a relação das crianças com os livros e histórias, assim como a escolha da história mais “engraçada”, do conjunto de seis (6) histórias apresentadas.

- **Atividade 1a – Vamos falar sobre histórias!**

A primeira atividade desenvolvida consistiu numa conversa individual com cada uma das crianças da amostra – realização de uma entrevista (entrevista inicial). A entrevista (anexo 4) continha um conjunto de questões que pretendiam levar as crianças a partilhar a sua vivência como leitores e, assim, revelarem-nos quem eram os seus mediadores de leitura, o tipo de histórias lidas ou contadas, os contextos de leitura de histórias e o seu envolvimento emocional na leitura/escuta de histórias. Estas entrevistas foram realizadas a 23/1/2023 e decorreram em dois lugares distintos, tanto dentro do espaço interior da instituição (com a criança V), como no espaço exterior da mesma, (com as crianças MS, M, R, L e MR) por questões de logística institucional. Para além disso, uma entrevista foi feita na parte da manhã, às 11:26, e as restantes na parte da tarde, entre as 14:09 e as 15:27, tendo como a duração média de cada entrevista 6 minutos e 45 segundos.

- **Atividade 1b – Ajudem-me a escolher!**

Após as crianças terem respondido às perguntas da entrevista, foram apresentados os seis livros selecionados para este estudo, sendo-lhes pedido que escolhessem a história que consideraram ser a mais engraçada. Nesta escolha, a minha opção como

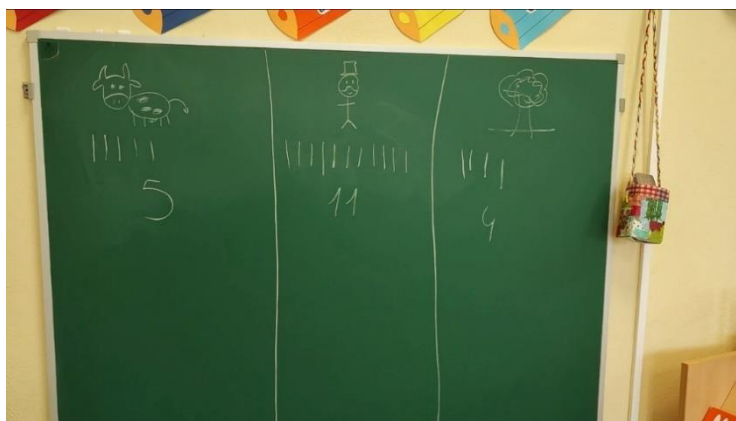
investigadora foi, nesta fase de seleção, não apresentar o conteúdo narrativo da mesma, mas incentivar as crianças a escolherem, tendo por base as ilustrações e a capa das mesmas.

- **Atividade 2 – Três histórias para escutar, vamos lá começar!**

Com as histórias escolhidas pelas seis crianças, chegara o momento de as contar em grande grupo. Nesta fase do projeto, a minha intenção como investigadora era que as crianças escolhessem a história mais cómica, não só pelas ilustrações e capa dos mesmos, mas, agora, também pelo conteúdo. Nesse sentido, as crianças da amostra, juntamente com as restantes crianças do grande grupo, sentaram-se na zona do tapete, para poderem escutá-las. As histórias foram contadas em três momentos diferentes (da parte da manhã – 9:55h – e da parte da tarde – 13:40h), entre os dias 25/1/2023 e 26/1/2023, ocupando momentos diferentes da rotina do grupo.

- **Atividade 3– Votamos?**

Para selecionarmos conjuntamente a história mais cómica, perguntei às crianças da amostra, assim como ao restante grande grupo, qual seria a história mais engraçada. O grupo de crianças sugeriu a votação como forma de o descobrir. A votação decorreu no espaço exterior da instituição, numa casa de madeira onde as crianças costumam brincar. Cada criança deslocou-se, até lá, individualmente, para que pudesse fazer uma marca numa folha criada para o efeito (anexo 5). A folha dada a cada uma das crianças tinha a capa dos livros a votação, assim como um espaço em frente às mesmas, onde as crianças deveriam colocar o seu voto. Depois disso, as crianças colocaram o seu voto dentro de uma urna criada a partir de uma caixa de plástico com uma abertura em cartolina. No final, os votos foram contados em grande grupo e registados no quadro da sala (fotografia 9).



Fotografia 9- Quadro com a votação do livro mais "engraçado" por parte de todas as crianças do grupo

Fase II – É para convencer? Então um vídeo vamos fazer! (de 27/1/2023 a 31/01/2023)

A fase II do projeto de intervenção, designada por “*É para convencer? Então um vídeo vamos fazer!*” decorreu entre os dias 27/1/2023 e 31/1/2023, contando com as crianças participantes do estudo e com o restante grupo de crianças. Foram desenvolvidas duas (2) atividades (atividades 4 e 5), que tiveram como intenção levar as crianças a socializar com outro grupo da instituição (pré-escolar) a história simplificada.

- **Atividade 4 – O autor nos escreveu, o que será que aconteceu?**

Neste momento do projeto, foi necessário desenhar uma estratégia de intervenção que pudesse levar as crianças a sentirem-se entusiasmadas a comunicar sobre a história com outros e, assim, desenvolver-se um maior sentido de grupo através da leitura, narração e escuta de histórias. A estratégia que desenhei, como investigadora, consistiu em dizer às crianças que estava muito entusiasmada, porque tinha recebido um email do “autor” do livro vencedor na votação (o livro considerado mais engraçado pelo grupo), com um vídeo seu dirigido a todo o grupo (anexo 6). Como o livro foi escrito por um autor homem, a gravação teve em atenção isso mesmo, estando presente no mesmo uma pessoa do género masculino disfarçada de autor. As crianças sentaram-se, então, perto da televisão da sala de atividades e viram o vídeo duas vezes, por sua vontade. Nele, o autor agradeceu a votação e lançou ao grupo um desafio: convencer a outra sala de pré-escolar a escutar a sua história, usando, como material base, o telemóvel da Marta (investigadora). Após uma breve conversa conjunta sobre esta mensagem, o grupo decidiu que se iria fazer um vídeo de apresentação do livro. Para além das participantes deste estudo, mais crianças quiseram participar, tendo sido feito, para isso, vários

grupos e respetivos vídeos As crianças participantes deste estudo constituíram o mesmo grupo, realizando, as seis (6), um vídeo.

- **Atividade 5 – Temos um vídeo para fazer e... o que vamos nele fazer?**

No espaço exterior, eu (investigadora) e as seis da amostra conversámos sobre o desafio deixado pelo “autor” da história. As crianças partilharam ideias do que gostariam e do que poderiam fazer. O grupo combinou também o lugar da instituição onde iriam gravar o vídeo, assim como qual a ordem que cada criança iria aparecer no mesmo. Com as ideias pensadas e estando as crianças da amostra cientes do que cada uma iria fazer e do que iria suceder-se no vídeo, coloquei o telemóvel em posição e gravamos o vídeo a apresentar à outra sala de pré-escolar. O vídeo foi feito numa só gravação, não existindo paragens.

Fase III – O vídeo vamos mostrar e um livro contar? (2/2/2023)

A fase III do projeto de intervenção, designada por “*Vamos mostrar o nosso vídeo!*”, decorreu no dia 2/2/2023, contando com as crianças participantes do estudo e com o restante grupo de crianças. Esta fase teve uma atividade (atividade 6), que consistiu na apresentação dos vídeos criados, tanto pelas crianças da amostra, como pelas restantes crianças do grupo à outra sala de Pré-Escolar da instituição, bem como a leitura da história mais engraçada.

- **Atividade 6 – O que fizemos? Vejam só!**

Fui com as seis crianças participantes do estudo e com mais algumas crianças do grande grupo à outra sala de pré-escolar, para que os vídeos concretizados fossem apresentados à educadora e às crianças dessa sala. Comecei por falar com elas sobre a missão que tínhamos em mãos, bem como todo o trabalho desenvolvido pelo desafio que o “autor” nos tinha dado e, depois disto, as crianças e eu apresentámos os vídeos realizados.

No final da apresentação dos vídeos, algumas das crianças tiveram de voltar para a sala (por motivos alheios a esta investigação), mas com as crianças da amostra que puderam ficar, perguntámos às crianças da outra sala se gostariam de escutar a história escolhida como a mais engraçada. Ao ouvir a sua resposta positiva, eu (investigadora) li a história às crianças e as crianças da amostra escutaram-na, interagindo algumas vezes comigo.

Fase IV – O projeto já desenvolvemos, mas e agora, o que aprendemos? (de 2/2/2023 a 3/2/2023)

Finalmente, a fase IV do projeto de intervenção, designada por “*O projeto já desenvolvemos, mas e agora, o que aprendemos?*” aconteceu entre os dias 2/2/2023 e 3/2/2023, contando com as crianças participantes do estudo. Esta fase teve como atividade uma conversa com as crianças da amostra (atividade 7), para que se pudesse lembrar tudo o que tinha sido feito nesse projeto, assim como recolher as suas opiniões sobre o que fizeram e aprenderam. Esta conversas (entrevistas) tiveram uma duração média de 12 minutos e 21 segundos.

- **Atividade 7 – Conversamos, refletimos e partilhamos e sorrimos!**

Esta última atividade foi desenvolvida com o intuito de lembrar o projeto concretizado, assim como as suas opiniões sobre o trabalho desenvolvido e o que aprenderam. As crianças que participaram nesta entrevista final (anexo 7) foram as crianças da amostra e a mesma teve lugar tanto no espaço exterior da instituição (L, V e MR), como dentro da sala de atividades (com MS, M e R). Deste modo, fui fazendo a cada criança, individualmente, as questões presentes no meu guião de entrevista e gravando as respostas das mesmas através de um registo videográfico.

A síntese do alinhamento das fases e das atividades desenvolvidas encontra-se na tabela seguinte.

Fases e atividades do projeto de intervenção		
Datas	Fases do projeto	Atividades desenvolvidas
23/1/2023 a 26/1/2023	Fase I – Livros para cá e livros para lá. E o mais engraçado, qual será?	Atividade 1a – Vamos falar sobre histórias – entrevista inicial às crianças da amostra;
		Atividade 1b - Ajudem-me a escolher! - as crianças da amostra escolhem do conjunto de histórias a mais engraçada;
		Atividade 2 – Três histórias para contar, vamos lá começar! – leitura das histórias escolhidas pelas crianças da amostra;
		Atividade 3 – Votamos? – votação da história mais engraçada e contagem dos votos.
27/1/2023 a 31/1/2023	Fase II – É para convencer? Então um vídeo vamos fazer!	Atividade 4 – O autor nos escreveu, o que será que aconteceu? – visualização do vídeo com o desafio do “autor”;
		Atividade 5 – Temos um vídeo para fazer e... o que nele vamos fazer? – conversa com as crianças da amostra sobre o que gostariam de fazer no vídeo a apresentar à outra sala de pré-escolar e concretização do vídeo.
2/2/2023	Fase III – O vídeo vamos mostrar e um livro mostrar?	Atividade 6 – O que fizemos? Vejam só! – apresentação dos vídeos criados à outra sala de pré-escolar e leitura da história vencedora às crianças da outra sala de pré-escolar.
2/2/2023 a 3/2/2023	Fase IV – O projeto desenvolvemos, mas e agora, o que aprendemos?	Atividade 7 – Conversamos, refletimos e partilhamos o que sentimos? – entrevista final às crianças da amostra.

Tabela 1: fases e atividades do projeto de intervenção

2.3. MÉTODOS, INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS

A recolha de dados para este estudo foi decorrendo ao longo de todo o projeto de intervenção. Visto que se trata de um estudo em que se pretendia descrever uma situação e todos os processos inerentes ao mesmo, considerei que seria melhor adotar um método de *cariz qualitativo*, uma vez que, segundo Freitas e Jabbour (2011) a abordagem qualitativa tem como finalidade “explicar ou descrever um evento ou uma situação” (Freitas & Jabbour, 2011, p. 9). Também permite, por exemplo, que o investigador tenha um papel importante, uma vez que “(...) a qualidade (validade e fiabilidade) dos dados depende muito da sua sensibilidade, da sua integridade e do seu conhecimento” (Sousa & Baptista, 2011, p.57).

Estando estabelecido que se iria desenvolver um estudo de caso, com cariz qualitativo, precisei de pensar sobre quais os instrumentos e técnicas de recolha de dados que melhor me trouxesse a respostas à pergunta de partida e respetivos objetivos. Em primeiro lugar, considerei que a *observação participante* seria essencial neste estudo. A *observação participante* caracteriza-se por colocar o investigador no seio da comunidade do grupo em estudo, ficando próximo do mesmo, enquanto engloba as suas atividades habituais (Ferreida et al., 2018). Ter participado inteiramente neste projeto, estando lado a lado com as crianças, enquanto observava o desenrolar do mesmo, auxiliou a que tivesse uma visão mais alargada dos acontecimentos. Por exemplo, durante a leitura das histórias escolhidas pelas crianças da amostra, consegui ir percebendo as diferentes reações das crianças para com as narrativas, assim como nas entrevistas iniciais e finais às crianças da amostra. De um modo geral, a observação participante parecia o método mais adequado para a minha recolha de dados, uma vez que “a participação do pesquisador no seu campo de pesquisa passa a ser uma condição indispensável para que se chegue à interpretação dos fenômenos investigados.” (França et al., 2022, p. 111).

Neste processo de observação participante concretizaram-se, durante o projeto, como vimos anteriormente, duas *entrevistas de cariz semi-aberto* às crianças da amostra: uma efetuada no início do projeto (ver atividade 1a) e outra no final do mesmo (ver atividade 7).

A entrevista desenvolvida na Fase I continha um conjunto de questões que objetivavam saber, sob o ponto de vista das crianças, quem eram os seus mediadores de leitura, o

tipo de histórias lidas ou contadas, os contextos de leitura de histórias e, ainda, o seu envolvimento emocional nesses momentos (anexo 4) Para melhor organizar a informação presente nas entrevistas iniciais, decidi dar-lhes a designação Ei, incluindo de seguida a inicial do nome da criança entrevistada (exemplo: Ei L – entrevista inicial de L). Já a entrevista final, na Fase IV, continha perguntas que procuraram compreender as fases do projeto de intervenção sob o ponto de vista das crianças, assim como o significado que elas foram atribuindo às atividades desenvolvidas (anexo 7). Para melhor organizar a informação presente nas entrevistas iniciais, decidi dar-lhes a designação Ef (Ef L – entrevista final de L).

Todas as entrevistas efetuadas às crianças da amostra foram gravadas e, posteriormente, transcritas por criança (anexos 8 a 19). A realização de uma entrevista inicial e final foi importante para este projeto desenvolvido uma vez que permitiu que as perguntas concretizadas fossem “respondidas oralmente ou por linguagem de sinais ou gestos para obter alguma informação de interesse ao estudo sobre um determinado objeto ou fenómeno” (Novikoff, 2020, p.7).

Para além do inquérito por entrevista, também aplicámos o *inquérito por questionário* aos encarregados de educação das crianças participantes neste estudo (anexo 2). O principal objetivo do mesmo era complementar os dados recolhidos para caracterizar as práticas de leitura das crianças da amostra. O questionário aplicado foi de tipo aberto, em formato word e enviado aos encarregados de educação por email, levando a que o inquirido pudesse ter uma maior liberdade de resposta (Sousa & Baptista, 2011). Uma vantagem da aplicação deste instrumento é que permitiu com que os inquiridos não se sentissem tão pressionados e inibidos, o que poderá acontecer quando se aplica uma entrevista (Santos & Henriques, 2021).

Dos seis (6) questionários enviados, quatro (4) foram-me enviados com as respostas (anexos 20 a 24). Tanto as entrevistas efetuadas às crianças da amostra, como o questionário realizado aos pais das mesmas foram modificados e validados várias vezes a partir dos olhares das professoras orientadoras e por uma educadora de infância fora do contexto de PP. A educadora que me ajudou a validar a questionário apresentado aos pais e as entrevistas apresentadas às crianças é mestre em Educação Pré-Escolar desde 2017 pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Politécnico de Leiria (IPL) e licenciada também pela mesma escola desde 2012. Começou a trabalhar

em 2017 como educadora de infância e, na época, fazia parte do Grupo Projeto de Creche, um grupo de reflexão e investigação sobre a 1.ª infância, sediado na ESECS.

Durante todo o projeto de intervenção, especialmente nos momentos em que era necessário conversar e/ou escutar as crianças, tanto da amostra como do grande grupo, recorri aos *registos videográficos* (anexos 25 a 45), uma vez que isso nos iria permitir uma “análise multidimensional do fenómeno” (Sousa, Presado & Cardoso, 2019, p. 972), ou seja, a oportunidade de se poder reconstruir de forma mais fiel e fidedigna a informação a ser recolhida. De forma a uma melhor compreensão do modo como as diferentes técnicas e instrumentos foram usadas no decorrer deste projeto elaborou-se a seguinte tabela (tabela 2).

Fases	Atividades	Técnicas e instrumentos de recolha de dados
Fase I – Livros para cá e livros para lá. É o mais engraçado, qual será?	1a	Entrevista inicial (seis entrevistas), observação participante, registos videográficos (Ei MS, Ei M, Ei R, Ei L, Ei V e Ei MR)
	1b	Observação participante, registos videográficos
	2	Observação participante, registos videográficos
	3	Observação participante, registos videográficos
Fase II – É para convencer? Então um vídeo vamos fazer!	4	Observação participante, registos videográficos
	5	Observação participante, registos videográficos
Fase III – O vídeo vamos mostrar e um livro mostrar?	6	Observação participante, registos videográficos
Fase IV – O projeto desenvolvemos, mas e agora, o que aprendemos?	7	Entrevista final (seis entrevistas), observação participante, registos videográficos (Ef MS, Ef M, Ef R, Ef L, Ef V e Ef MR)

Tabela 2: projeto desenvolvido e técnicas e instrumentos de recolha de dados

Como se pode ver na tabela 2, durante a fase I privilegiou-se o uso da observação participante, dos registos videográficos, e realizou-se uma entrevista inicial às crianças. O mesmo se sucedeu com as fases II e III, em que a observação participante e os registos videográficos foram os mais utilizados. Na fase IV, a entrevista volta a surgir (entrevista final), sendo complementada pela observação participante e registos videográficos. Durante o projeto desenvolvido também se fez um questionário aos encarregados de educação das crianças da amostra.

Os dados recolhidos através destes instrumentos são dados textuais, na forma de transcrições. Tendo por base este dado, considereei pertinente a utilização da análise de conteúdo para poder analisar todos os dados recolhidos e porque esta “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 1977, p.31). Assim sendo, existiu a necessidade de se concretizar uma matriz categorial que pudesse auxiliar-me na

organização das transcrições efetuadas. A tabela 3 expressa as categorias e subcategorias usadas para responder aos objetivos deste estudo.

Categorias	Subcategorias	Descrição
Escuta/leitura de livros e interação	Mediadores	Sempre que a criança e/ou os seus mediadores identificarem os mediadores de leitura da criança (pais, irmãos, avós, educadores de infância...)
	Frequência de escuta/leituras	Toda a vez que a criança e/ou os seus mediadores mencionam a quantidade de vezes e/ou o período do dia em que escuta/lê histórias (e.g.: aos fins de semana, todos os dias, duas vezes por semana...)
	Livros preferidos	Quando a criança e/ou os seus mediadores nomeiam os livros preferidos da criança
	CrITÉrios de escolha de livros que ouve/lê	Sempre que a criança e/ou os seus mediadores de leitura identificarem critérios para a escolha de livros
	Interações	Sempre que se observam interações que a criança tenha com o livro e/ou a partir do livro (e.g.: falas com os mediadores e/ ou pares sobre o conteúdo narrativo e a ilustração, reconto da história, pede para voltar a ouvir a história, expressa emoções, entre outros)
Socialização de práticas de leitura	Interação e emoções tidas em torno dos livros do projeto de intervenção	Sempre que a criança mostra algum tipo de interação e emoções (a alegria, o espanto, a tristeza, o medo) relativamente ao conteúdo narrativo e ilustrações
	CrITÉrios de seleção de livros cômicos	CrITÉrios que as crianças usam para escolher o livro mais engraçado em conjunto
	Participação na elaboração do vídeo	Sempre que as crianças focam aspetos inerentes à elaboração do vídeo (e.g.: ideias para a sua concretização, decisões, distribuição de tarefas, entre outros)
Impacto do projeto de intervenção nas práticas de leitura das crianças	O que aprenderam	Sempre que as crianças partilham o que fizeram e o que aprenderam no desenvolvimento do projeto)
	Como se sentiram	Quando as crianças mencionam as suas emoções relativamente a todo o projeto desenvolvido
	Perceção das crianças relativamente à apresentação do vídeo à sala B1	Sempre que as crianças partilharem o que sentiram relativamente ao significado que o vídeo criado teve para a sala B1

Tabela 3 - categorias e subcategorias usadas para responder aos objetivos deste estudo.

De acordo com a questão de partida e objetivos, considerei importante compreender, primeiramente, qual a relação estabelecida entre as crianças da amostra e livros, nomeadamente as suas práticas de leitura, o modo como as crianças socializaram durante todo o processo e o que foram sentindo no decorrer do mesmo. Deste jeito, chegou-se à matriz categorial aqui apresentada. Com esta matriz, foi possível fazer-se a análise conteúdo de cada criança, sendo que as mesmas podem ser vistas em anexo (anexos 46 a 51).

CAPÍTULO III – AQUI APRESENTADO, AQUI EXPLANADO

Neste terceiro capítulo, vou apresentar, analisar e refletir acerca dos dados recolhidos no decorrer do projeto. Começarei por caracterizar as práticas de leitura das seis crianças da amostra e, posteriormente, analisarei o projeto desenvolvido, buscando compreender a importância da construção de práticas socializadas de leitura. Terminarei este capítulo com uma reflexão sobre o papel dos mediadores de leitura (os educadores de infância e os familiares das crianças) na relação entre criança e livro. Todos os dados aqui apresentados foram recolhidos, organizados e analisados, de forma a dar resposta à pergunta e aos objetivos definidos.

3.1. – ESCUTA/LEITURA DE LIVROS E INTERAÇÃO – AS PRÁTICAS DE LEITURA DAS CRIANÇAS

Começando por caracterizar as práticas de leitura das crianças (categoria “Escuta/leitura de livros e interação” – ver tabela 3), conseguiu-se perceber que as mesmas são diferentes, tanto ao nível dos mediadores, à frequência de escuta/leituras, aos livros preferidos, aos critérios de escolha de livros que ouve/lê e às interações (subcategorias de análise – tabela 3)

- MS (5 anos e 11 meses)

No que concerne aos mediadores de leitura da MS (5 anos e 11 meses), pode-se observar que os seus pais e a sua educadora de infância foram as pessoas mencionadas pela MS «A minha mãe (...) O meu pai (...) na escola costuma ser a F» – Ei MS, sendo que, contexto familiar, ler e/ou escutar histórias é uma vivência realizada à noite «À noite» (Q MS). Os livros favoritos da MS são histórias com personagens de animais. Para escolher uma das seis histórias apresentadas, MS ia comentando se ia achando os livros e as suas páginas engraçadas ou não «Tem tudo: tem gelados, tem buzinas... tem um bolso com bolsos... só há aqui uma coisa que é engraçada (...) (vira as páginas para me mostrar) Hmm.. tem de aparecer... (continua a virar as páginas) isto aqui é o que tem bolsos, isto aqui é o elefante (aponta para a ilustração e vira a página mais uma vez) como é que ia caber lá um elefante?» (T2 MS). No final, após algum tempo a pensar, acaba por escolher *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Helène Rice como aquele que considerava ser o mais engraçado «olha para os livros e balança o seu

corpo) Acho... acho que pode ser... não sei... (...) (faz uma careta pensativa ao olhar para os livros e para mim) (...)Acho que pode ser... hmmm... esta daqui (escolhe o livro *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*) Que esta aqui batia a cabeça» (T2 MS).

- M (5 anos e 6 meses)

Os mediadores de leitura que a M (5 anos e 6 meses) identificou foram os seus pais, assim como a investigadora, a sua educadora de infância e a minha colega de PP. Escuta histórias normalmente ao fim de semana e as histórias que a M gosta mais são histórias com personagens da Disney, bem como a história dos *Três Porquinhos*. Durante a escolha dos livros mais engraçados para serem apresentados ao grande grupo, a M mostrou vários critérios usados para escolher a história que achava ser mais engraçada, pegando nos livros e rindo-se para as ilustrações, tecendo também comentários sobre as mesmas. No final, escolhe a história *Eustáquio, o mágico magnífico* para apresentar ao grande grupo «Pergunto então qual tinha sido o livro que a fez rir mais e a M pensa um pouco, apontando, por fim, para o livro *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo, rindo-se» (T2 M).

- R (5 anos e 5 meses)

A recolha de dados realizada sobre o R (5 anos e 5 meses) permitiu-nos compreender que os seus mediadores de leitura são o seu pai e a sua mãe, não sendo possível identificar qual a frequência ou o local onde essas leituras acontecem. Para além deste facto, foi possível também identificar que os seus livros preferidos são aqueles que têm personagens tanto humanas como animais. Na escolha da história, o R refere querer ver a primeira história «Explico que agora teria de ver as imagens dos livros, para escolher uma que achasse mais engraçada. O R responde-me “Ah, mas eu leio só, é só para ver a primeira só”, mostrando-me um dedo.» (T2 R), acabando por ver somente as primeiras páginas de cada história. No final, escolhe o livro *Presos*, de Oliver Jeffers «Fecha o seu livro e inclina-se para ver o meu, afastando-se depois para o chamar e escolher então o seu livro. Contrariado, volta e pega no livro *Presos*, de Oliver Jeffers» (T2 R).

- L (5 anos e 0 meses)

Com a entrevista inicial, conseguiu-se perceber que o L (5 anos) tem vários mediadores de leitura, nomeadamente a sua educadora de infância, os seus pais, os seus avós e os seus tios e, normalmente, escuta ou lê livros antes da sua hora de dormir. Tendo em conta estas afirmações, também foi possível observar que as histórias que o L mais gosta são histórias tipicamente tradicionais, com uma moral por detrás das suas narrativas «*A do Chapeuzinho Vermelho, do Pé de feijão e dos Três Porquinhos*» (Ei L). Durante a escolha da história que considerava ser a mais engraçada, para depois se ser lida em grande grupo, o L foi expressando vários critérios que o ajudaram a escolher, no final, qual a história que considerava ser a mais engraçada, dizendo quais achava que seriam engraçadas e tecendo vários comentários relativamente às ilustrações dos livros, acabando por escolher o livro *Presos*, de Oliver Jeffers.

- V (4 anos e 8 meses)

Já a V (4 anos e 8 meses), primeiramente diz que ninguém lhe lê histórias, mas depois afirma que a sua educadora o faz. As histórias que mais gosta, segundo a mesma, são tanto histórias engraçadas, como assustadoras «“Eu tou a gostar mais das mais assustadoras (...) só que eu também gosto muito das divertidas» (Ei V), referindo histórias cujas personagens são abelhas e uma bruxa. Na escolha da história a ser lida em grande grupo, a V foi partilhando os seus pareceres acerca das histórias que ia vendo, dizendo, inclusivamente se achava engraçada ou não «Esta história é um pouquinho sem graça... [*Presos*, de Oliver Jeffers]» (T2 V), ou se era muito pequena ou muito grande «”Marta, esta história é muito grande... A gente não pode ler esta...” Digo para experimentar ver as páginas e responde-me, enquanto começa a virar as páginas, “Ok, mas eu não me vou habituar a ver” [*Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo]» (T2 V). Mesmo assim, no final, acaba por escolher a história que disse que não podia ser vista: *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo.

- MR (4 anos e 3 meses)

Conversando com a MR (4 anos e 3 meses) consegui perceber que os seus mediadores de leitura são a mãe, assim como a educadora de infância, a própria investigadora e minha colega de PP. Não se conseguiu perceber qual a frequência de leitura e/ou

escuta de livros por parte da criança, mas foi possível perceber que os seus livros preferidos são histórias tradicionais «pergunto-lhe qual as histórias que mais gostava de ouvir, pelo que me responde que eram «*Capuchinho Vermelho, (...) A do Lobo Mau, (...) Os Três Porquinhos...*» (Ei MR). Durante a escolha da história a ser lida ao grande grupo, foi possível perceber, enquanto passava as páginas e via comigo as ilustrações e diferenças nas mesmas, quais os critérios usados, dizendo quais achava engraçados «Depois segura no livro *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo, afirmando “Ai, vamos ler essa – fala da MR”, acrescentando também que “Os amigos vão adorar!» (T2 MR), e quais não tinham piada, para ela «Pega no próximo livro, *O livro sem bonecos*, de B. J. Novak, para o poder ver. Passa algumas páginas do livro, até que exclama “Porque é que ela não tem um senhor?”. Digo que a história tem letras e prontamente me responde, enquanto coloca rapidamente o livro de lado, “Eu não quero esta”» (T2 MR). No fim, acaba por escolher o livro *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo.

De um modo geral, as crianças apresentam mediadores de leitura, que lhes fornecem contacto com vários livros e narrativas, sendo que os mesmos mostraram-se ser tantos familiares das crianças, como a própria educadora de infância, a investigadora e a sua colega de PP. Isto leva-nos a refletir sobre os inúmeros mediadores de leitura presentes no dia a dia das crianças e na relevância do seu papel. As palavras de Balça e Leal (2014), citando Azevedo (2006) e Cerrillo (2006), são interessantes e pertinentes para explanar essa mesma importância, uma vez que as mesmas afirmam que a principal missão prende-se “por selecionar e adquirir os textos que as crianças vão ouvir ler e vão contactar bem como proporcionar-lhes a hipótese de dialogar com o texto, sempre no sentido do desenvolvimento da compreensão leitora” (Balça & Leal, 2014, p. 2).

3.2. A SOCIALIZAÇÃO DE PRÁTICAS DE LEITURA DURANTE O PROJETO DE INTERVENÇÃO

Na primeira fase deste projeto, e durante a atividade 1 (ver tabela 1), as seis crianças escolheram a história mais cómica para cada uma delas: a MS escolheu o livro *El mejor libro para aprender a dibujar una vaca*, de Helène Rice, a M, a V e a MR escolheram o *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazzo, o L e o R o livro *Presos*, de Oliver Jeffers. A partir destas escolhas, desenvolveu-se o restante projeto que criou condições de socialização das mesmas. Estas três histórias foram levadas ao grande

grupo, para que fossem lidas e, assim, se escolhesse qual a história considerada mais engraçada através de uma votação. Um novo desafio surge e, assim, as crianças trataram de criar um vídeo a ser apresentado às crianças da outra sala de pré-escolar, para que as convencessem a ler o livro mais votado.

Com o que foi escrito anteriormente, decidi apresentar os dados referentes a esta segunda categoria (socialização de práticas de leitura) organizando-os por criança e consoante as subcategorias de análise. consoante as subcategorias de análise.

3.2.1. INTERVENÇÃO E EMOÇÕES TIDAS EM TORNO DOS LIVROS DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Nesta subcategoria procurei conhecer que interações e emoções as crianças expressaram relativamente ao conteúdo narrativo e às ilustrações das obras apresentadas. Observamos aspetos comuns e singulares de cada uma das crianças, como veremos de seguida.

- MS (5 anos e 11 meses)

Observei que a MS foi partilhando as suas ideias ao longo dos momentos de leitura com a investigadora e com o grande grupo. Durante a leitura das histórias escolhidas pelas crianças da amostra, foram várias as ações que a MS executou, nomeadamente observar os livros e as suas páginas, comentar algum aspeto particular, responder a perguntas colocadas durante o momento de leitura e partilhando a sua visão e opinião sobre as ilustrações e a narrativa. Consegue-se perceber isso mesmo em vários momentos, nomeadamente: «A MS comenta que o Eustáquio não se tinha livrado das correntes por terem piscado os olhos, mas sim porque eu tinha virado a página, dizendo “Não, tu viraste a página...”» (T3 E) ou, por exemplo: «Continuo a virar as páginas do livro e (...) a MS (...) pede (...) para eu continuar a virá-las» (T3 E).

- M (5 anos e 6 meses)

Durante a leitura em grande grupo das histórias escolhidas, a M mostrou-se participativa, sendo que a ação que mais fez nesses momentos foi comentar as histórias, tanto aquilo que escutava, como aquilo que observava, ficando, muitas vezes surpresa «Confrontados com a ideia de se ter atirado para a árvore um balde de tinta, a M prefere um “Ah!” surpreendido.» (T3 P). Também foi possível vê-la a pedir silêncio nos momentos de maior ruído, para que se pudesse escutar melhor as mesmas

«Rapidamente as vozes das crianças do grande grupo ficam ligeiramente mais altas e a M pede silêncio, preferindo um chiu colocando o seu dedo na boca, perto dos lábios» (T3 P).

- R (5 anos e 5 meses)

Já o R, durante a leitura das histórias escolhidas pelas crianças da amostra, decidiu adotar uma postura de observação e escuta, não tecendo comentários sobre as ilustrações ou a narrativa que ia vendo e/ou escutando. Foi possível também observar que ia sorrindo em alguns momentos das histórias.

- L (5 anos)

Pode-se ver também que o L, durante a leitura das histórias em grupo, escutou e observou, saltando no seu lugar sempre que se encontrava entusiasmado e rindo-se nas partes cómicas «eu explico e que o papagaio tinha finalmente caído no chão. (...) o L bate palmas enquanto salta no seu lugar» (T3 P). Foi também possível observá-lo a partilhar a sua visão e o seu parecer sobre o que se passava nas histórias «Uma criança do grande grupo comenta que vai ficar tudo preso na árvore e o L responde “Até vai ficar uma casa!”» (T3 P).

- V (4 anos e 8 meses)

Quem também adotou uma atitude participativa durante os momentos de leitura em grande grupo foi a V, que observou as histórias e teceu comentários sobre o que eu ia dizendo. Também foi possível vê-la a sorrir «A V sorri» (T3 P) ou com uma expressão espantada «eu explico e que o papagaio tinha finalmente caído no chão. A V prefere um “Ah!” surpreendido» (T3 P). No fim da leitura de todas as histórias, a V disse que a história *Presos*, de Oliver Jeffers, era engraçada.

- MR (4 anos e 3 meses)

Durante a leitura das histórias em grande grupo, a MR foi vista a participar nesses momentos, sendo que interagiu com a investigadora, respondendo àquilo que ia dizendo, sorrindo e colocando o dedo para falar «A MR coloca o dedo no ar, afirmando que quer falar e diz que “Ele estava assim escondido e tu não viste”» (T3 E). Também partilha com o grande grupo que os crocodilos comem vacas «“Algumas vezes eles

comem, porque eu um dia estava, quando eu era pequenina vi um filme e o crocodilo comeu a vaca”» (T3 V).

Com estes dados posso identificar que as crianças escutam as histórias com curiosidade, envolvendo-se nas mesmas e com as restantes crianças do grande grupo. As emoções expressas foram, sobretudo, de espanto e de alegria, sendo que é isso mesmo o que a leitura deve proporcionar, uma vez que, retomando as palavras de Lopes da Silva et al. (2016), é através dos livros que “as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética” (p. 66).

3.2.2. OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE LIVROS CÓMICOS

Terminado o momento da partilha e diálogo em torno das histórias escolhidas pelas crianças da amostra, surgiu, por escolha das destas, uma votação para decidir qual a história mais engraçada. Procurei perceber quais os critérios que estas seis crianças usaram para escolher o livro mais engraçado, mas, por algumas fragilidades no processo de recolha de dados (como mais à frente será explicitado) não foi possível identificar esses critérios com clareza. Apresentarei, assim, as escolhas que estas crianças fizeram em grande grupo, comparando-as com as suas escolhas iniciais.

- MS (5 anos e 11 meses)

A MS foi a criança que deu a ideia de se fazer uma votação («A MS diz “Quem escolher, quem escolher a história que alguém escolheu e os meninos gostarem mais da nossa, quase pode ser assim”» (T4), sendo capaz de votar na história que considerava ser a mais engraçada «Quando acaba de fazer a sua marca perto da história que considerou ser a mais engraçada a MS diz “Pronto” e dá-me a caneta» (T5). A história escolhida pela MS foi aquela que, durante todo o projeto, ela referiu como sendo, para a mesma, a mais engraçada: *El mejor libro para aprender a dibujar una vaca*, de Helène Rice.

- M (5 anos e 6 meses)

A M envolveu-se bastante no momento da votação da história mais engraçada, acabando por votar na mesma história que escolheu inicialmente. Na contagem dos votos, a mesma mostra-se sorridente, expondo a sua opinião perante o livro que achava que ia ganhar «Os votos no Eustáquio são aqueles que mais suscitam entusiasmo

perante o grande grupo. A M comenta ainda “Eu acho que o Eustáquio vai ganhar”» (T6). No final, confirma as suas suspeitas, uma vez que verifica que essa história tinha mais votos «A M levanta-se e aponta para o quadro, dizendo “Porque tinha mais!”» (T6).

- R (5 anos e 5 meses)

O R faltou nestes momentos, pelo que não foi possível recolher dados para esta subcategoria.

- L (5 anos)

Na votação do livro mais engraçado, acaba por votar no livro *Presos*, de Oliver Jeffers, aquele que tinha escolhido inicialmente. Durante a contagem dos votos, foi possível observar o L a ficar entusiasmado na parte final, quando o seu livro ganha um ponto.

- V (4 anos e 8 meses)

A V, no momento da votação, acaba por votar no livro *Presos* como sendo a história mais engraçada «Depois de me mostrar como a personagem da história tinha feito, questiono-a de novo qual tinha sido a história que tinha gostado mais e ela marca a história *Presos*, de Oliver Jeffers» (T5), ao invés da história que tinha escolhido no início do projeto, *Eustáquio, o mágico magnífico*.

- MR (4 anos e 3 meses)

No momento da votação a MR vota na mesma história que escolheu inicialmente, *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo «Mostro-lhe que deveria fazer o voto dentro do quadrado e prontamente move a caneta para perto da história do *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo, dizendo “Eu gosto, eu vou fazer um coração – fala da MR”» (T5 MR). Durante a contagem dos votos a MR é a que se encontra mais feliz por ver a história que escolheu a ganhar mais votos, saltando no seu lugar e exclamando «A MR, perante mais um voto no *Eustáquio*, salta no seu lugar agitando o punho no ar contente. Quando aparece mais um voto neste livro, a MR salta no seu lugar contente juntamente com outras crianças do grande grupo. (...) a MR é a que se encontra mais entusiasmada» (T6).

Com estes dados podemos observar que cinco crianças votam na história que consideraram ser a mais engraçada, sendo a escolha das crianças igual àquela feita inicialmente. Contudo, houve um aspeto que me deixou curiosa: a V escolheu uma história diferente da que tinha escolhido inicialmente. Isso leva-me a questionar o porquê de a V ter mudado de opinião e se a leitura dessa história em grande grupo ou até mesmo os comentários das outras crianças influenciaram a sua opinião inicial. Este aspeto relembra-me que o desenvolvimento de um ambiente educativo onde a partilha e participação das crianças nos momentos de leitura, socializando preferências de livros e expressando o seu sentir, em conjunto, como nos fala Mendes (2019) pode auxiliar as crianças a interpretarem e a tecerem as suas próprias opiniões.

3.2.3. PARTICIPAÇÃO NA ELABORAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO VÍDEO

A concretização do vídeo a ser apresentado à outra sala de pré-escolar também foi um momento onde a socialização esteve presente entre as crianças da amostra e aqui pretendeu-se focar nas ideias, nas decisões, na distribuição de tarefas que as crianças tiveram para a realização do vídeo a ser apresentado.

- MS (5 anos e 11 meses)

A MS, na concretização do vídeo (mesmo sendo sobre uma história que não considerou como sendo a mais engraçada), foi capaz de dar ideias sobre o que poderiam fazer no mesmo, partilhando as suas ideias com as outras crianças do seu grupo e sugerindo a leitura da história no mesmo «“Vamos ler a história”» (T8). Contribuiu também com ideias acerca do local onde poderiam gravar o vídeo: «“podia ser na casinha”» (T8). A MS foi capaz de dizer o que gostaria de fazer no vídeo, neste caso, focar-se nas sonoridades do bater das palmas no final do vídeo. No momento de decisão inicial estava convicta de a sua imagem não aparecer no vídeo, mas depois, no final do processo, muda de ideias, referindo «“acho que eu vou estar... eu vou tar a dar palmas”» (T8) e, de facto, durante a gravação do vídeo, foi possível observar que a MS realizou a ação a que se tinha comprometido, sendo isso visível através do seguinte excerto: «A MS surge no vídeo, esperando o seu momento para bater as palmas, batendo-as quando as 3 meninas saem de frente do vídeo» (T9).

- M (5 anos e 6 meses)

Com a concretização do vídeo conseguiu-se observar uma M envolvida na partilha de ideias, sugerindo ser eu a ler a história «A M diz que quer falar e sugere “E se nós... Mas também podemos... Tu podes contar a história outra vez, mas tem, mas tem, mas tu tens que filmar a história outra vez” (...) A M ainda sugere “Mas tens que filmar tu a, a, a falares para eles ouvirem”» (T8). Com a ideia de uma outra criança, a V, a M concorda em dançar também, dando sugestões do que se podia fazer nela «Pergunto-lhe se gostaria de dançar a história do *Eustáquio, o mágico magnífico* e a M acrescenta “Podíamos dançar a história assim, desaparecer para trás de ti e aparecer outra vez, desaparecer para trás de ti e aparecer outra vez”» (T8), ao mesmo tempo que se assegura que a V ia fazer a dança com ela «Digo que podemos tentar fazer a dança e a M acrescenta “Com a ajuda da V, né?”, visto ser ela quem estava a dançar e sabia a dança» (T8). No final, vemos a M a fazer uma vénia.

- R (5 anos e 5 meses)

Já o R, na concretização do vídeo a ser apresentado, foi capaz de dizer o que tinham de fazer, sendo que também se demonstrou um pouco reticente acerca da possibilidade de participar no vídeo «O R diz “Desculpa lá, mas eu não vou fazer essa dança”. Pergunto de novo o que é que iria fazer, pelo que me responde que preferia falar» (T8). Mais tarde, o R decide que não quer participar no vídeo, pelo que digo às restantes crianças da amostra que, se o mesmo não quisesse participar, não era obrigado «Comento que se o R não quiser fazer, não faz» (T9).

- L (5 anos)

Na concretização do vídeo a ser apresentado à sala B1, observou-se que, apesar de o livro preferido do L não ter sido o mais votado, este participou na atividade, tecendo comentários e ideias sobre o que poderiam fazer «O L sugere “Nós podemos filmar e depois ligar o teu celular e depois mostrar aos meninos da sala B1”» (T8) e concordando em aparecer no mesmo, afirmando que queria falar sobre o livro «Também faço a mesma questão ao L e este responde “Huh... Eu quero falar que, que, que... eu vou falar”. Pergunto se vai falar sobre a história e responde-me afirmativamente» (T8).

- V (4 anos e 8 meses)

A V foi bastante ativa na concretização do vídeo a ser apresentado à sala B1, dando, inclusivamente, a ideia que foi usada no vídeo: fazer-se uma dança sobre a história. A V mostrou os seus movimentos e conversou com as outras crianças sobre isso mesmo «A V começa a contar a história através de gestos, agachando-se e andando encolhida, explicando a história. (...) a V conversa com a MS e com a M sobre a ordem dos movimentos, argumentando que a parte onde ele aparece e desaparece corresponde à última página do livro» (T8). Enquanto filmava o vídeo, a V ficou um pouco aborrecida com as outras meninas que fizeram a dança com ela, uma vez que estavam a fazer os movimentos erradamente «Começam a dançar e a V resmungu, dizendo “Opá, não é assim, é a coisa que a gente viu no livro”. Comento que podem dançar como quiserem e as meninas assim fazem, dançando cada uma à sua maneira. A V comenta “Eu danço. Eu tou a dançar mentalmente como é”, enquanto as meninas mexem os seus braços e vão para cima e para baixo, escondendo-se da câmara» (T9).

- MR (4 anos e 3 meses)

A concretização do vídeo foi para a MR também muito ativa, dando ideias do que se poderia fazer no mesmo, desde filmar a contar a história « (...) a MR acrescenta “Filmar! – fala da MR”» (T8). Junta-se a uma das crianças da amostra, a V, para nos mostrar como seria a dança a ser feita no vídeo e, enquanto combinava-se o local onde o vídeo seria gravado, a MR afasta-se «Enquanto falávamos sobre o local onde iria ser gravado o vídeo, a MR, (...) afastam-se de nós para irem brincar» (T8). Já na gravação em si, foi possível ver a MR a sorrir enquanto dançava «A MR volta para a frente da câmara, dançando ao mesmo tempo que sorri» (T9).

Também foi feita uma ida à outra sala de pré-escolar, para que a apresentação dos vídeos concretizados fosse realizada. Contudo, não foi possível observar as crianças, uma vez que tinha sido a educadora a filmar a apresentação, sendo que só foi possível observar-me no decorrer do vídeo. Já na leitura do livro à mesma sala ficaram comigo duas crianças, a MS e a MR, que sorriam e observavam as páginas das histórias e as crianças que a escutavam.

Tendo por base todos os dados aqui apresentados, tanto ao nível das interações e emoções tidas em torno dos livros do projeto de intervenção, ao nível dos critérios de

seleção de livros cômicos, como ao nível da participação na elaboração e apresentação do vídeo, pode-se afirmar que a expressão e partilha de práticas, em pequeno grupo, foi um aspeto presente em vários momentos do projeto desenvolvido, levando a que o mesmo tomasse caminhos próprios, tendo por base as decisões das crianças. Nestes momentos, constatou-se o envolvimento das crianças, escutando os colegas, dando ideias, expressando a sua opinião e partilhando, em grupo, o seu olhar crítico. Para Pereira (2009), deve-se dar a oportunidade para que estas crianças possam analisar o que ouvem, ampliando as suas visões através da partilha de ideia. Isto faz com que todos os mediadores de leitura que contactam com crianças considerem esta ideia. Neste momento, as crianças apresentaram também um conjunto de ideias do que poderiam usar no vídeo, nomeadamente dançar a história, falar sobre a história e sobre o porquê de fazerem o vídeo e bater palmas.

Para além do que foi exposto até agora, também considero relevante falar-se da evolução que se verificou nas crianças durante todo o projeto desenvolvido. Assim, afirma-se que, de um modo geral, as crianças da amostra não alteraram, significativamente, os seus comportamentos nas diferentes atividades e momentos observados. Contudo, gostaria de dar destaque ao R, por ser uma criança que, no início, adotou uma postura observadora perante a leitura das histórias e, embora não tenha participado em momentos fulcrais do projeto, tomou parte na realização do vídeo a ser apresentado, percebendo o que se iria fazer e dando ideias para o mesmo, embora tenha decidido, no final, não participar no mesmo.

3.3. IMPACTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO NAS PRÁTICAS DE LEITURA DAS CRIANÇAS

Por fim, com a terceira categoria, tentei perceber quais as aprendizagens e emoções que as crianças sentiram sobre a sua participação no projeto e o seu parecer sobre o mesmo. As aprendizagens que as crianças da amostra referiram foram várias e as opiniões também foram um pouco diferentes.

- MS (5 anos e 11 meses)

Quanto à MS, a mesma refere a votação como uma aprendizagem, dizendo «“Que quando a gente gosta desta história temos que fazer uma votação”» (Ef MS)». No que respeita às vivências que as crianças mais gostaram ao longo do projeto de intervenção,

a perspectiva da MS foi que tinha gostado mais de votar na história mais engraçada «“Eu gostei mais de votar (...) porque eu achei divertido, porque a gente fez um desenho, que era uma estrela que eu fiz” (Ef MS). Seguidamente, pergunto-lhe se tinha gostado de apresentar o vídeo à outra sala de Pré-Escolar, pelo que me responde afirmativamente. Também lhe pergunto se considerava que as crianças tinham gostado do vídeo e ela dá a sua opinião, dizendo que «“Uma gostou, uma amiga minha de lá, os outros é que eles não gostaram” fazendo uma careta » (Ef MS). Com esta resposta, questiono o porquê de ela considerar que essas crianças não tinham gostado do vídeo. A mesma foi capaz de me responder à questão, afirmando “eu bem sabia que eles não iam achar piada” (Ef MS e, questionada pelo porquê explica «“Então, eu escolhi outra história! Podias ter escolhido” (Ef MS).

- M (5 anos e 6 meses)

Nos registos videográficos, a M partilhou o seu *feedback* relativamente a todo o projeto desenvolvido, levando-a a dizer que gostou e aprendeu muito. Quando questionada sobre quais as suas aprendizagens responde que aprendeu a dançar «Pergunto outra vez o que é que ela aprendeu e ela responde “Aprendi a dançar”. Por fim, pergunto-lhe se tinha aprendido mais alguma coisa e ela repete “Foi muito divertido”» (Ef M). A atividade que mais gostou de fazer foi votar, justificando-se dizendo «“Porque tu não estavas a ver e, e eu gostei porque o Eustáquio ganhou”» (Ef M). Considera que as restantes crianças da sua sala gostaram do projeto desenvolvido. Quanto às crianças da sala B1 e ao vídeo apresentado, a M responde-me que as mesmas não gostaram da apresentação, justificando-se dizendo «“A MS disse, a MS disse que eles não gostaram da história, não foi engraçada. Eles disseram que não gostaram da história”. Tendo em conta esta resposta, tento perceber o que é que isso a faz sentir e ela responde “Para nós foi engraçado e para eles não foi. Eles nem se riram um bocado...”» (Ef M).

- R (5 anos e 5 meses)

Mais tarde, na entrevista final, o R responde que aprendeu a ler uma história, encolhendo os seus ombros quando o questiono de novo acerca de outras aprendizagens que podia ter feito «Quando lhe pergunto de novo se tinha aprendido alguma coisa, o R responde com um encolher de ombros» (Ef R). Também questionei se tinha gostado de escolher a história para ser lida ao grande grupo, respondendo-me “Mais ou menos”.

Quando perguntado sobre se considerava que as outras crianças do grande grupo tinham gostado de realizar o projeto ele responde que não sabe.

- L (5 anos)

O L partilhou as suas aprendizagens, afirmando que com este projeto tinha aprendido a apresentar, pois «“(…) se, se uma pessoa, lá da televisão, falar connosco e falar pá, pá mostrar uma coisa à sala B1, nós temos que, que apresentar”» (Ef L). Ainda conseguiu partilhar que gostou de apresentar o vídeo e a história à outra sala de pré-escolar, uma vez que, nessa sala, estava um amigo seu. Relativamente ao projeto em si, a parte que o L mais gostou foi ler as histórias e considera que as outras crianças também gostaram de participar no mesmo, uma vez que escutou uma criança a dizer que tinha gostado «“Sim, (...) porque, a V falou que gostou muito”» (Ef L). Quando questionado sobre se acreditava que as crianças da sala B1 tinham gostado da história “Sim, porque, é que eu vi uma pessoa a sorrir e a rir. Era, era o meu amigo D”» (Ef L).

- V (4 anos e 8 meses)

A V também partilhou as suas aprendizagens, afirmando que aprendeu que o Eustáquio, a personagem da história vencedora, existia e que ela poderia aparecer no circo «“Eu aprendi que o Eustáquio existia” (...) Pergunto se tinha aprendido mais alguma coisa e ela diz que sim, sendo que eu lhe pergunto o que é que ela tinha aprendido mais. (...) Respondeu que aprendeu “Que talvez eu também apareça no circo”» (Ef V). Quanto aos seus sentimentos relativamente ao projeto desenvolvido, a V mostrou-se triste perante o resultado da votação, uma vez que o livro no qual votou (*Presos*, de Oliver Jeffers) não ganhou «Depois disso, pergunto qual tinha sido a história que ela tinha gostado mais das três que foram lidas, dizendo o nome das mesmas, e a V responde “Os dos Presos, só que havia um probleminha”. Pergunto qual era e ela responde “É que eu fiquei triste por não vencer”. Pergunto porque é que tinha gostado muito dessa história e ela responde “Porque ele teve mandado tudo na Terra, até ficar vazio”» (Ef V). Partilha ainda que aquilo que gostou mais de fazer no projeto foi votar na história mais engraçada, uma vez que «“(…) eu demorei um bocadinho”» (Ef V) e que não gostou de apresentar o vídeo, porque teve de ficar em pé «A V responde “Não, mas sabes porquê, a gente só teve de ficar em pé, em pé, em pé e foi... Sabias...”» (Ef V). Para finalizar, e aquando da questão se achava que as crianças da sala B1 tinham gostado da história a V responde

negativamente, justificando a sua resposta dizendo que tinham dito que não iam ler «“Porque eles disseram que não, que não iam ler a história, toda a gente sabe”» (Ef V).

- MR (4 anos e 3 meses)

No caso da MR, não foi possível perceber o que é que a mesma aprendeu. Assim, a MR respondeu que não sabia e que o que tinha gostado mais de fazer tinha sido ler a história «Antes de terminar esta entrevista, perguntei à MR se ela tinha aprendido alguma coisa. A MR responde que não sabe. (...) Tento perguntar outra vez se a MR tinha aprendido alguma coisa nova, perguntando novamente o que é que ela tinha gostado mais de fazer e ela respondeu que tinha sido ler a história, resposta diferente da que ela tinha dado nisto inicialmente» (Ef MR). Mais à frente refere que o que tinha gostado mais de fazer tinha sido dançar, o que se revelou ser uma resposta diferente da que tinha dito inicialmente «(...) A MR então diz que o que o que tinha gostado mais de fazer foi “Dançar”. (...) Perguntei porque é que ela tinha gostado mais de dançar e ela respondeu “Por causa que... por causa que nós tínhamos que fazer o vídeo”» (Ef MR). Não sabe se os amigos da sua sala gostaram de participar no projeto, mas, na sua opinião, a sala B1 não gostou da história apresentada, justificando-se dizendo «“Acho que não, porque eles disseram assim «ai, nós não gostámos!»” – fala da MR”. Comento que isso foi um aborrecimento e ela diz “Eu até chorei – fala da MR”, levando a que eu perguntasse se tinha ficado mesmo triste e a MR responde que sim» (Ef MR).

Atendendo aos dados apresentados anteriormente, é possível ver que as crianças fizeram várias aprendizagens, sendo que foram todas diferentes (MS :“quando a gente gosta da história temos de fazer votação”; M: “dançar”; R: “ler uma história”; L: “se uma pessoa diz para fazer um vídeo temos de fazer”; V: “Eustáquio existia e que talvez apareça no circo”). O que as crianças gostaram mais de fazer foi, de um modo geral, tanto ler as histórias como votar na preferida.

No que concerne à apresentação do vídeo, as emoções expressas também são diferentes. Existem crianças que gostam de apresentar o vídeo à outra sala de pré-escolar e outras que não gostam, justificando-se dizendo que tinham ficado em pé ou porque essas crianças não tinham gostado da história. De facto, esse sentimento é geral: as crianças, na sua maioria, afirmam que as crianças da outra sala não gostaram da história, justificando-se com a perspetiva de que ouviram-nas dizer que não tinham gostado ou as

crianças do seu grupo a comentar isso mesmo umas com as outras. Algumas crianças são, inclusivamente, capazes de partilhar o quanto isso as deixou tristes.

Tendo por base todos estes dados recolhidos, torna-se interessante pensar-se sobre o papel dos mediadores de leitura (tanto educadores de infância como familiares das crianças), no que concerne à relação entre criança e livro. Durante este projeto tive o privilégio de tomar parte como mediadora e de perceber que outras pessoas na vida das crianças tomam esse papel e o que fazem para que as crianças tenham vários e variados contactos com a leitura, ajudando-as a reconstruir a mensagem por detrás do texto escrito e ilustrativo e ampliar os seus conhecimentos, levando a que a sua curiosidade chegue a outros lugares. Efetivamente, os mediadores de leitura tomam um papel importante na vida das crianças, uma vez que, tomando como minhas as palavras de Barros et al. (2021), a leitura e os livros têm um lugar importante nas nossas vidas e nas várias etapas pelas quais passamos, o que faz com que seja imperativo existirem pessoas que façam a mediação entre os vários livros existentes e consequente conteúdo e as crianças.

CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Neste espaço, pretendo refletir sobre os resultados obtidos, explanando a pergunta de partida e os objetivos pensados e a sua consecução, bem como as limitações sentidas, seguidas das considerações finais deste trabalho.

A pergunta de partida deste estudo investigativo foi “De que modo um projeto de intervenção educativa poderá promover o envolvimento das crianças em práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias?”, tendo como objetivos os seguintes: i) Caracterizar as práticas de leitura das crianças participantes do estudo; ii) Criar um sequência de atividades projeto de intervenção pedagógica potenciador de práticas socializadas de leitura; iii) Refletir sobre o papel do educador (famílias e educadores de infância) como mediador de práticas de envolvimento da criança com o livro.

Com a pergunta de partida e os objetivos delineados, desenvolveu-se um projeto de intervenção, cujos dados obtidos nos permitem confirmar que as crianças da amostra (e

do grupo) apresentam uma relação positiva com as histórias, ouvindo-as e interagindo a partir delas, quer por via da relação com os pais, quer pela via da relação com a educadora. De facto, as crianças contactaram com várias histórias, escolhendo, também, aquelas que consideravam ser a mais engraçada para partilhar entre leituras e participaram num processo democrático de votação não apenas da narrativa considerada mais engraçada, mas também sobre os modos de partilhar com os pares a narrativa escolhida e o prazer que através dela experienciaram. Nesta mesma linha, os dados revelam igualmente que as práticas das crianças com os livros desencadearam aprendizagens diversas, assim como o desejo de fazer um vídeo sobre a história mais votada e a sua partilha com todas as crianças do Jardim, no sentido de as convencerem sobre a importância de lerem a história, por eles votada como a mais engraçada.

Assim, podemos afirmar que a sequência de atividades, negociada com as crianças, agendando-se a sua voz, potenciou o seu envolvimento com as histórias, numa linha de socialização de descobertas e das aprendizagens. Efetivamente, é evidente a criação de um ambiente em que a partilha de ideias sobre os livros é central, tendo-se registado envolvimento de todos os participantes do projeto, como se pode ver nos momentos de leitura das histórias em grande grupo ou na realização do vídeo e sua divulgação. Conseguiu-se perceber também os diferentes gostos das crianças no que concerne aos seus livros favoritos, dando oportunidade a todos de expressarem gostos e preferências sobre isso. O ambiente construído e o entusiasmo das crianças foram evidentes, o que faz pensar na importância de se continuar a falar de livros com as crianças. Esta ideia vai ao encontro de Mendes (2019), que nos mostra que é imperativo o diálogo com as crianças acerca dos livros que vão lendo e escutando, levando a que haja “uma prática educativa que promova a constante participação da criança na interpretação do que ouve ler e do que vê nas ilustrações, por mais complexas que se lhe afigurem” (Mendes, 2019, p. 33).

Ainda na linha do envolvimento das crianças, é possível afirmar que as mesmas viveram de forma diferente o projeto. Quando olho para o que as crianças me foram evidenciando, posso afirmar que tanto as crianças mais velhas (MS e M) como as crianças mais novas (L, V e MR) participaram em igual intensidade e em todos os momentos estipulados, vivendo o projeto e dando a conhecer as suas ideias. O R, uma das crianças mais velhas da amostra, mostrou-se mais observador, interagindo, contudo, com as restantes. O facto de ter faltado um dia, não participando em algumas atividades

desenvolvidas, leva-me a questionar se o grau de envolvimento desta criança teria sido maior, como o das outras crianças, ou se manteria a sua posição.

Mesmo assim, as crianças fizeram com que as histórias “ganhassem asas” e voassem para novos horizontes e para novas pessoas. Com as asas que a leitura nos fornece transformamo-nos em leitores do mundo. Esta linha de pensamento vai ao encontro de Gamboa (2016), quando afirma que a relevância de o educador criar condições para as crianças brincarem a partir das narrativas ouvidas, num jogo de aprendizagens lúdicas que irão potenciar, posteriormente, a aprendizagem de “mecanismos linguísticos, semióticos, ideológicos e literários” (Gamboa, 2016, p. 171) para que permitam olhar o mundo com diferentes pontos de vista, chegando a ser a resposta para mudanças no mesmo. Esta afirmação corrobora a importância das práticas socializadas de leitura, que nos levam a novas possibilidades de pensar, de agir e de estar.

Uma das atividades que potenciou grande envolvimento das crianças foi a criação de um vídeo a ser apresentado à outra sala de pré-escolar, tendo como condição necessária o uso de um telemóvel. O enquadramento das novas tecnologias com as crianças e com a leitura possibilitou o envolvimento das crianças na gravação do mesmo, uma vez que as tecnologias são já conhecidas das crianças. Num mundo cada vez mais tecnológico, é necessário adaptar a realidade do JI para acomodar as mudanças e trazer as tecnologias para a sala, nomeadamente o vídeo (Robson, 2011).

Neste processo, a socialização é importante, devendo-se salvaguardar a construção de um equilíbrio entre o meio privado e familiar das crianças e um meio mais alargado, onde estejam presentes outras pessoas. Os mediadores de leitura adotaram, assim, um papel importante no decorrer deste projeto, uma vez que os mesmos têm o privilégio de “selecionar e adquirir os textos que as crianças vão ouvir ler e vão contactar bem como proporcionar-lhes a hipótese de dialogar com o texto, sempre no sentido do desenvolvimento da compreensão leitora” (Balça & Leal, 2014, p. 2). A leitura deve ser algo a ser adotado em qualquer contexto e é uma ação que deve ser partilhada com toda a gente. Ainda assim, a leitura mais privada, só com a criança, deve ser privilegiada, dando oportunidade a que tenha toda a atenção do adulto e a oportunidade de poder fazer todas as perguntas e comentários que quiser relativamente à narrativa ou a outros aspetos dos livros. Nesta ordem de ideias, se a escolha dos recursos, nomeadamente a escolha dos livros a ler, é relevante para o envolvimento ativo das crianças, é fundamental ter presente modos didáticos adequados de os explorar. Consequentemente,

este estudo parece reforçar a importância do papel dos mediadores, nomeadamente o do/a educador/a na descoberta dos livros e nas aprendizagens que estes podem proporcionar às crianças.

LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Com o decorrer deste estudo fui refletindo em algumas limitações que foram surgindo ao longo do tempo, que poderão também tornar-se em recomendações para outros trabalhos futuros, nomeadamente: i) a falta de tempo para realizar o projeto (se tivesse tido mais tempo os dados seriam, certamente, mais ricos e apresentariam uma maior diversidade de conclusões); ii) a dificuldade em adotar uma atitude de investigadora, por ser algo novo e um campo ainda não explorado pela mesma; iii) a inexperiência da investigadora ao formular as perguntas em função das respostas das crianças, devendo estas ter sido exploradas no sentido de as ampliar); iv) o modo de construção dos vídeos apresentados às crianças da outra sala de pré-escolar, pois não foi possível perceber se as crianças ficaram convencidas e predispostas a escutar a história assistindo apenas ao vídeo das crianças da amostra ou após assistirem a todos os vídeos apresentados pelo restante grupo; e, ainda, v) as gravações de todos os momentos do projeto desenvolvido (deveria ter pensado melhor na forma como iria fazer as gravações, uma vez que existiram momentos no mesmo em que, por serem outras pessoas a gravar, não se conseguiu filmar todas as crianças da amostra, o que fez com que não fosse possível recolher dados).

Apesar de todas as limitações identificadas neste processo, também considero que fiz aprendizagens, ou melhor, voltei a lembrar um aspeto essencial para qualquer projeto ou momento passado com as crianças: é necessário abrandar, ter calma e aproveitar todos os momentos que temos, de forma a poder vivenciar de forma intensa e apaixonante o dia a dia numa sala de pré-escolar. Efetivamente, importa referir que voltei a ver-me a adotar o tempo das crianças, um tempo mais calmo e prazeroso, que me permitiu divertir-me e abraçar as histórias lidas e as conversas estabelecidas com novos olhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório proporciona uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido em contexto de PP, em contexto de creche e em contexto de JI, numa instituição de cariz privada e num JI de cariz público. A escrita do mesmo possibilitou um alargamento de pensamentos relativamente a estes contextos, mostrando os caminhos que segui e as aprendizagens realizadas.

Com a dimensão reflexiva revelei os meus pensamentos e ideias relativamente às aprendizagens que ia fazendo em contexto de creche e de JI, espelhando aprendizagens que fiz com as crianças e com todas as pessoas que me foram acompanhando durante todo esse processo. Sem esse exercício, considero que a minha imagem de criança, de educador de infância e de tantos outros aspetos inerentes às práticas com crianças seriam bastante diferente daquela que tenho atualmente.

Na dimensão investigativa, embora tenha sentido algumas dificuldades no que concerne à elaboração e aos aspetos a constarem no relatório final, considero que fiz bastantes aprendizagens no que diz respeito ao aprofundamento de conhecimentos relativos à relevância de uma educação literária precoce, nomeadamente explorando as potencialidades das práticas socializadas de leitura e escuta de livros, considerando pertinente adotar esta prática desenvolvida neste relatório em contextos futuros. Ser investigadora também se revelou ser um trabalho difícil moroso, uma vez que estava a mergulhar num ambiente totalmente diferente daquele que tinha estado até então, com tarefas acrescidas e com a sensação de que o produto final seria algo utópico e quase impossível de conseguir, fazendo-me questionar muitas vezes qual o caminho a seguir, o que fazer e se seria capaz de o fazer. Ser investigadora não é fácil e faz-nos questionar tudo o que sabemos, mas acaba por ser também uma experiência de auto-superação, que nos mostra que somos capazes de fazer tudo aquilo que quisermos.

De facto, através da reflexão e da investigação efetuadas, este relatório foi um processo de descoberta, tanto das crianças que me foram acompanhando, como de mim mesma, enquanto futura educadora de infância. Percorreu-se um caminho sinuoso, difícil, onde algumas lágrimas foram derramadas, mas hoje olho com orgulho e com saudade para tudo o que vivi e com a alma cheia por ter conseguido acabar mais uma etapa importante. Que todo o trabalho desenvolvido se transforme em inspiração, para que

possa continuar a lutar, todos os dias, para fazer da profissão de educador de infância uma das mais belas e gratificantes do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão*. Porto Editora. <https://doceru.com/doc/scencx>

Alarcón, L. O. J., Pazmiño, M. N. L., Pazmiño, J. C. F. & López, J. R. C. (2020). Importancia de las estrategias didácticas y metodológicas en las dificultades de comprensión lectora, el lenguaje y comunicación. *Explorador Digital*, 4(3) 184-200. <https://doi.org/10.33262/exploradordigital.v4i3.1322>

Azevedo, F. (2021). O Plano Local de Leitura e a formação de leitores. In Debus, E., Azevedo, F. & Spengler, M., L., P. (Eds.), *Práticas de Formação Leitora* (pp. 7-10). Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/73762>

Azevedo, F., J., F. & Melo, I., S. (2012). Poesia na infância e formação de leitores. *Perspectiva*, 30(3), 925-946. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23761/1/23733-95074-3-PB.pdf>

Balça, A. & Leal, E. (2014). A leitura no contexto da educação pré-escolar. *Álabe: Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura*, (10), 1-11. <https://doi.org/10.15645/Alabe.2014.10.5>

Balça, A. M. F. M. P., Azevedo, F. J. F. & Barros, L. M. F. R. (2017). A formação de crianças leitoras: a família como mediadora de leitura. *Revista de Educação Pública*, 26(63), 713-727. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/46932>

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.

Barros, D. C., Sousa, F. L. L., Rodrigues, J. C. & Pinheiro, K. J. A. (2021). Pais, professores e bibliotecários: mediadores da leitura no processo da formação do leitor. *Brazilian Journal of Development*, 7(8), 75756-75768. <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/33724/pdf>

Bilton, H., Bento, G. & Dias, G. (2017). *Brincar ao Ar Livre: Oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas*. Porto Editora.

Botini, G. A. L. & Farago, A. C. (2014). Formação do leitor: papel da família e da escola. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, 1(1), 44-57. <https://www.unifafibe.com.br/cadernodeeducacao/?pagina=sumario&edicao=31>

Brandão, S. & Ribeiro, I. (2009). Promoção da Compreensão Leitora: Avaliação dos Resultados de um Programa. In Silva, B. D., Almeida, L., Lozano, A. B. &

Uzquiano, M., P. (Eds.), *X congresso internacional galego-português de psicopedagogia: programa, resumos e actas* (3376-3390). https://www.academia.edu/67147022/Promo%C3%A7%C3%A3o_Da_Compreens%C3%A3o_Leitora_Avalia%C3%A7%C3%A3o_Dos_Resultados_De_Um_Programa?uc-g-sw=27302008

Cardona, M. J., Lopes da Silva, I., Marques, L. & Rodrigues, P. (2021). *Planear e Avaliar na Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). <http://75.2.127.11/sites/default/files/EInfancia/documentos/planearavaliar.pdf>

Cruz, J., Ribeiro, I., Viana, F. L. & Azevedo, H. (2012). A leitura de histórias : qualidade das interações entre pais e filhos. *Revista Diversidades*, (36), 16-19. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24259/1/Cruz%2c%20Ribeiro%20%26%20Viana%202012%20Diversidades.pdf>

Dias, M. O. (2010). *Planos de Investigação. Avançando passo a passo*. Edições Afrontamento.

Faria, A., Marques, C., Costa, S. & Rodrigues, T. (2018). Que livro queres ler quando fores grande?. In Azevedo, F. (Ed.), *Formar Leitores Literários Ideias e Estratégias* (9-16). Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/55034/1/Livro_Formar_leitores_literarios_RepositoriUM.pdf

Fernandes, L. R., Moraes, L. R. & Dering, R. O. (2021). Contar Histórias e Formar Leitores: a Importância da leitura na Infância. *Revista Anhanguera*, 22(1), 23-34. <https://unigoias.com.br/wp-content/uploads/1-Artigo-3.pdf>

Ferreida, C. L., Schwarzbach, L. C. & Ferreira, V. C. R. (2018). Instrumento para Coleta de Dados Primários Para Pesquisas em Administração. *Revista Americana De Empreendedorismo e Inovação*, 27-33. <https://doi.org/10.33871/26747170.2018.1.1.3275>

Fonseca, V., Rodrigues, E. & Dias, I., S. (2015). A planificação em creche: evidências da prática (Portugal). *Zero-a-Seis*, 17(32), 154-169. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2015n31p154>

França, A., Costa, F. L. P., Fernandes, R. S., Mota, W. L. & Gutierrez, D. M. D. (2022). A Observação Participante: um Panorama Histórico-Conceitual do Uso da Técnica. *RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade*

<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/10091>

Freitas, W. R. S. & Jabbour, C. J. C. (2011). Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Estudo & Debate*, 18(2), 07-22.

<http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560/550>

Gamboa, M. J. (2016). À procura do leitor literário: textos e contextos de leitura. *Exedra: Revista Científica*, (2), 170-183.

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6492605>

Gibbs, G. (2009). *Análise de Dados Qualitativos*. Editora Penso.

Gomes, B. (2021). Tornar Visível a Aprendizagem da Criança: A Construção do Portfólio em Educação de Infância. In Oliveira, M., Rodrigues, M. & Milhano, S. (Eds.), *Diálogos sobre Educação de Infância* (139-148). ESECS / APEI.

Gomes, R. S. R & Dias, I. S. (2020). O portfólio como ferramenta de avaliação na educação pré-escolar: uma experiência formativa. In Pinto, H. G., Dias, M. I. P. S., Abreu, M. O. J. A., Alves, D. C. D. & Gillain, R. (Eds.), *Investigação, Práticas e Contextos em Educação – 2020* (280-283). Instituto Politécnico de Leiria.

https://www.researchgate.net/profile/Micael-Sousa/publication/359903855_Atividades_de_Enriquecimento_Curricular_com_Jogos_de_Tabuleiro_Modernos_em_Leiria/links/6255b0f1b0cee02d6966d062/Atividades-de-Enriquecimento-Curricular-com-Jogos-de-Tabuleiro-Modernos-em-Leiria.pdf#page=280

Hidalgo, Y. G. G. (2019). *El cuento como estrategia para mejorar la comprensión lectora en el área de comunicación en niños de 5 años en la I.E Jardín Infancia N° 122, Huarupampa Huaraz* [Monografia de Licenciatura, Universidad Católica Los Ángeles de Chimbote]. Repositorio Institucional Uladech Católica. http://repositorio.uladech.edu.pe/bitstream/handle/20.500.13032/24476/AREA_COMPRENSION_GENEPROSO_HIDALGO_YOVANA_GUADALUPE.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Krug, F., S. (2015). A Importância da Leitura na Formação do Leitor. *Revista de Educação de Ideau*, 10(22), 1-13. https://www.getulio.ideau.com.br/wp-content/files_mf/b80cee602abb950b63a6d6c5cb43df40277_1.pdf

León, J. A. (1991). La mejora de la comprensión lectora: un análisis interactivo. *Infancia y Aprendizaje*, (56), 5-24.

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=48379>

Lima, M., M. (2018). Literatura na Escola de Educação Infantil: Critérios de Escolha das Obras. *EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação*, 5(12), 99-113.

<https://doi.org/10.26568/2359-2087.2018.3411>

Lonigan, C. J., Burgess, S. R. & Anthony, J. L. (2000). Development of Emergent Literacy and Early Reading Skills in Preschool Children: Evidence From a Latent-Variable Longitudinal Study. *Developmental Psychology*, 36(5), 596-613.

https://www.academia.edu/9254643/Development_of_emergent_literacy_and_early_reading_skills_in_preschool_children_Evidence_from_a_latent_variable_longitudinal_study

y

Lopes da Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Martins, C. & Neves, I. (2020). Aprender a brincar ao ar livre num jardim de infância em Portugal: um Estudo de Caso. *Revista Liberato*, 21(36), 101-204.

<http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/2946>

Martins, M. E. O. & Sá, C. M. (2008). Ser leitor no século XXI – Importância da compreensão na leitura para o exercício pleno de uma cidadania responsável e activa.

Revista Saber (e) Educar (13), 235- 246.

<http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/937>

Marques, A., C., T., L., & Almeida, M., I. (2011). A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades. *Revista de Educação Pública*,

20(44), 413-428.

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/315/28>

3

Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EduSer*, 2(2), 49-64.

<https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/24/27>

Mendes, T. (2015). Literatura infantil na educação pré-escolar: fruição, leitura literária e compreensão leitora. *Textura*, 17(35), 140-150.

<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/14307/1/textura%20Brasil.pdf>

Mendes, T. & Velosa, M. (2016). Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. *Proposições*, 27(2), 115-132.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8647218/15079>

Mendes, T., L., F. (2019). Educação literária no contexto pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico: das teorias às práticas. *Texturas*, 21(45), 30-50.

https://www.academia.edu/39689719/EDUCA%C3%87%C3%83O_LITER%C3%81RIA_NO_CONTEXTO_PR%C3%89_ESCOLAR_E_NO_1_o_CICLO_DO_ENSINO_B%C3%81SICO_DA_TEORIA_%C3%80S_PR%C3%81TICAS

Novikoff, C. (2020). Proposições Científicas e Éticas Aplicadas em Entrevista e Questionário. *Revista Galore*, 5, 1-16.

<https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/472/422>

Oliveira, R. F. C. J. (2020). *O contributo do trabalho de grupo e do trabalho a pares para o desenvolvimento de relações interpessoais de cooperação entre alunos do 1.º ano de escolaridade* [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Lisboa – Repositório Científico. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/12977>

Oliveira-Formosinho, J. & Formosinho, J. (2013). *Pedagogia-em-Participação: A Perspetiva Educativa de Associação Criança*. Porto Editora. <https://www.centro-olivais.com/wp-content/uploads/2019/03/Brochura-Pedagogia-em-Participa%C3%A7%C3%A3o.pdf>

Parente, C. (2012). *Observar e escutar na creche*. Universidade do Minho.

Pereira, P. (2009). Literacia crítica: Concepções teóricas e práticas pedagógicas nos níveis iniciais de escolaridade. In Sardinha, M. G. & Azevedo, F. (Eds.), *Modelos e Práticas em Literacia* (17-34). Lidel.

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10182>

Pereira, S., Pinto, M., Madureira, E., J., Pombo, T. & Guedes, M. (2014). *Referencial de Educação para os Media para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*. Ministério da Educação e Ciência.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/referencial_educacao_media_2014.pdf

Pinto, M., Pereira, S., Pereira, L. & Ferreira, T., D. (2011). *Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos*. Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/44959/1/Pinto_Manuel_coord_2011_epm-Portugal.pdf

Portugal, G., Carvalho, C. & Bento, G. (2016). *Orientações Pedagógicas para a Creche*. Ministério da Educação / Direção-Geral da Educação (DGE) e Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social / Instituto da Segurança Social, I.P. <https://www.anmp.pt/wp-content/uploads/2020/03/304a.pdf>

Resnick, M. (2020). *Jardim de Infância para a Vida Toda*. Editora Penso.

Reyes-Torres, A. (2014). Literacy Education: The first step towards Literary Competence. In Reyes-Torres, A., Villacañas-de-Castro, L. S. & Soler-Pardo, B. (Eds.), *Thinking through Children's Literature in the Classroom* (42-52). Cambridge Scholars Publishing. https://www.academia.edu/5266876/Literacy_Education_The_first_step_towards_Literary_Competence

Rinaldi, C. (2021). In *Dialogue with Reggio Emilia: Listening, researching and learning* (2.^a edição). Routledge.

Robson, S. (2011). Producing and Using Video Data in the Early Years: Ethical Questions and Practical Consequences in Research with Young Children. *Children & Society*, 25(3), 179-189. <https://doi.org/10.1111/j.1099-0860.2009.00267.x>

Rodrigues, C. (2009). *O álbum narrativo para a infância: Os segredos de um encontro de linguagens*. Casa da Leitura. http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/ot_o_album_narrativo_para_a_infancia_b.pdf

Rosenblatt, L. M. (1994). *The reader, the text, the poem: the transactional theory of the literary work*. Southern Illinois University Press.

Santos, J. R. & Henriques, S. (2021). *Inquérito por Questionário: contributos de conceção e utilização em contextos educativos*. Universidade Aberta 2021. <https://doi.org/10.34627/3s9s-k971>

Santos, K., B. & Saito, H., T., I. (2020). A Literatura na Educação Infantil: Critérios de Seleção e Possibilidades de Intervenção. *Caderno de Letras*, (38), 215-232. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/19728>

Santos, L. M. & Martins, B. (2020, novembro 11-13). *Crescer a brincar nos espaços verdes urbanos*. [Conferência]. INNODOCT, Valência. <http://dx.doi.org/10.4995/INN2020.2020.11784>

Silva, M. (2011). A arte de ler ou como resistir à adversidade. *Revista Práticas de Linguagem*, 1(2), 117-119.

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/issue/view/1172>

Silva, M., E. & Barroso, H. (2014). O álbum infantil: alguns critérios de seleção. In Tomás, C. & Gonçalves, C. (Eds.), *ATAS do VI Encontro do CIED – I Encontro Internacional em Estudos Educacionais. Avaliação: Desafios e Riscos* (116-131). CIED - Centro de Interdisciplinar de Estudos Educacionais. https://www.eselx.ipl.pt/sites/default/files/media/2016/atas_vi_encontro_do_cied_3_2014.pdf

Snow, C. E. (2002). *Reading for understanding: toward a research and development program in reading comprehension*. RAND. https://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1465.html

Sousa, A., Presado, M. H. & Cardoso, M. (2019). Análise de vídeos como metodologia de investigação: revisão sistemática. *RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning*, 2(2), 3-15. <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9063/1/193-Texto%20Artigo-714-1-10-20191228.pdf>

Sousa, M. J. & Baptista, C. S. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - Segundo Bolonha*. Pactor.

Souza, S. S., Silva, P. D. P. & Souza, N. C. P. (2018). O Cupido e o leitor: afetividade na mediação da leitura literária. *Leitura: Teoria & Prática*, 36(74), 47-58. <http://educa.fcc.org.br/pdf/ltp/v36n74/2317-0972-ltp-36-74-47.pdf>

Vergopolan, R. & Azevedo, F. (2015). Literatura Infantil: dos Textos à Educação Literária. In R. J. Souza et al. (Eds.), *Anais do Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil: Celebrando a Leitura* (3075-3084). Presidente Prudente: CELLIJ. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/37519>

Viana, F., L. (2012). Ler com compreensão para ler com fruição. In Vieira da Silva, C., Martins, M. & Cavalcanti, J. (Eds.), *Ler em família, ler na escola, ler na biblioteca: Boas Práticas* (11-17). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/31568/1/Ler%20com%20Comprensao%20para%20ler%20por%20fruiacao.pdf>

Viana, F. L. & Ribeiro, I. (2020, setembro 22). *Diferentes níveis de compreensão da leitura*. Projeto LER. <https://projetoLER.pt/texto/compreensao-da-leitura>

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2.^a edição).
Bookman.

ANEXOS

Reflexão de grupo da semana de 25 a 27 de outubro de 2021

Na presente reflexão iremos ter em conta alguns aspetos que consideramos pertinentes debruçar a nossa atenção, de modo a pensar um pouco sobre os mesmos, tais como a luta contra os nossos anseios e pensamentos mais negativos, a preparação da provocação em frente ao grupo de crianças, a ausência de um elemento do par esta semana e na eventual mudança no espaço da sala Miró, bem como o respetivo plano.

Pode-se considerar que para três dias muito se passou, desde provocações, reuniões e pequenas reflexões que tivemos individualmente e em conjunto com as várias pessoas que contactam connosco na prática pedagógica. Vamos debruçar-nos, contudo, em um aspeto de cada vez, a fim de dar uma maior fluidez ao discurso.

Desta vez foi a Marta a dinamizadora principal. Como ambas sofremos por antecipação e pensamos sempre nos piores cenários possíveis tentámos apoiarmo-nos mutuamente, a fim de esse sentimento não ganhar importância e destaque nas intervenções que iríamos ter essa semana. Contudo, foi o contrário que aconteceu: havia confiança e a certeza de que iria correr bem na segunda-feira e se, tal não acontecesse, também não haveria problema, pois seria uma aprendizagem. O facto de todas as semanas termos de contrariar os pensamentos negativos faz com que, de semana para semana, seja mais fácil de o evitar.

Decidimos preparar a provocação de segunda-feira na sala, enquanto as crianças chegavam à mesma. Foi uma ideia ousada, mas que correu muitíssimo bem. As crianças, sentadas na área do tapete com a auxiliar de ação educativa Tânia, permaneceram quietas a observar o que estávamos a fazer. Decidimos brincar um pouco com a situação e fazer gestos exagerados com a tesoura, a fita cola, as tintas e o papel plástico, arrancando risadas e expressões surpreendidas e curiosas das mesmas.

Contudo, a semana não foi toda um mar de rosas e houve circunstâncias que mudaram um pouco todo o comportamento e, possivelmente, o desempenho da dinamizadora principal. Como a Raquel não se sentia capaz de ir na quarta-feira, por motivos de saúde, a Marta desenvolveu a provocação desse dia sem o par. Foi uma experiência diferente, por estarmos habituadas a estar juntas todos os dias da prática e no resto das nossas aulas, parecendo que havia uma falta de apoio.

Por estarmos ansiosas com toda esta situação, a Marta por estar na instituição sozinha com o grupo e a Raquel por se sentir indisposta e por deixar a sua colega na instituição, houve um clima de maior insegurança e nervosismo, principalmente ao ver que as crianças não estavam a fazer aquilo que pensávamos que iriam fazer. Mas será que estaria mesmo a correr mal, ou só colocámos uma grande pressão em nós e nas crianças? O que significa correr mal ou bem?

Esta questão foi debatida em reunião com a professora orientadora e a educadora cooperante e, de facto, por vezes nem nos apercebemos desta situação. É necessário colocar-nos mais no papel da criança e pensar como ela, trabalho esse que tentaremos fazer com o auxílio da irmã de seis anos da Marta e com o auxílio do *babysitting*. Embora as idades sejam totalmente diferentes das idades das crianças da sala Miró, pensamos que poderá ser um bom trabalho de casa para as próximas práticas.

Por fim, em conversa com a educadora, surgiu o tema da disposição da sala e numa possível alteração da mesma. A mesma, ao ver o nosso interesse nesta mudança, sugeriu que fôssemos nós a elaborar um plano para que essa mudança aconteça, não só ao nível da sala Miró, como também ao nível dos outros espaços do Colégio Infantil Cubo Mágico. Após uma breve conversa, decidimos começar pelo espaço da sala, elaborando uma planta que contempla todos os espaços da sala Miró, a fim de facilitar a visão do espaço e as possíveis alterações.

Esta ação demonstrou-se ser um pouco mais difícil do que tínhamos conjeturado inicialmente. Não é só necessário pensar em trocar os espaços e materiais da sala, mas sim pensar no porquê de serem feitas estas mudanças, no porquê de serem usados determinados materiais, se estes farão sentido para as crianças e se irão ter utilidade no desenvolvimento holístico da criança.

ANEXO II: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Relatório de Prática Pedagógica: pedido de autorização

Exmo.(a) encarregado(a) de educação,

Sou a Marta Filipa de Mendonça Marques, estagiária da sala B2.

Estando no Mestrado em Educação Pré-Escolar e tendo de realizar um projeto para integrar no meu relatório, a fim de concluir o Mestrado e tornar-me Educadora de Infância, irei desenvolver com este grupo um projeto. Este terá como temática a literatura para a infância, sendo necessária uma amostra de seis crianças para recolher dados que me permitam executar o mesmo.

Assim sendo, gostaria de solicitar a sua autorização para que o/a seu/sua educando(a) integre esta amostra. Neste relatório será tida em consideração a confidencialidade da criança, sendo este trabalho mostrado e usado somente para fins académicos.

Com os melhores cumprimentos,

Marta Marques

Eu, _____, encarregado de educação de _____, da sala B2, li e compreendi este documento.

- Autorizo a participação do meu educando na amostra para o relatório da educadora estagiária.
- Não autorizo a participação do meu educando na amostra para o relatório da educadora estagiária.

Assinatura do Encarregado de Educação

Data: ___/___/2022

ANEXO III: LIVROS USADOS DURANTE O PROJETO

Livro apresentados às crianças	Informações sobre o livro
	<p>Autor: Alexandre Rampazzo Ilustrador: Alexandre Rampazzo Número de páginas: 67</p> <p>Sinopse do livro: Eustáquio é o mágico magnífico. Quando entra em palco, tudo pode acontecer. Neste livro, a magia está no virar da página, no estalar dos dedos e... ZÁS, Eustáquio, o magnífico deixa-nos maravilhados.</p> <p>Mais uma pérola de Alexandre Rampazo, autor de Este é o Lobo.</p>
	<p>Autor: Hélène Rice Ilustrador: Ronan Badel Número de páginas: 32</p> <p>Sinopse do livro: En este pequeño libro, Hélène Rice y Ronan Badel nos explican dos infalibles técnicas para dibujar una vaca.</p> <p>El primer método es muy simple. Solo hay que seguir las instrucciones paso a paso. Primero: trazar un rectángulo en el medio de la página, añadir cuatro patas y dibujar una cola en forma de coma. Finalmente dibujar una cabeza alargada y, muy importante, no olvidar añadirles grandes dientes para que la vaca pueda pastar. ¡Estupendo, hemos dibujado una magnífica vaca! Pero si vuestra vaca se parece a un animal peligroso no os preocupéis... ¡Los autores os guiarán para salir de cualquier difícil situación!</p> <p>El segundo método requiere un poco más de paciencia. Hay que plantar una semilla de diente de león y dejarla crecer. Seguro que llegará una vaca; porque a las vacas les encanta el diente de león. Sin embargo, como el ejercicio puede resultar peligroso es recomendable tener siempre a mano la goma de borrar...</p> <p>Un delirante álbum con una gran dosis de humor y un final sorprendente.</p>
	<p>Autor: Quentin Blake Ilustrador: Quentin Blake Número de páginas: 36</p> <p>Sinopse do livro: A Marta tem bolsos à farta. O que guardará lá dentro? Um conto rimado, a transbordar de colorido, sobre uma divertida personagem que armazena no seu casaco os mais impensáveis objectos. Sempre rodeada de crianças, de distintas raças e idades, a Marta é a grande amiga que todos gostariam de ter, uma vez que tem recursos para tudo e todos; não deixando de ser, ao mesmo tempo, espirituosa, disparatada e extravagante. Qualquer objecto pode tornar-se útil nas suas mãos, por isso, como que por magia, de todos os recantos do seu casaco saem gelados, buzinas ou guarda-chuvas. Um livro para estimular a imaginação, com a</p>

	<p>espontaneidade que caracteriza o estilo do sempre genial Quentin Blake.</p>
	<p>Autor: Oliver Jeffers Ilustrador: Oliver Jeffers Número de páginas: 40 Sinopse do livro: Tudo começou quando o papagaio do Óscar ficou preso numa árvore. Mas o verdadeiro problema surgiu quando ele atirou um sapato para soltar o papagaio e este também ficou preso na árvore. Seguiram-se uma escada, um balde de tinta, um orangotango e uma baleia, que se encontrava no sítio errado à hora errada. E isto foi apenas o início de tudo. Uma história cheia de peripécias, contada com o humor inconfundível de Oliver Jeffers.</p>
	<p>Autor: Werner Holzwarth Ilustrador: Wolf Erlbruch Número de páginas: 32 Sinopse do livro: Certo belo dia, quando a toupeira pôs a cabeça de fora por entre um montão de terra, para ver se já nascera o Sol, aquilo aconteceu! (Era redondo e castanho, um pouco semelhante a um chouriço e, pior do que tudo, acertara-lhe em cheio na cabeça).</p> <p>Pode acontecer a qualquer um, mas nesse dia foi a vez da pobre toupeira. Saía da sua toca e caiu-lhe algo muito mal cheiroso na cabeça. Assim, a toupeira percorrerá todo o campo -muito indignada- investigando qual dos animais que ali vivem lhe fizera semelhante desfeita: a pomba, o cavalo, a lebre... As gargalhadas rebentam à medida que o livro avança e até que a toupeira consiga recuperar o seu orgulho ferido. Crianças e adultos farão com esta história a abordagem a um tema tão natural como a própria vida que, todavia, nem sempre surge nos livros. Até os mais exigentes se despirão de preconceitos para mergulharem em cheio no conto. Esta obra foi traduzida em mais de 20 idiomas e foi publicada em pelo menos 25 países.</p>
	<p>Autor: B. J. Novak Ilustrador: B. J. Novak Número de páginas: 56 Sinopse do livro: De uma simplicidade extrema e uma admirável imaginação, <i>O Livro Sem Bonecos</i> provoca o riso de cada vez que é aberto. As crianças irão pedir para ouvir uma e outra vez. <i>O Livro Sem Bonecos</i> proporciona uma experiência de muita alegria e partilha - inculcando nas crianças a poderosa ideia de que a palavra</p>

escrita pode ser uma interminável fonte de prazer e diversão.

Livros escolhidos pelas crianças



Livros não escolhidos pelas crianças



Livros que já tinham sido lidas às crianças, noutra ocasião



ANEXO IV: GUIÃO DE ENTREVISTA INICIAL APLICADO ÀS CRIANÇAS

Bloco I- Relação entre entrevistador/entrevistado

Objetivos: Criar um ambiente confortável e propício para a entrevista com as crianças; solicitar autorização às crianças para proceder com a entrevista às mesmas.

Neste bloco vou explicar às crianças o propósito desta entrevista e perguntar se posso avançar com este momento.

Exemplo: Olha, estou a fazer um trabalho para a minha escola e precisava da tua ajuda para o fazer. Posso fazer-te umas perguntas e gravar as tuas respostas com o meu telemóvel, por favor?

Bloco II- Mediadores de leitura

Objetivos: Identificar quem lê histórias às crianças.

1. Quem é que te conta ou lê histórias?

Bloco III- Tipo de histórias lidas ou contadas

Objetivos: Identificar que tipo de histórias as crianças leem ou escutam; perceber a fonte de acesso aos livros;

2. Que histórias é que te contam?

3. Que histórias gostas mais de ouvir?

4. Onde vão buscar esses livros (compram? Vão à biblioteca?...)?

Bloco IV- Contextos de leitura de histórias

Objetivos: Caracterizar o contexto onde as crianças escutam as histórias (onde, quando e o que acontece quando as histórias são lidas, bem como que tipo de histórias são escolhidas ...).

5. Onde é que ouves essas histórias?

6. O que acontece quando o a Lígia/pai/mãe/avó/avô... te leem uma história? Onde estás? Como é que tu estás?

7. Quem escolhe os livros ou as histórias que ouves?

8. O pai/mãe/avó/avô também leem histórias em casa? Onde leem as suas histórias?

Bloco V- Envolvimento emocional das crianças na leitura/escuta de histórias

Objetivos: Compreender o ponto de vista das crianças sobre as suas emoções aquando de um momento de leitura/escuta de histórias; perceber as preferências de leitura das crianças.

9. O que sentes quando ouves uma história? Feliz, triste, calmo...? Porquê?

10. Quais são as tuas histórias favoritas, aquelas que tu gostas mais? Porquê?

11. Consegues contar-me essa história?

12. Gostavas que te lessem mais histórias? Porquê? E tu gostas de contar histórias? Costumas contar histórias? A quem contas histórias?

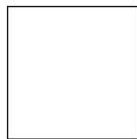
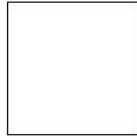
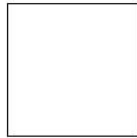
Bloco VI- Agradecimento e conclusão da entrevista

Objetivos: Agradecer à criança a sua participação e questionar se a criança quer acrescentar mais alguma coisa.

Neste momento irei dar espaço à criança para saber se ela quer acrescentar mais alguma coisa sobre este assunto e agradecer por ter estado a conversar comigo

Exemplo: Obrigada, por me ajudares e por responderes a estas perguntas! Gostavas de acrescentar ou dizer mais alguma coisa sobre histórias?

ANEXO V: FOLHA USADA NA VOTAÇÃO



ANEXO VI: TEXTO USADO PARA A REALIZAÇÃO DO VÍDEO DO AUTOR

Olá, meninos e meninas da sala B2!

O meu nome é Alexandre Rampazo e sou o autor do livro *Eustáquio, o mágico magnífico*.

Sim, é isso mesmo. Fui eu que escrevi a história do nosso amigo Eustáquio. Ele é mesmo incrível, não é?

Muito obrigada por votarem no meu livro e fazerem dele o mais engraçado do mundo! Isso é mesmo uma grande honra e fico muito contente que tenham gostado e se divertido com a história.

Mas... e se eu vos desse um desafio? Seriam capazes de o fazer?

Será que conseguem convencer a sala B1 a ler também esta história? Podiam usar o telemóvel da Marta e fazer um vídeo sobre a história do Eustáquio, para depois o mostrarem à sala B1.

Depois quero ver o que fizeram!

Um grande beijinho!

ANEXO VII: GUIÃO DE ENTREVISTA FINAL APLICADO ÀS CRIANÇAS

Bloco I- Relação entre entrevistador/entrevistado

Objetivos: Criar um ambiente confortável e propício para a entrevista com as crianças; solicitar autorização às crianças para proceder com a entrevista às mesmas.

Neste bloco vou explicar às crianças o propósito desta entrevista e perguntar se posso avançar com este momento.

Exemplo: Olá! Vou fazer-te umas questões, sobre aquilo que temos feitos nestes dias. Posso fazer-te umas perguntas e gravar as tuas respostas com o meu telemóvel, por favor?

Bloco II- Lembrar o projeto realizado

Objetivos: Percecionar o que as crianças se lembram do projeto.

1. Lembras-te que no início, quando escolhemos as histórias, também as lemos. Quais foram as que ouviste? Qual gostaste mais? Porquê? Consegues contar-me essa história?

2. Será que me consegues contar o que fizemos com as histórias? Como descobrimos a história mais engraçada? O que aconteceu depois?

Bloco III- Apresentação do vídeo à sala B1

Objetivos: Compreender o ponto de vistas das crianças sobre a apresentação do vídeo à sala B1.

3. Gostaste de apresentar a história à sala B1? O que tiveste de fazer para convencer a sala B1 a ler a história? Como fizeste o vídeo? Achas que gostaram de ouvir a história? Porquê?

Bloco IV- Envolvimento emocional com o projeto

Objetivos: Compreender o ponto de vistas das crianças acerca do seu envolvimento no projeto

4. Qual foi a parte que mais gostaste de fazer neste projeto (escolher as histórias, ouvir as histórias, votar na mais engraçada, fazer o vídeo, apresentar à sala B1)? Porquê?

5. Achas que os outros amigos também gostaram deste projeto? Porquê?

6. Achas que vais continuar a ler e a ouvir mais histórias? Qual gostarias de ler a seguir?

Bloco V- Aprendizagens efetuadas com o projeto

Objetivos: Identificar as aprendizagens que as crianças consideram ter feito no decorrer do projeto.

7. O que aprendeste com este projeto?

Bloco VI- Agradecimento e conclusão da entrevista

Objetivos: Agradecer à criança a sua participação e questionar se a criança quer acrescentar mais alguma coisa.

Neste momento irei dar espaço à criança para saber se ela quer acrescentar mais alguma coisa sobre este assunto e agradecer por ter estado a conversar comigo

Exemplo: Obrigada por me deixares fazer estas perguntas. Gostavas de dizer mais alguma coisa?

ANEXO VIII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 1 DO R

Dia: 23 de janeiro de 2023

Entrevista inicial à criança R

Foi explicado a cada uma das crianças da amostra que teria umas perguntas a fazer, para que me pudessem ajudar com a minha missão: encontrar qual a história mais engraçada do mundo. Assim, sentei-me com cada uma delas e comecei a fazer-lhes uma entrevista.

Sento-me com o R na zona exterior da instituição, para que pudesse começar a fazer a entrevista. Começo por dizer a primeira pergunta, mas o R interrompe-me, perguntando a quem é que eu iria enviar e se o iria mandar à sua mãe. Respondo que iria mandar à educadora, mas que, se quisesse, poderia também mandar à sua mãe. O R depois diz-me qual o nome completo da sua mãe.

Depois disso, começo, então, a perguntar quem é que lhe lia ou contava histórias e o R responde “O pai e a mãe – fala do R”. Pergunto também quem é que lhe contava histórias na escola e responde-me que não lê histórias na escola. Pergunto de novo se haveria pessoas a lerem para ele na instituição e responde que ninguém o faz. Falo no nome da educadora e o R responde “Nem ninguém nem eu, nem eu!

– fala do R”, dizendo também “Eu não, eu não, eu nunca leio histórias – fala do R”. Questiono depois que tipo de histórias os seus pais lhe liam, dizendo-me que lhe leem “Do Pedro no Parque – fala do R” e “E do Rei Leão – fala do R”. Quando lhe pergunto qual a história que mais gostava de ouvir responde que gosta das duas e quando lhe questiono sobre o lugar onde vão buscar os livros que ouve responde que “A minha mãe compra – fala do R” e que “Ah e o *Pedro no Parque* foi o... a Lígia que deixou levar o livro, esse livro da escola para a, para casa – fala do R”. Exclamo que isso é bom e o R reforça que o tem de trazer no dia laranja, o dia da entrega dos livros que levaram para casa.

Pergunto depois em que lugares da sua casa ouvia histórias. O R responde-me “No meu quarto... eu vejo nos, nos sítios em que eu gosto mais, eu vejo em todos os sítios da casa, menos na garagem – fala do R”. Brinco com ele e pergunto se também ouvia histórias na casa de banho e responde-me que também não. Depois disso, pergunto em que posição se encontra quando lhe leem uma história: se está sentado ou deitado, por exemplo. Responde-me que no quarto fica sentado, deitado e em pé e que nos outros lugares da sua casa fica deitado e sentado.

Questiono depois quem é que escolhia as histórias e os livros que ouve. Responde-me que é ele que escolhe. Depois disso, tento perceber se os seus pais leem nos seus tempos livres, ao passo que o R me responde “Para si mesmos não, para mim sim – fala do R”. Pergunto de novo, falando sobre os seus livros e o R diz “Não, não têm – fala do R”. Assim, passo para a próxima pergunta, onde tento perceber o que sente sempre que ouve uma história. Responde-me que fica contente e triste. Tento perceber o porquê da sua resposta, mas encolhe-me os ombros. Tento perguntar de maneira diferente, perguntando-lhe quando é que se sente triste e o R responde “Porque quando eu ouvo uma história o pai conta a história e eu quero que a mãe é que conte a história – fala do R”.

Seguidamente, pergunto qual era a história que mais gostava de ler e começa por responder, imitando um robot, dizendo “A... his...tó...ri...a do... Pe...dro...no... - fala do R”. Pergunto se é a história do Pedro no parque ele diz que sim, sorrindo. Eu também me rio um pouco e o R diz que acertei “Bem na primeira! – fala do R”. Pergunto se me conseguiria contar essa história e acena que não com a cabeça. Quando lhe pergunto o que se passou nessa história o R consegue explicar que “O Pedro vai a um parque e encontra a lancheira dos... - fala do R”. Explica depois que encontrou a lancheira dos meninos. Tento perceber o que aconteceu mais na história, mas o R responde que “Acaba-se a história – fala do R”.

Para finalizar, pergunto se gostaria que lhe fossem lidas mais histórias. O R responde mais ou menos. Tento perceber o que quer dizer com isso, mas não me explica. Pergunto depois se costuma ler histórias às pessoas, afirmando “Não sei ler – fala do R” e quando pergunto se o conseguiria fazer usando as ilustrações do livro ele levanta-se da cadeira e afasta-se, dizendo que sim.

ANEXO IX: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 1 DA MS

Dia: 23 de janeiro de 2023

Entrevista inicial à criança MS

Foi explicado a cada uma das crianças da amostra que teria umas perguntas a fazer, para que me pudessem ajudar com a minha missão: encontrar qual a história mais engraçada do mundo. Assim, sentei-me com cada uma delas e comecei a fazer-lhes uma entrevista.

Sento-me na zona exterior com a MS, para que pudesse começar a entrevista e fazer-lhe algumas perguntas. Começo por questionar quem lhe lia ou contava histórias, pelo que a MS me responde que era

a sua mãe, o seu pai e que “Aqui na escola costuma ser a Lígia – fala da MS”. Pergunto depois também que histórias é que os seus pais ou a educadora lhe contavam. A MS responde “A Lígia conta histórias... tipo hoje do leão que queria comer... e os meus pais é uma que eu escolho e que eles não dizem quem é que escreveu – fala da MS”. Questiono, seguidamente, quais eram as histórias que mais gostava de ouvir. A MS responde-me que era uma história que uma outra criança do grande grupo tinha levado para casa. Tento perceber qual era, perguntando se se lembrava do nome, respondendo-me que não. A MS depois explica que “É uma que tem peixinhos. Uma que tem um amarelo, um preto que é um tubarão. É umas histórias que eu mais gosto de ler – fala da MS”.

Depois pergunto onde é que compravam os livros, tanto os seus pais, como a sua educadora. A MS responde que compram. Anoto a resposta e digo-lhe que já está quase a acabar, perguntando depois onde é que ela ouvia histórias. A MS responde-me que é “Em casa e aqui na escola – fala da MS”. Tento perceber em que posição se encontra quando lhe leem uma história, mas antes pergunto em que lugar da sua casa é que costuma ouvir histórias, respondendo-me que ouve “No sofá e na cama – fala da MS”. Pergunto também se se encontra sentada ou deitada, por exemplo, tanto em casa como na escola, quando ouve histórias. A MS responde que na escola é sentada e que em casa, por vezes, é sentada e por vezes deitada.

Quem escolhe os livros que ouve é ela e quando perguntei se os seus pais costumam ler nos seus tempos livres responde “Algumas vezes eles leem pra ser... pra às vezes, pois eles ficarem mais, mais atentos, mas é uma coisa para eles não tarem sempre a trabalhar – fala da MS”. Comento que isso é bom e ela diz, de novo “Às vezes – fala da MS”.

Seguidamente, pergunto o que sente quando ouve uma história. A MS responde que se sente feliz e justifica-se dizendo “Porque eu gosto das histórias – fala da MS”. Pergunto qual a história que mais gostava e diz que tem em casa uma. Pergunto se me conseguiria contar essa história e responde-me “Ah... Acho que não, só sei que tem um tubarão que queria apanhar eles... e não sei mais o quê. Talvez a minha mãe conta e um dia eu consigo te dizer – fala da MS”. Respondo que era uma boa ideia e agradeço-lhe. Para finalizar a entrevista, pergunto se gostaria que lhe fossem lidas mais histórias, pelo que me responde que “Às vezes sim – fala da MS”. Pergunto também se costuma ler histórias e responde-me “Eu não sei ler, mas eu consigo pensar, eu vejo as imagens e posso inventar a história – fala da MS”. Digo que isso era bom e a MS finaliza dizendo “E pode ser a mesma coisa que está lá escrito, às vezes – fala da MS”.

ANEXO X: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 1 DA M

Dia: 23 de janeiro de 2023

Entrevista inicial à criança M

Foi explicado a cada uma das crianças da amostra que teria umas perguntas a fazer, para que me pudessem ajudar com a minha missão: encontrar qual a história mais engraçada do mundo. Assim, sentei-me com cada uma delas e comecei a fazer-lhes uma entrevista.

Sento-me com a M e começo por lhe perguntar quem é que se lia histórias. Responde-me então que quem lhe lia histórias “És tu, a Lígia e a Raquel – fala da M”, assim como a sua mãe e o seu pai. Pergunto então que histórias é que lhe liam e a M responde que “O meu pai lê histórias que eu tenho lá em casa – fala da M”, dizendo também que a mãe também o faz e que no dia anterior tinha pedido ao seu

pai que lhe lesse a história que a sua educadora lhe tinha deixado levar para casa. Depois disso, pergunto quais as histórias que gostava mais de ouvir e a M responde que era “A história dos porquinhos – fala da M”. Pergunto também onde é que ia buscar os livros que lê, se iam à biblioteca ou se compravam, por exemplo, pelo que me responde “Vamos à biblioteca. Eu não sei se a minha mãe comprou. Isso foi quando eu era pequena, já não me lembro – fala da M”.

Depois dessa pergunta, questiono onde é que a M ouvia histórias, respondendo-me que era em casa, nomeadamente na sua sala. Pergunto também onde ouvia histórias na instituição e também me responde que era na sala. A M, depois de lhe perguntar como estava sempre que ouvia uma história (sentada, deitada, em pé...), responde-me que está sempre sentada. Diz-me também que quem escolhe as histórias que ouve é ela e o seu irmão “Sou eu e o meu irmão – fala da M”. À pergunta sobre se os seus pais liam os seus próprios livros a M responde negativamente, acrescentando ainda que “Leem os livros, mas dos nossos – fala da M”.

Pergunto depois o que é que sentia sempre que ouvia uma história: se se sentia contente, ou triste, ou zangada, por exemplo. A M responde que se sente contente porque “Porque eu gosto quando os meus pais me leem as histórias – fala da M”. Diz ainda que se sente “muito feliz – fala da M” quando os pais lhe contam uma história. As suas histórias favoritas, segundo a M, são as da Disney e quando lhe pergunto se me conseguiria contar uma história da Disney responde que não, prosseguindo a contar-me de quando a sua madrinha foi à Disney. Responde que lhe gostavam que lhe fossem lidas mais histórias e não lê histórias às pessoas porque “Não, eu não sei ler, mas qualquer dia vou aprender – fala da M”. Quando lhe pergunto se gostava de dizer mais alguma coisa diz que não.

ANEXO XI: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 1 DO L

Dia: 23 de janeiro de 2023

Entrevista inicial à criança L

Foi explicado a cada uma das crianças da amostra que teria umas perguntas a fazer, para que me pudessem ajudar com a minha missão: encontrar qual a história mais engraçada do mundo. Assim, sentei-me com cada uma delas e comecei a fazer-lhes uma entrevista.

Sentei-me com o L na zona exterior da instituição e com as perguntas à minha frente, comecei a falar com ele. Perguntei se existiam pessoas que lhe liam histórias, pelo que responde que era a Lúcia (a sua educadora de infância), bem como os seus pais, os seus avós e os seus tios. Após essa resposta, pergunto que histórias é que lhe contavam, pelo que responde “Do Lobo que pega as cabrinhas – fala do L”. Pergunto qual era a história que mais gostava de ouvir e responde que “Eu gosto das que eu não conto lá em casa... - fala do L”. Acrescenta também, depois de lhe perguntar que histórias seriam essas, que não tem em casa a história do Lobo e dos Cabritinhos, respondendo também que era essa a que mais gostava.

Após esse momento, pergunto onde é que arranjava os livros que lia, se seria numa biblioteca ou se comprava, pelo que me responde “É que lá na minha casa não tem biblioteca e aí eu compro os livros – fala do L”. Comenta também que já comprou um livro de atividades. Depois, perguntei onde é que ouvia as suas histórias, respondendo “É onde está na minha casa. Na minha sala eu tenho um lugar secreto – fala do L”. Fico curiosa com essa afirmação e tento perceber que lugar seria esse, onde lia então as suas histórias, pelo que o L responde “Tem aquela coisinha para pôr os livros (faz gestos com as mãos para

cima e para baixo) – fala do L”. O L depois confirma as minhas suspeitas: estava a falar de uma estante. Posto isto, pergunto qual a posição que adotava quando ouvia uma história. O L responde “Eu “ouvo” sentado e deitado. – fala do L” e quando lhe pergunto quem é que escolhe as histórias que ouvia responde-me “Eu porque eu que comprei essas histórias – fala do L”. Também pergunto se os seus pais liam, por exemplo, os seus próprios livros e o L responde-me “Sim, eles leem livros de... eles têm livros para aprender a trabalhar. É um livro que se chama “Ao trabalho” – fala do L”.

Passando para uma outra parte das perguntas, questiono-o sobre o que sentia sempre que ouvia histórias. O L responde que quando lê uma história sente que “tá lá calor – fala do L”. Pergunto-lhe então se se sentia contente ou triste ao ouvir uma história, pelo que me responde “Eu fico um pouco triste, mas muito contente – fala do L”. Tento perceber o que queria dizer com a sua resposta, pelo que depois de perguntar porque se sentia triste ele responde “Porque... é que tem algumas partes que... que eu não gosto – fala do L”. Ainda acrescenta que se se sente contente ao ler histórias “Porque eu gosto de ler histórias – fala do L”.

Depois pergunto quais eram as outras histórias que mais gostava de ler. O L responde-me que eram “A do Chapeuzinho Vermelho, do Pé de feijão e dos Três Porquinhos – fala do L”. Assim, pergunto-lhe se me saberia contar uma história e afirma positivamente. Quando lhe peço para o fazer comenta, “Mas é que eu não sei ler histórias – fala do L”. Respondo que não tinha mal, que bastava somente contar-me o que se passava numa das histórias. Assim, dou-lhe a escolher e ele decide contar a história do Pé de Feijão, dizendo-me então “Mas... a primeira página a... o João, ele... a mãe dele falou pa ter dinheiro pa vender a vaca dele.e aí quando ele achou um velhinho que tinha um feijão mágico e aí ele mostrou à mãe, a mãe não gostou e jogou lá para fora, mas aí o feijão cresceu, cresceu, cresceu (usa a mão para mostrar o crescimento do feijão) e ficou lá um castelo com um gigante – fala do L”.

Respondo que era uma grande história, perguntando-lhe de seguida se gostaria que lhe fossem lidas mais histórias. O L responde que sim. Pergunto também se tinha por hábito contar histórias às pessoas, pelo que me responde afirmativamente também, acrescentando que conta histórias “à minha avó, ao meu avô, meus tios, minha tia e também o meu pai e minha mãe – fala do L”. Acrescenta que também conta histórias aos seus primos. Por fim, pergunto se gostaria de dizer mais alguma coisa e prontamente me conta que a sua mãe é mágica, uma vez que “ela faz umas histórias, ela faz histórias mágicas – fala do L”. Fico surpresa com isso e depois ele explica que “Ela bota duas histórias, junta as outras páginas e aí fica tudo no mesmo lugar. Ela bota tudo errado, ela coloca lá um... ela bota lá um fogo e aí começa tudo a arrumar – fala do L”. Acrescenta ainda que a sua mãe consegue “botar umas peças na frente da outra e botar assim e assim e depois botar na caixa e aí a caixa tava longe e foi até lá – fala do L”. Por fim, pergunto se gostaria de dizer mais alguma coisa e diz que não.

ANEXO XII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 1 DA V

Dia: 23 de janeiro de 2023

Entrevista inicial à criança V

Foi explicado a cada uma das crianças da amostra que teria umas perguntas a fazer, para que me pudessem ajudar com a minha missão: encontrar qual a história mais engraçada do mundo. Assim, sentei-me com cada uma delas e comecei a fazer-lhes uma entrevista.

Sento-me com a V num espaço dentro da instituição, para poder começar a sua entrevista. Pergunto primeiramente quem é que lhe lê histórias em casa e a V ri-se, respondendo que ninguém o faz. Vai a dizer alguma coisa, mas distrai-se com o computador à sua frente e com os seus brincos novos. Tento retomar a pergunta, percebendo se alguém lhe lia, e pergunto se a educadora lhe lia histórias, respondendo-me que sim. Pergunto que histórias ouve e responde-me que “Eu tou a gostar mais das mais assustadoras – fala da V”. Pergunto se gosta de histórias assustadoras e responde-me que não. Fico confusa e a V explica que “Eu disse assim: eu gosto... eu gosto mais das assustadoras, só que eu também gosto muito das divertidas, como aquelas que... como uma abelha pica as outras e ele está a me assustar e a gente ri-se gargalhadas – fala da V, rindo-se”. Pergunto então se as histórias que lhe contavam eram sobre abelhas que picavam e a V explica “Não, a Lígia um dia também contou uma história assustadora... e foi: uma bruxa do bosque, ela come carne... tipo... ummm... tipo a pele dos animais... tipo, ela... ela faz ossos com os dos meninos, põe de volta do seu jardim, só que eles não... o irmão muito grande desta altura o irmão desta altura e o irmão de esta altura (mostra com o braço as alturas de cada irmão) não queria ir para o bosque, mas os outros obrigaram a ir. Quer dizer, os outros disseram assim... - fala da V”. Não acaba o seu raciocínio porque distrai-se com os seus brincos.

Pergunto se a educadora lhe conta histórias assustadoras e responde que é às vezes. Pergunto se também contava engraçadas e responde que também as conta. Ia para dizer uma coisa, mas pergunta-me se os meus bolsos são mágicos. Tento perceber porquê e ela explica que existia um livro com uma personagem com o meu nome, que “Tinha bolsos, bolsos, bolsos. Num tinha aranhas, quer dizer, um tinha um crocodilo, um tubarão... - fala da V”. Comento que seria divertido ter um casaco assim, mas não concorda comigo. Então, pergunto se sabia aonde é que a educadora tinha comprado esse livro. Ela interrompe-me, dizendo que a educadora disse que devia ter lido a história quando eu estivesse lá e eu comento que talvez noutro dia ela pudesse ler essa história de novo. Pergunto então se sabia onde iam buscar os livros que ouvia. Começa por dizer que não, mas depois responde que é à biblioteca. Repito o que disse e a V diz “Com certeza é, não é? Tu é que sabes, tu uma vez já foste buscar – fala da V”. Respondo que sim, eu já lá tinha ido, mas que naquele momento queria saber sobre o lugar onde os seus pais ou a educadora iam buscar livros. Responde-me que tem livros em casa, distraíndo-se com a data desse dia.

Depois disso, tento perceber onde é que ouve as histórias, mas a V pergunta se já estávamos a acabar, por querer voltar a brincar. Respondo que sim e fala de novo nos seus brincos novos. Volto a perguntar onde é que ouve as histórias. Tem de pensar um pouco, mas responde que é “Só aqui na escola – fala da V”. Fica surpresa com a quantidade de palavras que já tinha escrito até então e depois pergunto-lhe como se encontrava no momento da escuta de histórias: se estava sentada ou deitada, por exemplo. Responde-me que está sentada no puf, uma vez que “Como tu já sabes, temos de tar sentados – fala da V”. Quanto à escolha das histórias, a V diz que “É alguém que escolhe – fala da V”, voltando depois a ficar a sua atenção nos seus brincos e no quão bem rodavam, contando-me o que aconteceu quando furou as suas orelhas.

Responde-me, depois desse momento, que só ouve histórias na escola e quando lhe questiono sobre o que sente sempre que ouve uma a V responde que “Eu sinto que tou feliz – fala da V”. Responde depois que é por gostar de histórias, falando de novo nos seus brincos. Depois pergunto qual era a história

que gostava mais de ouvir. Tem de pensar um bocado na sua resposta, uma vez que “Só que é tão secreto, tão secreto que esqueci-me – fala da V”. Comenta outras coisas, mas quando se lembra, responde que “É a bruxa do bosque – fala da V”. Pergunto se me conseguiria contar essa história, visto não a conhecer e a V diz que sim. Quando estava a começar a explicar a história fala de novo sobre o facto de eu estar a fazer um trabalho com ela e sobre os seus brincos. Pergunto se a bruxa do bosque tinha brincos e responde-me que não. Pergunto se a bruxa era parecida a um monstro e responde que sim e que destrói crianças, uma vez que “Porque se ela vir alguma criança, deixa-a entrar, gentileza. Só que não é bom, ela, ela engana – fala da V”. Acrescenta também que “Um dia, quando estavam a dormir naquele dia, a bruxa ia a pegar no pequenino... imagina que este é o pequenino, mas antes ela disse assim “Alguém tá cordado?” e o pequenino disse “Sim sim, eu estou!” – fala da V”. Contudo, não conseguiu apanhar a criança “Porque ela sabia se eles o vissem, se ela pegasse neles na mesma, ela já sabe que o outro ia chamar a mãe e a polícia, toda a gente sabe. Atão disse o quê “O que é que tu queres?” “A minha mãe, antes de dormir, costuma-me dar ovo estrelado” E a bruxa disse “Coi, que é que é isso?! Não é hora de ovos estrelados!”, mas ela teve de ir à cozinha fazer... é que ele conseguiu enganá-la, não conseguiu? – fala da V”. Digo que achava que sim e a V ainda diz que “Conseguiu, mas, mas, mas numa página ele viu a porta e disse “Acordem, acordem!” ao irmão deste tamanho, ao irmão deste tamanho, disse este. Atão, eles acordaram logo “Venham ver, a bruxa do bosque é ela!” – fala da V”. Distrai-se com o meu lápis, perguntando quem mo tinha oferecido.

Para finalizar a entrevista, pergunto se gostaria que lhe fossem lidas mais histórias, acenando que sim e justificando-se dizendo “Porque histórias são muito divertidas – fala da V”. Também me responde que gosta de contar histórias e voltando a falar sobre o quanto os seus brincos rodam, diz-me que não conta histórias a ninguém. Por fim, pergunto se gostaria de dizer mais alguma coisa e responde que sim, dizendo “Que eu tenho medo da bruxa do bosque – fala da V”, uma vez que “quem não respeita a mãe, aquela bruxa come – fala da V”. A V depois diz também que “Não, mas aquela bruxa não existe... a gente é pa não obedecer – fala da V” e que temos que ficar perto.

ANEXO XIII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 1 DA MR

Dia: 23 de janeiro de 2023

Entrevista inicial à criança MR

Foi explicado a cada uma das crianças da amostra que teria umas perguntas a fazer, para que me pudessem ajudar com a minha missão: encontrar qual a história mais engraçada do mundo. Assim, sentei-me com cada uma delas e comecei a fazer-lhes uma entrevista.

Sento-me com a MR no espaço exterior e pergunto-lhe se alguém lhe contava histórias, pelo que me responde “Quando eu era pequenina a minha mãe lia – fala da MR”. Pergunto também se mais alguém lhe lia e ela aponta para mim. Pergunto se a educadora lhe contava histórias e após uma resposta afirmativa por parte da mesma pergunto se mais alguém lhe lia histórias. Responde que a outra estagiária também lhe lia. Pergunto depois que tipo de histórias é que lhe líamos, referindo que já não se lembra.

Depois disso, pergunto-lhe qual as histórias que mais gostava de ouvir, pelo que me responde que eram “Capuchinho Vermelho, (...) A do Lobo Mau, (...) Os Três Porquinhos... – fala da MR”. Questiono também onde ia buscar os livros que lia: se os comprava ou se ia à biblioteca. Responde-me que “Nós vamos buscar daquele coiso dos livros – fala da MR”. Tento perceber o que quer dizer e

consegui perceber que falava de uma estante. Pergunto se era isso e a MR confirma-me que sim. Depois, tento perceber o local onde a MR ouvia as histórias. Pergunto-lhe isso mesmo e ela responde que as ouvia “Do tapete – fala da MR”. Pergunto se em casa também ouvia no seu tapete e ela responde negativamente, pelo que quando lhe pergunto onde ouvia ela responde “Da cama – fala da MR”.

Depois disso, começo por pergunto como é que ela se encontra quando lhe leem histórias: se está sentada ou deitada, por exemplo, mas distrai-se com o seu olho e com o facto de estar um pouco vermelho. Tento retomar essa questão e, por fim, a MR responde que está deitada, acrescentando também “E também sentada. Na Lígia tou sentada, da mãe tou deitada na cama – fala da MR”. Após isso, tento perceber quem é que escolhe as histórias lidas e a MR responde que quem escolhe os livros é ela. Pergunto também se os seus pais leem os seus livros em casa e também me responde que sim, acrescentando que é “Na sala, na sala, na sala, na sala! Só o meu pai – fala da MR”.

Depois disso pergunto o que sente quando ouve histórias. Responde-me que se sente feliz. Tento perceber o porquê e a MR diz que é porque “Porque a minha mãe é a melhor – fala da MR”. Diz ainda que a sua mãe “(...) conta histórias boas. Ela umas vezes escolhe as histórias e eu – fala da MR”.

Como já me tinha dito anteriormente quais as histórias que tinha gostado mais, a do Capuchinho Vermelho, a dos Três Porquinhos e a do Lobo Mau, pergunto se me conseguiria contar a história do Capuchinho Vermelho. Responde-me que não se lembra e pergunto então se poderia ser a dos Três Porquinhos. Também me responde que não, embora acrescente depois “Eu, eu só sei uma parte, dos três porquinhos! Os três porquinhos foram às florestas procurar casas, porque as mães, porque a mãe já não queria eles em casa e eles foram procurar uma casa. Depois o Lobo Mau foi soprar as casas e eles tinham que ir prá casa de tijolos – fala da MR”.

Para finalizar a entrevista, pergunto se gostava que lhe fossem lidas mais histórias. A MR responde-me que não, acenando negativamente a sua cabeça. Pergunto-lhe de novo e ela repete o movimento. Tento perguntar se gosta de contar histórias, mas distrai-se e pergunta-me para que eram esses livros à sua frente. Digo que depois lhe explicava e pergunto de novo se gostava de contar histórias. Responde que sim e pergunto-lhe a quem contava histórias, respondendo-me “À mãe, só à mãe! – fala da MR”.

ANEXO XIV: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 12 DO R

Dia: 3 de fevereiro de 2023

Entrevista final à criança R

Crianças observadas durante o vídeo: R

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Pergunto se se lembrava que eu lhe tinha feito umas perguntas no início sobre livros. Acena negativamente com a cabeça. Quando lhe recordo que ele até tinha escolhido uma história para ler aos amigos, ele acena com a cabeça que sim, sem dizer uma palavra.

Perguntei se sabia quais tinham sido as histórias que se tinham lido em sala, ao qual o R acena negativamente com a cabeça. Posto isto, pergunto-lhe o que é que foi feito com as histórias e o R responde baixinho “Não sei – fala do R”.

Começo a fazer a próxima pergunta, mas paro, olhando para ele. O R limpava os olhos com as suas mãos e eu pergunto se ele estava bem. Levanto-me e vou buscar papel, para que ele pudesse limpar os seus olhos e assoar o seu nariz. Agarra o papel e assim o faz. Pergunto se gostaria de falar sobre o que se passava, não obtendo resposta. Nesse dia, os pais do R disseram que o iam buscar mais cedo, então ele mostrava-se muito ansioso, perguntando constantemente que horas eram e se já estava na hora de ir embora. Tendo em conta essa situação, digo ao R que o seu pai e a sua mãe o iriam buscar à hora de almoço e que ele não iria ficar sozinho, nenhuma criança ficaria sozinha na escola, porque a escola não era uma casa. O R acena com a cabeça.

Depois começo a falar se se lembrava de termos ido para o espaço exterior, para se gravar o vídeo a apresentar à sala B1. Perguntei porque é que o R não tinha querido fazer o vídeo e o R respondeu-me “Porque me doía o ouvido – fala do R”. Respondo que realmente era uma chatice.

Depois pergunto o que é que o R tinha gostado mais de fazer: se foi escolher a história, escutar as histórias, entre outros, ao qual o R respondeu “Escolher a história – fala do R”. Quando lhe pergunto porquê não responde. Pergunto se ainda se se lembrava da história que tinha escolhido, lembrando-lhe as outras 3 histórias que tinham sido lidas: a do *Eustáquio, o mágico magnífico*, *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, e *Presos*. O R responde “Aquela que tinha um macaco – fala do R”. Respondo que esse livro se chamava *Presos*.

Como o R não tinha ido à escola no dia em que foi feita a votação da história mais engraçada, relembro-lhe o que aconteceu e que a história vencedora tinha sido a do *Eustáquio o mágico magnífico*. Perguntei se tinha gostado de escolher a história e ele respondeu “Mais ou menos– fala do R”. Pergunto depois se achava que os amigos da sala B2 tinham gostado de fazer o projeto e ele responde “Não sei – fala do R”. Pergunto também se achava que ia continuar a ler muitas histórias, ao qual ele encolhe os ombros e quando lhe pergunto qual seria a história que ele gostava de ler a seguir o Rodrigo responde “Não sei– fala do R”.

Por fim, pergunto o que é que tinha aprendido com todos os trabalhos que foram feitos, desde o escolher a história até a concretização do vídeo e o R responde “Ler a história– fala do R”, voltando a dizer-me aquilo que tinha gostado mais de fazer. Quando lhe pergunto de novo se tinha aprendido alguma coisa, o R responde com um encolher de ombros. Como as perguntas tinham acabado pergunto se gostaria para a rua brincar e o R diz que sim, levantando-se do seu lugar para ir para a rua.

ANEXO XV: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 12 DA MS

Dia: 3 de fevereiro de 2023

Entrevista final à criança MS

Crianças observadas durante o vídeo: MS

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Começo por perguntar à MS se no início se lembrava de eu a ter chamado para lhe fazer umas perguntas e para escolher uma história mais engraçada e a MS diz que sim. Pergunto à MS quais é que tinham sido as histórias lidas em sala e a MS responde “A do Eustáquio, a que ensinava a fazer a vaca, uma que tudo ia para cima da árvore, que eu já não me lembro o nome... – fala da MS”. Pergunto se o nome da história que estava a falar era *Presos* e a MS responde que sim.

Depois perguntei à MS qual tinha sido a história que ela mais gostou e a MS respondeu “Da minha, que eu escolhi – fala da MS”. Perguntei qual tinha sido a história e a MS respondeu “A que ensinava a fazer a vaca – fala da MS”. Perguntei também porque é que ela tinha gostado mais dessa história e a MS respondeu “Não sei, porque eu não sabia fazer vacas e agora já sei – fala da MS”. Pergunto se era fácil e a MS responde que sim, acrescentando “Só que em vez de ensinar uma vaca ensina um crocodilo – fala da MS”. Pergunto à MS se me conseguiria contar essa história e ela diz que não. Quando lhe pergunto o que é que aconteceu nessa história, a MS responde “A vaca apareceu na boca do crocodilo e havia um em baixo que não estava muito bem disposto e um em cima que estava bem disposto. Já não sei mais – fala da MS”.

Perguntei à MS o que é que tínhamos feito com as histórias e a MS respondeu “Fomos mostrar aos meninos da Helena – fala da MS, referindo-se à educadora da sala B1”. Perguntei se tínhamos ido mostrar as histórias à sala B1 e a MS respondeu “Fomos mostrar o vídeo da história– fala da MS”. Perguntei mais uma vez o que é que tínhamos feito com as histórias e a MS respondeu “Lemos... E depois fomos mostrar aos meninos da Helena– fala da MS”. Comento que acho que não e a MS pergunta “Gravámos? – fala da MS”. Digo que sim, que gravámos, mas que antes de se fazer a gravação tínhamos de descobrir outra coisa. A MS fala “Qual a história que a gente gostou mais – fala da MS”. pergunto depois como é que descobrimos a história mais engraçada e ela responde que se fez “Uma votação – fala da MS”.

Depois disso, pergunto à MS o que tinha acontecido depois de descobrirmos que o Eustáquio era a história mais engraçada, no dia seguinte. A MS respondeu “Vamos ver o que tínhamos gravado... – fala da MS”. Explico à MS que, antes de sabermos que tínhamos de fazer uma gravação, tinha acontecido outra coisa: eu tinha recebido um email. Pergunto de quem era e a MS diz “Do senhor– fala da MS”. Pergunto se se lembrava do nome do senhor e quem ele era. Diz que não se lembra do seu nome e acrescenta “Só sei que era Rampazo – fala da MS”. Perguntei novamente se ela sabia quem era o senhor e só depois de eu dizer que era o autor a MS completa a minha frase, dizendo “Da história– fala da MS”.

Perguntei qual é que tinha sido o desafio que ele nos tinha dado e a MS responde “Sim, para mostrar o telemóvel da Marta aos meninos da Helena – fala da MS”. Pergunto o que é que eles teriam de mostrar e ela diz “O vídeo e a história do Eustáquio– fala da MS”. Pergunto se tínhamos ido mostrar os vídeos à sala B1 ou B2 e ela responde B2. Corrijo-a e ela diz “B1 ou B2, eu não sei! – fala da MS”

Perguntei se a MS tinha gostado de apresentar a história e o vídeo à sala B1, ao qual a MS responde que sim. Também perguntei se ela achava que tinham gostado e ela disse “Uma gostou, uma amiga minha de lá, os outros é que eles não gostaram– fala da MS, fazendo uma careta”.

Perguntei o que ela tinha de fazer para convencer as crianças da sala B1 a ler a história, ao qual a MS responde “Mostrar o vídeo– fala da MS”. Perguntei o que tinha feito no vídeo e ela disse “Só bater as palmas – fala da MS”. Perguntei também o que é que os outros tinham feito e respondeu que “Dançaram e disseram – fala da MS”.

Perguntei porque é que ela achava que os outros meninos da sala B1 não tinham gostado da história e ela respondeu “Não sei... eu bem sabia que eles não iam achar piada– fala da MS”. Pergunto como sabia e ela responde “Então, eu escolhi outra história! Podias ter escolhido – fala da MS”.

Perguntei o que é que tinha gostado mais de fazer no projeto, enumerando o que é que tínhamos feito. A MS responde “Eu gostei mais de votar – fala da MS”. Quando pergunto porquê a MS diz “Olha, porque eu achei divertido, porque a gente fez um desenho, que era uma estrela que eu fiz – fala da MS”.

Pergunto também se achava que os nossos amigos tinham gostado de fazer o projeto. A MS acena e responde “Porque foi divertido também para mim e eu achei que eles iam gostar e eu acho que eles gostaram– fala da MS”. A MS perguntou o que é que a M tinha dito e eu respondo que ela tinha dito que também tinha gostado e também disse que as outras crianças tinham gostado.

Perguntei se achava que ia ler e ouvir muitas histórias e a MS respondeu “Acho que sim – fala da MS”. À pergunta “Qual gostavas de ler a seguir?” a MS respondeu “A dos bolsos da Marta– fala da MS”.

Por fim, ao perguntar o que tinha feito com este trabalho, a MS respondeu “Muita coisa – fala da MS”. Quando lhe pergunto o que aprendeu, a MS responde “Que quando a gente gosta desta história temos que fazer uma votação – fala da MS”. Perguntei também para que servia uma votação e a MS respondeu “Não sei... pra... votar? – fala da MS”.

Quando perguntei se gostaria de dizer mais alguma coisa, a MS disse que não.

ANEXO XVI: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 12 DA M

Dia: 3 de fevereiro de 2023

Entrevista final à criança M

Crianças observadas durante o vídeo: M

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Pergunto à M se no início ela se lembrava de eu lhe ter feito umas perguntas e ela responde que sim. Assim, pergunto se lhe poderia fazer mais perguntas e que seria algo muito, muito rápido de se fazer, ao qual ela responde afirmativamente.

Começo por perguntar quais tinham sido as histórias que tinham sido lidas em sala. A M responde “A que ensina a fazer a vaca, ahh... ahh... – fala da M”. Digo que eram 3 histórias, repetindo a história que a M tinha acabado de dizer e a M responde “Mais... aquela que estava na sala B1... - fala da M”. Pergunto se era a história do Eustáquio e ela responde que sim. Pergunto qual é que tinha sido a outra história e a M responde que já não se lembrava, rindo depois. Pergunto se gostava que eu lhe dissesse qual era a história e digo que era uma história que se chamava *Presos*. A M olha para mim e pergunta “Os presos? – fala da M”. Respondo que sim e explico que era a história onde o menino atirava a casa para cima da árvore e um macaco e um barco e até atira o carro dos bombeiros e os senhores e o gato. Pergunto se se lembrava e a M responde afirmativamente, rindo.

Tendo em conta a explicação dada, pergunto qual tinha sido a história que gostou mais e ela responde “Ummm... é que a... foi... a que lemos à sala B1 – fala da M” Pergunto de novo, para que pudesse ter a certeza de que tinha percebido o que tinha dito e a M assentiu. Pergunto se sabia o nome da história e a M faz uma cara pensativa, olhando ligeiramente para o lado. Pergunto se tinha sido aquela que ensinava a desenhar uma vaca, Eustáquio ou os presos e a M responde “O Eustáquio – fala da M”.

Pergunto se me conseguiria contar essa história, ao qual a M responde que não. Pergunto de novo se se lembrava do que se passava na história do Eustáquio e ela acena negativamente com a cabeça. Volto a perguntar e a M responde “Não, mas tu não tinhas visto a história? Ele desapareceu e depois apareceu – fala da M”. Escrevo o que tinha dito, repetindo as suas palavras e a M acrescenta “E depois

apareceu sem a Marta ver – fala da M”. Repito a última parte que ela tinha dito, que eu não tinha visto a personagem e a M diz “Não, porque tu viraste para nós, né? – fala da M”. A M depois comenta que estou sentada na sua cadeira e ri-se.

Pergunto depois à M o que é que se tinha feito com as histórias. A M responde “Fizemos... mostrámos à sala B2... - fala da M”. Explico que a sala B2 era a nossa sala e que tínhamos ido à sala B1 mostrar, fazendo com que ela se risse. Pergunto o que mais tínhamos feito com as histórias e agora a M responde “Depois viemos para a nossa sala e depois foi, a seguir fomos almoçar e depois fomos brincar um bocadinho à rua, depois viemos para a sala outra vez... - fala da M”. Comento que isso foram muitas coisas e a M continua “E depois viemos, depois fomos para a sala B1... - fala da M”. Pergunto se tínhamos ido outra vez a sala B1 e a M ri-se quando lhe digo que se calhar se estava a enganar um bocadinho, fazendo-a rir-se mais.

Depois pergunto-lhe como é que se tinha descoberto a história mais engraçada e a M acena negativamente com a cabeça, dizendo que não sabia e não se lembrava. Relembro-a que tínhamos escolhido as 3 histórias e ela diz-me que tinha escolhido a história do Eustáquio. Eu pergunto-lhe como é que ela tinha escolhido a história e ela responde “Foi a mais engraçada – fala da M”. Quando lhe pergunto se tinha sido a mais engraçada ela acrescenta “E ela ganhou – fala da M”. Pergunto-lhe como é que a história tinha ganho e o que tivemos de fazer para saber qual história tinha ganho e a M responde “Porque ela estava a ter mais pontos – fala da M. Pergunto-lhe como sabíamos que a história estava a ter mais pontos e ela responde “Porque nós estávamos a ver com os nossos olhos – fala da M”. Perguntei também onde é que se tinham posto os pontos e ela respondeu que tinha sido no quadro. Comentei também que antes de se colocarem os pontos no quadro que eles tinham feito uma coisa na casinha do exterior e a M responde “Foi, foi a pôr... a ... a pôr qual é que foi a história mais engraçada e tu tinhas que fechar os olhos – fala da M”. Comento que sim e ela pergunta o porquê, ao qual eu respondo que era para não ver o seu voto. A M pergunta de novo porque é que eu não poderia ver o seu voto e eu explico que era batota, porque assim já sabia qual é que era a história que ela tinha votado. Pergunto se tínhamos feito uma votação e a M responde “Sim – fala da M”, passando eu a dizer que se tinha contado os votos no quadro. A M pergunta quem seria a ir depois dela e eu respondo que não sabia ainda.

Pergunto o que é que tinha acontecido depois de se contarem os votos no quadro e de se descobrir qual tinha sido a história mais engraçada. A M responde que tinham ido para o ATL e eu pergunto o que é que tinha acontecido no dia seguinte, que eu até tinha dito que tinha recebido um e-mail. A M responde “Foi... foi o senhor que escreveu a história – fala da M”. Pergunto o que é que o senhor tinha feito e a M responde “Ele disse a nós para nós irmos à sala B1 – fala da M”, comentando que ia dizendo sala B2. Pergunto-lhe o que é que iam fazer à sala B1 e ela responde “Mostrar – fala da M”. Mais uma vez, pergunto de novo o que é que eles iam mostrar e ela responde “Os vídeos – fala da M”. Digo-lhe que tinha sido verdade e que já não me lembrava do que se tinha passado. Perguntei se tinha gostado de mostrar o seu vídeo a sala B1 e ela respondeu “Gostei, foi muito giro – fala da M”. Perguntei-lhe do que é que ela tinha gostado mais e porque é que tinha sido giro e a M respondeu “Porque já fui muitas vezes à sala B1, mas quase que foi a primeira vez. Eu fui poucas vezes à sala B1 e eles, e eles têm muitos trabalhos muito bonitos. Por isso é que eu gostei de ir à sala deles, eu gostava de ficar naquela sala – fala

da M”. Pergunto então se ela tinha gostado de ir à sala B1 porque tinha gostado de a ver e ela assente com a cabeça.

Perguntei depois o que é que ela tinha feito para tentar convencer a sala B1 a ler a história e a M responde “Para eles saberem que nós fizemos para mostrar – fala da M”. Pergunto o que é que eles tinham feito para mostrar e ela responde “Nós tivemos que dançar como era é história, depois tu estavas a filmar e nós depois, no outro dia seguinte, depois nós fomos à sala B1 e foi assim, e acabou – fala da M”. Pergunto depois como é que ela tinha feito o vídeo e a M responde “Como é que eu fiz o vídeo? Hmmm, nós fizemos o vídeo, como é que nós fizemos o vídeo... – fala da M”. Pergunto o que é que se tinha usado para fazer o vídeo e a M responde “Tu tiveste de usar o teu telemóvel e nós tivemos que dançar – fala da M”. Pergunto se eles tinham feito mais alguma coisa sem ser dançar, ao qual a M responde “Não, depois tu foste chamar os outros meninos – fala da M”. Pergunto o que é que o L tinha feito “Falou... falou – fala da M” depois perguntei o que é que a MS tinha feito e a M disse “A MS bateu as palmas – fala da M”. Perguntei depois o que é que o R tinha feito e a M respondeu “O R não fez nada – fala da M”.

A M comenta que o meu caderno tem muitas palavras e eu concordo. Depois pergunto se ela achava que os meninos da sala B1 tinham gostado de ver o vídeo e ela prontamente responde “Não – fala da M”. Pergunto porquê e a M responde “A MS disse, a MS disse que eles não gostaram da história, não foi engraçada. Eles disseram que não gostaram da história – fala da M”. Pergunto depois o que é que ela achava sobre o assunto e a M abana a cabeça negativamente, indicando que as crianças não tinham gostado, acrescentando ainda “Para nós foi engraçado e para eles não foi. Eles nem se riram um bocado... – fala da M”.

Faz um comentário sobre uma cruz no meu telemóvel e depois eu pergunto depois o que é que ela tinha gostado mais de fazer: se tinha gostado de escolher a história e de as ouvir, de votar, fazer o vídeo, entre outros e a M responde “Votar – fala da M”. Quando pergunto porquê ela responde “Porque tu não estavas a ver e, e eu gostei porque o Eustáquio ganhou – fala da M”. Também lhe pergunto se achava que os amigos também tinham gostado de fazer todos estes trabalhos e ela responde afirmativamente. Quando lhe pergunto porquê ela diz “Porque foi muito engraçado e foi na casinha e ainda bem que não foi, que não foi, que não foi na relva – fala da M”. Pergunto-lhe se não gostava que fosse na relva ela responde que não, justificando-se dizendo “Mas eu gostava de dançar na relva, mas como na relva não tem televisão – fala da M”.

Pergunto se ela achava que iria continuar a ler e ouvir muitas histórias e a M responde que sim. Quando lhe pergunto qual seria a história que ela gostava de ler a seguir, ela responde “A do boneco de neve – fala da M”. Pergunto-lhe como seria essa história ela diz que não sabia, que tinha de inventar.

Por fim, pergunto-lhe o que é que ela tinha aprendido com todo este trabalho que se tinha feito e a M responde “Eu gostei muito e eu aprendi muito – fala da M”. Perguntei o que é que ela tinha aprendido e ela responde “Eu aprendi a desenhar... – fala da M”. Pergunto-lhe se se tinham desenhado nesse projeto e ela começa-se a rir, dizendo que não. Pergunto outra vez o que é que ela aprendeu e ela responde “Aprendi a dançar – fala da M”. Por fim, pergunto-lhe se tinha aprendido mais alguma coisa e ela repete “Foi muito divertido – fala da M”. Quando lhe pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa a M diz que não e eu deixo a sair para que pudesse continuar a brincar.

Dia: 3 de fevereiro de 2023

Entrevista final à criança L

Crianças observadas durante o vídeo: L

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Começo por perguntar ao L se ele se lembrava de eu o ter chamado para lhe fazer umas perguntas no início, ao qual ele responde “Sim – fala do L”. Digo-lhe que agora tinha mais algumas para lhe fazer, perguntando se o podia fazer.

Pergunto se ele se lembrava, no início, de escolhermos as histórias para serem lidas. O L diz que sim e acrescenta que “E também, e também a do Eustáquio foi a mais engraçada – fala do L”. Quando questiono quais foram as histórias lidas, o L responde “A do menino que jogou as coisas na árvore e a do Eustáquio também... - fala do L”. Digo que faltava uma história e o L responde “E a outra que fala como que desenha uma vaca – fala do L”. Pergunto qual tinha sido a história que tinha gostado mais e ele responde, enquanto tapa os seus olhos com as suas mãos, “Aquela que tu tinhas o olho fechado, não foi? – fala do L”. Pergunto qual tinha sido a história em que eu tinha fechado os olhos. Ele diz “Tavas com um olho fechado e eu estava a escrever aqui – fala do L, enquanto imita a ação de escrever com a sua mão”. Finalmente percebo e explico que isso foi na votação, levando a que o L dissesse “Pois! – fala do L”. Pergunto de novo qual tinha sido o livro que tinha gostado mais e ele responde “Foi a do menino que jogou a... a... a... foi a do menino que jogou as coisas na árvore – fala do L”. Perguntei porquê e ele disse “Porque... porque... porque... porque lá tava... porque eu vi lá escondido um golfinho! – fala do L”. Perguntei se tinha visto um golfinho e ele responde “Sim, eu vi a cauda, mas só que tu não viste, nem os amigos. E eu, e eu também vi um camião – fala do L”.

Posto isto, pergunto se ele me conseguiria contar a história do menino que tinha atirado tudo para a árvore, o que tinha acontecido na história. O L responde “Ele jogou o camião e ele atirou, e ele atirou uma pipa pá, pá, ele atirou uma pipa, mas só que a seguir ele atirou o sapato e depois o outro sapato – fala do L”. Pergunto que outras coisas é que tinham sido atiradas e o L responde “Hmmm...Eu, eu não me lembro das outras coisas, só me lembro destas – fala do L”.

Perguntei depois o que é que tinha sido feito com as histórias, depois de as lermos, o que levou o L a responder “Ah, eu, eu já sei, e a, e o, e o, e a história do mágico magnífico, a gente mostrou aos meninos da sala B1 – fala do L”. Falo que antes de mostrarmos a história a esses meninos, tivemos de fazer uma outra coisa, também na casinha, o lugar onde estava a ser gravada a entrevista. O L concorda e pergunto se se lembrava o que era e ele disse “Na casinha nós fizemos, sabes o que nós fizemos? Nós botamos um papel, um pedaço de papel aqui e depois nós desenhámos – fala do L, enquanto toca na mesa para mostrar o espaço onde se tinha colocado a folha”. Pergunto onde tinham desenhado e ele responde “Eu desenhei no lugar e eu, e sabes o que é que eu desenhei no mais engraçado, na, na, no menino que jogou as coisas na árvore? – fala do L”. Respondo que não e ele diz “Eu desenhei o menino – fala do L”. Perguntei se tinha feito isso na história mais engraçada e o L respondeu “Não, eu desenhei na história que eu, que eu gostei mais – fala do L”.

Perguntei o que é que tinha acontecido depois de se ter escolhido a história mais engraçada e o L respondeu “Nós fazemos que, tu falaste «quem é que ganhou mais pontos?» - fala do L”. Perguntei quem

tinha ganho e ele respondeu “Foi o Eustáquio e o, e, e, e quem ganha mais pontos é o mais engraçado do mundo – fala do L”.

Perguntei o que é que tinha acontecido no dia seguinte, de quem era o email que eu tinha recebido. O L respondeu “Do senhor que escreveu a história – fala do L”. Perguntei o que é que ele tinha dito e o L respondeu “Ele disse pá mostrar a sala B1 – fala do L”. Perguntei o que é que tinham de mostrar a sala B1 e o L respondeu “Temos que fazer um vídeo – fala do L”. Perguntei também o que é que tinham usado para fazer o vídeo e ele respondeu “O celular da Marta – fala do L”. Seguidamente, perguntei também se ele tinha gostado de mostrar a história à sala B1, ao qual o L respondeu “Sim, porque, porque, porque eu, eu, eu, porque eu, porque eu adorei – fala do L”. Perguntei porque é que tinha adorado e o L respondeu “Porque lá, porque lá tava, tava lá o meu amigo D – fala do L”. Repeti o que me tinha dito e o L diz ainda “Sim, na sala B1, que se chama D – fala do L”.

Perguntei também o que é que ele tinha feito para convencer a sala a ler a história, ao qual o Lucas responde “Eu ainda não sei – fala do L”. Tendo em conta esta resposta, perguntei o que é que se tinha feito na relva, dizendo que ele e o nome das outras crianças fizeram um grupo com ele. O L exclama e diz “Ah, eu, nós fizemos um vídeo. Fui eu, a M, a V e também... - fala do L”. O L para e pensa, entrelaçando os dedos das suas mãos e encostando o queixo ao seu polegar. Ajudo o L, dizendo o nome das crianças que ele já tinha dito, dizendo o nome também do R. Quando digo seu nome L confirma, acenando a sua cabeça e eu pergunto se o R tinha feito o vídeo e o L respondeu “Não, porque ele tava triste lá no chão, lembras-te? E também foi... - fala do L”. O L para de novo para pensar, dizendo depois o nome da última criança que tinha feito um vídeo com ele “A MR – fala do L”. Digo que faltava mais uma pessoa. O L responde que foi ele e eu pergunto se não foi a MS, o que leva o L a dizer “Também – fala do L”. Perguntei o que é que ela tinha feito no vídeo e ele respondeu “Ela fez palmas – fala do L, enquanto bate palmas”. Perguntei também o que é que ele tinha feito no vídeo. O L respondeu “Eu falei e eu falei – fala do L”. Perguntei sobre o que é que ele tinha falado, ao qual ele respondeu “Sobre, sobre a história do Eustáquio – fala do L”. Perguntei o que é que as restantes meninas do grupo tinham feito e ele respondeu “Ah, elas fizeram uma dança – fala do L”.

Passando para outra pergunta, perguntei se ele tinha achado que a sala B1 tinha gostado de ouvir a história e o L respondeu “Sim, porque, é que eu vi uma pessoa a sorrir e a rir. Era, era o meu amigo D – fala do L”.

Estando quase na parte final da entrevista, perguntei qual tinha sido a parte de todo o projeto que ele tinha gostado mais de fazer, lembrando-lhe o que tínhamos feito. O L responde “Ah, já sei! Fizeste lá na escola, mas não foi dentro da escola, foi lá num lugar perto da nossa sala. Tu, tu, eu gostei mais da parte que nós lemos as histórias naquele dia – fala do L”. Para ver se percebia, perguntei se o que ele tinha gostado mais de fazer fora ouvir as histórias e ele respondeu afirmativamente. Perguntei porquê e ele disse “Porque, porque, porque, mas é, mas é que eu, é que eu estava, eu, é que eu gostei de, eu gostei muito de ver as histórias – fala do L”. Perguntei se tinha sido quando ele tinha escolhido a história ou quando as tínhamos lido e ele respondeu “Não, tu contaste a história e falaste qual era a mais engraçada e primeiro falaste – fala do L”. Perguntei também se achara que os amigos da sua sala tinham gostado de fazer o projeto, ao qual o L respondeu “Sim, porque, porque, porque, porque, porque, porque, porque, a V falou que gostou muito – fala do L”.

Como pergunto também se ele achava que iria continuar a ler muitas histórias e o L responde que sim, comentando também “Sabias que eu tenho as mesmas histórias do que tu? – fala do L”, pergunto quais são as histórias que ele tem e o L responde “Eu tenho a, a, a do menino que jogou as coisas na árvore – fala do L”. Pergunto se tinha essa e o L responde “Sim, e também tenho a como desenhar uma vaca e também do Eustáquio – fala do L”. Digo que isso era muito bom e o L responde algo que não compreendo. Pergunto ao Lucas qual seria a história que ele gostava de ler a seguir e ele responde “Eu acho... Ah, eu queria, sabes qual a história que eu queria? Eu queria ler histórias das folhas – fala do L”. Fico espantada e o L acrescenta “Sim e da coruja também – fala do L”. Pergunto porquê e o L responde “Porque, porque, porque, porque, porque eu nunca vi. Porque eu já vi na minha televisão – fala do L”. Digo que tem de pedir à mãe uma história sobre corujas e folhas e o L concorda, dizendo “Tá bem – fala do L”.

Por fim, pergunto o que é que ele tinha aprendido e o L responde “Eu aprendi que, que, que, que se, se uma pessoa, lá da televisão, falar connosco e falar pá, pá mostrar uma coisa à sala B1, nós temos que, que apresentar – fala do L”. Digo que é uma boa conclusão e pergunto se aprendeu mais alguma coisa e o L diz que não. Pergunto também se gostava de dizer mais alguma coisa e o L diz “É que eu quero dizer que a minha mãe tem todas as histórias aqui da sala – fala do L”. Tendo em conta que o L disse pergunto qual é que era a história que ele mais gostava de ler e ele responde “Hmmm... Ah, eu gosto, é a que tu tens, a do Chapeuzinho Vermelho que eu nunca tenho, eu não tenho – fala do L”. O L acaba por dizer que quando for o próximo dia do brinquedo, que irá trazer o seu livro do Chapeuzinho vermelho.

ANEXO XVIII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 12 DA V

Dia: 2 de fevereiro de 2023

Entrevista final à criança V

Crianças observadas durante o vídeo: V

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Pergunto à V se se lembrava de, no início, lhe ter feito umas perguntas, porque precisava de lhe fazer novas perguntas. A V sorri e acena que sim com a cabeça, respondendo “Sim, mas só que, só que eu vou demorar muito – fala da V”. Digo que não tem problema, mas que nesse dia o seu grupo iria ter mais uma atividade vinda do exterior, pelo que teríamos de tentar não demorar muito tempo. A V comenta que não gosta muito de fazer puzzles, algo que as outras crianças da sua sala estavam a fazer enquanto decorria a entrevista. A V começa então a explicar porque é que não gosta de fazer puzzles, dizendo “Aconteceu-me uma vez, bem cedinho, que eu fui fazer um puzzle, porque a Isabel me ensinou. Só que, só que depois eu tive de pedir ajuda a ti, lembras-te? Porque não estava a conseguir... Atão, atão hoje eu estou com um bocadinho de medo de fazer um puzzle. É por isso, quando eles começarem a arrumar, eu...eu quero ir lá – fala da V”. Comento que acho que ela consegue fazer todos os puzzles que quiser, mas que teria de tentar e não ter medo. A V argumenta e diz “Sim, só que há uns que eu já consigo fazer, é, são os das formas, mas só que, só que a Lígia disse da outra vez «A V não sabe fazer puzzles, só porque não quer treinar» – fala da V”. Digo à V para não ligar e pergunto de novo se lhe posso fazer umas perguntas, ao qual ela responde afirmativamente.

Começo por perguntar se se lembrava de que, no início, tinham sido escolhidas algumas histórias para serem lidas em grande grupo, em sala. A V responde que sim, mas que estava triste. Eu pergunto quais tinham sido essas histórias, ao qual ela responde “O Eustáquio, o magni pagnífico, o das letras, quer dizer, o melhor livro para ensinar a vaca e como chamava-se?... – fala da V”. Pergunto qual era a história que queria dizer, repetindo o nome das outras duas histórias que ela já tinha dito. A V olha para cima a pensar e eu pergunto se ela se lembrava como era a história. Responde que sim e diz “O menino tava a brincar, só que depois teve que cortar todas as coisas, até uma casa. Imagina que se ele fosse jogar esta casa também e a outra?! – fala da V, sorrindo”. Pergunto se a história se chamava *Presos* e a V rapidamente acena afirmativamente a cabeça.

Depois disso, pergunto qual tinha sido a história que ela tinha gostado mais das três que foram lidas, dizendo o nome das mesmas, e a V responde “Os dos Presos, só que havia um probleminha – fala da V”. Pergunto qual era e ela responde “É que eu fiquei triste por não vencer – fala da V”. Pergunto porque é que tinha gostado muito dessa história e ela responde “Porque ele teve mandado tudo na Terra, até ficar vazio – fala da V”. Perguntei se tinha achado engraçado e ela responde que sim, perguntando-me de volta se eu não tinha achado. Pergunto se ela se lembrava do que tinha sido primeiramente atirado para cima da árvore e se se lembrava do que tinha acontecido na história. Responde que a primeira coisa atirada foram os sapatos e quando pergunto o que ele gostaria de tirar da árvore a V responde “Aquilo que ele estava a brincar. Imagina que aquilo aqui... – fala da V”. Distrai-se com o fio que segurava a porta da casinha onde estávamos. Pergunta o que é que aconteceria se a porta se fechasse e eu respondo que faria barulho, ao qual ela comenta que é uma campainha de segurança.

Retomando a conversa sobre a sua história preferida, pergunto o que aconteceu depois da personagem principal ter atirado os sapatos para cima da árvore. A V responde “O outro sapato – fala da V” e eu comento que foram atiradas muitas coisas. Por fim pergunto se o menino conseguiu retirar aquilo que tinha atirado para cima da árvore e a V responde “Sim, o que ele conseguiu tirar era... Se tivesse usado... ummm... imagina se ele tivesse usado o mundo! – fala da V”. Pergunto se seria possível atirar o mundo, ao qual a V responde que sim e acrescenta “Atão, ele conseguiu levantar a casa – diz fazendo um movimento com o braço para cima – a baleia, o barco, atão a gente vai obrigá-lo a levantar a Terra... – fala da V”. Comento que talvez ela tenha razão.

Seguidamente pergunto se sabe o que fizemos sobre as histórias e a V comenta que deveria estar quase na hora de arrumar. Pergunto de novo e ela bate com os dedos na mesa. Começo por repetir que começámos por escolher as 3 histórias e a V acrescenta que uma criança do grande grupo se enganou “Porque eu ia a passar, ela pensou que eu vesse do Eustáquio, só que não – fala da V”. Digo para não se preocupar e ela diz “Imagina, se tu, olha, se as professoras todas tivessem escolhido, com certeza que a história dos... Como chamava-se? – fala da V”. Pergunto se a história se chamava *Presos* e ela responde “Os dos presos, nós íamos ganhar – fala da V”.

A V comenta que tem uma ideia e eu pergunto qual é. Pergunta quem será o mais querido, tendo em conta que o Pai Natal é querido, que o Jesus é querido e que Terra é querida. Respondo que talvez seja ela e ela responde que é mais bonita, sorrindo.

Pergunto do novo o que é que se tinha feito com as histórias. Começa a responder mas depois diz que sabe porque é que eu estava a fazer tantas perguntas: “Porque... tu sabes, queres descobrir quais são

as histórias mais engraçadas, né? E tu ouviste-me a falar de eu conheço uma história mais engraçada. E sabes qual é que é? Eu vou te contar, só que é segredo – fala da V”. Inclino-me para a frente, para que a V pudesse falar e ela diz, sussurrando no início “ Olha, havia uma história, com certeza que assim existe, eu não sei muito bem, mas só que a história mais engraçada é sobre um menino que foi a árvore, só que queria mexer nas abelhas mas elas o picaram – fala da V, rindo-se”. Também me rio e pergunto se ela acha que essa é a história mais engraçada e ela diz “Que tal esta: a minhoca comeu o menino e depois ele mordeu – fala da V, rindo-se – ah, e que tal o melhor livro para aprender a desenhar uma, uma... uma Martinha? – fala da V”. Digo que acho que esse livro seria muito engraçado e ela diz que sim.

Posto isto, pergunto à V como é que tínhamos achado a história mais engraçada. A V responde “A usar a imaginação– fala da V”, enquanto aponta para a sua cabeça. Pergunto se fizemos mais alguma coisa para escolher a história mais engraçada, comentando que achava que tínhamos feito algo na mesma casinha onde estávamos agora a conversar e que eu até lhe tinha dado uma folha. A V perguntou onde estava a folha e eu respondo que tinha sido noutra dia, perguntando se ela se lembrava do dia em que eu lhe tinha dado uma folha para ela fazer uma marca na história mais engraçada. Pergunto o nome do que se tinha passado e V responde “Marca – fala da V”. Eu repito a mesma palavra, dizendo que a fizemos para fazer uma coisa, começando por dizer a primeira sílaba da palavra “votação”. Ela completa a palavra, dizendo “Tação, só que era como eu fiz, a gente tinha que, a gente, se a gente posse assim, a gente conse... ahhhh, atão, atão foi a história que eu escolhi – fala da V”.

Houve um momento em que, no vídeo, a V dá um “peidito”, como ela própria diz e ri muito. Passado esse episódio, pergunto à V se sabia o que é que se tinha feito depois de se ter feito a votação. “A gente teve que ir à sala da Helena hoje. Só que foi muito mal, eles não concordaram com a gente – fala da V”. Tendo em conta que a Valentina disse, pergunto se gostou de ir à sala B1 apresentar o vídeo que ela e outras crianças fizeram para convencer essa sala a escutar a história do *Eustáquio o mágico magnífico*, a história que eles consideraram ser a mais engraçada. A V responde “Não, mas sabes porquê, a gente só teve de ficar em pé, em pé, em pé e foi... Sabias...– fala da V”. Pergunto se não gostou por ter ficado em pé e a V responde “Não era bem isso, tu prometeste que a gente ia dançar à sala B1! – fala da V”. Explico que não tinha prometido nada e que tinha dito que íamos mostrar os vídeos. A V responde que teve uma ideia: “Sim, só que eu tive uma ideia. Eles como não sabem como era a dança, só viram o vídeo, a gente pode ensiná-los a dançar – fala da V”. Eu respondo que podia ter dito essa ideia mais cedo, porque assim dançávamos na sala B1. A V responde que era isso que ela me queria dizer e eu peço desculpa por não ter percebido antes. A V também comenta “O que escreveu a história também não é muito sábio... – fala da V” e eu respondo que se calhar o senhor não tinha explicado bem as coisas.

Passo a perguntar o que é que ela tinha feito para convencer a sala B1 a ler a história e que tínhamos usado uma coisa especial. A V responde “Sim, mas olha, a gente olha, era assim: eu vou fazer um momivento – levanta-se da cadeira onde estava sentada e sai da frente da câmara – eles estavam assim a ver, mas só que, como eles só viram, eles não sabiam dançar os passos – fala da V”. Concordo com ela e pergunto novamente o que é que eles foram fazer à sala B1 e o que é que eles foram mostrar. A V faz comentários sobre a escola e sobre outras coisas que está a ver e eu repito sete vezes a mesma questão, sem obter uma resposta, com a Valentina a fazer, por exemplo, comentários sobre a escola, a cadeira estar

quente ou o lixo que estava no chão antes de responder “Um vídeo – fala da V” e de comentar que ainda tinham de fazer a apresentação dos homens primitivos.

Perguntei depois como é que a V e o seu grupo tinham feito o vídeo, pelo que ela me respondeu “A gente teve que usar o teu telemóvel! Só que há um problema – fala da V”. Pergunto qual seria o problema e ela fala sobre uma outra proposta desenvolvida pela educadora num outro dia.

Tento recuperar o tópico de conversa que tínhamos começado anteriormente, dizendo que eles tinham usado o meu telemóvel para fazer um vídeo, mas a V continua a falar sobre a proposta da educadora. Quando tento de novo falar sobre o que as crianças tiveram de fazer para fazer o vídeo, a V levanta-se e vem para perto de mim dizendo que tem um segredo para me contar. Sussurra que o meu colar é muito giro e que existe uma loja de monstros e uma loja de doces azedos.

Pego na última coisa que a V me disse e pergunto se usámos doces azedos para fazer o vídeo e ela responde que não. Pergunto então o que é que fizeram no vídeo e ela comenta que a escola está torta. Pergunto mais uma vez o que é que eles fizeram no vídeo e ela responde que usaram o meu telemóvel e que “A gente mostrou como se faz, mas só que... pera... – fala da V”. Perguntei se dançaram e ela acena com a cabeça. Começo a perguntar o que é que as outras crianças fizeram no vídeo, começando pelo L. A V diz que sim, sentando-se novamente e puxando a mesa para perto de si e diz “Sabias, é assim: tu deverias ter postado o R, para eles verem como ele estava amuado – fala da V”. Comento que como ele não quis fazer não era obrigado a fazer. Pergunto de novo se sabe o que é que o L fez no vídeo e a V olha para a mesa batendo com os dedos na mesma. Ao obter nenhuma resposta, relembro-a que o vídeo que fizeram começou com o L a falar sobre algo. Pergunto sobre o que é que ele estava a falar e a V respondeu que era sobre a história do Eustáquio. Tendo em conta esta resposta, digo depois que a V, a M e a MR fizeram algo Pergunto o quê e a V responde “Dançamos a dançaaaaaa... Dançamos a dançaaaaaa... – fala da V, enquanto bate com as mãos na mesa, fazendo um ritmo e cantando”. No fim, pergunto o que a MS tinha feito e a V diz “Eu sei porque é que tu gostas muito de mim escolhes-me sempre em primeiro – fala da V”. Pergunto porquê e ela diz “Porque eu sou bué gira – fala da V”. Concordo e pergunto de novo se a V se lembrava do que é que a MS tinha feito, lembrando o que me tinha dito sobre as outras crianças. A V respondeu que a MS tinha batido “Palminhas– fala da V”, fazendo a mesma ação.

Quando vou perguntar se achava que a sala B1 tinha gostado da história, a V diz “Mas olha, a MR nunca acaba do momento, ela acaba, mas depois esquece-se logo – fala da V”. Pergunto se achava que a sala B1 tinha gostado da história e a V acrescenta “Sabes porque é que eu também disse «Ah, ainda não terminei, não não!»? Porque ela também disse «eu ainda não terminei, não», e ela não dançou e depois eles vão achar que um tem de dançar do... Marta, tu não deverias ter dizido aquilo. – fala da V”. Pergunto porquê e ela responde “Porque senão, porque senão eles iam logo perceber que um dançava como queria, outro dançava como queria e só um – mostra-me um só dedo da sua mão – é que dançava como fazia – fala da V”. Digo-lhe que se calhar não o devia ter feito.

Pergunto se achava que a sala B1 tinha gostado de ouvir a história e ela olha para mim e acena negativamente com a cabeça, dizendo que não. Eu pergunto porquê e ela pede para eu não escrever, antes de olhar para a minha folha e de responder “Porque eles disseram que não, que não iam ler a história, toda

a gente sabe– fala da V”. Digo que foram uns malandros por não quererem ler a história e a V diz “Ah, mas quando quiserem que a sala da Lígia leia, ela não lê. Foi a decisão deles – fala da V”.

Posto isto, pergunto qual a parte do projeto que ela mais gostou de fazer, dando-lhe opções. A V responde que o que mais gostou foi votar no livro, acrescentando “Sim, porque eu demorei um bocadinho – fala da V”. Perguntei também se achava que os restantes amigos da sua sala tinham gostado de fazer o mesmo projeto e ela começa a rir-se, dizendo “Mas eles, mas eles não fizeram trabalho!... – fala da V”. Explico que algumas crianças fizeram, dando exemplos de algumas crianças também filmaram os vídeos. A V diz “Não, tu tavas, tu tavas a, tu disseste... pera, esta é a página aonde tu começaste? – fala da V, apontando para a folha das questões a perguntar às crianças da amostra”. Explico que só faltavam 2 perguntas para acabar. A V diz que não quer que acabe porque “Eu, eu tenho muita coisa para dizer – fala da V”. Rio-me e concordo com ela, que ela tem mesmo muita coisa para dizer, mas se isso era uma coisa boa, uma vez que eu gostava muito de ouvir. Isto fez com que a V sorrisse. A V diz ainda que quando os amigos comessem a arrumar é que terminaria, uma vez que não gosta de fazer puzzles. A V pede ainda que eu não diga a ninguém, uma vez que era um segredo.

Pergunto se achava que os seus amigos da sala também tinham gostado de escolher as histórias, de as ler. A V diz que ouviu sala B1, mas eu corrijo-a, dizendo que agora estávamos a falar da sala B2, a nossa sala. Ela diz que somos os maiores e eu explico que a sala B1 na sala da educadora Helena e a sala B2 da educadora Lígia. A V pergunta qual é a sala B10, rindo-se e eu explico que não existe. Pergunto, de novo, se achava que os amigos tinham gostado de fazer o projeto e ela responde “Olha, hmmm... tu sabias, tu não sabes coisas, por isso é que eu tenho que te ensinar– fala da V”. Eu respondo que é por isso que lhe estou a fazer aquelas perguntas e volto a perguntar se achava que os seus amigos tinham gostado de fazer o projeto. Começa por responder que não, dizendo depois “Eu já... já sei. Tu sabias que a sala B2 é um bocadinho distraída? – fala da V”. Pergunto se achava que eles não tinham gostado por serem um pouco distraídos e porque é que eles eram distraídos. A V aproxima-se de mim e sussurra que tem um supermercado que ela conhece.

Pergunto de novo porque é que ela achava que os amigos não tinham gostado de fazer os trabalhos e ela responde que afinal eles tinham gostado. Quando pergunto porquê ela responde “Porque eles gostaram de ver – fala da V”. Pergunto o que é que será que eles gostaram de ver e a V comenta que a atividade vinda do exterior vinha daqui a pouco. Eu comento que estava mesmo quase a chegar, pelo que teríamos que terminar entretanto, ou ela não iria conseguir participar nela. A V volta a dizer que só iria terminar quando os amigos comessem a arrumar e eu prometo que iria ficar alerta, caso ouvisse a educadora a mandar as crianças arrumar.

Para ter certeza se tinha percebido bem a sua resposta, volto a perguntar se achava que os seus amigos tinham gostado e ela responde que sim, perguntando também porque é que eu tinha uma folha à minha frente. Respondo que é porque a folha tem as perguntas que eu teria de lhe fazer. Subitamente, a V diz que aquilo que foram fazendo que eu ia guardar nas suas caixinhas. Eu explico que tenho que guardar tudo, para mostrar às minhas professoras. A V comenta que as minhas professoras são as melhores e eu concordo. A V diz também que a minha colega de prática pedagógica não fora muito boa para eles, “Porque ela, porque ela, porque ela tá, tá a fazer um trabalho comigo– fala da V”. Pergunto porque é que a minha colega de prática pedagógica não tinha sido boa e a V responde “Porque ela, ela teve um trabalho

comigo, só que ela teve de ir embora muito cedo, muito cedo – fala da V”. Explico que não a deixaram ir mais e a V explica que não foi isso, mas sim “Era que ela está a fazer um trabalho sobre mim – fala da V”. Acrescenta ainda que gosta de comer uma “Salsichinha – fala da V”.

Pergunto se acha que vai continuar a ler e ouvir mais histórias e se gostava de histórias. Antes de responder, diz que quer mostrar uma coisa e levanta a calça, mostrando-me uma ferida que tinha feito. Voltando a repetir a pergunta, a V acena com a cabeça e eu pergunto qual seria gostaria de ler a seguir. Responde “A história de um menino que foi picado por uma abelha – fala da V”. Comento que ela gostou muito dessa história, por já ter falado da mesma duas vezes. A V continua a dizer “Só que depois ele engoliu... ele picou aqui – aponta para a bochecha – mas depois ele a querer fazer isto – faz um movimento com a boca – com muita força engoliu a abelha e depois picou no coração e ele ainda ahahhh, ahhh! – fala da V, gritando”. A V ri e diz “É muito engraçado – fala da V”.

Antes de acabar a entrevista, pergunto o que é que V aprendeu com o projeto, com todos os trabalhos feitos. A V responde que já viu o rei das abelhas na sua casa e que era muito grande. Perguntei se tinha tido medo e a V acena afirmativamente com a cabeça. Perguntei se tinha fugido e ela responde que não, uma vez que estava dentro de casa e que ficou no seu lugar. A única coisa que tinha feito foi avisar o pai de que estava ali perto de uma abelha e que ela não tinha tido medo dos humanos, só um bocadinho, porque eles vão com um pau. Acrescenta também que era da natureza.

Pergunto de novo o que é que ela tinha aprendido e ela responde que no seu aniversário iria receber um cãozinho. Pergunto se estava contente, visto que tinha saltado no seu lugar enquanto sorria e agitava os seus braços e ela responde que sim. Pede para ver no meu telemóvel quanto tempo faltava para a Lúcia mandar arrumar e eu informo-a de que já faltava pouco tempo para tal acontecer, mas que ainda teríamos algum tempo, levando-a a dizer “Ufa! – fala da V”.

Volto a perguntar o que é que tinha aprendido e a V exclama que eu estava a fazer muitas perguntas. Corto o seu raciocínio dizendo que aquela era a última e ela sorri, dizendo que tem ainda muitas perguntas. Digo-lhe para as fazer, mas que eu também precisava de fazer o meu trabalho. A V concorda, mas depois seria ela a ver isso.

Pergunto, mais uma vez, o que tinha aprendido e ela responde “Eu aprendi que o Eustáquio existia – fala da V”. Pergunto se existiria mais alguma coisa e ela responde que já tinha visto no circo. Vai para partilhar porque tinha visto quando comenta que tinha ficado muito zangada. Pergunto porque ela responde “Porque não apareceram os leões – fala da V, cruzando os braços e olhando para a parede”. Pergunto se era no circo ou na história e ela responde que era no circo e que “Por acaso eles eram bonzinhos – fala da V”.

Pergunto se ela só tinha aprendido que o Eustáquio existia e ela diz “Oh Marta, mas agora vou te fazer umas perguntas, porque também fizeste perguntas – fala da V”. Digo que ela podia fazer perguntas quando eu acabasse de fazer as minhas, ao qual ela concorda.

Pergunto se tinha aprendido mais alguma coisa e ela diz que sim, sendo que eu lhe pergunto o que é que ela tinha aprendido mais. Pergunto se tinha aprendido a fazer vídeos e ela dispersa a sua atenção para a casinha, onde estávamos a fazer a entrevista. Respondeu que aprendeu “Que talvez eu também apareça no circo – fala da V”.

Finalmente deixo a V fazer as perguntas que tanto queria fazer e ela comenta que só faltava fazer uma coisa da minha folha. Digo que essa pergunta era para saber se ela gostava de dizer mais alguma coisa e ela acena com a cabeça afirmativamente, com um sorriso na cara. Diz “Eu gostava que Eustáquio fosse eu – fala da V”. Repito o que disse e a V acrescenta “Sim, porque eu também gostava que nós fossemos as Eustáquias – fala da V”. Pergunto porquê e ela responde “Porque assim a gente podia ir à sala dos meninos fazer o truques. Imagina: a gente fazer isto – estala os dedos – a gente dava abracinhos sem eles saberem – fala da V”. Pergunto se gostava de dar abraços sem as pessoas saberem e ela responde que sim, dizendo que é muito divertido. Pergunto se quer dizer mais alguma coisa e ela diz “Só falta esta aqui. Sim, o que é... tu tens óculos, não tens? – fala da V”. Digo que sim e ela acrescenta “Só que o Eustáquio não tem óculos. Tu sabias que ele também se fechou? – fala da V”. Depois levanta-se para tirar as pedras e as areias que estavam dentro da casinha, comentando “Não é para tar pedrinhas aqui. Eu acho que não é... nem areia! – fala da V”. Comento que é normal entrar alguma areia, porque ela entra com o vento.

Pergunto se gostaria de me fazer mais alguma pergunta e ela diz que sim, perguntando “O que eu tenho para dizer é que eu gosto muito de ti – fala da V”. Digo que também gosto muito dela e que iria ter saudades suas, porque o dia seguinte seria o meu último na instituição. A V faz beicinho e eu digo que depois viriam mais estagiários. A V olha para mim com um ar confuso e diz “Mas... eu não vou conhecer muito bem as estagiárias... – fala da V”. Explico que quando eu e a minha colega de prática pedagógica chegámos à instituição ela também não nos conhecia, mas que depois ficou a conhecer. Pergunto se tinha gostado de o fazer e ela acena afirmativamente com a cabeça. Explico que iria conhecer as novas pessoas e que também iria gostar delas, porque seriam muito simpáticas. A V diz “Ainda bem que há aqui... não é muito ainda bem, porque amanhã... mas tu amanhã ainda vais ficar cá? – fala da V”. Explico que só iria no dia seguinte e que depois não voltaria mais. A V “Ó toca aqui na minha barriguinha – fala da V”. Comento que está quente e que parecia um frango assado, levando a que a V se risse e dissesse “Tu não podes me comer! – fala da V”. Pergunto se podia comer as gomas das suas calças e ela responde que não são gomas. Pergunto o que são e ela diz que são ursinhos. Digo que eram gomas de ursinhos, perguntando se poderia comer um amarelo. Diz que sim e finjo comê-lo, indicando que já tínhamos acabado, perguntando se queria dizer mais alguma coisa. Responde “Eu vou-te perguntar muita coisas, porque tu me perguntaste estas todas – fala da V”. Seguidamente pergunta “Marta, porque é que tu vieste para esta escola? – fala da V”. Explico que foi uma escolha dos meus professores. A V diz “Mas Marta, tu era melhor dizeres assim, se tu dissesse assim «Marta, vocês vão sair desta escola, só para ver se vocês voltam» (inaudível) «Marta, vocês vão ficar cá!» e tu disseste isso! – fala da V”. Explico que não podia dizer que não e que quando vim pela primeira vez para ali tinha sentido medo. A V pergunta porquê e eu explico que não os conhecia, não sabia se iam gostar de mim, se me iam bater muito. A V diz “Olha, mas bater assim – mostra como se faz, batendo gentilmente no seu corpo – é porque quando tu estás distraída, a gente de bater assim, senão tu não, não percebes – fala da V”. Digo que tem razão e ela pede para ver se já está na hora de arrumar. Digo que sim e a V diz “Então eu... desculpa, eu já terminei as perguntas – fala da V”. Pergunto se já terminou e que iríamos para a sala, pedindo a sua ajuda para levar as coisas para dentro.

Dia: 3 de fevereiro de 2023

Entrevista final à criança MR

Crianças observadas durante o vídeo: MR

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Começo por perguntar à MR se ela se lembrava de eu a ter chamado para lhe fazer umas perguntas e para escolher um livro. A MR responde que sim e eu depois pergunto quais é que tinham sido os livros que foram escolhidos para ler na sala. Ela responde que não abanando a cabeça. Relembro que tinham sido 3 os livros escolhidos e ela pensou um pouco antes de responder “O mágico, era do... era do desenhar a vaca – fala da MR”. Quando lhe pergunto qual é que teria sido o último ela responde “Do que pi... do que ficou todo preso – fala da MR, agitando o seu braço”.

Pergunto qual foi a história que ela tinha gostado mais e ela responde “A do... Do mágico – fala da MR”. Quando lhe pergunto porquê a MR responde “Porque ela ganhou – fala da MR”. Perguntei-lhe também o que é que ela tinha gostado mais na história e ela respondeu “Porque... ele desapareceu – fala da MR, batendo com as mãos na mesa”. Pergunto se seria capaz de contar a história e a MR responde que não. Pergunto o que é que tinha acontecido na história e a MR responde “Não sei – fala da MR”. Relembro-a de que a personagem aparecia e desaparecia e ela acrescenta “Só que tu não viste. só que ele estava assim, queres ver? – fala da MR”. Levanta-se da cadeira onde estava sentada e diz “Olha aqui: ele estava assim em baixo escondido assim, olha. Estava assim- agacha-se e esconde a cabeça- para tu não veres e depois, e depois o chapéu estava à frente e tu não viste- diz enquanto se senta de novo na cadeira – fala da MR”. Quando se senta ela diz “Ele é muito malandro. Tu viraste a página – fala da MR”. Respondo que já não me lembrava e pergunto o que é que se tinha feito com as histórias, sendo que primeiro se tinham lido as histórias. A MR responde “E depois o mágico ganhou – fala da MR”. Pergunto se se tinham lido as histórias e a MR responde que sim eu pergunto o que é que foi feito depois, porque nós tínhamos de escolher a mais engraçada. A MR responde “E foi, e foi o mágico – fala da MR”.

Pergunto depois como é que se descobriu a história mais engraçada e a MR responde “Porque o mágico ficou com muitas coisas – fala da MR, enquanto bate com as mãos na mesa”. Pergunto depois como é que se tinha descoberto a história mais engraçada e o que é que fizemos para tal acontecer e que até tínhamos feito na mesma casinha onde estávamos a fazer a entrevista naquele mesmo momento. Ela responde “Nós tínhamos que fazer assim-faz uma cruz na mesa com o dedo- no, papel e depois fazíamos um x, ou uma bolinha, ou um coração ou uma estrela – fala da MR”. Perguntei se tínhamos ido votar e ela acena com a cabeça. Pergunto depois também o que é que se fez na sala e a MR responde “Fazemos as coisas – fala da MR”. Pergunto onde é que se tinham posto os votos das histórias e a MR responde “Duma mesa – fala da MR”. Perguntei depois como é que se tinham contado os votos dentro da sala e a MR responde “Com as meninas a fazer... – fala da MR”. Hesita e olha para mim, batendo na mesa e fazendo uma cruz como seu dedo e eu pergunto se tínhamos usado o quadro e ela responde sim. Perguntei o que fazia eu no quadro e ela responde “Estavas a fazer assim- risca a mesa com os dedos, simbolizando os traços que fiz em cada história para simbolizar os votos – fala da MR”. Explico-lhe isso mesmo e perguntei quem é que tinha ganho a votação e a MR responde “Foi o... o mágico – fala da MR”.

Perguntei depois se tinha gostado de apresentar a história à sala B1 e ela respondeu afirmativamente. Quando perguntei à MR o porquê de ter gostado ela respondeu “Porque eles ouviram–fala da MR”. Perguntei depois se tínhamos um desafio para fazer e ela respondeu que sim. Quando perguntei qual era o desafio a MR respondeu “Era... era o quê? – fala da MR”, levando-me a explicar que até tínhamos visto um vídeo. A MR queixa-se do sol e eu fecho um pouco a porta para que o mesmo não lhe fosse para os olhos. Relembro que vimos um vídeo e pergunto de quem era. A MR respondeu “Era do que escreveu a história – fala da MR”. Perguntei então o que é que o senhor tinha dito e a MR diz “Era vencer... vencer... vencer a sala B1 – fala da MR”. Pergunto o que é que tínhamos de mostrar a essa sala e a MR responde “Os vídeos – fala da MR”. Perguntei depois também o que é que tinha sido usado para fazer os vídeos e ela responde “As nossas coisas do... do livro– fala da MR”. Pergunto-lhe o que mais tinha sido usado e ela responde “E também nós a, a filmar – fala da MR”. Quando perguntei o que tinha sido usado para filmar a MR responde “O telefone da Marta – fala da MR”.

Quando perguntei o que é que a MR tinha feito no vídeo ela respondeu “Eu estava ali parada a dizer, depois os amigos olharam para mim, viraram para mim muitas vezes – fala da MR”. Pergunto novo se se lembrava do que tinha feito no vídeo e a MR responde que não, levando-me a tentar lembrá-la e a responder ao que é que o L tinha feito ou o que é que a MS tinha feito, dizendo-me que não se lembrava. Quando vou explicar o que é que eles tinham feito a MR diz “Ela bateu palmas- referindo-se à MS – fala da MR”. Eu explico que o L tinha falado sobre a história e pergunto depois à MR o que é que ela tinha feito juntamente com a V e com a M, ao qual ela responde “Dançar! A MS, e a MS bateu palmas! – fala da MR”. Perguntei também o que é que o R tinha feito e ela respondeu “Não, ele tava ali deitado quando nós estávamos a dançar – fala da MR”.

Perguntei depois se ela achava que os meninos da sala B1 tinham gostado da história que fomos contar no dia anterior e a MR respondeu “Acho que não, porque eles disseram assim «ai, nós não gostámos!»” – fala da MR”. Comento que isso foi uma chatice e ela diz “Eu até chorei – fala da MR”, levando a que eu perguntasse se tinha ficado mesmo triste e a MR responde que sim.

Pergunto depois o que é que ela tinha gostado mais de fazer e quando ela ia responder interrompi-a sem querer. Paro e peço desculpa, deixando-a falar. A MR então diz que o que o que tinha gostado mais de fazer foi “Dançar – fala da MR”. Tendo por base aquilo que disse, perguntei se gostou de fazer o vídeo e ela respondeu que sim, acrescentando “E dançar – fala da MR”. Perguntei porque é que ela tinha gostado mais de dançar e ela respondeu “Por causa que... por causa que nós tínhamos que fazer o vídeo – fala da MR”. A MR então levanta-se para ver o que é que eu estava a fazer e eu explico que estava a escrever aquilo que ela estava a dizer, bem como a gravar o que ela fazia. Ela pergunta como e eu explico estou a usar o meu telemóvel, fazendo um vídeo. A MR volta a fechar a porta da casinha, para que o sol não lhe fosse para a cara.

Quando a MR acaba de fechar a porta com a minha ajuda da casinha e volta a sentar-se, pergunto se ela achava que os amigos da sua sala também tinham gostado de fazer este trabalho, ao qual ela responde “Eu estou com xixi – fala da MR”. Deixo que a MR vá à casa de banho, dizendo que não queria ir, acabando depois por ir, esperando que ela volte.

Quando repito a pergunta, a MR responde “Não sei – fala da MR”. Depois dessa pergunta, questiono se ela achava que ia continuar a ler e a ouvir muitas histórias, levando ao que a MR

respondesse que sim. Quando lhe pergunto qual seria a próxima história que ela gostaria de ouvir ela responde “Os 3 porquinhos – fala da MR”.

Antes de terminar esta entrevista, perguntei à MR se ela tinha aprendido alguma coisa. A MR responde que não sabe. Deixa cair a cadeira, coisa que já tinha feito uma outra vez por estar sentada em cima da mesa. A MR levanta-se para apanhar de novo a cadeira, comentando que estava sempre a cair. Digo-lhe para não lhe dar pontapés e ela responde que não o estava a fazer. Tento perguntar outra vez se a MR tinha aprendido alguma coisa nova, perguntando novamente o que é que ela tinha gostado mais de fazer e ela respondeu que tinha sido ler a história, resposta diferente da que ela tinha dada nisso inicialmente. Perguntei se ela tinha aprendido alguma coisa com a história e ela respondeu que não. Assim sendo, pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa, mas ela não responde, uma vez que estava a brincar comigo e com a cadeira, empurrando-a para trás e fazendo com que ela caísse enquanto eu a segurava para impedir de cair. Quando finalmente ela diz que sim à minha pergunta ela diz “Coração – fala da MR”.

ANEXO XX: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Questionário

O presente questionário surge no âmbito do relatório de Prática Pedagógica a ser desenvolvido no Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Neste contexto, o relatório que desenvolverei terá como questão norteadora do trabalho “De que modo um projeto de intervenção educativa poderá promover práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias?” e como objetivos:

1. Caracterizar práticas de leitura das crianças;
2. Promover práticas socializadas de escuta, narração e leitura de histórias, criando um projeto de intervenção pedagógica com e através das narrativas para a infância;
3. Refletir sobre o papel do educador como mediador de práticas de envolvimento da criança com o livro;
4. Refletir sobre o papel das famílias na prática de leitura das crianças.

O objetivo geral deste questionário é caracterizar as práticas de leitura das crianças e, por esta razão, consideramos de extrema importância recolher a vossa perspetiva, como encarregados de educação, sobre a relação das crianças com a escuta/leitura de histórias com o livro.

Desde já agradecemos a Vossa colaboração e informamos que todas as respostas a este questionário serão somente usadas para fins académicos, pelo que será assegurado total sigilo das mesmas.

Obrigada pela atenção e colaboração!

Marta Marques

Parte I- Caracterização da pessoa a preencher este inquérito

Género:

Habilitações académicas:

Grau de parentesco em relação à criança da amostra:

Idade:

Estado civil:

Profissão:

Parte II - Mediadores de leitura

1. Em contexto familiar, o/a seu educando escuta histórias?
 - 1.1. Se sim, quem lê ou conta histórias à/ao sua/seu educanda/o?
2. Sem ser em contexto familiar, o/a seu educando escuta histórias?
 - 2.1. Se sim, em que contextos é que o seu educando escuta histórias?
3. Costuma ler nos seus tempos livres?
 - 1.2. Se sim, que tipo de livros lê?
 - 1.3. Qual ou quais os seus livros favoritos?

Parte III- As histórias

4. Que histórias é que a/o sua/seu educanda/o mais gosta de escutar ou ler?
5. Que histórias são lidas /ao sua/seu educanda/o? Qual o seu conteúdo?
6. Onde vão buscar esses livros? (Compram? Vão à biblioteca? Outros sítios? ...)

Parte IV- Contextos de leitura das histórias

7. Quando é que a/o sua/seu educanda/o ouve/lê histórias?
8. Onde é que a/o sua/seu educanda/o ouve/lê essas histórias?
9. Quem escolhe os livros ou histórias a serem lidos à/ao sua/seu educanda/o?
10. O que acontece quando alguém lê histórias à/ao sua/seu educanda/o?

Parte V- Envolvimento das crianças

11. O que a/o sua/seu educanda/o sente quando ouve uma história? Feliz, triste, calmo? Porquê?
12. Quais são as histórias favoritas da/o sua/seu educanda/o? Porquê?
13. Pode fazer-me um resumo sobre o conteúdo dessa(s) história(s)?

Parte VI- Questões de opinião

14. Na sua opinião, qual é o valor que as histórias assumem no desenvolvimento e aprendizagem das crianças?
15. E na sua opinião, qual poderá ser o contributo das famílias e dos educadores de infância na promoção da relação da criança com a leitura e as histórias?

Obrigada, mais uma vez, pela sua colaboração!

ANEXO XXI: RESPOSTA DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO DO R

Questionário

O presente questionário surge no âmbito do relatório de Prática Pedagógica a ser desenvolvido no Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Neste contexto, o relatório que desenvolverei terá como questão norteadora do trabalho “De que modo um projeto de intervenção educativa poderá promover práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias?” e como objetivos:

1. Caracterizar práticas de leitura das crianças;

2. Promover práticas socializadas de escuta, narração e leitura de histórias, criando um projeto de intervenção pedagógica com e através das narrativas para a infância;
3. Refletir sobre o papel do educador como mediador de práticas de envolvimento da criança com o livro;
4. Refletir sobre o papel das famílias na prática de leitura das crianças.

O objetivo geral deste questionário é caracterizar as práticas de leitura das crianças e, por esta razão, consideramos de extrema importância recolher a vossa perspetiva, como encarregados de educação, sobre a relação das crianças com a escuta/leitura de histórias com o livro.

Desde já agradecemos a Vossa colaboração e informamos que todas as respostas a este questionário serão somente usadas para fins académicos, pelo que será assegurado total sigilo das mesmas.

Obrigada pela atenção e colaboração!

Marta Marques

Parte I- Caracterização da pessoa a preencher este inquérito

Género: Masculino

Habilitações académicas: Mestrado

Grau de parentesco em relação à criança da amostra: Pai

Idade: 42 anos

Estado civil: Casado

Profissão: Enfermeiro

Parte II - Mediadores de leitura

1. Em contexto familiar, o/a seu educando escuta histórias?

Sim.

1.1. Se sim, quem lê ou conta histórias à/ao sua/seu educanda/o?

Os pais, irmão e avós.

2. Sem ser em contexto familiar, o/a seu educando escuta histórias?

Sim.

2.1. Se sim, em que contextos é que o seu educando escuta histórias?

Em atividades de grupo com outros meninos.

3. Costuma ler nos seus tempos livres?

Sim, sempre que possível.

1.2. Se sim, que tipo de livros lê?

Enciclopédias e livros temáticos na área a enfermagem, gestão, qualidade, literacia em saúde.

1.3. Qual ou quais os seus livros favoritos?

Todo o tipo de enciclopédias e livros associados a temáticas descritas. Ex: Moderna Saúde Pública.

Parte III- As histórias

4. Que histórias é que a/o sua/seu educanda/o mais gosta de escutar ou ler?

Contos infantis. Preferencialmente histórias de monstros e de super-heróis

5. Que histórias são lidas /ao sua/seu educanda/o? Qual o seu conteúdo?

Exemplo de histórias tradicionais: capuchinho vermelho, gato das botas, branca de neve, três porquinhos, entre outras.

6. Onde vão buscar esses livros? (Compram? Vão à biblioteca? Outros sítios? ...)

Compra

Parte IV- Contextos de leitura das histórias

7. Quando é que a/o sua/seu educanda/o ouve/lê histórias?

Ao longo do dia, mais frequentemente ao final do dia.

8. Onde é que a/o sua/seu educanda/o ouve/lê essas histórias?

Em casa, principalmente no quarto.

9. Quem escolhe os livros ou histórias a serem lidos à/ao sua/seu educanda/o?

Escolha dos pais ou mesmo do menino.

10. O que acontece quando alguém lê histórias à/ao sua/seu educanda/o?

Escuta ativa com curiosidade permanente de saber cada vez mais da história.

Parte V- Envolvimento das crianças

11. O que a/o sua/seu educanda/o sente quando ouve uma história? Feliz, triste, calmo? Porquê?

Sentimento de felicidade e tranquilidade durante o período de leitura, associado ao gosto notório do momento vivido.

12. Quais são as histórias favoritas da/o sua/seu educanda/o? Porquê?

Histórias de fantasia em que sejam destacados “poderes” dos intervenientes. Por exemplo a leitura de temas com super-heróis, conduz o menino a sentir-se a viver o conto evidenciando os “poderes” descritos.

13. Pode fazer-me um resumo sobre o conteúdo dessa(s) história(s)?

Todas as histórias têm um fundamento, um mote, uma ideia a destacar. Os valores do bem, da razão, do coração, da bondade ou da responsabilidade, entre outras, fomentam o crescimento e consolidação de valores essenciais para o desenvolvimento da criança. Cada conto leva a um resumo final para a criança compreender o assunto.

Parte VI- Questões de opinião

14. Na sua opinião, qual é o valor que as histórias assumem no desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

De carácter vital no desenvolvimento da criança a todos os níveis: cognitivo, motor, social, intelectual, entre outros.

15. E na sua opinião, qual poderá ser o contributo das famílias e dos educadores de infância na promoção da relação da criança com a leitura e as histórias?

Reforço da importância da leitura enquanto base fundamental para o desenvolvimento do conhecimento individual e coletivo. Apostar promoção da leitura é prover as bases edificadores dos valores humanos de estar em sociedade e maximizar as várias áreas do saber.

Obrigada, mais uma vez, pela sua colaboração!

ANEXO XXII: RESPOSTA DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO DA MS

Questionário

O presente questionário surge no âmbito do relatório de Prática Pedagógica a ser desenvolvido no Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Neste contexto, o relatório que desenvolverei terá como questão norteadora do trabalho “De que modo um projeto de intervenção educativa poderá promover práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias?” e como objetivos:

5. Caracterizar práticas de leitura das crianças;
6. Promover práticas socializadas de escuta, narração e leitura de histórias, criando um projeto de intervenção pedagógica com e através das narrativas para a infância;
7. Refletir sobre o papel do educador como mediador de práticas de envolvimento da criança com o livro;
8. Refletir sobre o papel das famílias na prática de leitura das crianças.

O objetivo geral deste questionário é caracterizar as práticas de leitura das crianças e, por esta razão, consideramos de extrema importância recolher a vossa perspetiva, como encarregados de educação, sobre a relação das crianças com a escuta/leitura de histórias com o livro.

Desde já agradecemos a Vossa colaboração e informamos que todas as respostas a este questionário serão somente usadas para fins académicos, pelo que será assegurado total sigilo das mesmas.

Obrigada pela atenção e colaboração!

Marta Marques

Parte I- Caracterização da pessoa a preencher este inquérito

Género: Feminino

Habilitações académicas: Licenciatura

Grau de parentesco em relação à criança da amostra: Mãe

Idade: 39

Estado civil: Solteira

Profissão: Eng^a Civil

Parte II - Mediadores de leitura

1. Em contexto familiar, o/a seu educando escuta histórias? Sim

1.4. Se sim, quem lê ou conta histórias à/ao sua/seu educanda/o? Eu, mãe

2. Sem ser em contexto familiar, o/a seu educando escuta histórias? Sim

2.1. Se sim, em que contextos é que o seu educando escuta histórias? Escola

3. Costuma ler nos seus tempos livres? Sim

1.5. Se sim, que tipo de livros lê? Gestão Desenvolvimento pessoal

1.6. Qual ou quais os seus livros favoritos? “O Monge que Vendeu o Seu Ferrari”, “Essencialismo”,
“Desperte o Gigante que Há em Si”

Parte III- As histórias

4. Que histórias é que a/o sua/seu educanda/o mais gosta de escutar ou ler? Contos infantis

5. Que histórias são lidas /ao sua/seu educanda/o? Qual o seu conteúdo? “João e o Pé de Feijão”, “A Princesa e a Ervilha”, “Pequena Sereia”

6. Onde vão buscar esses livros? (Compram? Vão à biblioteca? Outros sítios? ...) Compramos

Parte IV- Contextos de leitura das histórias

7. Quando é que a/o sua/seu educanda/o ouve/lê histórias? À noite

8. Onde é que a/o sua/seu educanda/o ouve/lê essas histórias? Na cama

9. Quem escolhe os livros ou histórias a serem lidos à/ao sua/seu educanda/o? A educanda

10. O que acontece quando alguém lê histórias à/ao sua/seu educanda/o? Quando ela não conhece a história, no final falamos um pouco acerca do tema, geralmente ela dá-me a “versão” dela da história

Parte V- Envolvimento das crianças

11. O que a/o sua/seu educanda/o sente quando ouve uma história? Feliz, triste, calmo? Porquê? Calmo

12. Quais são as histórias favoritas da/o sua/seu educanda/o? Porquê? “Piu Caganita”, porque fala sobre os amigos e que todos temos de ser amigos

13. Pode fazer-me um resumo sobre o conteúdo dessa(s) história(s)? O Piu é uma pássaro que faz cocó para cima de tudo e de todos, quando lhe fazem o mesmo fica triste, está sem amigos. Tudo se resolve quando é colocado uma fralda. A história fala sobre o respeito pelos outros, de como se cultiva a verdadeira amizade

Parte VI- Questões de opinião

14. Na sua opinião, qual é o valor que as histórias assumem no desenvolvimento e aprendizagem das crianças? Contribuem para momentos de maior vínculo com os pais (no meu caso, comigo). São uma ferramenta para a formação da identidade da criança, para o desenvolvimento de valores, do imaginário, da inteligência emocional, etc.

15. E na sua opinião, qual poderá ser o contributo das famílias e dos educadores de infância na promoção da relação da criança com a leitura e as histórias? Permitir que as crianças tenham acesso aos livros, partilha de leituras entre as crianças.

Obrigada, mais uma vez, pela sua colaboração!

ANEXO XXIII: RESPOSTA DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO DA M

Questionário

O presente questionário surge no âmbito do relatório de Prática Pedagógica a ser desenvolvido no Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Neste contexto, o relatório que desenvolverei terá como questão norteadora do trabalho “De que modo um projeto de intervenção educativa poderá promover práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias?” e como objetivos:

9. Caracterizar práticas de leitura das crianças;
10. Promover práticas socializadas de escuta, narração e leitura de histórias, criando um projeto de intervenção pedagógica com e através das narrativas para a infância;
11. Refletir sobre o papel do educador como mediador de práticas de envolvimento da criança com o livro;
12. Refletir sobre o papel das famílias na prática de leitura das crianças.

O objetivo geral deste questionário é caracterizar as práticas de leitura das crianças e, por esta razão, consideramos de extrema importância recolher a vossa perspetiva, como encarregados de educação, sobre a relação das crianças com a escuta/leitura de histórias com o livro.

Desde já agradecemos a Vossa colaboração e informamos que todas as respostas a este questionário serão somente usadas para fins académicos, pelo que será assegurado total sigilo das mesmas.

Obrigada pela atenção e colaboração!

Marta Marques

Parte I- Caracterização da pessoa a preencher este inquérito

Género: Femenino

Habilitações académicas: 12ºano

Grau de parentesco em relação à criança da amostra: Mãe

Idade: 26

Estado civil: Casada

Profissão: Secretária/administrativa

Parte II - Mediadores de leitura

1.Em contexto familiar, o/a seu educando escuta histórias?

Sim, cada vez mais.

1.7. Se sim, quem lê ou conta histórias à/ao sua/seu educanda/o?

Mãe, pai ou avós

2.Sem ser em contexto familiar, o/a seu educando escuta histórias?

Não

2.1.Se sim, em que contextos é que o seu educando escuta histórias?

3.Costuma ler nos seus tempos livres?

Não

1.8. Se sim, que tipo de livros lê?

1.9. Qual ou quais os seus livros favoritos?

Parte III- As histórias

4. Que histórias é que a/o sua/seu educanda/o mais gosta de escutar ou ler?

Contos infantis (capuchinho vermelho, branca de neve, dentro destes géneros)

5. Que histórias são lidas /ao sua/seu educanda/o? Qual o seu conteúdo?

Branca de neve e os sete anões

Capuchinho Vermelho

3 Porquinhos

O conteúdo das histórias são contos infantis que deixam sempre algum ensinamento

6. Onde vão buscar esses livros? (Compram? Vão à biblioteca? Outros sítios? ...)

Em casa fizemos uma coleção de livros da Disney

Parte IV- Contextos de leitura das histórias

7. Quando é que a/o sua/seu educanda/o ouve/lê histórias?

Normalmente ao fim de semana

8. Onde é que a/o sua/seu educanda/o ouve/lê essas histórias?

Na sala, no sofá

9. Quem escolhe os livros ou histórias a serem lidos à/ao sua/seu educanda/o?

Quem escolhe os livros é ela

10. O que acontece quando alguém lê histórias à/ao sua/seu educanda/o?

Escuta com muita atenção e, às vezes, após a leitura faz algumas perguntas

Parte V- Envolvimento das crianças

11. O que a/o sua/seu educanda/o sente quando ouve uma história? Feliz, triste, calmo? Porquê?

Quando escuta histórias fica feliz, porque gosta de ouvir o que as personagens vão passando e porque gosta do momento calmo que se vive enquanto ouve.

12. Quais são as histórias favoritas da/o sua/seu educanda/o? Porquê?

Para ela todas as histórias que ouve são as favoritas, é o que ela diz. Porque gosta muito de ouvir todas

13. Pode fazer-me um resumo sobre o conteúdo dessa(s) história(s)?

Parte VI- Questões de opinião

14. Na sua opinião, qual é o valor que as histórias assumem no desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

As histórias assumem um grande valor no desenvolvimento e aprendizagem das crianças pois enquanto as escutam desenvolvem a sua concentração e imaginação e, na maioria das histórias, existe algum ensinamento que eles podem absorver.

15. E na sua opinião, qual poderá ser o contributo das famílias e dos educadores de infância na promoção da relação da criança com a leitura e as histórias?

O contributo das famílias e dos educadores deverá ser cada vez mais a estimulação da escuta/leitura dos livros. Acho que a iniciativa das crianças todas as semanas para casa é um ótimo contributo para a promoção da relação das crianças com as histórias e leitura.

Obrigada, mais uma vez, pela sua colaboração!

ANEXO XXIV: RESPOSTA DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO DO L

Questionário

O presente questionário surge no âmbito do relatório de Prática Pedagógica a ser desenvolvido no Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Neste contexto, o relatório que desenvolverei terá como questão norteadora do trabalho “De que modo um projeto de intervenção educativa poderá promover práticas socializadas de leitura/escuta e narração de histórias?” e como objetivos:

13. Caracterizar práticas de leitura das crianças;
14. Promover práticas socializadas de escuta, narração e leitura de histórias, criando um projeto de intervenção pedagógica com e através das narrativas para a infância;
15. Refletir sobre o papel do educador como mediador de práticas de envolvimento da criança com o livro;
16. Refletir sobre o papel das famílias na prática de leitura das crianças.

O objetivo geral deste questionário é caracterizar as práticas de leitura das crianças e, por esta razão, consideramos de extrema importância recolher a vossa perspetiva, como encarregados de educação, sobre a relação das crianças com a escuta/leitura de histórias com o livro.

Desde já agradecemos a Vossa colaboração e informamos que todas as respostas a este questionário serão somente usadas para fins académicos, pelo que será assegurado total sigilo das mesmas.

Obrigada pela atenção e colaboração!

Marta Marques

Parte I- Caracterização da pessoa a preencher este inquérito

Género: Feminino

Habilitações académicas: Mestre em Comunicação Acessível

Grau de parentesco em relação à criança da amostra: Mãe

Idade: 32

Estado civil: Casada

Profissão: Mediadora de Seguros

Parte II - Mediadores de leitura

1. Em contexto familiar, o/a seu educando escuta histórias?

SIM

1.10. Se sim, quem lê ou conta histórias à/ao sua/seu educanda/o?

EU e o PAI

2. Sem ser em contexto familiar, o/a seu educando escuta histórias?

SIM

2.1. Se sim, em que contextos é que o seu educando escuta histórias?

NA ESCOLA E COM OS AVÓS

3. Costuma ler nos seus tempos livres?

NÃO

1.11. Se sim, que tipo de livros lê?

1.12. Qual ou quais os seus livros favoritos?

Parte III- As histórias

4. Que histórias é que a/o sua/seu educanda/o mais gosta de escutar ou ler?

CONTOS

5. Que histórias são lidas /ao sua/seu educanda/o? Qual o seu conteúdo?

A BELA E A FERA, CAPUCHINHO VERMELHO, TRÊS PORQUINHOS, JOÃO E MARIA, PINÓQUIO

6. Onde vão buscar esses livros? (Compram? Vão à biblioteca? Outros sítios? ...)

COMPRAMOS PARA TER A CASA

Parte IV- Contextos de leitura das histórias

7.Quando é que a/o sua/seu educanda/o ouve/lê histórias?

ANTES DE DORMIR

8.Onde é que a/o sua/seu educanda/o ouve/lê essas histórias?

NO QUARTO DELE

9.Quem escolhe os livros ou histórias a serem lidos à/ao sua/seu educanda/o?

ELE MESMO

10.O que acontece quando alguém lê histórias à/ao sua/seu educanda/o?

OUVE COM ATENÇÃO E CONTA SOBRE ELAS

Parte V- Envolvimento das crianças

11.O que a/o sua/seu educanda/o sente quando ouve uma história? Feliz, triste, calmo? Porquê?

FELIZ E EUFÓRICO

12.Quais são as histórias favoritas da/o sua/seu educanda/o? Porquê?

A BELA E A FERA, CAPUCHINHO VERMELHO, TRÊS PORQUINHOS, JOÃO E MARIA, PINÓQUIO

13.Pode fazer-me um resumo sobre o conteúdo dessa(s) história(s)?

SÃO HISTÓRIAS COM FINAIS FELIZES, NORMALMENTE APRESENTAM UMA LIÇÃO A APRENDER E PRINCIPALMENTE ENVOLVE AVENTURA E DESAFIOS.

Parte VI- Questões de opinião

14.Na sua opinião, qual é o valor que as histórias assumem no desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

ACREDITO QUE DESENVOLVE NELE A FANTASIA E A CRIATIVIDADE, ALÉM DA CONCENTRAÇÃO E GOSTO PELA LEITURA.

15.E na sua opinião, qual poderá ser o contributo das famílias e dos educadores de infância na promoção da relação da criança com a leitura e as histórias?

ACREDITO QUE A FAMÍLIA TEM O DEVER DE INCENTIVAR A LEITURA ASSIM COMO TUDO QUE ENVOLVA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO. APRESENTAR PARA ELE AS HISTÓRIAS, LER PARA ELE NOS TEMPOS LIVRES E DEIXAR QUE ELE ESCOLHA QUE TIPO DE HISTÓRIAS AGRADA MAIS.

Obrigada, mais uma vez, pela sua colaboração!

ANEXO XXV: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 2 DO R

Dia: 23 de janeiro de 2023

Escolha do livro mais engraçado pela criança R

Expliquei a cada criança que eu tinha uma missão: encontrar a história mais engraçada do mundo. Contudo, não consegui escolher só uma... escolhi seis. Assim, precisava da ajuda deles para que escolhessem uma que achassem ser engraçada, tendo por base as ilustrações e a capa do livro.

O R e eu estamos sentados no espaço exterior, para que pudesse ver os livros. Começa por avisar-me que “É a última – fala do R”. Explico que agora teria de ver as imagens dos livros, para escolher uma que achasse mais engraçada. O R responde-me “Ah, mas eu leio só, é só para ver a primeira

só – fala do R”, mostrando-me um dedo.”. Digo que teria de ver as ilustrações dos livros ao mesmo tempo que coloco os livros à sua frente, para que pudesse escolher o livro que gostaria de ver primeiro. O R insiste em ver somente a primeira página, puxando para perto de si o livro *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Helène Rice. Assim o faz: abre a primeira página do livro para a ver, colocando-o depois de lado.

Pega depois no livro *A Toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça*, de Werner Holzwarth. Abre o livro e passa algumas páginas em silêncio. Pergunto porque gostaria de ver somente uma página, mas não me responde, dizendo que vai ver outra história. Fecha-o e sem querer deixa-o cair. Dá-mo a sorrir e abre o livro *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo.

Pergunto em voz alta qual será o livro que será o mais engraçado e o que o irá fazer rir mais. O R responde, depois de fechar o livro e coloca-lo de lado, “Ah, aquela que me faz rir mais é a última. Olha... - fala do R”. Pergunto qual é o último livro, mas o R interrompe-me, dizendo que a educadora já tinha lido o livro *Os bolsos da Marta*, de Quentin Blake. Pergunto se tinha gostado e achado engraçado e o R responde “Meio não e meio sim – fala do R”, enquanto o arrasta para o lado.

Pega depois no livro *Presos*, de Oliver Jeffers e no livro *O livro sem bonecos*, de B. J. Novak, com a mão esquerda e direita, respetivamente, dizendo-me “E, e... tu vês que eu tou... tu vês esta e eu vejo esta – fala do R”, insistindo em só vermos a primeira página, observando o seu livro e o meu, para ver se cumpria. Mostro que o livro que estava a ver, *O livro sem bonecos*, de B. J. Novak, só tinha letras, folheando algumas páginas. Fecha o seu livro e inclina-se para ver o meu, afastando-se depois para o chamar e escolher então o seu livro. Contrariado, volta e pega no livro *Presos*, de Oliver Jeffers.

ANEXO XXVI: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 2 DA MS

Dia: 23 de janeiro de 2023

Escolha do livro mais engraçado pela criança MS

Expliquei a cada criança que eu tinha uma missão: encontrar a história mais engraçada do mundo. Contudo, não consegui escolher só uma... escolhi seis. Assim, precisava da ajuda deles para que escolhessem uma que achassem ser engraçada, tendo por base as ilustrações e a capa do livro.

A MS começa por perguntar se iria ler todas as seis histórias que tínhamos à nossa frente. Explico que queria que visse as ilustrações das histórias e escolhesse aquela que gostava que fosse lida aos restantes amigos, por ser a mais engraçada. Começa por pegar no livro *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Helène Rice, e folheia algumas folhas, afirmando “Okay, só que eu depois não sei ler... – fala da MS”. Digo que não é preciso ler, que teria somente de ver as ilustrações. Seguro no livro, para que possa passar as páginas mais facilmente. Pergunto o que se passará nesse livro e a MS pergunta “E depois a gente só vai mostrar as imagens? – fala da MS”. Pergunto se se estava a referir aos seus amigos e responde que sim, levando-me a explicar que iríamos lê-las, ver o que estava escrito em cada um deles e que, para isso, ela precisava de ver cada livro, para escolher o mais engraçado. A MS comenta que uma página é engraçada e eu pergunto se lhe fazia rir. Acena que sim e continua a ver o livro. Distrai-se com as crianças que foram brincar para a rua, observando-as um pouco. Continua a ver as ilustrações da história enquanto eu peço a algumas crianças que se aproximavam para saírem do espaço, para que a MS pudesse ver as histórias calmamente. Depois disso, pergunto o que estava a achar da

história e responde “Bem, ainda não está muito engraçada... – fala da MS”. Entretanto mudamos para um local mais sossegado e como a MS não lhe tinha achado piada, fecha o livro.

Pergunto que história gostava de ver seguidamente e pega no livro *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo e começa a ver a história pelo meio. Chamo-a à atenção, o que a faz sorrir e, ao deixar cair o meu lápis, pega nele para me dar. Observa o livro e as suas ilustrações com uma cara séria. Peço a algumas crianças que se aproximavam para ver o que estávamos a fazer para saírem e a MS pede para irem brincar, com uma cara chateada. Uma das crianças, o R, fica escondida a espreitar e a MS a MS pede que saia, virando-se de lado para que o R não visse a história que estava a ver e assim não se estragasse a surpresa, comentando em voz alta “Vou ver assim – fala da MS. Quando o R sai a MS volta a sentar-se normalmente. Pergunto se está a achar a história que está a ver engraçada e responde que não. Ao ver a página onde a personagem é cortada ao meio a MS comenta “Eu quase sei como é que eles fazem esta mágica. Eles encolhem e depois eles metem aqui umas pernas falsas – fala da MS”. Comento que sabe muitas coisas sobre magia e ela explica que no ATL também fazem uma magia que é muito fácil de descobrir. Chegando a uma parte em que as páginas estão em branco, pergunto o que se terá passado e a MS responde “Não sei, eu acho que é para enfeitar – fala da MS”. Comenta que outra página também não tem nada e que continuava a não ser engraçada e o R volta para ao pé de nós e grita. A MS pede para parar e como já tinha acabado de ver o livro, sugiro que se veja outro.

Pega no livro *A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça*, de Werner Holzwarth, e folheia o livro e vê as ilustrações silenciosamente. Pergunto se será essa a história mais engraçada e a MS responde “Acho que não é – fala da MS, fazendo uma careta”. Continua a folhear as páginas e pergunto se conseguiríamos achar uma história que faça rir. A MS continua a virar as páginas e comenta que a história não está engraçada, acrescentando “Mas eu ainda vou ver o resto. Já acabou? – fala da MS”. Digo que sim e a MS diz “Tão pequenininha... acho que não é, acho que não é muito engraçada – fala da MS, fechando o livro e arrastando-o para o lado”.

Pega na história *O livro sem bonecos*, de B. J. Novak e repara na história *Os bolsos da Marta*, de Quentin Blake. Com uma cara surpreendida e a sorrir, olha para mim. Começo a rir um pouco e pergunto o que era, respondendo-me “A Lígia leu essa! – fala da MS”. Depois disso, começa então a folhear então o livro *O livro sem bonecos*, de B. J. Novak e eu pergunto se acha que essa história tem piada. A MS passa as páginas rapidamente, comentando “Acho que não – fala da MS”. Comento que esse livro tem muitas letras, ao olhar também para as ilustrações e a MS pergunta “Nunca vai aparecer pelo menos uma coisa? – fala da MS”. Continua a folhear o livro rapidamente, acabando por o fechar e arrastá-lo para o lado.

Pega no livro *Os bolsos da Marta*, de Quentin Blake, e digo que vamos ver se esse tem piada. A MS comenta que não tem e eu pergunto se não se tinha rido quando ouviu a história. Responde-me “Tem tanto bolso que nem é preciso tem ter tanto bolso... por acaso tu tens muitos bolsos aí? – fala da MS”. Respondo que tenho 4 bolsos e a MS comenta que a personagem tem mais bolsos do que eu, acrescentando também que “Ela tem para aí uns 1000 e depois tinha um bolso que tinha mais bolsos – fala da MS”. Respondo que, às vezes, daria jeito ter bolsos com muitos bolsos, pois dava para guardar muitas coisas. A MS diz “Tem tudo: tem gelados, tem buzinas... tem um bolso com bolsos... só há aqui uma coisa que é engraçada – fala da MS”. Pergunto qual é e ela vira as páginas para me mostrar, dizendo

então “Isto aqui é o que tem bolsos, isto aqui é o elefante. Como é que ia caber lá um elefante? – fala da MS, enquanto aponta para a ilustração”. Acaba de o ver e fecha o livro, arrastando-o para o lado.

Digo que falta o último livro e a MS confirma isso mesmo. Torno a lembrar de que depois teria de me ajudar a escolher a história mais engraçada e a MS responde “Se eu não achar nenhuma engraçada tenho que escolher uma que eu ache um bocadinho mais engraçada – fala da MS”. Concordo com ela. Vira as páginas do livro *Presos*, de Oliver Jeffers rapidamente e observa as ilustrações com uma cara séria, acabando por dizer que não ao livro.

Digo então que vou colocar todos os 6 livros que viu à sua frente e a MS interrompe-me, dizendo “E eu tenho que adivinhar uma que eu queira. Esta, esta já está aqui, eu não quero escolher esta – fala da MS sobre *O livro sem bonecos*”. Pergunto se era essa a história que queria, para tentar perceber o que tinha dito e responde-me que não quer escolher essa. Entretanto, deixa cair um livro no chão e debruça-se para o apanhar, falando em voz alta “Acho que não vai caber elas todas – fala da MS”. Respondo que não tem mal e seguro alguns livros, enquanto os outros ficam à sua frente. A MS ajuda-me a arrumá-los e diz “Eu vou, eu vou fechar os olhos e ver qual é que vai ser – fala da MS”. Explico que precisaria de escolher o livro mais engraçado com os seus olhos abertos, perguntando-lhe qual tinha sido aquele que tinha achado mais engraçado. A MS olha para os livros e balança o seu corpo, respondendo “Acho... acho que pode ser... não sei... - fala da MS”. Então, pergunto qual o livro que a fez rir um bocadinho e que achava que os seus amigos iriam achar também engraçada e a MS faz uma careta pensativa ao olhar para os livros e para mim, acabando por escolher *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Helène Rice.

ANEXO XXVII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 2 DA M

Dia: 23 de janeiro de 2023

Escolha do livro mais engraçado pela criança M

Expliquei a cada criança que eu tinha uma missão: encontrar a história mais engraçada do mundo. Contudo, não consegui escolher só uma... escolhi seis. Assim, precisava da ajuda deles para que escolhessem uma que achassem ser engraçada, tendo por base as ilustrações e a capa do livro..

Sento-me com a M no espaço exterior, para que pudéssemos então ver qual a história mais engraçada. Questiono qual gostaria de ver primeiro e pergunta-me “Huh... isto é uma história? – fala da M, referindo-se ao livro *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Helène Rice. Respondo que sim e ela pega então nesse livro. Tenta abri-lo, mas o livro fecha muitas vezes. Pergunto se é uma história diferente e responde-me que sim. Digo então depois que temos de ver se é engraçada, para a mostrar aos amigos. Passado um bocadinho, mostra-me uma página que tinha “Uma coisa sem cabeça – fala da M, rindo-se baixinho”. Continua a virar as páginas e como não estava a conseguir segurar o livro e virar as páginas ao mesmo tempo eu ajudo-a com isso. Vira a página e diz “Um menino sentado em cima dele. Tá na panela, ah! Tá a dar banho ao crocodilo Ai! – fala da M”. Continua a virar as páginas e diz “O menino tá dentro da barriga do crocodilo, porque comeu – fala da M”. Quando acaba o livro ri-se.

Pergunto qual o segundo livro que gostaria de ver e o que tinha achado da primeira história, respondendo-me que tinha gostado. Pergunto também se a tinha feito rir e responde “Fez só uma vez – fala da M”. Pega no livro *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo e passa as suas páginas, enquanto sorri e ri quando vê a personagem presa. Passam perto de nós algumas crianças e ela observa-as,

continuando a passar as páginas sem se aperceber. Questiono o que irá suceder-se a seguir na história e a M, ao ver a página onde a personagem desaparece, exclama “Ah!!! Fugiu! – fala da M. Também exclamo e as crianças passam perto dela de novo, fazendo com que as observe e continue a mudar as páginas sem se aperceber. Pergunto para onde terá ido a personagem e a M comenta, “Mas o que é que aconteceu a esta história? – fala da M”. Afirma que saiu das folhas, mas que estava em todas as folhas. Pergunto-me onde estará a personagem e a M responde “Ainda não está aqui, mas está aqui – fala da M, rindo-se”. Continua a mudar as páginas, rindo um pouco e quando acaba de ver a história pergunto se a achou engraçada, respondendo-me que sim, enquanto coloca-o longe de si.

A M escolhe então outro livro, *O livro sem bonecos*, de B. J. Novak, para continuar. Informa-me que está a fazer uma pilha de livros, dizendo depois, entusiasmada, “Eu já vi esta história! – fala da M, referindo-se a um outro livro perto de si”. Diz-me também que tinha sido a educadora a contá-la. Abre o livro que escolheu acabando por dizer que ainda não tinha aparecido nada, ao mesmo tempo que vai passando algumas páginas. Pergunto se a história tinha algum desenho, o que leva a M a responder “Não. Vai começar? – fala da M” Tenho de lhe perguntar 2 vezes se acha que a história é engraçada antes de me responder que não e comentar “Ei, isto é de canções... - fala da M”. Vira a página e olha para mim, dizendo que tinha visto uma coisa vermelha e continua a virar as páginas. Quando já se encontrava no final, pergunto se a história é engraçada, comentando que “Não apareceu nenhuma pessoa... - fala da M”, acenando também que não com a cabeça, enquanto fecha o livro.

Digo para se escolher a próxima história e a M diz, prontamente, enquanto pega na história *Os Bolsos da Marta*, de Quentin Blake, “Esta! Esta é engraçada que eu sei! – fala da M”. Deixa cair um livro e apanha-o a rir, antes de se focar na história que estava a ver nesse momento. Comenta que a personagem tem muitos bolsos e que saíram lenços e quando lhe questiono como se chamava a personagem responde “A história da Maria – fala da M”. Aquando dessa resposta, pergunto se a história não se chamava Os Bolsos da Marta e ela concorda comigo, exclamando “Ah, é Marta! – fala da M. Continua a mudar as páginas e falar de coisas que vê nas ilustrações e que a personagem tira de dentro dos seus bolsos, acabando por comentar, no fim, “Ela tem muita coisa nos bolsos – fala da M”. Por fim, surpreende-se com o elefante que sai de dentro dos bolsos e quando pergunto como é que um elefante cabe dentro de um bolso responde-me que também não sabem, nem como isso aconteceu, acabando por fechar o livro.

Por faltarem duas histórias, pergunto qual das duas gostaria de ver primeiro. A M pega no livro *A Toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça*, de Werner Holzwarth, proferindo um “Uau – fala da M”. Vira as páginas e comento que a toupeira era uma coitada, mostrando-lhe o que tinha em cima da cabeça. Ri-se quando vê o que é e diz “Foi um pássaro. Ah, foi um pássaro, porque olha aqui o cocó dele – fala da M”. Vai virando as páginas e comentando as ilustrações que vai vendo, até acabar a história, dizendo “Acabou... Era, é uma história um pouco pequena – fala da M”. Depois fecha o livro.

Dou-lhe o último livro, o *Presos*, de Oliver Jeffers, para que o pudesse ver, dizendo que depois tem de me ajudar a escolher só uma, a mais engraçada para ela. Abre o livro e vira a página, mas tem dificuldade. Afirma que nunca tinha visto essa história, virando algumas páginas, tecendo novamente comentários curtos sobre as ilustrações. Quando acaba de ver o livro fecha-o e eu digo que vou colocar as histórias todas em cima da mesa, para que pudesse escolher a mais engraçada. Pergunto então qual tinha

sido o livro que a fez rir mais e a M pensa um pouco, apontando, por fim, para o livro *Eustáquio, o Mágico Magnífico*, de Alexandre Rampazo, rindo-se.

ANEXO XXVIII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 2 DO L

Dia: 23 de janeiro de 2023

Escolha do livro mais engraçado pela criança L

Expliquei a cada criança que eu tinha uma missão: encontrar a história mais engraçada do mundo. Contudo, não consegui escolher só uma... escolhi seis. Assim, precisava da ajuda deles para que escolhessem uma que achassem ser engraçada, tendo por base as ilustrações e a capa do livro.

Eu e o L ficamos no espaço exterior e eu coloco perto dele os livros que precisava de ver, para escolher o mais engraçado. Pergunto qual quer ver primeiro e responde “Mas eu acho que tem um aqui pegaste... que tava muito mais engraçado, eu tou a sentir aqui – fala do L”. Pega então no livro *A Toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça*, de Werner Holzwarth e quando lhe digo que tem que ver qual a história mais engraçada o L assente. Começa a passar as páginas e pergunta que animal é que está nas mesmas. Respondo que é uma toupeira e o L identifica também uma abelha. Vou conversando com o L, para perceber o que estava a achar da história e se a achava engraçada. Comenta que o que a toupeira tem na cabeça “Esse aqui até parece um cocó! – fala do L”. Vira a página e olha para as mesmas, perguntando o que era o que estava a ver, enquanto encolhia os ombros e sorri. Pergunto se está a ser engraçada e responde-me que sim. Vira mais duas páginas e exclama “acho que isso aqui era... eu acho que isso aqui era cocó e isso aqui era chichi também – fala do L”. O L depois chega a uma conclusão “Porque isso... mas é que tem cocó diferente, porque eles, os animais, são um pouco diferentes – fala do L”. Vemos moscas na história e o L pergunta-me o que estavam a fazer. Respondo que teríamos de ler a história para descobrir. Viramos mais algumas páginas e quando acabamos de ver esse livro digo para vermos as próximas histórias, para ver se há alguma engraçada.

O L prontamente diz “A verde, a verde! – fala do L”, enquanto se move para chegar ao livro *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Helène Rice. Pergunto se acha que será engraçada e o L responde “Eu acho que é, eu acho que o nome dela é página – fala do L”. Comento que não sabia e digo para vermos se é engraçada ou não. O L vira as páginas e pergunto se acha que essa história o vai fazer rir com os seus disparates. Responde que não sabe. Pergunta o que era aquilo que estava a ver e respondo que era uma boa pergunta, levando-o a comentar “Eu acho que isto aqui tinha uma pessoa, ela botou um pé, uma caixa, um pé de brinquedo e aí juntou e aí fez uma mágica e virou isso – fala do L”. Pergunto o que era aproxima ilustração e vira a página, respondendo “Eu acho que ele misturou uma cauda, acho que ele misturou uma cauda com a caixa e virou um jacaré – fala do L”. Comenta também que “Eu acho que essa história é mágica – fala do L”. Sorri quando vê o jacaré a ser cozinhado, virando a página para ver as próximas ilustrações e o que se passava na história, comentando e descrevendo o que via ou dando hipóteses, como por exemplo “Oh lá, o que é isto? Aí ele vai fazer o cocó e aí vai sair daqui de dentro! – fala do L”. Vê uma pata a surgir na folha e comenta que vai aparecer um cavalo. Ao ver a nova ilustração, sorri quando digo que não é um cavalo. Quando acaba de ver a história, pergunto se gostou de a ver e qual a próxima.

O L diz que sim e pega no livro *Presos*, de Oliver Jeffers, comentando “Ah, esta aqui eu acho que é muito mais engraçada – fala do L”. Comenta também que achava que essa história era sobre

macacos, acrescentando depois “Ahh, eu acho que é do menino que vai soltar a pipa, esse menino vai soltar a pipa. Ahhh, aqui, ó! Ele, ele botou o sapato, soltou a pipa e aí jogou o sapato pra tirar a pipa! – fala do L”. O L diz isso enquanto vira a página do livro e sorri, olhando para mim. Vira as páginas e fica surpreendido quando a personagem atira o gato para cima da árvore. Vê também uma escada e diz em voz alta “E agora com a escada subiu – fala do L”. Questiono se acha que realmente fez isso, respondendo-me que não sabe e eu digo que achava que tinha atirado a escada pra cima da árvore. O L vira a página e aponta para a ilustração surpreso, antes de me dizer “Atirou a escada! Eu acho que ele vai atirar sabe o quê? – fala do L”. Respondo que não e o L vira a página, exclamando “Um balde! Um balde de tinta! – fala do L”. Continua a virar as páginas e fica cada vez mais entusiasmado a ver as coisas que vão parar à árvore, enumerando-as e dizendo várias vezes “Isto, isto, isto, que é isto?! – fala do L”. Eu incentivo-o, pergunto o que iria passar-se a seguir e responde-me “E atirou e atirou... oh e lá atirou um pássaro! Ups... ah, vai atirar!...” – fala do L. Digo para observar a árvore e passa a página ficando entusiasmado quando vê que a personagem vai atirar uma casa, assim como “Vai atirar a baleia! E vai atirar o farol! O que é isso, uma pessoa! Um gorila! Que é isso, ohhh uma pessoa! Ele jogou com a pessoa! Vai jogar o senhor! – fala do L”. Esta dinâmica acontece durante o resto da visualização das ilustrações do livro e quando o L acaba de o ver e eu pergunto se gostou da história exclama “Sim! – fala do L”.

O L depois pega no livro *Os Bolsos da Marta*, de Quentin Blake, para o ver de seguida, afirmando “Mas eu acho que essa aqui é mais divertida – fala do L”. Digo então para a ver e ainda acrescenta “Essa aqui tá parecendo do pai que tá enganando eles. Eu acho que deve ser o pai que tá enganando eles – fala do L”. Virando a página rapidamente muda de opinião, afirmando que afinal se trata de uma mãe. Comento que o seu casaco tem muitos bolsos, observando as ilustrações e o que a personagem tirava dos bolsos. O L vira a página e ri-se e diz “Ahh, ela rasgou tudo, eles rasgou! – fala do L” enquanto movia o seu dedo indicador pela página, dizendo “Ah sim, sim, sim – fala do L”. Enquanto vamos vendo livro e virando as páginas o L, de repente, pergunta-me “Lembra daquela história, que tu falaste, é aquela história, não, não vires a segunda página? – fala do L”. Respondo que sim e ele diz que viu um monstro vermelho. Vai virando as páginas e sempre que fica entusiasmado diz “Que é isso, que é isso, que é isso! – fala do L”. Chega também a bater com a sua mão na página.

Acabado o livro, pergunto qual gostava de ver de seguida e responde “Acho que esta aqui se chama... *Duende Bigode Mágico* – fala do L”, enquanto pega no livro *Eustáquio, o Mágico Magnífico*, de Alexandre Rampazo. Pergunto se achava que essa seria engraçada e responde que não sabe, comentando também que “Já tá acabando as histórias – fala do L”. Questiona-me o que estava escrito no livro e eu digo-lhe o título do mesmo, levando a que dissesse “É mágico... - fala do L”. Começa a folhear o livro quando, surpreso, diz “Ahhh! Que é isto?!... Uahhh! Uhhhh, ele botou no chapéu! Ahh, passei muitas páginas! – fala do L”. Explico que não o fez e observamos os dois as ilustrações. Vemos as magias que a personagem faz, virando as páginas e vou perguntando ao L se acha que a personagem vai conseguir realizar os seus truques, levando-o a dizer sempre que sim. O L também me chega a perguntar “Será que ele vai conseguir sair? – fala do L” e eu incentivo-o a ver comigo. Na parte da magia do desaparecimento, o L exclama, depois de virar a página “Ah, desapareceu! – fala do L”. Vira as páginas, para ver o que se sucedia depois e diz “Que é isto? Não há mais nada!... – fala do L”. Chega também a apontar para as letras que estavam na página. Comento que já não havia mais nada e o L continua a virar

as páginas até observar a personagem de novo, proferindo um “Oooh! – fala do L”. Comento que não estava a ver aí nada e quando acaba de o ver comenta que o livro “ É uma tontice! – fala do L”. Acaba por ver a personagem de novo na contracapa.

Digo que faltava somente ver mais uma história e o L pega no último livro *O Livro sem Bonecos*, de B. J. Novak. Passa uma criança do primeiro ciclo, que nos olha e pergunta porque é que não líamos a história e eu explico que queria que o L escolhesse a história mais engraçada sem se ler nenhuma. O L permanece quieto a olhar e depois vira a página, dizendo “Tá tudo em branco! Eu acho que ele tá a fazer uma mágica! – fala do L”. Digo que teríamos de ver e o L continua a virar páginas, até que me diz “Acho que esse livro é só em branco. Que é isto... não tá a aparecer nada... – fala do L”. Pergunto se acha a história engraçada, o que me faz ganhar um encolher de ombros por parte do L, que diz depois “Não tá a aparecer nada, nem pessoas nem animais! – fala do L”.

Pergunto então ao L qual a história que tinha achado mais engraçada, tendo em conta todas aquelas que eu lhe tinha mostrado. Responde que não sabe e continua a ver o livro, encontrando várias letras grandes. Continua a virar as páginas e comenta em voz alta “Acho que essa história não faz nada – fala do L”. Quando acaba de ver o livro, peço para não já embora, perguntando-lhe de novo qual a história que tinha achado mais engraçada. O L pega logo no livro *Presos*, de Oliver Jeffers.

ANEXO XXIX: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 2 DA V

Dia: 23 de janeiro de 2023

Escolha do livro mais engraçado pela criança V

Expliquei a cada criança que eu tinha uma missão: encontrar a história mais engraçada do mundo. Contudo, não consegui escolher só uma... escolhi seis. Assim, precisava da ajuda deles para que escolhessem uma que achassem ser engraçada, tendo por base as ilustrações e a capa do livro.

Permaneço sentada no espaço exterior com a V, para podermos ver os livros e para ela escolher qual a história mais engraçada. Coloco os livros em cima da mesa e a V, ao ver um dos livros escolhidos, e que a educadora já tinha lido, prontamente me diz “Ah, foi esta foi esta! Foi esta, olha aqui! Marta, queres que eu te mostre? – fala da V”. Digo que sim e ainda comenta “Tu vais adorar! – fala da V”. Explica-me, virando as páginas, que a personagem tem bolsos mágicos e que “Numa tem um rato, noutra tenho lenços para quem precisasse arrumar. Vamos aqui ver. Tinha guarda-chuvas para quem precisasse... eu vou te mostrar a parte mais engraçada – fala da V”. Questiono qual é a parte mais engraçada e a V ri-se, mostrando-me a parte onde a personagem tira de um dos seus vários bolsos umas buzinas para acordar umas pessoas. Termina de ver o livro, afirmando “Eu vou-te mostrar outro livro – fala da V”.

Digo então para ver qual será o outro livro que gostava de ver e escolhe o livro *A toupeira que queria saber quem lhe fizer aquilo na cabeça*, de Werner Holzwarth, dizendo querer ver o do Pingolas. Começa então a dizer, virando algumas páginas, “Vês, eu disse que eram os Pingolas. História Pingolas, pinguins, era uma vez um pingola. Ai deixa-me aqui ver qual é a página mais engraçada. Ui, não, são ratazanas. Vamos ver o que é que eles dizem – fala da V”. Mostra-me a ilustração e muda de página e eu pergunto se está a achá-la engraçada. Responde que sim e começa a explicar porquê, mas ri-se com a ilustração. Continua a falar sobre a mesma, fazendo caretas ou rindo-se para mim, e quando acaba de ver o livro diz “Vitória Vitória, acabou-se a história! – fala da V”.

Depois de arrumar os livros que já tinha visto numa pilha e de apanhar aqueles que já tinham caído, diz-me “Vou aqui ver esta. Um menino subiu à árvore. Esta deve ser bem assustadora! – fala da V”. Distrai-se um pouco com o que vou escrevendo e com o barulho das turmas de 1.º ciclo, mas depois abre o livro, para ver as suas imagens e diz, rindo “História, era uma vez um menino, ele estava com o seu para-quadras. Não sabia para onde ir. Voou – fala da V”. Entretanto, pergunto à V o que é que achava que tinha acontecido ao sapato da personagem da história, dizendo-me que ficou preso. Vê também que se atirou o outro sapato e um gato. Pergunto para que servirá a escada que a personagem tinha na mão e diz-me que é para subir. Pergunto se será e depois de a V virar a página diz “Será? Hmmm não, tentou atirar – fala da V”. Um pouco mais tarde, a V diz ainda “Mas parece um monstro. Hmmm, oh,oh, ele sem querer... foi mandar lá um balde, pumba, logo de volta... Esta história é um pouquinho sem graça... - fala da V”. Vira as páginas e vai dizendo algumas coisas que a personagem principal atirou para cima da árvore. Perguntei de novo o que achava da história, se era divertida e responde-me “Acho que não é – fala da V”.

Coloco a história no monte dos livros já lidos e a V sorri e abre o livro *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo. Comenta depois “Acho que isto... acho que a gente tem que ir fazendo isto... Rei... Reino. Marta, esta história é muito grande... A gente não pode ler esta... – fala da V” Digo para experimentar ver as páginas e responde-me, enquanto começa a virar as páginas, “Ok, mas eu não me vou habituar a ver – fala da V”. Começa então a contar a história, vendo as ilustrações, comentando depois “Acho que vai aparecer um que vai estragá-lo... – fala da V”. Vira mais algumas páginas até que depois diz “Marta... precisas ver isto – fala da V”. Mostra-me a ilustração da personagem principal do livro preso por correntes e eu pergunto se achava que ia conseguir escapar, ao qual a V me responde “Com certeza – fala da V”. Repito o que diz e ela ainda acrescenta “Pá, mas ele está ao contrário... – fala da V”. Acabamos por virar a página e a V exclama “É magia! Que mestre precioso... – fala da V”. A personagem fica presa num cofre e a V passa as páginas, rindo-se, mostrando-me a ilustração. Comenta que a personagem é um pouco maluquinha, porque “Então ele foi para dentro da água – fala da V”. Pergunto se acha que a história é engraçada e responde que já o tinha visto, pelo que não era engraçado. Chegamos à parte em que a personagem desaparece e a V afirma que sabe onde está. Digo para ver a página seguinte e assim o faz, agitando também o livro enquanto se se ri. Comenta também “Ele ficou preso! – fala da V”. Passadas mais algumas páginas, a V vê umas frases e lê-a, dizendo “Espero que vocês gostem, não fiquem em pânico, ele vai aparecer num momento – fala da V”. Continua a ler o que está escrito nas páginas, rindo-se e ainda me diz “O quê? É melhor a gente contar isto à Lígia rápido... - fala da V”. A personagem não aparecia e a V diz que tem de aparecer, mas que a personagem “Ele, ele foi andando para outra página – fala da V”. Pergunto se acha que o livro é engraça do e responde-me que não. Depois mostra-me a página onde a personagem finalmente aparece agachada. Digo que não estava a ver nada e ela leva a página para mais perto de mim. Digo de novo que não via nada e ela aponta para a ilustração. Insisto que não via nada e que era uma página branca, mas a V também insiste, dizendo “Não é... Marta vê – fala da V”. Digo para passar a folha e a personagem principal desaparece de novo. Quando encontra de novo a personagem diz para eu olhar e eu digo de novo que não vejo nada, dizendo também que achava que me estava a enganar. Aponta para a ilustração e comenta que era estranho. Acaba a

história e pergunto qual tinha gostado mais «. Diz que ainda temos 2 para ler e eu digo que é somente para ver as ilustrações.

Pega no livro *O livro sem bonecos*, de B. J. Novak e diz “Eu vou dizer primeiro ao pessoal – fala da V”. Digo que não o podia fazer, por ser um segredo por enquanto, mas ela diz que é a fingir. Abre então o livro e comenta, olhando para mim a sorrir “Ahh, muitas letras! Isto não tem nada... - fala da V”. Comenta também que o livro não é divertido. Pergunto então se vai escolher essa e a V responde “Não, a gente já sabe como é esta – fala da V”.

O último livro que a V vê é *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Helène Rice. Imagina que é parecido com um telefone e ri-se. Abre o livro e a primeira coisa que diz é “Uau, ela tem a cor assim! – fala da V”. Finge que o livro é um telemóvel, devido ao seu formato diferente, e depois chama o meu nome duas vezes, para eu ver as ilustrações. Pergunta-me se queria que me mostrasse mais e eu digo que sim, virando a página. Comenta também que “Eu deixei esta para a única, porque ela é uma lição interterminável – fala da V” e acabamos por nos rir as duas. Ri-se com o crocodilo na panela. Fala que apagou-se a barriga do crocodilo e imita a sua cara de chateado. No final, resmunga que a história era muito pequena.

Pergunto-lhe qual das histórias que viu é que achou mais engraçada e diz que *Os bolsos da Marta*, de Quentin Blake não podia ser escolhido, visto já terem lido esse livro. Pega nas histórias que tinha dito que não eram engraçadas e diz-me “Eu estou um bocadinho... Eu não estou a conseguir escolher... qual é que tu achas que é a melhor de todas, esta, esta, esta, esta... – fala da V”. Pergunto qual é que foi a que tinha rido mais e acaba por escolher o livro *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo.

ANEXO XXX: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 2 DA MR

Dia: 23 de janeiro de 2023

Escolha do livro mais engraçado pela criança MR

Expliquei a cada criança que eu tinha uma missão: encontrar a história mais engraçada do mundo. Contudo, não consegui escolher só uma... escolhi seis. Assim, precisava da ajuda deles para que escolhessem uma que achassem ser engraçada, tendo por base as ilustrações e a capa do livro.

Sento-me com a MR na zona exterior, para que pudesse ver os livros e escolher aquele que considerasse ser o mais engraçado. Começa por abrir o livro *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Helène Rice, virando as páginas e mostrando-me todos os detalhes que vê nas ilustrações. Diz-me também que as duas páginas têm diferenças, afirmando também que, por exemplo “Aqui tem uma, uma cabeça e aqui não tem! – fala da MR”. Pergunto o que será que iria passar-se a seguir e continua a mudar as páginas e a identificar as diferenças que vê entre as ilustrações. Pergunto se a história está engraçada e responde-me que não, dizendo depois que o crocodilo da história “Aqui tá no copo e aqui não tá, tá machucado – fala da MR”. Pergunto o porquê de o crocodilo estar dentro de uma panela e responde-me “Não sei. Ah, pá aquecer – fala da MR”. Continua no decorrer do livro a falar sobre as diferenças que encontra, acabando por me dizer que “Não, não é engraçada – fala da MR”, acabando por fechar o livro enquanto acena negativamente com a cabeça.

Passamos à segunda história e ofereço-lhe o livro *Eustáquio, o Mágico Magnífico*, de Alexandre Rampazo. Vai virando as páginas, espantando-se várias vezes com as ilustrações e tocando no

meu braço várias vezes, para que as possa ver com ela. Sempre que algo a espanta abre a sua boca e tapa-a ou toca-me. Quando a personagem principal desaparece da história a MR grita espantada e tapa a sua boca de novo, dizendo-me “Vá vai, vira vira! – fala da MR”. Questiona-se também “Onde é que será que ele foi? – fala da MR”, virando as páginas. Continuamos a perguntarmo-nos onde está a personagem até ela aparecer. A MR profere um “Ainda não... ai! Tá aqui! – fala da MR” e eu comento que não a estava a ver, o que faz com que ela segure no meu queixo e o mova, para que pudesse olhar para a ilustração. Quando vira a página de novo e a personagem desaparece a MR diz “Ele é um maroto! – fala da MR”. Acaba de ver o livro e fecha-o. Pergunto se tinha gostado e se a tinha achado divertida. Responde que gostou, mas que não era divertida.

Pega no próximo livro, *O livro sem bonecos*, de B. J. Novak, para o poder ver. Passa algumas páginas do livro, até que exclama “Porque é que ela não tem um senhor? – fala da MR”. Digo que a história tem letras e prontamente me responde, enquanto coloca rapidamente o livro de lado, “Eu não quero esta – fala da MR” por também não ser divertida.

Toca no livro *Os bolsos da Marta*, de Quentin Blake, afirmando-me que já o tinham lido, mas escolhe o livro *A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça*, de Werner Holzwarth para ver de seguida. Começo por perguntar o que é que a toupeira tinha na sua cabeça, mas a MR exclama rapidamente “O quê?! Cocó da cabeça?! – fala da MR”, batendo também com a sua mão na testa. Entretanto levanta-se do seu lugar, para ver uma coisa e quando volta senta-se e pega de novo no livro. Passa as páginas, falando sobre as personagens que têm cocó, rindo-se também e dizendo “Que disparate – fala da MR”. Algumas vezes bate-me no meu braço, para me chamar e fazer com que eu olhe para as páginas com ela. Passado um pouco, encontra uma página que tem algo colado, sendo que o que está colado forma um círculo. Isso cria um enorme fascínio por parte da MR, que diz “Meu Deus, essa bola não sai! Isso é uma mágica, esse livro é mágico, por causa que tá...! – fala da MR”. Diz ainda que acha que esse círculo é um sinal. Repito o que disse e responde-me “Sim, eu acho que vai desaparecer alguém! – fala da MR”. Continua a virar as páginas, tecendo comentários sobre os cocós que apareciam e, no final, quando lhe pergunto se tinha achado o livro engraçado responde-me que não, fechando o livro.

Puxa para perto de si o livro *Os bolsos da Marta*, de Quentin Blake, para o ver de seguida. Leio o título da história e a MR repete-o, dizendo depois “És tu! – fala da MR”. Pergunto se sou parecida com a personagem principal e responde que se parece, enquanto vira as páginas do livro e começa a contar-me o que é que a personagem tinha nos seus bolsos, como por exemplo “Olha, ela tem guarda-chuvas nos bolsos – fala da MR” ou “A Marta. A Marta tem bolsos que se fartam. A Marta tem bolsos que se fartam. Ela tem lenços quem tá constipado – fala da MR, acenando a cabeça”. Pergunto o que é que a personagem tinha mais nos seus bolsos e a MR segura no livro, relatando, com a ajuda das ilustrações, tudo o que estava dentro desses bolsos. Chega à parte em que a personagem usa buzinas para acordar as pessoas e pergunta “Os velhos, os velhos. Ei, onde é que estão os velhos? (vira a página) os velhos, para acordar os velhos – fala da MR”. Pergunto como é que acordavam as pessoas e a MR imita uma buzina, respondendo depois “Ela tem uma coisa assim pá acordar os senhores, para acordar os tios. Depois eles acordam – fala da MR”. Continua a contar a história, comentando que “Os bolsos são mágicos! Meu Deus... - fala da MR”. Diz depois que tem uma coisa para me contar. Digo para falar e a MR conta que “A Marta, ela esconde-se com aqueles cores, depois tira e eles atrás das costas. Eu sei por causa que eu já

fui ter com a Marta e vi – fala da MR”. Diz depois que afinal não foi ter com a Marta e comenta que a história “não é engraçada. Não é engraçada – fala da MR” enquanto se ri. Questiono isso mesmo e responde-me que se riu só uma vez. Quando acaba de ver o livro fecha-o e dá-mo.

Pergunto se vamos ver a última história e a MR puxa o livro *Presos*, de Oliver Jeffers para perto de si, abrindo-o. Comento que vamos ver se é engraçada e a MR responde “Ei... Nenhuma é engraçada... – fala da MR”. Pede para ver a primeira e pergunto se queria escolher essa. Responde que não e pede para ver todas as história e eu dou-lhe os livros porque a MR diz que “Tenho de ver todas – fala da MR”. Depois segura no livro *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo, afirmando “Ai, vamos ler essa – fala da MR”, acrescentando também que “Os amigos vão adorar! – fala da MR”. Quer levar agora a história para dentro e eu explico, mais uma vez que só a leríamos mais tarde, porque ainda tinha algumas perguntas a fazer às outras crianças. Concorde, mas continua a querer levar a história para a sua sala, para mostrar aos seus amigos. Digo então de que se tratava de uma missão secreta e que não o podia fazer, por ter de guardar segredo. Pergunto se gostaria de ver a história *Presos*, de Oliver Jeffers, mesmo já tendo escolhido a história a mostrar aos amigos. Responde que sim e pergunta se o livro era sobre as cores. Respondo que teríamos de ler para descobrir. Assim, pede-me para a ler e eu assim o faço. Enquanto passo as folhas do livro, para vermos as ilustrações, a MR permanece quieta, observando as ilustrações ou olhando para mim ou repetindo algumas palavras que digo e sorrindo. Fica surpresa, tapando a sua boca quando vê a quantidade de coisas que a personagem principal fez na história, respondendo também a perguntas que ia fazendo, batendo com a sua mão no livro. Quando acabo de ler fecho o livro e a MR pede-me para ler o livro do *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo. Explico que não poderia, porque teríamos de ir para a sala e eu tinha de fazer as outras entrevistas às outras crianças, mas depois concordo com ela ver só mais esse livro. Relembro-a que não pode contar a história a ninguém e digo o nome da personagem, fazendo com que ela o dissesse também. Vejo as ilustrações com a MR, descrevendo o que se ia passando e o que a personagem ia fazendo. Acabando de ver o livro com a MR, pergunto de novo se era realmente esse livro que gostaria de mostrar e acena com a cabeça.

ANEXO XXXI: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 3 DA LEITURA DA HISTÓRIA *EUSTÁQUIO, O MÁGICO MAGNÍFICO*

Dia: 25 de janeiro de 2023

Leitura do livro *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo

Crianças observadas durante o vídeo: V, MR, L, R, MS e M.

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Foi explicado ao grande grupo que eu tinha uma missão: encontrar a história mais engraçada do mundo. Contudo, eu não tinha conseguido encontrar somente uma: tinha encontrado seis. Assim, pedi ajuda a algumas crianças do grupo para que, das seis histórias, escolhessem a que pensassem ser a mais engraçada, olhando somente para a capa e para as ilustrações dos livros, para poder lê-las ao grande grupo. Foram escolhidas 3 histórias: *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Hélène Rice, *Presos*, de Oliver Jeffers e *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo.

Aquando de explicação do trabalho que eu teria para fazer com as crianças, referi que precisava da sua ajuda para escolher a história mais engraçada do mundo. A MS proferiu logo que já tinha escolhido a sua história preferida. A MR e a V levantam os seus braços, de modo a mostrar que também

já tinham escolhido o livro que consideravam ser o mais engraçado. O L e a M também mostram que já tinham escolhido o seu livro preferido, embora a M não tenha levantado o braço. O R permanece quieto, levantando um pouco o seu braço e o dedo indicador. Explico que seis crianças me ajudaram a escolher as histórias a serem lidas ao grande grupo e que seria isso mesmo que iria fazer nesse momento, ler as histórias.

A primeira história lida intitula-se *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo. Ao mostrar a história às crianças, a MR proferiu rapidamente e alegremente que tinha sido aquela a história que tinha escolhido. A V contradiz a MR, dizendo que tinha sido ela a escolher aquela história. O L também partilha que tinha escolhido aquela história.

Partilho o nome das crianças que tinham escolhido aquela história: a V, a MR e a M. A M sorri ao proferir o seu nome. Depois disso, começo por dizer o nome da história e o autor da mesma e abro o livro para começar a lê-la. As 6 crianças da amostra observam-me. Começo a ler a história e a MR, MS, M, V, L e R permanecem em silêncio, observando as páginas da história e a ouvir o que leio. Ao mostrar o coelho que Eustáquio retira do vazio, a V dá um pequeno salto de espanto. Seguidamente, peço para as crianças piscarem os olhos e as 6 crianças da amostra, juntamente com o grande grupo, assim o fazem. A MS comenta que o Eustáquio não se tinha livrado das correntes por terem piscado os olhos, mas sim porque eu tinha virado a página, dizendo “Não, tu viraste a página... – fala da MS). Ao mostrar a tentativa de saída do Eustáquio do cofre onde entrou, a V sorri ao ver a ilustração e a M comenta que Eustáquio está atrás do cofre “Está lá atrás – fala da M). O R permanece quieto a observar a história, bem como o L e a MR e a MS. Ao mostrar o Eustáquio dentro de um aquário, a V faz uma cara surpreendida e depois, ao mostrar Eustáquio cortado ao meio, o L coloca as mãos na cabeça exclamando um “ahhh! – fala do L”, bem como a MR. A V sorri para a ilustração, enquanto o R, a MS e a M observam o livro. Aquando da leitura da página onde diz que o Eustáquio ia fazer a magia do desaparecimento, a MS diz “Ele não está nas páginas... – fala da MS”.

Quando faço a contagem, a V acompanha-me, assim como a MS. Quando viro e mostro a página onde o Eustáquio desaparece, a MR esboça um leve sorriso, assim como R. A MS e a M permanecem quietas, a observar a página, ao passo que a V sorri e o L, inclinado para a frente, observa as outras crianças. Antes de virar a página perguntei “E agora?”. A essa questão, a MS responde “Nada – fala da MS”. Virada a página, a V bate com a mão na perna. A personagem ainda não tinha aparecido. O L permanece quieto, assim como o R, a MR, a MS e a M. Pergunto se viro página e a V responde afirmativamente, assim como a MS, a M, a MR e o L. Viro de novo e a V exclama. Continuo a virar as páginas do livro e o L, a MS e a V pedem para eu continuar a virá-las. Quando peço para baterem palmas ao Eustáquio, todas as crianças do grande grupo e da amostra batem palmas de forma entusiástica, menos o R, que bate palmas de um modo mais lento. Comento que agora o Eustáquio já deve aparecer e a V, a MS, a MR, o L e a M concordam. Faço um som de espanto para o livro e a M diz “Agora apareceu! – fala da M”, mostrando-lhes que ainda não tinha aparecido. A MS diz logo depois que “Não vai aparecer nem agora nem nunca – fala da MS”. A M, ao ouvir os comentários das crianças a dizer que ele nunca mais ia aparecer, comenta que “Ele vai voltar! – fala da M”. Mais à frente, estando eu e as crianças a chamar pelo Eustáquio, a MS comenta que “Ele está aí, mas ele está-nos a enganar! – fala da MS”. A V ri-se e diz “É engraçada! – fala da V”.

Continuo a chamar pela personagem. Viro a página e num canto da folha está o Eustáquio escondido, a fazer sinal às crianças para não fazerem barulho. Todas as crianças da amostra prontamente apontam para a ilustração e exclamam, dizendo “Está aí!”, menos o R, que esboça um sorriso. A V salta no seu lugar, o L sai do seu lugar a MS e a M ficam sentadas, mas todos apontam para a ilustração, menos o R. Quando comento que não estou a ver a personagem, o L e a V levantam-se, tal como outras crianças, para apontar diretamente para a ilustração. A MR, o R a MS e a M permanecem sentados. Ao referir, de novo, que não conseguia ver onde estava a personagem, a V responde “Ali, de camisola vermelha! – fala da V”. Virando a página sem conseguirem ver, e chamando por ele, conseguem perceber que o Eustáquio não estava na página. As crianças exclamam, a educadora refere que ele agora já não estava, a MS refere “Agora é que ele não está! – fala da MS” e o L diz que “Desapareceu! – fala do L”.

Viro a página e a personagem aparece novamente. Todas as crianças da amostra, menos o R, comentam e/ou apontam para a ilustração da história. A V chama o meu nome e eu comento que achava que as crianças me estavam a enganar. O L comenta que “Ele está a fazer silêncio! – fala do L”. Comento que realmente não tinha visto o personagem e que tinha desaparecido, fechando o livro e colocando-o no meu colo. O L comenta ainda que viu o Eustáquio. Quando se questionou o grande grupo se tinham visto o Eustáquio, o L salta no seu lugar afirmando positivamente assim como a M e a MS. A MR comenta que viu, bem como a V. O R permanece em silêncio. A V coloca o dedo no ar, visto não ter conseguido captar a minha atenção tendo em conta o ruído em sala. Quando lhe dou a oportunidade para falar, ela diz “Olha, tu é que estavas com a página assim para nós vermos... – fala da V”. Quando folheio as páginas do livro para mim própria e comento alto que o Eustáquio não estava no livro, o L pede para virar a página para eles, sendo que, quando encontro a ilustração do Eustáquio, ele, juntamente com outras crianças do grande grupo, vêm ter comigo e apontam para a ilustração do Eustáquio. A V levanta-se também e a MS comenta que preciso de óculos. Digo que não percebo o que se passava e quando peço para se voltarem a sentar, para que todos pudessem ver o livro, a MR vem ter comigo muito entusiasmada dizendo que o Eustáquio está em baixo do livro, mostrando a posição que a própria personagem fez nas ilustrações da história. O L acrescenta ainda “E tem que fazer silêncio – fala do L”. A MS quer que seja lida outra história.

No final, quando questionadas sobre o que tinham achado da história, a MS comenta que não tinha achado nada engraçada “Porque toda a gente foi aí para a frente e eu não consegui ver quase nada. – fala da MS”. A MR coloca o dedo no ar, afirmando que quer falar e diz que “Ele estava assim escondido e tu não viste – fala da MR”. A MS pede que seja contada outra história “Vamos ler outra história! – fala da MS” e como a M tinha o dedo no ar, deixo-a partilhar o que queria dizer. Assim, a M diz “Ele estava em silêncio! – fala da M, mostrando um dedo na boca como a personagem estava a fazer na ilustração”. A MS pergunta de novo se iria ser lida outra história e a V tinha o dedo no ar, tentando chamar a minha atenção, dizendo que estava muito barulho. Digo que estava na hora de lanchar e peço ao chefe da sala que fosse ver se estavam crianças na casa de banho.

ANEXO XXXII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 3 DA LEITURA DA HISTÓRIA *EL MEJOR LIBRO PARA APRENDER A DIBUJAR UNA VACA*

Dia: 25 de janeiro de 2023

Leitura do livro *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Hélène Rice

Crianças observadas durante o vídeo: V, MR, L, R, MS e M.

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Foi explicado ao grande grupo que eu tinha uma missão: encontrar a história mais engraçada do mundo. Contudo, eu não tinha conseguido encontrar somente uma: tinha encontrado seis. Assim, pedi ajuda a algumas crianças do grupo para que, das seis histórias, escolhessem a que pensassem ser a mais engraçada, olhando somente para a capa e para as ilustrações dos livros, para poder lê-las ao grande grupo. Foram escolhidas 3 histórias: *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Hélène Rice, *Presos*, de Oliver Jeffers e *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo.

As crianças do grande grupo sentam-se na zona do tapete e eu mostro a história a ser lida nesse momento: *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Hélène Rice. Contudo, antes disso, questionei se as crianças sabiam desenhar uma vaca. Das crianças da amostra, o L, a MR, a V e a M respondem que não sabem desenhar uma vaca. A MS responde “Eu acho que eu sei...” – fala da MS” e o R não responde. Eu digo às crianças que não sei desenhar uma vaca, mas que tinha descoberto o livro perfeito para nos mostrar como se pode desenhar uma. Quando questionei quem tinha escolhido aquele livro, a MS levanta o braço, indicando que tinha escolhido aquele livro, dizendo isso mesmo à V, que um pouco antes me tinha perguntado se alguém tinha escolhido esse livro. Começo por mostrar que esse livro era um pouco diferente, uma vez que em vez de se ler normalmente, as páginas viravam-se de baixo para cima. A M comenta “Eu já vi esse livro quando estávamos lá fora. – fala da M”. Peço à M para não dizer nada e manter segredo.

Começando a contar a história, e mostrando a primeira técnica para se aprender a desenhar uma vaca, as crianças da amostra escutam e observam as páginas do livro silenciosamente. Mostrando a página onde está desenhada a cauda e a cabeça da “vaca”, a MR comenta que “Ali não tem cabeça e ali tem. – fala da MR”. Surgiram alguns comentários sobre o aspeto da “vaca” se parecer com um crocodilo. A MS, inclusivamente, responde que “Isso é um crocodilo... – fala da MS”. O R esboça um sorriso. Quando confrontados com o tempo de cozedura da “vaca”, 30 minutos, a V comenta que “Isso é muito! – fala da V”. Mais tarde, quando confrontados com a hipótese de a “vaca” se lançar sobre eles e de lhes explicar que as vacas são herbívoras e que não comem crianças, a V responde “Mas essa come! – fala da V”, levando a que a M repetisse o que tinha dito. A M questiona ao observar a ilustração da história “Porque é que ele está lá dentro? – fala da M”, uma vez que viu o menino da história dentro da “vaca”. Seguidamente, quando explico que basta segurar na nossa borracha e apagar a barriga da vaca, fazendo também o gesto, a M repete a minha indicação, dizendo “Apagar – fala da M”. Quando falo na barriga da “vaca”, a MS corrige-me, dizendo “Crocodilo – fala da MS”. Quando a contradigo e digo que é uma vaca, a V prontamente responde “Não, isso não é! – fala da V”.

Passando depois para a segunda técnica para aprender a desenhar uma vaca, ao explicar que basta desenhar uma semente de dente-de-leão na folha e plantá-la, a M olha na direção da MS e esta olha de volta para a M, fazendo uma careta. A MR, depois de observar a página com atenção, consegue perceber que está ali uma pata, dizendo inclusivamente “Ah, está ali uma pata! – fala da MR”. Quando peço para chamar a vaca comigo, imitando o seu mugido, a V, a MS e a M juntam-se a mim para chamar. O R, o L e a MR permaneceram quietos, observando a ilustração. Quando confrontados com o crocodilo, e quando refiro que temos de agarrar na borracha, a V repete as minhas palavras, dizendo “Borracha –

fala da V”, assim como a M e a MS. Quando pergunto o que temos de fazer para desenhar uma vaca, a MS diz “Apagar – fala da MS”. Acabada a história, a V comenta que a história “Ela é bué pequena! – fala da V”, acenando afirmativamente com a cabeça quando pergunto se tinham gostado da história, justificando-se e dizendo “Porque era engraçada – fala da V”. Logo depois, contradiz-se e diz que não tinha achado engraçada, acrescentando ainda que “Ninguém achou graça – fala da V”. Entretanto, foi possível observar a MS e a M a conversar. Como tinha existido uma criança do grande grupo que não tinha ouvido a história, por ter estado a fazer um trabalho com a educadora, questionei se alguma criança queria contar a história que tinha acabado de ouvir a essa criança. A V levanta logo o braço para o fazer, dizendo para a criança que “Primeiro ele tinha ali um crocodilo – fala da V”. Explico o título da história a criança e explico que a história ensina a desenhar uma vaca, mas que algo acontece na história. A V prontamente diz “Em vez de desenhar uma vaca tinha um crocodilo – fala da V”. Decido desafia-los e digo que na história estava realmente desenhada uma vaca. A V prontamente reclama, dizendo “Não era! – fala da V”. A M concorda, dizendo que “Era um crocodilo! – fala da M”, assim como o L, que diz “Mas era um crocodilo! – fala do L”. Digo que a vaca sempre esteve na história, mas que eles não tinham percebido. A MS reclama, dizendo que “Nunca esteve lá nada, a gente viu, como é que ia estar lá? – fala da MS”. A MS disse também que “Ele estava a trincar a perna – fala da MS”. Questionei se os crocodilos comiam vacas e a MR responde afirmativamente, dizendo que “Algumas vezes eles comem, porque eu um dia estava, quando eu era pequenina vi um filme e o crocodilo comeu a vaca -fala da MR”. A MS faz um comentário sobre o conteúdo de uma página, afirmando que as páginas eram diferentes e a MR diz mais algumas diferenças que encontrou na página.

Por fim, quando questionados sobre qual a história que tinham achado mais engraçada das duas que tinham ouvido desse dia (o *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo e o livro *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Hélène Rice) a MS refere que gostou mais da vaca, a V do Eustáquio, a MR do Eustáquio, a M do Eustáquio e o L e o R não responderam.

ANEXO XXXIII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 3 DA LEITURA DA HISTÓRIA *PRESOS*

Dia: 26 de janeiro de 2023

Leitura do livro *Presos*, de Oliver Jeffers

Crianças observadas durante o vídeo: V, MR, L, MS e M (o R, nesse dia, faltou).

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Foi explicado ao grande grupo que eu tinha uma missão: encontrar a história mais engraçada do mundo. Contudo, eu não tinha conseguido encontrar somente uma: tinha encontrado seis. Assim, pedi ajuda a algumas crianças do grupo para que, das seis histórias, escolhessem a que pensassem ser a mais engraçada, olhando somente para a capa e para as ilustrações dos livros, para poder lê-las ao grande grupo. Foram escolhidas 3 histórias: *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, de Hélène Rice, *Presos*, de Oliver Jeffers e *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo.

Começo de manhã por relembrar às crianças que já tinham sido lidas 2 das 3 histórias combinadas pelas crianças da amostra. A história que ia ser lida nesse dia foi escolhida pelo R, que não estava presente no Jardim de infância por estar doente. Pergunto à M, a chefe da sala nesse dia, se queria sentar-se no chão, perto das outras crianças, para conseguir ver a história e ela assim faz.

Começando a ler a história, a MS, a V, a MR, o L e a M permanecem sentados em silêncio, observando as imagens do livro e o modo como personagem principal tentava atirar os seus sapatos para tentar tirar o seu papagaio de papel de uma árvore. Quando questionados sobre a possibilidade do que poderia acontecer a seguir depois de verem o gato Fred, a V comenta “Eu sei – fala da V”. Comentei que os gatos ficam presos nas árvores e a MR, prontamente, diz que “Ele também ficou preso! – fala da MR”. De seguida, a personagem da história traz um escadote que irá resolver todos os problemas. Quando eu digo “mas...”, a V acaba a minha frase, dizendo “Também ficou preso – fala da V”. Posto isto, a MS questiona “Não era só meter lá ao pé do, do... do – fala da MS), acabando por não explicar o seu raciocínio nem acabar a sua frase. A ela junta-se a M, que diz “Ele atirou-a porque ela estava pesada – fala da M”. Confrontados com a ideia de se ter atirado para a árvore um balde de tinta, a M prefere um “Ah!” surpreendido. Depois de ter perguntado se sabiam o que tinha acontecido, a M responde “Ficou cinzento! – fala da M”, ao passo que a V pergunta “Ficou preso também? – fala da V”. Uma criança do grande grupo comenta que vai ficar tudo preso na árvore e o L responde “Até vai ficar uma casa! – fala do L”. Quando falo que a personagem atirou um pato para soltar o balde de tinta que estava preso na árvore, o L abre a boca surpreendido. Continuando a enumerar os objetos que foram atirados para cima da árvore, para tentar soltar os objetos atirados anteriormente, quando mostro a imagem ilustrativa dessa ação a V e o L proferem um “Ah!” espantado. Já com a ideia de que a personagem tinha atirado o carro do pai para a árvore, a MS ri-se, assim como o L, a V e a M, que comenta “Ai, estou doida! – fala da M”. Com a ideia de se atirar um orangotango para cima da árvore, aconteceu a mesma coisa: a M repetiu o que tinha dito anteriormente (“Eu estou mesmo doida! – fala da M”). O Lucas exclamou “Um gorila! – fala do L” e a V e a MS também comentam algo, mas foi inaudível. A MR continua sentada a escutar atentamente a história e a M comenta “E vai atirar um macaco! – fala da M”. Quando questionados sobre o que o menino teria atirado mais para cima da árvore, a M responde “Um macaco – fala da M”, bem como a V. A MS responde negativamente. Coletivamente, quando descobrem que a personagem atirou um pequeno barco para cima da árvore, as crianças preferem um “Oh!”, neste caso a M, a V, a MS e o L. Enquanto vou enumerando o que a personagem atirava para cima da árvore, o L comenta algo com uma criança que estava sentada à sua direita, que se encontrava muito surpreendida. Quando mostro as ilustrações, o L dá um salto no seu lugar e aponta entusiasmado para as mesmas. Perguntei se sabiam o que é que a personagem tinha atirado mais a M responde “Uma casa – fala da M”. Quando mostro que tinha atirado uma baleia e um farol, a MR abre ligeiramente a boca, espantada, o L prefere um “Oh!”, assim como a V, a M bate com a sua mão no chão e a MS abre também ligeiramente a boca, encostando se contra a parede. Rapidamente as vozes das crianças do grande grupo ficam ligeiramente mais altas e a M pede silêncio, preferindo um chiu colocando o seu dedo na boca, perto dos lábios. Uma criança do grande grupo pergunta se a baleia era das pequenas ou das grandes e depois a MS questiona “Oh Marta, como é que ele consegue atirar aquilo tudo? – fala da MS”. Quando mostro a ilustração que permite ver tudo aquilo que ficou preso em cima da árvore, o L aponta para a mesma e a M levanta-se do seu lugar no chão para vir ver mais perto. Depois disso, descrevo que um carro de bombeiros passava por perto e perguntou se precisavam de ajuda. Pergunto às crianças se sabiam o que é que se tinha sucedido depois e o L respondeu “Jogaram eles – fala do L”. Com a ilustração, o L sorri e diz “Ahhh, socorro, ajuda! – fala do L”. A V sorri bem como a MS. A MR continua séria e passado pouco tempo deita-se no chão,

levantando-se logo a seguir. Na história aparece um serrote e deixo as crianças responderem o que achavam que ia acontecer com o serrote. A M responde que o menino cortou a árvore. Depois disso descobrem que o menino tinha atirado o serrote. Pergunto de novo o que achavam que tinha acontecido. A MS responde “Ficou preso – fala da MS” e eu explico e que o papagaio tinha finalmente caído no chão. A V prefere um “Ah!” surpreso, o L bate palmas enquanto salta no seu lugar. No final da história, o menino vai para a cama e esquece-se de tudo o que tinha ficado em cima da árvore. A MS começa a enumerar tudo aquilo que tinha ficado na árvore, começando pelo farol “O farol... tanta coisa – fala da MS”. Começo também a enumerar algumas coisas que tinham ficado na árvore e a MR completa o raciocínio, dizendo “A baleia! – fala da MR”, assim como o L, que diz “O gato! – fala do L”. A V, no final, comenta “Eu gostei mais dessa – fala da V”, referindo-se à história lida. A MR deita-se de novo no chão.

No final, falou-se das 3 histórias que tinham sido lidas, sendo que a V diz que faltava o livro da letra. Explico que como ninguém escolheu essa história que eu não a iria ler. A M ralha com uma criança do grande grupo. Questiono como se poderia escolher a história mais engraçada. Prontamente o grande grupo começou a dizer qual tinha sido a história que tinha achado mais engraçada. A V diz “É essa -fala da V”, a MS diz “Eu escolhi a minha mais preferida – fala da MS”. Explico que assim não nos entendíamos e que com todos a falar não nos conseguíamos ouvir. A MS volta a repetir o que tinha acabado de dizer. Pergunto se sabiam o que poderíamos fazer. Ao responderem não, e vendo que já estavam muito tempo sentados, peço à M, a chefe da sala desse dia, para ir ver se estavam crianças na casa de banho, para que as crianças pudessem lanchar.

ANEXO XXXIV: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 4 DA CONVERSA SOBRE A VOTAÇÃO COM AS CRIANÇAS

Dia: 26 de janeiro de 2023

Conversa sobre como se faria a escolha do livro mais engraçado

Crianças observadas durante o vídeo: V, MR, L, MS e M (o R, nesse dia, faltou).

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Comecei por dizer que se tinham lido 3 histórias, mostrando-lhes os livros que tinham sido lidos. Depois, afirmo que tinha uma missão, sendo que a MR diz “A história mais engraçada – fala da MR”. A MS diz também “Eu acho que sim – fala da MS”. Digo também que tínhamos um problema, porque só podia existir uma história vencedora, não podiam todas ser a mais engraçada. A MS comenta “Eu gostei mais da minha – fala da MS”.

Assim, pergunto como é que poderíamos saber qual história seria a mais engraçada. Pergunto a uma criança do grande grupo, mas ela diz-me qual a história que tinha achado mais engraçada ao invés de ideia para descobrir qual seria essa história. Pergunto de novo o que poderíamos fazer para descobrir qual a história mais engraçada e que não poderíamos falar todos ao mesmo tempo. A MS diz “Quem escolher, quem escolher a história que alguém escolheu e os meninos gostarem mais da nossa, quase pode ser assim – fala da MS”.

Pergunto se as crianças sabiam o que era uma votação e respondem que não. Explico então do que se trata e questiono o que achavam de se fazer uma votação para se decidir finalmente qual o livro lido mais engraçado. As crianças dizem que sim e como a V tinha a sua mão no ar, deixo-a falar. A V diz “A que eu mais gostei foi a do Eustáquio – fala da V”. O L também tinha o dedo no ar e diz “A do

menino que jogou as coisas na árvore – fala do L”. Outras crianças aproveitam e dizem qual a história que tinham gostado mais.

Depois disso, digo que iria arranjar umas folhas especiais e uma caixa. As folhas teriam as imagens da capa dos três livros lidos e perto das mesmas um quadrado em branco. Explico que as crianças teriam de fazer uma marca perto do quadrado correspondente à história que gostaram mais. Para votar, as crianças teriam de ir uma de cada vez à casinha, situada no espaço exterior da instituição. No final, depois de todas as crianças terem votado, iria proceder-se à contagem dos votos em grande grupo. Enquanto falo da contagem, algumas crianças falam entre si, nomeadamente a MR, o L e a V.

Dia: 26 de janeiro de 2023

Conversa sobre como se faria a escolha do livro mais engraçado

Crianças observadas durante o vídeo: V, MR, L, MS e M (o R, nesse dia, faltou).

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Relembro que da parte da manhã se tinha combinado fazer uma votação, mas comecei por questionar qual o tema ou o que se tinha passado em cada história lida. A primeira história que mostrei foi *Eustáquio, o mágico magnífico*. Como a V tinha respondido à minha pergunta afirmativamente, pedi-lhe para me contar essa história e ela disse “O Eustáquio... hmmm... na primeira página apareceu. Mas na segunda ele começou a apresentar-se – fala da V”. Algumas crianças do grupo disseram que o Eustáquio tinha aparecido e desaparecido, nomeadamente a MR e a M. A MR ainda acrescenta “Não, desapareceu e depois... e apareceu, depois desapareceu e apareceu – fala da MR” e a M acrescenta que isso aconteceu 2 vezes, mostrando-me 2 dedos da sua mão. Uma criança do grande grupo comenta que a personagem estava sempre a aparecer e a desaparecer, mas que quando ele aparecia eu não conseguia ver. Comentei que não percebia como é que eles o conseguiam ver, fazendo com que a M se risse. A MS responde “Vê todas as páginas do livro... - fala da MS”.

Perguntei depois à M o que se tinha sucedido n’ *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca* e ela respondeu “Aprendemos a desenhar uma vaca – fala da M”. A MS acrescenta que “Em vez de desenhar uma vaca desenhou um crocodilo – fala da MS” e o L diz “Sim, mas só que tu não percebias que era uma vaca – fala do L”. A M ainda acrescenta que “E na última página tem uma vaca, mas na primeira página era um crocodilo – fala da M”. O L concorda com o que foi dito, afirmando “Mas era verdade, era um crocodilo – fala do L”. Quando questionados sobre o que tinham de fazer para ver a vaca, prontamente responderam que teriam de apagar o crocodilo. Quem disse isto foi a MR, a M, o L e a V.

Depois perguntei o que tinha acontecido no livro *Presos* e a M respondeu que “Puseram todos, tudo, todas as coisas – fala da M” Quando perguntei o que tinha sido atirado para o cimo da árvore, o L colocou o dedo no ar e respondeu “O menino jogou todas as coisas pá árvore – fala do L”. Uma criança do grande grupo começou por dizer que em cima da árvore estava uma baleia e a M, ao falar, refere que também estava “Uma casa – fala da M”. A MR acrescenta também “Os sapatos. Não, não, não, a baleia, a baleia – fala da MR” e a M diz “Papagaio-fala da M”. A MR repete o que a M disse e ainda acrescenta que em cima da árvore estavam “Os bombeiros-fala da MR”. Outras crianças do grande grupo também disseram o que mais tinha sido atirado para cima da árvore.

Combino com eles que o melhor a fazer seria uma votação, para se saber qual a história que o grande grupo considera ser a mais engraçada. Explico que para conseguirmos fazer a votação que teria de

ir uma criança de cada vez e que iriam usar umas folhas que tinha feito. Eu iria estar no exterior, dentro da casinha, com os livros a serem escolhidos e com uma folha com a imagem de cada história. À frente dessa imagem, estaria um quadrado e as crianças teriam de fazer uma marca dentro do quadrado correspondente à história que achassem ser a mais engraçada. A M pergunta “Marta, nós também podemos ver os livros, para ver outra vez? – fala da M”. Respondo afirmativamente.

ANEXO XXXV: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 5 DA VOTAÇÃO DA MS

Dia: 26 de janeiro de 2023

Votação do livro mais engraçado

Crianças observadas durante o vídeo: MS

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Estou dentro da casinha à espera de cada criança, para que possam votar na história que acham mais engraçada. Dentro da casinha estão 2 mesas, assim como 2 cadeiras, a urna onde se vão colocar os votos, a folha onde as crianças irão marcar o seu voto e o telemóvel, que estará a gravar tudo.

Dou a folha à MS e pergunto se sabe o que vai fazer. Respondo que sim e eu relembro que teria de fazer uma marca na história que achou mais engraçada, uma marca. Explico também que iria fechar os olhos porque eu não poderia ver o seu voto, visto ser secreto. A MS pergunta “Uma, uma coisa qualquer? – fala da MS” e eu dou hipóteses de marcas que pode fazer, como por exemplo um coração, uma flor ou outros. Em vez de se sentar na mesa onde estava a folha para ela fazer voto, faz a marca no monte das folhas que eu tenho de dar às crianças. Quando acaba de fazer a sua marca perto da história que considerou ser a mais engraçada a MS diz “Pronto – fala da MS” e dá-me a caneta. Pergunto se sabe o que vai fazer a seguir e responde negativamente. Peço que dobre a folha, para que a pudesse colocar na urna à sua frente. Dobra a folha ao meio, perguntando “Assim? – fala da MS”. Digo para experimentar, comentando que se calhar teriam de ser feitas mais dobras. A MS assim faz. Coloca a sua folha na urna muito cuidadosamente e assim que o faz peço que vá chamar mais uma criança para vir votar na história.

ANEXO XXXVI: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 5 DA VOTAÇÃO DA M

Dia: 26 de janeiro de 2023

Votação do livro mais engraçado

Crianças observadas durante o vídeo: M

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Estou dentro da casinha à espera de cada criança, para que possam votar na história que acham mais engraçada. Dentro da casinha estão 2 mesas, assim como 2 cadeiras, a urna onde se vão colocar os votos, a folha onde as crianças irão marcar o seu voto e o telemóvel, que estará a gravar tudo.

Dou à M a sua folha, para que possa fazer o seu voto, e explico que tem de fazer uma marca na história que achou mais engraçada, uma marca qualquer. Digo também que estarei de olhos fechados, para não ver o seu voto. A M senta-se, olha para a folha e posiciona a caneta perto da história do *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo, perguntando “É para fazer uma setinha ou quê? – fala da M”. Respondo que poderia fazer, por exemplo, um círculo, um coração, uma flor, uma cara feliz, uma letra, um número, o que ela quisesse. Prontamente faz o seu voto e quando termina diz “Já tá – fala

da M”. Peço para me dar a caneta e pergunto se sabe o que vai fazer a seguir. Responde negativamente e eu digo que tem de dobrar a folha. Começa por dobrar a folha da direita para a esquerda, perguntando se era assim. Explico que ela tem de entrar dentro da urna, a caixa que se encontra à sua frente. Dobra a sua folha de baixo para cima e pergunto se a sua folha já entrará dentro da urna, tal como está. A M tenta e pergunta “Quando é que tu vais ver? – fala da M”. Respondo que os vou ver quando toda a gente acabar de votar. Ao ver que a sua folha não entrava, pergunto se será necessário dobrar mais um pouco a folha e a M responde que sim, dobrando a sua folha da direita para a esquerda. Ao terminar de colocar o voto na urna pergunta “Agora posso chamar quem eu quiser ou quê? – fala da M) e eu respondo que chame alguém que ainda não tenha vindo, por exemplo a MS ou a MR.

ANEXO XXXVII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 5 DA VOTAÇÃO DO L

Dia: 26 de janeiro de 2023

Votação do livro mais engraçado

Crianças observadas durante o vídeo: L

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Estou dentro da casinha à espera de cada criança, para que possam votar na história que acham mais engraçada. Dentro da casinha estão 2 mesas, assim como 2 cadeiras, a urna onde se vão colocar os votos, a folha onde as crianças irão marcar o seu voto e o telemóvel, que estará a gravar tudo.

Digo olá ao L e este pergunta “O que é que tu queres fazer? – fala do L”. Respondo que iria votar. Para isso, teria de fazer uma marca na folha que estava à sua frente, no quadrado perto da imagem da capa do livro que tinha achado mais engraçado. Digo também que iria fechar os olhos, uma vez que as votações são secretas e não poderia saber o que ele tinha votado. O L responde “Está bem – fala do L” e senta-se na mesa onde está a sua folha e a urna. Dou a indicação de que quando ele acabar deverá dobrar a folha e ele olha para mim e responde “Está bem – fala do L”.

Começa por fazer um traço no quadradinho correspondente à história *Presos*, de Oliver Jeffers, parando para observar a imagem da capa do livro antes de continuar a fazer a sua marca. Acaba por fazer isso mais uma vez e desenha um menino. Quando pergunto se já estava, este responde “Sim – fala do L”, levantando-se. Peço para dobrar a sua folha ao meio. Pousa a caneta na mesa e começa a dobrar a folha, dobrando-a da direita para a esquerda. Peço para dobrar mais uma vez e este assim o faz, desta vez de baixo para cima, dobrando só até meio da página. Pergunta “Mais uma? – fala do L” e eu respondo que o poderia fazer, se quisesse. Explico também que deveria colocar o seu voto na urna. O L pergunta “Aqui? – fala do L”, referindo-se à ranhura da caixa que se encontrava à sua frente. Respondo que sim e depois de o L tentar colocar o voto pergunto se o mesmo consegue entrar na urna, ao qual ele responde negativamente. Ponho a hipótese de ser preciso dobrar mais uma vez, ao passo que o L responde “Ah, pois – fala do L”, dobrando o seu voto mais uma vez. Comenta que o espaço para colocar o seu voto “É muito pequeno! – fala do L” e eu rio-me, dizendo também “Eu acho que agora dá. Já está a entrar – fala do L”. Coloca o seu voto dentro da urna e eu peço para ele chamar a próxima criança, para que possa também votar na história.

ANEXO XXXVIII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 5 DA VOTAÇÃO DA V

Dia: 26 de janeiro de 2023

Votação do livro mais engraçado

Crianças observadas durante o vídeo: V

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Estou dentro da casinha à espera de cada criança, para que possam votar na história que acham mais engraçada. Dentro da casinha estão 2 mesas, assim como 2 cadeiras, a urna onde se vão colocar os votos, a folha onde as crianças irão marcar o seu voto e o telemóvel, que estará a gravar tudo.

Começo a explicar à V que à sua frente está uma folha e que tem de fazer uma marca à frente da história que achou mais engraçada. Para isso, eu iria fechar os olhos porque eu não podia ver. Antes de começar a votar, a V pergunta “Marta, só quero dizer uma coisa. Mas hmmm, mas depois de a gente fazer isto aqui, a gente vai... ainda aqui na casinha, a gente ainda lê...? – fala da V”, pelo que eu respondo negativamente, que as histórias não iriam ser lidas de novo na casinha, que somente teriam de votar e depois chamar um outro amigo para poder vir votar também. A V pergunta “Um amigo que tu mandares? – fala da V”, pelo que eu respondo que seria um amigo qualquer. A V olha atentamente para a folha de voto e para os três quadrados onde poderia votar, perguntando “É hmmm, é um quadradinho, é como? – fala da V”. Respondo que poderia fazer a marca que quisesse e ela assente, passando a olhar de novo para os quadradinhos e para mim, sorrindo. Distrai-se com o pai de uma criança que estava ao portão para ir buscar o seu filho ou filha. Como o senhor não consegui entrar pela porta principal, dou a indicação de que tem de ir dar a volta à escola para conseguir entrar e a V junta-se a mim, dizendo diz “Sim, tens que ir por a da casa de banho! – fala da V”. Sentada de novo na sua mesa, com a caneta e a folha perto de si, olha de novo para as capas dos livros e pergunta “Qual tu achaste mais engraçada? – fala da V”, ao passo que respondo que tinha gostado de todas. A V diz “Pera, mas a do Eustáquio, sabes como ela é? É assim, podes olhar ainda – fala da V” e levanta-se da cadeira, dizendo “É assim, ele estava assim para tu não veres – fala da V, mostrando-me como o Eustáquio estava agachando-se no chão”. Pergunta “Agora consegues me ver? Estou aqui em baixo – fala da V”. Depois de me mostrar como a personagem da história tinha feito, questiono-a de novo qual tinha sido a história que tinha gostado mais e ela marca a história *Presos*, de Oliver Jeffers. Quando me diz que já tinha terminado, peço para dobrar a folha ao meio, para se colocar na urna, e ela pergunta “Como? – fala da V”. Respondo que seria como quisesse e ela começa por dobrar a folha, dobrando só um pouco da mesma. Pergunta “Achas que assim entra? – fala da V”, ao passo que lhe digo para experimentar. Assim o faz e comenta “Não, tem que ser ainda pequenina – fala da Valentina”, procedendo à dobragem da folha. Tenta de novo e diz “Acho que não estou a conseguir... – fala da V” e eu proponho que se divida a folha ao meio de novo. a V assim o faz, colocando o seu voto na urna e dizendo “Acho que deu – fala da V”. No final peço à V que chame outra criança para votar.

ANEXO XXXIX: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 5 DA VOTAÇÃO DA MR

Dia: 26 de janeiro de 2023

Votação do livro mais engraçado

Crianças observadas durante o vídeo: MR

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Estou dentro da casinha à espera de cada criança, para que possam votar na história que acham mais engraçada. Dentro da casinha estão 2 mesas, assim como 2 cadeiras, a urna onde se vão colocar os votos, a folha onde as crianças irão marcar o seu voto e o telemóvel, que estará a gravar tudo.

A MR chega à casinha e eu pergunto se sabe o que iria fazer. Responde “Sim – fala da MR” e eu explico, mais uma vez, que terá de fazer uma marca qualquer perto da história que achou ser a mais engraçada. Senta-se na cadeira perto da folha e agarra na caneta que lhe dou. Pergunta “O que é, o que é que é uma marca? – fala da MR”, ao qual explico que poderá fazer, por exemplo, um coração, uma estrela, uma bolinha nos quadrados brancos à frente da história, assinalando assim a que tinha gostado mais. Pergunta “À frente? Aqui? – fala da MR”, apontando para os quadrados em frente a cada uma das histórias e eu respondo afirmativamente. Pergunta de novo “Aqui? – fala da MR” e posiciona a caneta para o espaço em branco entre a imagem da capa do livro e o quadrado onde se deveria fazer o voto. Mostro-lhe que deveria fazer o voto dentro do quadrado e prontamente move a caneta para perto da história do *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo, dizendo “Eu gosto, eu vou fazer um coração – fala da MR”. Peço que me avise quando terminar de fazer o voto e ela diz-me “Ei, eu acho que eu vou fa... eu não sei fazer um coração... – fala da MR”. Respondo que não tem mal e pergunto se poderia ficar assim o seu voto, visto já ter uma marca feita no seu quadrado. Responde que não, acrescentando, “Não, eu quero fazer uma bolinha. Eu é que faço isso, não sei porquê – fala da MR”. Respondo que não tem mal e a MR faz uma bola no seu voto. Peço para me devolver a caneta e pergunto se sabe o que tem de fazer a seguir, visto já ter feito o seu voto. Responde que não e eu digo que tem de dobrar a folha ao meio. Pergunto se sabe dobrar a folha ao meio e ela dobra a sua folha ao mesmo tempo que eu lhe mostro como se faz com uma outra folha que tinha perto. Explico que temos de colocar a folha dentro da caixa que se encontrava à sua frente, que se chama urna. A MR dobra sozinha a sua folha mais uma vez e depois mais uma segunda vez, dizendo “E agora mais uma vez – fala da MR”. Acaba por dobrar mais cinco vezes a folha até ficar um leque, colocando a folha dentro da urna. Eu peço para chamar mais crianças para virem votar.

ANEXO XL: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 6 DA CONTAGEM DOS VOTOS

Dia: 26 de janeiro de 2023

Contagem dos votos e averiguação da história mais engraçada

Crianças observadas durante o vídeo: L, MR, M, MS e V

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

O vídeo da contagem de votos foi filmado. Contudo, nem todas as crianças da amostra apareceram explicitamente no vídeo, nomeadamente a MS, a V e o R, que estava doente.

Dividi o quadro da sala em três secções diferentes, desenhando em cada uma delas um símbolo que identificasse a história: uma vaca para o livro *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*, uma pessoa com um chapéu e um bigode a representar o livro *Eustáquio, o mágico magnífico* e uma árvore a representar o livro *Presos*. Depois disso, abri a urna e tirei a primeira folha, observando o sítio onde tinha sido feita a marca, mostrando-a às crianças. O primeiro voto foi para o livro *Eustáquio, o mágico magnífico*. Perante isso, as crianças do grande grupo começaram a dizer que tinha sido o seu voto. A educadora diz que isso não interessa e continuo a abrir as folhas e marcando os votos no quadro.

No quarto voto, a educadora disse que o voto tinha sido muito giro, porque tinha um coração. A MS prontamente disse “Eu fiz com a estrela – fala da MS”. A MS, quando a educadora diz “Esse Eustáquio está a ganhar” responde “Mas no final é que a gente vai ver – fala da MS”.

A MR, perante mais um voto no Eustáquio, salta no seu lugar agitando o punho no ar contente. Quando aparece mais um voto neste livro, a MR salta no seu lugar contente juntamente com outras crianças do grande grupo. A M, também perante os votos do Eustáquio, encontra-se sorridente, mas a MR é a que se encontra mais entusiasmada. A M dança na sua cadeira e a MS comenta “Eu fazia muitos desenhos para ganhar a vaca – fala da MS”. A educadora comenta que temos que saber ganhar e perder.

Os votos no Eustáquio são aqueles que mais suscitam entusiasmo perante o grande grupo. A M comenta ainda “Eu acho que o Eustáquio vai ganhar – fala da M”, ao olhar para o quadro e para os votos. O L entusiasma-se na fase final, quando o livro *Presos* ganha mais um voto.

Perante o último voto, as crianças gritam alegremente abanando os seus braços no ar. A educadora pergunta “Não, não! Espera aí, espera aí! Como é que sabem que ganhou o Eustáquio?”. A M levanta-se e aponta para o quadro, dizendo “Porque tinha mais! – fala da M”. Os votos são contados e, no final, *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca* tem 5 votos no total, o livro *Eustáquio, o mágico magnífico* tem 11 votos e o livro *Presos* tem 4 votos, perfazendo 20 votos, o número de crianças que estava em sala nesse dia. Os votos foram escritos no quadro, para que as crianças pudessem ver.

A MS, perante o voto, fica cabisbaixa, enquanto a MR e a M ficam entusiasmadas. A V e o L ficam sentados no seu lugar.

ANEXO XLI: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 7 DA VISUALIZAÇÃO DO VÍDEO DO “AUTOR” DA HISTÓRIA

Dia: 27 de janeiro de 2023

Visualização do vídeo criado pelo “autor” da história *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo

Crianças observadas durante o vídeo: MS, MR, V, L, M

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Começo por explicar às crianças que tinha recebido no meu email um vídeo por parte do “autor” da história *Eustáquio, o mágico magnífico*, com uma mensagem para eles. Coloco o vídeo às crianças e deixo que o vejam e escutem. As crianças da amostra (MR, V, L, MS e M) encontram-se sentados, ou nos puffs ou em cadeiras, para que possam ver o vídeo.

Começando o vídeo, as crianças olham para a televisão onde estava a dar o vídeo e permanecem em silêncio, com cara séria. Aquando da pergunta “Ele é mesmo incrível, não é?”, feita pelo “autor” da história, a V acena com a cabeça. Com a pergunta “E se eu vos desse um desafio, seriam capazes de o fazer?”, feita também pelo “autor” do livro, a MS sorri e acena com a cabeça, assim como a V, que diz “Sim – fala da V”.

Depois do vídeo acabar, eu e a educadora repetimos o desafio que o “autor” lhes tinha dado: convencer a sala B1, a outra sala de pré-escolar, a ler a história do *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo, a história que tinham votado como sendo a mais engraçada, através de um vídeo. A MR permanece com a boca aberta A MS responde “Pode haver outras – fala da MS”, pelo que respondemos que essa foi aquela que eles votaram como sendo a mais engraçada.

A MR olha muito espantada para a V, que se vira para ela para lhe dizer algo. Pergunto se as crianças querem ver de novo vídeo e o grande grupo responde que sim. Assim, coloco de novo o vídeo e no final eu e a educadora perguntamos o nome do livro de que o “autor” tinha falado. O grande grupo respondeu (Eustáquio), estando incluído nesse grupo a V e a MS. O L, a MR e a M permaneceram calados. Quando foi perguntado o que é que tinha acontecido nessa história, a M responde “Ele desapareceu e depois ele apareceu 2 vezes – fala da M”. Percebo que o grande grupo não tinha percebido que o senhor que tinha parecido no vídeo era o “autor” e não o Eustáquio, a personagem da história. Assim, tento explicar isso e a V pergunta “Mas porque é que não pode ser o... Porque é que o nome dele não... porque é que o primeiro nome não pode ser? – fala da V”. A MS acrescenta ainda que “Então, em todas as histórias, a gente tem que dizer qual a que ele escreveu – fala da MS”.

Pergunto também qual é que tinha sido o desafio por que o “autor” tinha dado e a MS responde “Ele disse para a sala B1, a gente mostrar o livro – fala da MS”. Acrescento que o “autor” tinha pedido para usar uma coisa e a MS, a V, juntamente com algumas crianças do grande grupo, respondem “O telemóvel da Marta”. Uma criança comenta que o senhor do vídeo parecia o seu pai e a MS responde “Parece, mas não é! – fala da MS”.

Pergunto se as crianças estão à altura do desafio e as crianças da amostra respondem que sim, excetuando o L e a MR, que estavam a conversar com as crianças ao lado. A V pergunta “Mas, mas, mas é hoje ou amanhã? – fala da V” e eu respondo que primeiro teríamos de pensar no que é que íamos fazer no vídeo. A MS diz “Se a gente não fizesse ele vai ficar triste – fala da MS” e que não poderiam todas as crianças fazer um vídeo ao mesmo tempo. Pergunto à MR se isso poderia acontecer e ela responde negativamente. Uma criança diz que se isso acontecer ia ficar uma grande confusão e a MS acrescenta “Porque assim eles nem vão perceber nada – fala da MS”. Propõe-se a criação de grupos e as crianças ficam bastante entusiasmadas, nomeadamente a MR, que salta no seu lugar. O L e a V permanecem quietos, enquanto a M e a MS conversam com algumas meninas que se encontravam perto de si. Pergunto se queriam fazer o vídeo e a MS, a M, a V, o L e a MR colocam o dedo no ar e exclamam “Eu quero!”. Combino com as crianças que iria falar com delas e iríamos combinar o que iria ser feito.

ANEXO XLII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 8 DA CONVERSA DAS IDEIAS PARA O VÍDEO A APRESENTAR

Dia: 31 de janeiro de 2023

Registo de ideias para o vídeo a apresentar à sala B1

Crianças observadas durante o vídeo: MS, MR, V, L, M e R

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Estruturados os grupos que quiseram fazer os vídeos para apresentar a sala B1, levei o primeiro grupo (as crianças da amostra) para o exterior, para que pudessem ser discutidas ideias para o vídeo. As 6 crianças sentaram-se numa mesa e comecei por perguntar se se lembravam qual era o desafio que teriam de fazer. A MR responde “Era, era escolher a história mais engraçada – fala da MR”. A seguir, perguntei qual teria sido a história mais engraçada que tinha sido escolhida e todas responderam “Eustáquio”. A V disse alguma coisa sobre a história escolhida e eu expliquei que as histórias foram a votações e a que tinha ganho foi a do *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazo. Como estava algum vento na rua, a V comenta “Era melhor eu ter quatro camisolas! – fala da V”. Perguntei também que vídeo tinham visto e a M responde “o Eustáquio”, pelo que o L, a MS e a V responderam “Do senhor que

escreveu a história”. Aquando desta resposta, pergunto se ainda se lembravam do nome do autor da história e responderam negativamente. Depois de lhes dizer qual o nome do senhor, pergunto qual tinha sido o desafio que o senhor lhes tinha dado, sendo que a V responde “Era nós irmos à sala B1 e mostrar-lhes a história para os convencerem a ler a história – fala da V”. Perguntei de novo como é que iremos mostrar a história à sala B1 e o L responde “Temos de fazer um vídeo! – fala do L” e a M acrescenta “E filmar, e filmar! – fala da M”. O R ainda diz “Filmar o vídeo, duh! – fala do R”.

Digo que agora teriam de pensar o que fazer no vídeo. Assim, pergunto o que é que eles gostavam de fazer no vídeo para mostrar à outra sala de pré-escolar. A MS sugere “Vamos ler a história – fala da MS” e a V comenta “Por acaso, eu sou mais inteligente do que vocês todos – fala da V”. Anoto a ideia da MS e pergunto que mais ideias teriam para fazermos o vídeo, pelo que a V me responde “Vamos, vamos vamos, vamos convencê-los a ler, a sala 1, a sala B1 – fala da V”. Uso a ideia da V para perguntar de novo o que achavam que deveriam fazer no vídeo para convencer a sala B1 a querer escutar muito a história. A V responde, de novo, “Usar o teu telefone – fala da V”. Enquanto escrevo essa ideia o R volta a dizer “Duh! – fala do R” e a MR acrescenta “Filmar! – fala da MR”.

Pergunto mais uma vez o que é que eles vão fazer no vídeo e a MR responde “Contar a história – fala da MR”. Depois, a M comenta que não consegue contar a história, levando a que o L, a MR e a MS digam o mesmo. O L diz “É a Marta que lê – fala do L”. A M diz ainda “É o que nós temos de filmar – fala da M”. Explico que o desafio era para eles e não para mim, o que significava que o vídeo seria deles e que eles é que deveriam explicar o conteúdo da história. A MS prontamente responde “Ora, tu também estavas... atão, mas tu também estavas, atão tens de também fazer connosco – fala da MS”. A M concorda e eu digo que também vou participar, dizendo que não poderia ser só feita a leitura da história e questionando-os se não existem outras maneiras de fazer o vídeo sem ser a ler a história. A MR volta a sugerir filmar-se e a V interrompe para dizer que quando falavam um pouco mais alto as suas vozes andam por toda a escola e por todo o mundo. O L sugere “Nós podemos filmar e depois ligar o teu celular e depois mostrar aos meninos da sala B1 – fala do L”. Escrevo o que disse e a V resmungo e diz “Foi o que eu disse! – fala da V”. A M diz que quer falar e sugere “E se nós... Mas também podemos... Tu podes contar a história outra vez, mas tem, mas tem, mas tu tens que filmar a história outra vez – fala da M”. Posto isto, pergunto o que é que eles fariam e a MS responde “A gente fica a ver – fala da MS”. A M ainda sugere “Mas tens que filmar tu a, a, a falares para eles ouvirem – fala da M”. Tento explicar-lhes, de forma simples, que deveriam fazer um vídeo para que a sala B1 quisesse escutar a história, que teriam de os convencer a querer ler a história. Depois de a sala B1 ver os vídeos criados e de decidirem se queriam escutar ou não a história, aí é que eu lhes leria a história do *Eustáquio, o mágico magnífico*. Concordo com a ideia de eles contarem a história e pergunto se, para além de se contar a história, se existiria mais alguma coisa que pudessem fazer. A V diz “Eu consigo dançar, ummm... – fala da V. Pergunto-lhe se gostaria de dançar a história do *Eustáquio, o mágico magnífico* e a M acrescenta “Podíamos dançar a história assim, desaparecer para trás de ti e aparecer outra vez, desaparecer para trás de ti e aparecer outra vez – fala da M”. O L concorda e diz “Sim, igual do filme! – fala do L” e eu pergunto quem é que fez isso na história e o L e a M respondem “o Eustáquio”. O L acrescenta ainda “Então temos que fazer isso, para os meninos da sala B1 saberem! – fala do L”.

A M salta para o chão e começa a mostrar-me como é que eu estava, o que ele tinha feito e como eu não tinha visto. A V pergunta “Mas olha, posso fazer a dança para vocês? – fala da V”. Digo-lhe que sim e ela também vai para o chão para nos mostrar como seria a sua dança do Eustáquio. Explica que primeiro o Eustáquio fica parado e depois fica ao contrário, baixando-se. A MR junta-se à V e dançam juntas. Digo-lhes que é uma boa ideia e que iria escrever aquilo que vi no meu caderno. Responde que ainda não terminou e eu peço desculpa, deixando-a terminar. Continua baixando-se no chão e a MS, o L, o R e a M, juntamente comigo, ficam a observar a MR e a V. A V começa a contar a história através de gestos, agachando-se e andando encolhida, explicando a história. O R segura a sua cabeça com uma mão, olhando para a V com uma cara aborrecida. Permanece quieto e calado. Sobre uma explicação da V, a M diz “Era, ele está ajoelhado, só que ela não viu – fala da M”. Tendo em conta isso, a V conversa com a MS e com a M sobre a ordem dos movimentos, argumentando que a parte onde ele aparece e desaparece corresponde à última página do livro. Enquanto isso, vou escrevendo o que estava a acontecer no meu caderno.

Recapitulo aquilo que vão dizendo, falando alto que a ideia seria eles dançarem e a V interrompe-me dizendo “Não, agora é assim – fala da V”, continuando a fazer movimentos. Peço para que se sentem de novo e a M queixa-se do dedo, que o R aleijou. Digo que podemos tentar fazer a dança e a M acrescenta “Com a ajuda da V, né? – fala da M”, visto ser ela quem estava a dançar e sabia a dança. O R imediatamente diz “Ah, eu não vou fazer! – fala do R” e eu pergunto o que é que ele iria fazer. A V interrompe o R, pelo que peço que espere, para que eu o pudesse ouvir. O R diz “Desculpa lá, mas eu não vou fazer essa dança – fala do R”. Pergunto de novo o que é que iria fazer, pelo que me responde que preferia falar. A MS diz “Eu vou estar a ver eles – fala da MS”, mas depois concorda em aparecer no vídeo e a bater palmas no final “Acho que eu vou estar... eu vou tar a dar palmas – fala da MS”. A M diz que quer dançar e eu escrevo no meu caderno aquilo que as crianças dizem. A V quer dançar, assim como a MR. Pergunto ao R de novo o que é que ele quer fazer e ele responde “Eu não sei – fala do R”. Também faço a mesma questão ao L e este responde “Huh... Eu quero falar que, que, que... eu vou falar – fala do L”. Pergunto se vai falar sobre a história e responde-me afirmativamente. Questiono de novo o R e pergunto se ele queria falar com o L, ao passo que ele responde “Está bem, pronto... – fala do R”.

Estando decidido o que cada criança queria fazer no vídeo, pergunto qual o sítio onde gostariam de fazer o vídeo. Entretanto, o R chama-me, dizendo “Ooooooh... ó Marta, o R está invisível! – fala do R”. Todas as crianças concordam em fazer o vídeo na casinha, menos o R que gostaria de fazer um vídeo na sala B2. Explico que naquele momento não podia ser, uma vez que estavam algumas crianças na sala a trabalhar com a educadora e a auxiliar de ação educativa da sala. O R sugere fazer-se na sala B1 e eu explico que também não poderia ser lá, visto a surpresa ser para eles e não podermos usar uma sala que não é nossa. A MS grita que podia ser na casinha e eu peço que fale um pouco mais baixo. A M sugere que o vídeo seja feito na relva, perto do muro. Rapidamente a MS e o L concordam com ela. Enquanto falávamos sobre o local onde iria ser gravado o vídeo, a MR, o R e a V afastam-se de nós para irem brincar. Peço que voltem e a MS chama-os, dizendo “Se nós estamos aqui vocês não têm que estar aí – fala da MS”. O L ajuda-me a chamar o R, bem como a M, que também chama pelo R e pela MR. A V oferece-se para ir ter com eles para chamá-los e assim faz, enquanto a M, o L e a MS continuam a chamá-los. Como não vinham, fui eu chamá-los, para que pudéssemos todos estar na mesa e combinar alguns

detalhes que ainda deviam ser pensados. Estando já todas as crianças perto da mesa onde estávamos a conversar, pergunto finalmente onde preferiam fazer o vídeo: dentro da casinha ou no muro perto da relva. Fizemos uma votação e a zona do muro e da relva ganha, pelo que nos dirigimos para lá para começar a fazer o vídeo. A V volta a dizer que vai ser a dançarina.

Pergunto ao R e ao L sobre o que é que eles gostariam de falar no vídeo e o L responde “Eu vou falar que, que, que, que tu e os outros meninos vão, vão, vão, vão contar a história – fala do L” e a M acrescenta “E vocês podem, e vocês podem ver, até as professoras podem ver nós a dançarmos – fala da M”. Depois pergunto ao R o que é que ele gostaria de falar na história e ele responde “Falar... Olha, eu falo que o Eustáquio, quase no fim da história, ele desaparece – fala do R”. Enquanto escrevo o que ele disse, o R pergunta-se depois de se fazer o vídeo se podia ir com ele para dentro. Durante esta conversa consigo perceber que há um desentendimento entre a V e a MR, pelo que a MS intervém, perguntando o que é que a MR tinha feito para que a V dissesse que já não iria ser amiga dela. A M mexe no cabelo da V e esta começa a falar algo.

Depois dessa conversa, tentei perceber com as crianças o que iria acontecer primeiro: a dança ou a conversa sobre a história. As crianças concordaram que primeiramente iriam falar sobre a história e só depois fariam a sua dança. Peço então para que o L e o R fossem para a frente da câmara, para que pudessem falar sobre a história. O R começa a falar, mas é interrompido pela M que diz “A sala B1 têm de vir ver – fala da M”. Algumas crianças explicam à M, nomeadamente a MS e a V, juntamente comigo, que nós é que iríamos à sala deles para lhes mostrar o vídeo. A V pergunta se iríamos fazer isso nesse dia e eu respondo que não, visto existirem mais crianças do grande grupo que gostariam também de fazer o vídeo. Pergunta-me se é no dia seguinte ou no dia a seguir a esse e eu respondo que seria mais no final da semana. A M diz “Ahh... falta muito!... – fala da M”, perguntando também “Porque é que nós começámos hoje?”. Respondi que assim ficava já feito e porque os outros amigos também queriam fazer um vídeo e que teria de conversar com os amigos, tal como estava a fazer com eles. A MS perguntou se iria falar com as crianças da sala B1 e eu respondo que não, que iria falar e fazer vídeos com uns amigos da sua sala, a sala B2, porque existiam mais crianças a quererem fazer um vídeo para a sala B1 e que se todas as crianças do grande grupo quisessem fazer um vídeo que acabaríamos por ter de apresentar 4 vídeos. Esta afirmação causou espanto às crianças da amostra.

Quando todas as dúvidas ficaram esclarecidas, peço para todos se sentarem no muro, para que o R e o L pudessem começar por falar sobre a história. A MS comenta que não gostou da história, visto ter gostado mais da história que tinha votado, mas que não tinha ganho, *O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca*. O R responde “Ele ficou invisível – fala do R” e o L diz “Ele... ele... Ele ficou preso nas correntes – fala do L”. Pergunto o que se tinha passado mais e o L responde que a personagem tinha também ficado presa numa caixa. Posto isto, pergunto porque achavam que a sala B1 deveria ler a história. O R responde “Porque, para ver se ela gosta – fala do R” e o L acrescenta “Porque às vezes, porque às vezes eles podem gostar – fala do L”. O R volta a dizer “Para ver se eles gostam – fala do R”. Enquanto o R e o L falam, a MS permanece quieta e a V, a M e a MR conversam. Pergunto se as meninas querem fazer a dança elas respondem que sim. O R pede à V para se chegar mais para trás e a V, a M e a MR vêm para trás da câmara, pelo que lhes digo que não era aí que se tinham de colocar, mas sim à frente da mesma. O L fala com a MS, sobre ela ir para a frente, fazer também a sua dança. A MS responde

porque só iria bater palmas. Como as crianças estavam a gritar bastante sobre o que cada menina iria fazer, e porque a MS parecia chateada, digo que estava tudo a aparecer no vídeo, incluindo os gritos e sugiro fazer-se outro vídeo, para que todas as crianças se pudessem acalmar e o desenrolar do mesmo fosse feito de um modo mais pacífico.

ANEXO XLIII: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 9 DA FILMAGEM DO VÍDEO A APRESENTAR

Dia: 31 de janeiro de 2023

Gravação do vídeo a ser apresentado à sala B1

Crianças observadas durante o vídeo: MS, MR, V, L, M e R

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Começado outro vídeo, uma vez que no outro algumas crianças se tinham chateado um pouco e tinham começado a falar sobre o que cada um deveria ou não fazer, a V pede para ver as páginas do livro Eustáquio, o mágico magnífico, pelo que respondo que poderiam ver mais tarde. Algumas crianças pedem para ir à casa de banho e as que não quiseram ir ficaram comigo à espera. Digo que temos de combinar o que vai ser feito primeiramente, uma vez que não se podia filmar tudo ao mesmo tempo. A MR diz “É tudo certo – fala da MR”, enquanto olha e move a sua cara para perto da câmara e a MS repete “Eu só vou bater palmas e eles estavam a dizer para eu ir!... – fala da MS”. Este comentário da MS surgiu uma vez que, o L lhe tinha dito que ela precisava juntar-se às outras meninas quando estas iam fazer a sua dança, no vídeo anterior. Sugiro que esperemos pela V, que tinha ido à casa de banho, para que pudéssemos pensar num plano para o vídeo, de modo que pudéssemos todos perceber quem iria fazer o quê e quem seria o primeiro, segundo, terceiro e assim sucessivamente a aparecer no vídeo. A M comenta que a V “Tem muitos planos – fala da M”. Entretanto, a MR também nos diz que precisa de ir à casa de banho e eu digo que se mais alguma criança necessitar de ir à casa de banho que deveria ir. A MS também vai com a MR à casa de banho.

Esperamos um pouco e a V rapidamente chega a correr, dizendo “Tá aqui uma menina! – fala da V”. Pergunto onde e ela responde “Aqui, à tua frente – fala da V”, enquanto se senta no chão. Quanto lhe dizemos que temos que esperar pelas outras meninas que foram à casa de banho, para podermos pensar no plano, a V pergunta “Mas olha, a gente, quando as bailarinas ainda vão dançar hoje no vídeo? – fala da V”, ao qual respondo que era isso mesmo o que todos tínhamos de combinar e ver quem fazia o quê primeiro. A V aproxima-se para me dar um abraço e eu comento que gosto muito deles. Senta-se de novo, fazendo um gesto de fechar a boca à chave, atirando a chave imaginária para longe, dizendo “Já tirei... a chave – fala da V”. A MS chega a correr, anunciando “Estou aqui! – fala da MS” e esperamos pela MR e pela M, que ainda não tinham chegado. A V diz “Vamos ver se a MR é a última, se ela for hmmm, a última eu juro que já não vou mais ser amiga dela – fala da V”. Digo à V que não tinha dito uma coisa bonita, uma vez que somos todos amigos. A V contrapôs, dizendo “Só que alguns são amigos e outros não são – fala da V”. A M chega em primeiro lugar e a V rapidamente diz “Eu sabia que a M ia chegar primeiro, eu sabia”. A M comenta que a MS não lavou as suas mãos e rapidamente começou uma enchente de comentários sobre quem o tinha lavado as mãos ou não. A MS diz que lavou, a V diz que não lavou. Quando a MR chega ela pede ajuda com o botão das calças e eu a ajudo.

Assim que todas as crianças estavam prontas para começarmos a conversa, peço que todas se sentem perto de mim e do meu caderno, para que pudéssemos combinar o que seria feito primeiro e como

seria feito o vídeo. A MS diz “Acho que são, vão ser as meninas – fala da MS” e eu questiono se primeiramente gostariam de falar sobre a história ou se queriam dançar. Houve um impasse, uma vez que algumas queriam começar o vídeo a dançar e outras a falar sobre a história. O L sugere que primeiro se fale da história e a M acha que primeiramente se deveria falar com os meninos da H, a educadora da sala B1.

Pergunto, novamente, qual a ação que gostariam de fazer primeiro no vídeo: dançar a história ou falar sobre a história. Primeiramente respondem, de novo, as duas coisas, mas depois a V rapidamente diz “Não, primeiro vamos falar – fala da V”. Pergunto ao R, a única criança que ainda não se tinha pronunciado sobre o assunto, se concordava e a M pergunta-lhe também “Concordas em quem? – fala da M”. A V diz ainda que ele estava chateado, que não sabia porquê e que ia lá ver. Comento que se o R não quiser fazer, não faz. A V fica preocupada, dizendo “Porque depois ele quero aparecer e não, não... E depois não aparece no vídeo e depois, depois o nosso segredo vai ser estragado!... – fala da V”. Digo à V para deixar estar R e voltamos a combinar, eu e as restantes crianças, o que iria acontecer no vídeo. Pego no meu caderno e vejo que a primeira coisa que as crianças tinham dito que queriam fazer no vídeo era falar sobre a história. Pergunto se concordam todos e as crianças respondem que sim. Pergunto se quem falaria sobre a história era L e dizem que sim. Pergunto, seguidamente, o que seria feito depois de se falar sobre a história e as crianças respondem dançar. Por fim, pergunto o que é que as crianças fariam no final do vídeo e a M responde que seria mostrar aos meninos da Vera e o L responde que seria desaparecer. Pergunto o que é que a MS faria no vídeo e ela responde “Eu é só bater as palmas – fala da MS. Recapitulo que cada criança iria fazer, com a ajuda das crianças, e peço-lhes que fossem para trás da câmara, para que o L pudesse começar a falar o que quisesse sobre a história. Começa a falar, mas faço sinal para esperar, porque as meninas estavam a falar e a pedir que o R sáísse de perto do L. Digo para o deixarem e que tínhamos de fazer silêncio, para que o L pudesse falar. O L diz então, depois do meu sinal, “Hoje nós vamos contar ao Eustáquio que ele, que ele... Que ele foi o, o mais engraçado, mas só que... Nós vamos fazer um vídeo e também nós vamos mostrar a vocês, mas, mas só que, mas só que nós temos que fazer quando nós dissermos, porque tem algumas coisas para nós fazermos ainda – fala do L”. O L olha para mim e eu pergunto baixinho se já tinha acabado. Acena que sim com a cabeça e vai para trás de mim ao mesmo tempo que digo às meninas que iriam fazer a dança para irem para a frente da câmara. As meninas assim fazem e a MS tenta fazer com que não apareça no vídeo dizendo-me “Eu vou ficar aqui para bater as palmas – fala da MS”. A M e a V posam para a câmara e a MS pergunta-me onde fica, pelo que digo para ficar onde está. Move-me e quando vê que está a aparecer sai de novo. A V puxa a MR para mais perto de si, para que pudesse aparecer no vídeo. A MS diz de novo que ia ficar atrás e eu pergunto às meninas se gostariam de dizer alguma coisa sobre o Eustáquio e elas dizem que sim, dizendo “O Eustáquio é mágico – fala da MR”, e “E ele fechou-se, e quero dizer, e ele desapareceu em vários lugares – fala da V”. A M também diz “Ele, ele, ele também às vezes apareceu, mas só que a Marta não o viu- fala da M”. Pergunto como era a dança do Eustáquio e a M e a V metem se em posição, sendo que esta última diz “Vamos, vamos começar meninas! – fala da V”. A M pergunta “Oh, que é da MR? – fala da M”, pelo que a V responde “Está ali. Eu vou, eu vou lá chamá-la, pausa aí- fala da V”, pelo que sai de cena, correndo na direção da MR para a chamar. Quando estão as 3 meninas em frente à câmara digo (dança do Eustáquio, 1, 2, 3!) e as 3 meninas começam a dançar à frente da câmara. Começam a dançar e

a V resmungua, dizendo “Opá, não é assim, é a coisa que a gente viu no livro – fala da V”. Comento que podem dançar como quiserem e as meninas assim fazem, dançando cada uma à sua maneira. A V comenta “Eu danço. Eu tou a dançar mentalmente como é – fala da V”, enquanto as meninas mexem os seus braços e vão para cima e para baixo, escondendo-se da câmara. Comento o vídeo, dizendo que só faltava uma coisa, mas as meninas rapidamente dizem que ainda não tinham terminado. Peço desculpa e deixo-as terminarem os seus paços de dança. A MS surge no vídeo, esperando o seu momento para bater as palmas, batendo-as quando as 3 meninas saem de frente do vídeo. A MR volta para a frente da câmara, dançando ao mesmo tempo que sorri e a MS continua a bater palmas, sorrindo também. A M e a V juntam-se a elas e eu pergunto se o vídeo que iam fazer já tinha terminado. A V diz que não, acrescentando “Não, agora só falta fazer isto – fala da V”, baixando-se para não aparecer no vídeo. A MR faz a mesma coisa e a V diz “Já está – fala da V”. A M faz uma vénia e eu digo a MS para ir então bater as suas palmas. A MS assim o faz enquanto a M, a MR e a V fazem as suas vénias. Digo (e este foi o vídeo do Eustáquio, o mágico...) e a V acrescenta “Para a gente apresentar – fala da V”. A M diz ainda “E dançar! – fala da M”. A V acrescenta ainda “Tomara que vocês gostem, tchau! – fala da V” e a MR comenta que ainda não tinha feito, dançando mais um pouco. Quando afirma que já tinha feito, a V diz “Então também ainda não fiz – fala da V”, dançando mais um pouco. Digo para as crianças dizerem adeus e elas assim fazem, acenando, mandando beijinhos com a boca e com as mãos e fazendo corações com as mãos. Digo ao L para também dizer adeus, visto não estar a aparecer no vídeo e L diz adeus.

No final, faço um vídeo com as crianças, perguntando se tinham gostado de fazer o vídeo. As crianças responderam que sim, sendo que a M acrescentou “Foi muito divertido! – fala da M”. A V diz que tem que se ir embora e eu perguntei o que tinham gostado mais de fazer. A MS diz “Eu gostei de bater as palmas, tchau! – fala da MS”. A M diz “E eu de fazer, fazer, fazer a dança. Tchau, coração! – fala da M” e o L acrescenta “Eu gostei de, de falar, tchau, coração! – fala do L”. O R aparece no vídeo, com as mãos na boca, desaparecendo depois.

ANEXO XLIV: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 10 DA VISUALIZAÇÃO DO VÍDEO

Dia: 2 de fevereiro de 2023

Apresentação do vídeo criado pelas crianças da amostra à sala B1

Crianças observadas durante o vídeo: MS, MR, V, L, M e R

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Chegado o dia de finalmente apresentar os vídeos que as crianças construíram à sala B1, eu e algumas crianças do grande grupo dirigimo-nos até lá, para explicarmos às crianças dessa sala o que se tinha sucedido: o desafio de encontrarmos a história mais engraçada do mundo, a história que foi vencedora e qual o desafio que o autor da história nos lançou. Da amostra das 6 crianças (MR, MS, V, M, L e R) todos participaram na apresentação do vídeo, menos o R, que ficou na sala.

Comecei por me apresentar e explicar às crianças da sala B1 tudo aquilo que foi feito nos últimos dias e as crianças da amostra ajudaram a explicar que tinham feito uma votação para escolher a história mais engraçada e que tinham feito 3 vídeos para mostrar à sala B1.

Perguntei às crianças da sala B1 se gostariam de ver os vídeos que a sala B2 tinha feito e eles concordaram. Assim, o primeiro vídeo a ser apresentado foi o das crianças da amostra. Como o L era o primeiro a aparecer no vídeo das crianças da amostra, algumas crianças, tanto da sala B1 como da sala

B2, exclamaram “Este é o L!” Denoto que como quem filmou o vídeo foi a educadora F, a educadora da sala B2, e ela só me filmou e à televisão onde o vídeo estava a ser passado, pelo que não consegui observar com precisão os comportamentos das crianças da amostra durante a visualização do mesmo.

No final do vídeo, consegui perceber que uma criança da sala B1 tinha dito que o vídeo não tinha tido graça nenhuma e que uma outra tinha dito que não tinha conseguido ouvir. poderá haver se ao facto de, quando o vídeo foi gravado, estar algum vento isso interferir com a qualidade do som.

ANEXO XLV: TRANSCRIÇÃO NÚMERO 11 DA LEITURA DA HISTÓRIA DO VÍDEO

Dia: 2 de fevereiro de 2023

Apresentação do vídeo criado pelas crianças da amostra à sala B1

Crianças observadas durante o vídeo: MS, MR, V, L, M e R

Registo do vídeo: observação dos comportamentos, interações e outros entre as crianças da amostra

Por fim, depois de mostrarmos os vídeos que a sala B2 tinha concretizado, chegou a altura de finalmente se ler a história de *Eustáquio, o mágico magnífico*, de Alexandre Rampazzo, às crianças da sala B1. Para esta leitura, só ficaram comigo a MR e a MS, visto que as outras crianças da amostra (L, M e V) acompanharam a educadora até à sua sala, para que pudessem continuar os trabalhos que estavam a ser desenvolvidos.

Começo a ler a história e a MS olha para as páginas do livro enquanto eu leio. Vou passando as páginas e quando o Eustáquio retira um coelho do vazio algumas crianças da sala B1 riem-se. À medida que vou passando as páginas, a MR e a MS olham para as páginas e para as crianças que estão a escutar a história, que se vão rindo e, quando chega a parte da história onde se faz a contagem para o Eustáquio desaparecer, a MR exclama os números alegremente. Quando chega a parte em que o Eustáquio desaparece, dizem comigo “ZÁS!”, a fala da história. Digo que vou virar a página, para ver o próximo truque e quando mostro a página em branco e digo que estava alguma coisa errada a MR e a MS concordam. À medida que íamos virando as páginas, para ver se o mágico aparecia, a MR ia dizendo “Nada! – fala da MR” e quando pergunto se viramos a próxima página a MS responde “Sim! – fala da MS”.

As crianças da sala B1 tentam bater uma salva de palmas ao Eustáquio, para ver se aparece, e a MR e a MS fazem o mesmo. Ao verem que não tinha ainda aparecido, uma criança da sala B1 sugere assobiar e assim fazemos. Como também não funcionou, outra criança sugere estalar o dedo e eu digo para experimentar. As crianças assim o fazem e mesmo assim não aparece. Sugiro fecharem os olhos e quando viro a página a personagem ainda não tinha aparecido. Um outro menino sugere bater os pés no chão e o grupo da sala B1 assim o faz, assim como a MR e a MS, mas virando a página a personagem ainda não aparecera. Uma outra criança sugere fingirem que estão a comer um gelado e eu deixo que tentem, virando a página. Finjo que vi alguma coisa, para prender a atenção e mostro a página em branco, o que leva à MR a olhar rapidamente para o livro e a uma criança da sala B1 a dizer “Oh pá...”. Uma outra criança acrescenta que já estava a ficar enervado e eu comento que também já estava a ficar nervosa. Rapidamente uma criança sugere bater de novo palmas e elas assim o fazem, fazendo-me virar a página e mostrar uma personagem escondida. A educadora F, da sala B2, pergunta se funcionou e eu comento que não vejo nada, o que faz com que a MS aponte para a ilustração do Eustáquio. Digo que não está e o grupo da sala B1 diz em coro “Está!”. A educadora da sala B2 comenta que também não vê nada,

o que faz com que a MS sorria. Peço uma criança da sala B1 que me mostre onde está o Eustáquio e ela assim o faz. Viro o livro ao contrário, ponho-o de lado e comento que continuo a não ver nada. Algumas crianças da sala B1 levantam-se para virem ter comigo e apontar para a ilustração. Viro a página rapidamente e mostro a página de novo, que se encontra em branco, o que faz com que algumas crianças fiquem a olhar para a mesma. A educadora da sala B2 diz “Foi uma ilusão, foi uma ilusão, vocês pensavam que viram, mas não estava lá nada!” e uma criança da sala B1 diz-me que eu virei a página.

Viro de nova página, afirmando que não tinha feito e quando aparece de novo a ilustração do Eustáquio uma criança rapidamente grita “OLHA ALI!”, o que faz com que a MS aponte novamente para a ilustração e algumas crianças se levantem para virem apontar para a mesma. Comento, de novo, que não vejo nada e uma criança da sala B1 tira-me o livro das mãos, abrindo ele mesmo livro e mostrando-me a ilustração. Comento que, se calhar uma criança da sala B2, tinha razão: eu estava cega. A MS rapidamente diz “Pois, estás cega – fala da MS e a educadora F comenta “Eu acho que só as crianças é que conseguem ver”. Eu experimento tirar os óculos e olhar para a ilustração, repetindo que não via nada e que achava que as crianças me estavam a enganar. Viro as páginas até não existirem mais e comento que o livro era mágico e que nunca mais tinha visto o Eustáquio. A educadora F diz “Eu acho, ó Marta, eu acho que só as crianças é que conseguem ver, porque eu e a Lena também não vimos”. Uma criança da sala B1 comenta que eu tenho óculos e a educadora F rapidamente diz que quem tem óculos não consegue ver o Eustáquio. As crianças da sala B1 rapidamente dizem que uma criança do grupo tem óculos e que conseguiu ver a personagem.

Por fim, perguntei se tinham gostado da história, pelo que algumas crianças responderam que não e algumas sim. Perguntei também se achavam que esta seria a história mais engraçada do mundo e elas responderam que não.

ANEXO XLVI: TABELA DE CATEGORIAS DE ANÁLISE DA MS

RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS LIVROS/NARRATIVA			
Categories	Subcategorias	Evidências	Total
Escuta/leitura de livros e interação	Mediadores	«Eu, mãe» (Q MS) «A minha mãe (...) O meu pai (...) Aqui na escola costuma ser a Lígia» (Ei MS)	2
	Frequência de escuta/leituras	«À noite» (Q MS)	1
	Livros preferidos	«“Piu Caganita”, porque fala sobre os amigos e que todos temos de ser amigos» (Q MS) «É uma que o “Lu” escolheu para levar para casa (...) É uma que tem peixinhos. Uma que tem um amarelo, um preto que é um tubarão. É umas histórias que eu mais gosto de ler» (Ei MS)	2
	Critérios de escolha de livros que ouve/lê	«Esta, esta página é engraçada» (T2 MS) «(encolhe os ombros) Bem, ainda não está muito engraçada...» (T2 MS) «Já está aqui a página. Não é muito engraçada (fecha o livro e arrasta-o para o lado)» (T2 MS) «(continua a virar as páginas e a ver os desenhos rapidamente) não está engraçada» (T2 MS) «Tão pequenininha... acho que não é, acho que não é muito engraçada (fecha o livro e arrasta-o para o lado).» « Não tem piada (...) Tem tanto bolso que nem é preciso ter tanto bolso... por acaso tu tens muitos bolsos aí?» (T2 MS) « Tem tudo: tem gelados, tem buzinas... tem um bolso com bolsos... só há aqui uma coisa que é engraçada (...) (vira as páginas para me mostrar) Hmm.. tem de aparecer.. (continua a virar as páginas) isto aqui é o que tem bolsos, isto aqui é o elefante (aponta para a ilustração e vira a página mais uma vez) como é que ia caber lá um elefante?» (T2 MS) «Esta, esta já está aqui, eu não quero escolher esta (fala sobre <i>O livro sem bonecos</i>)» (T2 MS) «(olha para os livros e balança o seu corpo) Acho... acho que pode ser... não sei... (...) (faz uma careta pensativa ao olhar para os livros e para mim) (...)Acho que pode ser... hmmm... esta daqui (escolhe o livro <i>O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca</i>) Que esta aqui batia a cabeça» (T2 MS)	9
	Interações	«Quando ela não conhece a história, no final falamos um pouco acerca do tema, geralmente ela dá-me a “versão” dela da história» (Q MS)	15

		<p>«(pega no livro <i>O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca</i> e abre o livro, passando algumas páginas) (...) (passa as páginas observando as ilustrações silenciosamente)» (T2 MS)</p> <p>«(sorri quando percebe que estava a ler o livro ao contrário)» (T2 MS)</p> <p>«(folheia o livro, fazendo uma cara séria e permanecendo calada)» (T2 MS)</p> <p>«(como peço ao R para sair do sítio onde estávamos a fazer a gravação, a MS pede que saia e vira-se para que o R não visse a história que estava a ver e assim não se estragasse a surpresa) Vou ver assim (quando o R sai a MS volta a sentar-se normalmente)» (T2 MS)</p> <p>«(pega no livro <i>A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça</i>, folheia o livro e vê as ilustrações silenciosamente)» (T2 MS)</p> <p>«Se eu não achar nenhuma engraçada tenho que escolher uma que eu ache um bocadinho mais engraçada» (T2 MS)</p> <p>«E eu tenho que adivinhar uma que eu queira» (T2 MS)</p>	
Socialização de práticas de leitura	Interação e emoções tidas em torno do livro	<p>«Começo a ler a história e a (...) MS, (...) permanecem em silêncio, observando as páginas da história e a ouvir o que leio» (T3 E)</p> <p>«A MS comenta que o Eustáquio não se tinha livrado das correntes por terem piscado os olhos, mas sim porque eu tinha virado a página, dizendo “Não, tu viraste a página...”» (T3 E)</p> <p>«Aquando da leitura da página onde diz que o Eustáquio ia fazer a magia do desaparecimento, a MS diz “Ele não está nas páginas...”» (T3 E)</p> <p>«Antes de virar a página perguntei “E agora?”. A essa questão, a MS responde “Nada”» (T3 E)</p> <p>«Pergunto se viro página e a V responde afirmativamente, assim como a MS» (T3 E)</p> <p>«Continuo a virar as páginas do livro e (...) a MS (...) pede (...) para eu continuar a virá-las» (T3 E)</p> <p>«Comento que agora o Eustáquio já deve aparecer e (...) a MS (...) concorda» (T3 E)</p> <p>«A MS diz logo depois que “Não vai aparecer nem agora nem nunca”» (T3 E)</p> <p>«Mais à frente, estando eu e as crianças a chamar pelo Eustáquio, a MS comenta que “Ele está aí, mas ele está-nos a enganar!”» (T3 E)</p> <p>«(...) chamando por ele, conseguem perceber que o Eustáquio não estava na página. As crianças exclamam, a educadora refere que ele agora já não estava, a MS refere “Agora é que ele não está!”» (T3 E)</p> <p>«No final, quando questionadas sobre o que tinham achado da história, a MS comenta que não tinha achado nada engraçada “Porque toda a gente foi aí para a frente e eu não consegui ver quase nada”» (T3 E)</p> <p>«(...) questionei se as crianças sabiam desenhar uma vaca. (...) A MS responde “Eu acho que eu</p>	25

	<p>sei...» (T3 V)</p> <p>«Surgiram alguns comentários sobre o aspeto da “vaca” se parecer com um crocodilo. A MS, inclusivamente, responde que “Isso é um crocodilo...” (T3 V)</p> <p>«Quando falo na barriga da “vaca”, a MS corrige-me, dizendo “Crocodilo» (T3 V)</p> <p>«(...) ao explicar que basta desenhar uma semente de dente-de-leão na folha e plantá-la, a M olha na direção da MS e esta olha de volta para a M, fazendo uma careta.» (T3 V)</p> <p>«Quando peço para chamar a vaca comigo, imitando o seu mugido, a V, a MS e a M juntam-se a mim para chamar» (T3 V)</p> <p>«Quando pergunto o que temos de fazer para desenhar uma vaca, a MS diz “Apagar» (T3 V)</p> <p>«foi possível observar a MS e a M a conversar» (T3 V)</p> <p>«Digo que a vaca sempre esteve na história, mas que eles não tinham percebido. A MS reclama, dizendo que “Nunca esteve lá nada, a gente viu, como é que ia estar lá?”. A MS disse também que “Ele estava a trincar a perna» (T3 V)</p> <p>«A MS faz um comentário sobre o conteúdo de uma página, afirmando que as páginas eram diferentes» (T3 V)</p> <p>«Por fim, quando questionados sobre qual a história que tinham achado mais engraçada das duas que tinham ouvido desse dia (...) a MS refere que gostou mais da vaca» (T3 V)</p> <p>«Coletivamente, quando descobrem que a personagem atirou um pequeno barco para cima da árvore, as crianças preferem um “Oh!”, neste caso (...) a MS» (T3 P)</p> <p>«Quando mostro que tinha atirado uma baleia e um farol, (...) a MS abre também ligeiramente a boca, encostando se contra a parede» (T3 P)</p> <p>«(...) depois a MS questiona “Oh Marta, como é que ele consegue atirar aquilo tudo?» (T3 P)</p> <p>«Depois disso descobrem que o menino tinha atirado o serrote. Pergunto de novo o que achavam que tinha acontecido. A MS responde “Ficou preso» (T3 P)</p> <p>«A MS começa a enumerar tudo aquilo que tinha ficado na árvore, começando pelo farol “O farol... tanta coisa» (T3 P)</p>	
Escolha/seleção de livros	<p>«Questiono como se poderia escolher a história mais engraçada. Prontamente o grande grupo começou a dizer qual tinha sido a história que tinha achado mais engraçada. (...) a MS diz “Eu escolhi a minha mais preferida» (T4)</p> <p>«A MS diz “Quem escolher, quem escolher a história que alguém escolheu e os meninos gostarem mais da nossa, quase pode ser assim” [a MS referia-se ao processo de votação]» (T4)</p> <p>«No quarto voto, a educadora disse que o voto tinha sido muito giro, porque tinha um coração. A MS prontamente disse “Eu fiz com a estrela”. A MS, quando a educadora diz “Esse Eustáquio está a</p>	7

		<p>ganhar” responde “Mas no final é que a gente vai ver”» (T6)</p> <p>«(...) a MS comenta “Eu fazia muitos desenhos para ganhar a vaca”» (T6)</p> <p>«A MS comenta que não gostou da história, visto ter gostado mais da história que tinha votado, mas que não tinha ganho, <i>O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca</i>» (T8)</p>		
	Participação na elaboração do vídeo	<p>«Com a pergunta “E se eu vos desse um desafio, seriam capazes de o fazer?”, feita também pelo “autor” do livro, a MS sorri e acena com a cabeça» (T7)</p> <p>«Pergunto também qual é que tinha sido o desafio por que o “autor” tinha dado e a MS responde “Ele disse para a sala B1, a gente mostrar o livro”. Acrescento que o “autor” tinha pedido para usar uma coisa e a MS, a V, juntamente com algumas crianças do grande grupo, respondem “O telemóvel da Marta”» (T7)</p> <p>«A MS diz “Se a gente não fizesse ele vai ficar triste” e que não poderiam todas as crianças fazer um vídeo ao mesmo tempo (...) Uma criança diz que se isso acontecer ia ficar uma grande confusão e a MS acrescenta “Porque assim eles nem vão perceber nada”» (T7)</p> <p>«Pergunto se queriam fazer o vídeo e a MS (...) colocam o dedo no ar e exclamam “Eu quero!”» (T7)</p> <p>«A MS sugere “Vamos ler a história”» (T8)</p> <p>«A MS prontamente responde “Ora, tu também estavas... atão, mas tu também estavas, atão tens de também fazer connosco”» (T8)</p> <p>«A MS diz “Eu vou estar a ver eles”, mas depois concorda em aparecer no vídeo e a bater palmas no final “Acho que eu vou estar... eu vou tar a dar palmas”» (T8)</p> <p>«A MS grita que podia ser na casinha e eu peço que fale um pouco mais baixo» (T8)</p> <p>«(...) peço que todas se sentem perto de mim e do meu caderno, para que pudéssemos combinar o que seria feito primeiro e como seria feito o vídeo. A MS diz “Acho que são, vão ser as meninas”» (T9)</p> <p>«(...) a MS tenta fazer com que não apareça no vídeo dizendo-me “Eu vou ficar aqui para bater as palmas”» (T9)</p> <p>«A MS surge no vídeo, esperando o seu momento para bater as palmas, batendo-as quando as 3 meninas saem de frente do vídeo» (T9)</p> <p>«(...) a MS continua a bater palmas, sorrindo também» (T9)</p> <p>«No final, faço um vídeo com as crianças, perguntando se tinham gostado de fazer o vídeo. (...) A MS diz “Eu gostei de bater as palmas, tchau!”» (T9)</p>	13	
Impacto do projeto	do nas	O que aprenderam	<p>«Quando lhe pergunto o que aprendeu, a MS responde “Que quando a gente gosta desta história temos que fazer uma votação”» (Ef MS)</p>	1

práticas de leitura das crianças	Como se sentiram	«Perguntei o que é que tinha gostado mais de fazer no projeto, enumerando o que é que tínhamos feito. A MS responde “Eu gostei mais de votar”. Quando pergunto porquê a MS diz “Olha, porque eu achei divertido, porque a gente fez um desenho, que era uma estrela que eu fiz”» (Ef MS)	1
	Percepção das crianças relativamente à apresentação do vídeo à sala B1	«Perguntei se a MS tinha gostado de apresentar a história e o vídeo à sala B1, ao qual a MS responde que sim. Também perguntei se ela achava que tinham gostado e ela disse “Uma gostou, uma amiga minha de lá, os outros é que eles não gostaram– fala da MS, fazendo uma careta” (...) Perguntei porque é que ela achava que os outros meninos da sala B1 não tinham gostado da história e ela respondeu “Não sei... eu bem sabia que eles não iam achar piada– fala da MS”. Pergunto como sabia e ela responde “Então, eu escolhi outra história! Podias ter escolhido – fala da MS”»	1

ANEXO XLVII: TABELA DE CATEGORIAS DE ANÁLISE DA M

RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS LIVROS/NARRATIVA			
Categorias	Subcategorias	Evidências	Total
Escuta/leitura de livros e interação	Mediadores	«Sento-me com a M e começo por lhe perguntar quem é que se lia histórias. Responde-me então que quem lhe lia histórias “És tu, a F e a Ra”, assim como a sua mãe e o seu pai.» (Ei M)	1
	Frequência de escuta/leituras	«Normalmente ao fim de semana» (QM)	1
	Livros preferidos	«Depois disso, pergunto quais as histórias que gostava mais de ouvir e a M responde que era “A história dos porquinhos”» (Ei M) «As suas histórias favoritas, segundo a M, são as da Disney e quando lhe pergunto se me conseguiria contar uma história da Disney responde que não, prosseguindo a contar-me de quando a sua madrinha foi à Disney» (Ei M)	2
	Critérios de escolha de livros que ouve/lê	«Questiono qual gostaria de ver primeiro e pergunta-me “Huh... isto é uma história?”, referindo-se ao livro <i>O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca</i> , de Helène Rice. Respondo que sim e ela pega então nesse livro» (T2 M) «Pega no livro <i>Eustáquio, o mágico magnífico</i> , de Alexandre Rampazo e passa as suas páginas, enquanto sorri e ri quando vê a personagem presa» (T2 M) «Digo para se escolher a próxima história e a M diz, prontamente, enquanto pega na história <i>Os Bolsos da Marta</i> , de Quentin Blake, “Esta! Esta é engraçada que eu sei!”» (T2 M)	5

		<p>«A M escolhe então outro livro, <i>O livro sem bonecos</i>, de B. J. Novak, para continuar (...) Abre o livro que escolheu acabando por dizer que ainda não tinha aparecido nada, ao mesmo tempo que vai passando algumas páginas (...) Quando já se encontrava no final, pergunto se a história é engraçada, comentando que “Não apareceu nenhuma pessoa...”, acenando também que não com a cabeça, enquanto fecha o livro» (T2 M)</p> <p>«Pergunto então qual tinha sido o livro que a fez rir mais e a M pensa um pouco, apontando, por fim, para o livro <i>Eustáquio, o Mágico Magnífico</i>, de Alexandre Rampazo, rindo-se» (T2 M)</p>	
	Interações	<p>«Vira a página e diz “Um menino sentado em cima dele. Tá na panela, ah! Tá a dar banho ao crocodilo Ai!”. Continua a virar as páginas e diz “O menino tá dentro da barriga do crocodilo, porque comeu”. Quando acaba o livro ri-se» (T2 M)</p> <p>«Questiono o que irá suceder-se a seguir na história e a M, ao ver a página onde a personagem desaparece, exclama “Ah!!! Fugiu!” (...) “Mas o que é que aconteceu a esta história?”. Afirmo que saiu das folhas, mas que estava em todas as folhas. Pergunto-me onde estará a personagem e a M responde “Ainda não está aqui, mas está aqui”, rindo-se» (T2 M)</p> <p>«A M pega no livro <i>A Toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça</i>, de Werner Holzwarth, proferindo um “Uau – fala da M”»</p> <p>«Vira as páginas e comento que a toupeira era uma coitada, mostrando-lhe o que tinha em cima da cabeça. Ri-se quando vê o que é e diz “Foi um pássaro. Ah, foi um pássaro, porque olha aqui o cocó dele”» (T2 M)</p>	4
Socialização de práticas de leitura	Interação e emoções tidas em torno do livro	<p>«A mostrar a tentativa de saída do Eustáquio do cofre onde entrou, (...) a M comenta que Eustáquio está atrás do cofre» (T3 E)</p> <p>«Faço um som de espanto para o livro e a M diz “Agora apareceu!» (T3 E)</p> <p>«A M, ao ouvir os comentários das crianças a dizer que ele nunca mais ia aparecer, comenta que “Ele vai voltar!”» (T3 E)</p> <p>«(...) a M diz “Ele estava em silêncio!”, mostrando um dedo na boca como a personagem estava a fazer na ilustração» (T3 E)</p> <p>«A M questiona ao observar a ilustração da história “Porque é que ele está lá dentro?”, uma vez que viu o menino da história dentro da “vaca”»</p> <p>«Quando peço para chamar a vaca comigo, imitando o seu mugido, a V, a MS e a M juntam-se a mim para chamar» (T3 V)</p> <p>«A ela junta-se a M, que diz “Ele atirou-a porque ela estava pesada”. Confrontados com a ideia de se ter atirado para a árvore um balde de tinta, a M prefere um “Ah!” surpreendido. Depois de ter perguntado se sabiam o que tinha acontecido, a M responde “Ficou cinzento!”» (T3 P)</p>	14

		<p>«Já com a ideia de que a personagem tinha atirado o carro do pai para a árvore, (...) a M, que comenta “Ai, estou doida!”. Com a ideia de se atirar um orangotango para cima da árvore, aconteceu a mesma coisa: a M repetiu o que tinha dito anteriormente “Eu estou mesmo doida!”» (T3 P)</p> <p>«Perguntei se sabiam o que é que a personagem tinha atirado mais a M responde “Uma casa”» (T3 P)</p> <p>«Rapidamente as vozes das crianças do grande grupo ficam ligeiramente mais altas e a M pede silêncio, preferindo um chiu colocando o seu dedo na boca, perto dos lábios» (T3 P)</p> <p>«Quando mostro a ilustração que permite ver tudo aquilo que ficou preso em cima da árvore, (...) a M levanta-se do seu lugar no chão para vir ver mais perto» (T3 P)</p> <p>«Na história aparece um serrote e deixo as crianças responderem o que achavam que ia acontecer com o serrote. A M responde que o menino cortou a árvore.» (T3 P)</p>	
	Escolha/seleção de livros	<p>«A M senta-se, olha para a folha e posiciona a caneta perto da história do <i>Eustáquio, o mágico magnífico</i>, de Alexandre Rampazo, (...) Prontamente faz o seu voto e quando termina diz “Já tá”. Peço para me dar a caneta» (T5 M)</p> <p>«A M, também perante os votos do Eustáquio, encontra-se sorridente» (T6)</p> <p>«Os votos no Eustáquio são aqueles que mais suscitam entusiasmo perante o grande grupo. A M comenta ainda “Eu acho que o Eustáquio vai ganhar”» (T6)</p> <p>«A M levanta-se e aponta para o quadro, dizendo “Porque tinha mais!”» (T6)</p>	5
	Participação na elaboração do vídeo	<p>«Pergunto se queriam fazer o vídeo e (...), a M, (...) colocam o dedo no ar e exclamam “Eu quero!”» (T7)</p> <p>«(...) a M acrescenta “E filmar, e filmar!”» (T8)</p> <p>«Depois, a M comenta que não consegue contar a história» (T8)</p> <p>«A M diz ainda “É o que nós temos de filmar”» (T8)</p> <p>«A M diz que quer falar e sugere “E se nós... Mas também podemos... Tu podes contar a história outra vez, mas tem, mas tem, mas tu tens que filmar a história outra vez” (...) A M ainda sugere “Mas tens que filmar tu a, a, a falares para eles ouvirem”» (T8)</p> <p>«Pergunto-lhe se gostaria de dançar a história do <i>Eustáquio, o mágico magnífico</i> e a M acrescenta “Podíamos dançar a história assim, desaparecer para trás de ti e aparecer outra vez, desaparecer para trás de ti e aparecer outra vez”» (T8)</p> <p>«A M salta para o chão e começa a mostrar-me como é que eu estava, o que ele tinha feito e como eu não tinha visto» (T8)</p> <p>«Digo que podemos tentar fazer a dança e a M acrescenta “Com a ajuda da V, né?”, visto ser ela</p>	20

		<p>quem estava a dançar e sabia a dança» (T8)</p> <p>«A M sugere que o vídeo seja feito na relva, perto do muro» (T8)</p> <p>«(...) a M acrescenta “E vocês podem, e vocês podem ver, até as professoras podem ver nós a dançarmos”» (T8)</p> <p>«O R começa a falar, mas é interrompido pela M que diz “A sala B1 têm de vir ver”. Algumas crianças explicam à M, nomeadamente a MS e a V, juntamente comigo, que nós é que iríamos à sala deles para lhes mostrar o vídeo» (T8)</p> <p>«A M comenta que a V “Tem muitos planos”» (T9)</p> <p>«(...) a M acha que primeiramente se deveria falar com os meninos da H, a educadora da sala B1» (T9)</p> <p>«A M e a V posam para a câmara» (T9)</p> <p>«(...) eu pergunto às meninas se gostariam de dizer alguma coisa sobre o Eustáquio (...) A M também diz “Ele, ele, ele também às vezes apareceu, mas só que a Marta não o viu”» (T9)</p> <p>«A M e a V juntam-se a elas e eu pergunto se o vídeo que iam fazer já tinha terminado (...) A M faz uma vénia» (T9)</p>	
Impacto do projeto nas práticas de leitura das crianças	O que aprenderam	«Por fim, pergunto-lhe o que é que ela tinha aprendido com todo este trabalho que se tinha feito e a M responde “Eu gostei muito e eu aprendi muito”. (...) Pergunto outra vez o que é que ela aprendeu e ela responde “Aprendi a dançar – fala da M”. Por fim, pergunto-lhe se tinha aprendido mais alguma coisa e ela repete “Foi muito divertido”» (Ef M)	1
	Como se sentiram	«(...) pergunto depois o que é que ela tinha gostado mais de fazer: se tinha gostado de escolher a história e de as ouvir, de votar, fazer o vídeo, entre outros e a M responde “Votar”. Quando pergunto porquê ela responde “Porque tu não estavas a ver e, e eu gostei porque o Eustáquio ganhou”. Também lhe pergunto se achava que os amigos também tinham gostado de fazer todos estes trabalhos e ela responde afirmativamente. Quando lhe pergunto porquê ela diz “Porque foi muito engraçado e foi na casinha e ainda bem que não foi, que não foi, que não foi na relva”. Pergunto-lhe se não gostava que fosse na relva ela responde que não, justificando-se dizendo “Mas eu gostava de dançar na relva, mas como na relva não tem televisão”» (Ef M)	1

	Percepção das crianças relativamente à apresentação do vídeo à sala B1	«Depois pergunto se ela achava que os meninos da sala B1 tinham gostado de ver o vídeo e ela prontamente responde “Não” (...) “A MS disse, a MS disse que eles não gostaram da história, não foi engraçada. Eles disseram que não gostaram da história”. Pergunto depois o que é que ela achava sobre o assunto e a M abana a cabeça negativamente, indicando que as crianças não tinham gostado, acrescentando ainda “Para nós foi engraçado e para eles não foi. Eles nem se riram um bocado...”» (Ef M)	1
--	--	--	---

ANEXO XLVIII: TABELA DE CATEGORIAS DE ANÁLISE DO R

RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS LIVROS/NARRATIVA			
Categorias	Subcategorias	Evidências	Total
Escuta/leitura de livros e interação	Mediadores	«“O pai e a mãe”» (Ei R)	1
	Frequência de escuta/leituras		0
	Livros preferidos	«Questiono depois que tipo de histórias os seus pais lhe liam, dizendo-me que lhe leem “Do Pedro no Parque” e “E do Rei Leão”». Quando lhe pergunto qual a história que mais gostava de ouvir responde que gosta das duas» (Ei R)	2
	Critérios de escolha de livros que ouve/lê		0

	Interações	<p>«Explico que agora teria de ver as imagens dos livros, para escolher uma que achasse mais engraçada. O R responde-me “Ah, mas eu leio só, é só para ver a primeira só”, mostrando-me um dedo.» (T2)</p> <p>«O R insiste em ver somente a primeira página, puxando para perto de si o livro <i>O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca</i>, de Helène Rice. Assim o faz: abre a primeira página do livro para a ver, colocando-o depois de lado» (T2)</p> <p>«Pega depois no livro <i>A Toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça</i>, de Werner Holzwarth. Abre o livro e passa algumas páginas em silêncio» (T2)</p> <p>«Pega depois no livro <i>Presos</i>, de Oliver Jeffers e no livro <i>O livro sem bonecos</i>, de B. J. Novak, com a mão esquerda e direita, respetivamente, dizendo-me “E, e... tu vês que eu tou... tu vês esta e eu vejo esta”, insistindo em só vermos a primeira página, observando o seu livro e o meu, para ver se cumpria» (T2)</p> <p>«Fecha o seu livro e inclina-se para ver o meu, afastando-se depois para o chamar e escolher então o seu livro. Contrariado, volta e pega no livro <i>Presos</i>, de Oliver Jeffers» (T2)</p>	5
Socialização de práticas de leitura	Interação e emoções tidas em torno do livro	<p>«O R permanece quieto a observar a história [<i>Eustáquio, o Mágico Magnífico</i>, de Alexandre Rampazo]» (T3 E)</p> <p>«Quando viro e mostro a página onde o Eustáquio desaparece, (...) esboça um leve sorriso, assim como R» (T3E)</p> <p>«Quando peço para baterem palmas ao Eustáquio, todas as crianças do grande grupo e da amostra batem palmas de forma entusiástica, menos o R, que bate palmas de um modo mais lento» (T3E)</p> <p>«Todas as crianças da amostra prontamente apontam para a ilustração e exclamam, dizendo “Está aí!”, menos o R, que esboça um sorriso» (T3 E)</p> <p>«(...) questionei se as crianças sabiam desenhar uma vaca (...) e o R não responde» (T3 V)</p>	6
	Escolha/seleção de livros		0
	Participação na elaboração do vídeo	<p>«Perguntei de novo como é que iremos mostrar a história à sala B1 (...) O R ainda diz “Filmar o vídeo, duh!”» (T8)</p> <p>«O R segura a sua cabeça com uma mão, olhando para a V com uma cara aborrecida. Permanece quieto e calado» (T8)</p> <p>«O R imediatamente diz “Ah, eu não vou fazer!” e eu pergunto o que é que ele iria fazer» (T8)</p> <p>«O R diz “Desculpa lá, mas eu não vou fazer essa dança”. Pergunto de novo o que é que iria fazer, pelo que me responde que preferia falar» (T8)</p> <p>«Todas as crianças concordam em fazer o vídeo na casinha, menos o R que gostaria de fazer um</p>	8

		<p>vídeo na sala B2. Explico que naquele momento não podia ser, uma vez que estavam algumas crianças na sala a trabalhar com a educadora e a auxiliar de ação educativa da sala. O R sugere fazer-se na sala B1 e eu explico que também não poderia ser lá, visto a surpresa ser para eles e não podermos usar uma sala que não é nossa» (T8)</p> <p>«Depois pergunto ao R o que é que ele gostaria de falar na história e ele responde “Falar... Olha, eu falo que o Eustáquio, quase no fim da história, ele desaparece”» (T8)</p> <p>«Posto isto, pergunto porque achavam que a sala B1 deveria ler a história. O R responde “Porque, para ver se ela gosta” (...) O R volta a dizer “Para ver se eles gostam”» (T8)</p> <p>«O R pede à V para se chegar mais para trás e a V, a M e a MR vêm para trás da câmara, pelo que lhes digo que não era aí que se tinham de colocar, mas sim à frente da mesma» (T8)</p> <p>«Comento que se o R não quiser fazer, não faz» (T9)</p>	
Impacto do projeto nas práticas de leitura das crianças	O que aprenderam	«Por fim, pergunto o que é que tinha aprendido com todos os trabalhos que foram feitos (...) e o R responde “Ler a história”, (...). Quando lhe pergunto de novo se tinha aprendido alguma coisa, o R responde com um encolher de ombros» (Ef R)	1
	Como se sentiram	«Perguntei se tinha gostado de escolher a história e ele respondeu “Mais ou menos”.	1
	Perceção das crianças relativamente à apresentação do vídeo à sala B1	Pergunto depois se achava que os amigos da sala B2 tinham gostado de fazer o projeto e ele responde “Não sei”» (Ef R)	1

ANEXO XLIX: TABELA DE CATEGORIAS DE ANÁLISE DO L

RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS LIVROS/NARRATIVA			
Categories	Subcategorias	Evidências	Total
Escuta/leitura de livros e interação	Mediadores	«Perguntei se existiam pessoas que lhe liam histórias, pelo que responde que era a F (a sua educadora de infância), bem como os seus pais, os seus avós e os seus tios» (Ei L)	1
	Frequência de escuta/leituras	«ANTES DE DORMIR» (Q L)	1
	Livros preferidos	«Pergunto qual era a história que mais gostava de ouvir e responde que “Eu gosto das que eu não conto lá em casa...”. Acrescenta também, depois de lhe perguntar que histórias seriam essas, que	2

		<p>não tem em casa a história do Lobo e dos Cabritinhos, respondendo também que era essa a que mais gostava» (Ei L)</p> <p>«Depois pergunto quais eram as outras histórias que mais gostava de ler. O L responde-me que eram “A do Chapeuzinho Vermelho, do Pé de feijão e dos Três Porquinhos”» (Ei L)</p> <p>«A BELA E A FERA, CAPUCHINHO VERMELHO, TRÊS PORQUINHOS, JOÃO E MARIA, PINÓQUIO» (Q L)</p>	
	<p>Critérios de escolha de livros que ouviu/lê</p>	<p>«Pergunto qual quer ver primeiro e responde “Mas eu acho que tem um aqui pegaste... que tava muito mais engraçado, eu tou a sentir aqui”. Pega então no livro <i>A Toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça</i>, de Werner Holzwarth e quando lhe digo que tem que ver qual a história mais engraçada o L assente» (T2 L)</p> <p>«O L prontamente diz “A verde, a verde!”, enquanto se move para chegar ao livro <i>O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca</i>, de Helène Rice» (T2 L)</p> <p>«O L diz que sim e pega no livro <i>Presos</i>, de Oliver Jeffers, comentando “Ah, esta aqui eu acho que é muito mais engraçada”. Comenta também que achava que essa história era sobre macacos, acrescentando depois “Ahh, eu acho que é do menino que vai soltar a pipa, esse menino vai soltar a pipa. Ahhh, aqui, ó! Ele, ele botou o sapato, soltou a pipa e aí jogou o sapato pa tirar a pipa!» (T2 L)</p> <p>«O L depois pega no livro <i>Os Bolsos da Marta</i>, de Quentin Blake, para o ver de seguida, afirmando “Mas eu acho que essa aqui é mais divertida”. (...) “Essa aqui tá parecendo do pai que tá enganando eles. Eu acho que deve ser o pai que tá enganando eles”. Virando a página rapidamente muda de opinião, afirmando que afinal se trata de uma mãe» (T2 L)</p> <p>«Acabado o livro, pergunto qual gostava de ver de seguida e responde “Acho que esta aqui se chama... Duende Bigode Mágico”, enquanto pega no livro <i>Eustáquio, o Mágico Magnífico</i>, de Alexandre Rampazo» (T2 L)» (T2 L)</p> <p>«Digo que faltava somente ver mais uma história e o L pega no último livro <i>O Livro sem Bonecos</i>, de B. J. Novak» (T2 L)</p> <p>«Quando acaba de ver o livro, peço para não já embora, perguntando-lhe de novo qual a história que tinha achado mais engraçada. O L pega logo no livro <i>Presos</i>, de Oliver Jeffers» (T2 L)</p>	7
	<p>Interações</p>	<p>«Vira a página e olha para as mesmas, perguntando o que era o que estava a ver, enquanto encolhia os ombros e sorri. (...) Vira mais duas páginas e exclama “acho que isso aqui era... eu acho que isso aqui era cocó e isso aqui era chichi também” (...) “Porque isso... mas é que tem cocó diferente, porque eles, os animais, são um pouco diferentes”» (T2 L)</p> <p>«Pergunta o que era aquilo que estava a ver e respondo que era uma boa pergunta, levando-o a</p>	8

	<p>comentar “Eu acho que isto aqui tinha uma pessoa, ela botou um pé, uma caixa, um pé de brinquedo e aí juntou e aí fez uma mágica e virou isso”. Pergunto o que era a próxima ilustração e vira a página, respondendo “Eu acho que ele misturou uma cauda, acho que ele misturou uma cauda com a caixa e virou um jacaré” (...) “Eu acho que essa história é mágica”» (T2 L)</p> <p>«Sorri quando vê o jacaré a ser cozinhado, virando a página para ver as próximas ilustrações e o que se passava na história, comentando e descrevendo o que via ou dando hipóteses, como por exemplo “Oh lá, o que é isto? Aí ele vai fazer o cocó e aí vai sair daqui de dentro!”. Vê uma pata a surgir na folha e comenta que vai aparecer um cavalo. Ao ver a nova ilustração, sorri quando digo que não é um cavalo» (T2 L)</p> <p>«O L vira a página e aponta para a ilustração surpreso, antes de me dizer “Atirou a escada! Eu acho que ele vai atirar sabe o quê?”. Respondo que não e o L vira a página, exclamando “Um balde! Um balde de tinta!”. Continua a virar as páginas e fica cada vez mais entusiasmado a ver as coisas que vão parar à árvore, enumerando-as e dizendo várias vezes “Isto, isto, isto, que é isto?!”. Eu incentivo-o, pergunto o que iria passar-se a seguir e responde-me “E atirou e atirou... oh e lá atirou um pássaro! Ups... ah, vai atirar!...”» (T2 L)</p> <p>«Digo para observar a árvore e passa a página ficando entusiasmado quando vê que a personagem vai atirar uma casa, assim como “Vai atirar a baleia! E vai atirar o farol! O que é isso, uma pessoa! Um gorila! Que é isso, ohhh uma pessoa! Ele jogou com a pessoa! Vai jogar o senhor!”» (T2 L)</p> <p>«Vai virando as páginas e sempre que fica entusiasmado diz “Que é isso, que é isso, que é isso! – fala do L”. Chega também a bater com a sua mão na página» (T2 L)</p> <p>«O L também me chega a perguntar “Será que ele vai conseguir sair?” e eu incentivo-o a ver comigo. Na parte da magia do desaparecimento, o L exclama, depois de virar a página “Ah, desapareceu!”. Vira as páginas, para ver o que se sucedia depois e diz “Que é isto? Não há mais nada!...” [<i>Eustáquio, o Mágico Magnífico</i>, de Alexandre Rampazo)]» (T2 L)</p> <p>«O L permanece quieto a olhar e depois vira a página, dizendo “Tá tudo em branco! Eu acho que ele tá a fazer uma mágica!”. Digo que teríamos de ver e o L continua a virar páginas, até que me diz “Acho que esse livro é só em branco. Que é isto... não tá a aparecer nada...”. Pergunto se acha a história engraçada, o que me faz ganhar um encolher de ombros por parte do L, que diz depois “Não tá a aparecer nada, nem pessoas nem animais!”»</p>	
--	--	--

Socialização de práticas de leitura	Interação e emoções tidas em torno do livro	<p>«(...) depois, ao mostrar Eustáquio cortado ao meio, o L coloca as mãos na cabeça exclamando um “ahhh!”» (T3 E)</p> <p>«Quando viro e mostro a página onde o Eustáquio desaparece, (...) o L, inclinado para a frente, observa as outras crianças» (T3 E)</p> <p>«Continuo a virar as páginas do livro e o L (...) pedem para eu continuar a virá-las» (T3 E)</p> <p>«Continuo a chamar pela personagem. Viro a página e num canto da folha está o Eustáquio escondido, a fazer sinal às crianças para não fazerem barulho. (...) o L sai do seu lugar» (T3 E)</p> <p>«Virando a página sem conseguirem ver, e chamando por ele, conseguem perceber que o Eustáquio não estava na página. (...) o L diz que “Desapareceu!”» (T3 E)</p> <p>«Decido desafiá-los e digo que na história estava realmente desenhada uma vaca. (...) assim como o L, que diz “Mas era um crocodilo!”» (T3 V)</p> <p>«Uma criança do grande grupo comenta que vai ficar tudo preso na árvore e o L responde “Até vai ficar uma casa!”. Quando falo que a personagem atirou um pato para soltar o balde de tinta que estava preso na árvore, o L abre a boca surpreendido» (T3 P)</p> <p>«Já com a ideia de que a personagem tinha atirado o carro do pai para a árvore, a MS ri-se, assim como o L» (T3 P)</p> <p>«Enquanto vou enumerando o que a personagem atirava para cima da árvore, o L comenta algo com uma criança que estava sentada à sua direita, que se encontrava muito surpreendida. Quando mostro as ilustrações, o L dá um salto no seu lugar e aponta entusiasmado para as mesmas» (T3 P)</p> <p>«Quando mostro a ilustração que permite ver tudo aquilo que ficou preso em cima da árvore, o L aponta para a mesma» (T3 P)</p> <p>«Depois disso, descrevo que um carro de bombeiros passava por perto e perguntou se precisavam de ajuda. Pergunto às crianças se sabiam o que é que se tinha sucedido depois e o L respondeu “Jogaram eles”. Com a ilustração, o L sorri e diz “Ahhh, socorro, ajuda!”» (T3 P)</p> <p>«(...) eu explico e que o papagaio tinha finalmente caído no chão. (...) o L bate palmas enquanto salta no seu lugar» (T3 P)</p>	12
	Escolha/seleção de livros	<p>«Começa por fazer um traço no quadradinho correspondente à história <i>Presos</i>, de Oliver Jeffers, parando para observar a imagem da capa do livro antes de continuar a fazer a sua marca. Acaba por fazer isso mais uma vez e desenha um menino. Quando pergunto se já estava, este responde “Sim”, levantando-se» (T5)</p> <p>«O L entusiasma-se na fase final, quando o livro <i>Presos</i> ganha mais um voto» (T6)</p>	2
	Participação na elaboração	<p>«Pergunto se as crianças estão à altura do desafio e as crianças da amostra respondem que sim, excetuando o L e a MR, que estavam a conversar com as crianças ao lado» (T7)</p>	9

	vídeo	<p>«Perguntei de novo como é que iremos mostrar a história à sala B1 e o L responde “Temos de fazer um vídeo!”» (T8)</p> <p>«O L diz “É a Marta que lê”» (T8)</p> <p>«O L sugere “Nós podemos filmar e depois ligar o teu celular e depois mostrar aos meninos da sala B1”» (T8)</p> <p>«O L acrescenta ainda “Então temos que fazer isso, para os meninos da sala B1 saberem!”» (T8)</p> <p>«Também faço a mesma questão ao L e este responde “Huh... Eu quero falar que, que, que... eu vou falar”. Pergunto se vai falar sobre a história e responde-me afirmativamente» (T8)</p> <p>«(...) o L diz “Ele... ele... Ele ficou preso nas correntes”. Pergunto o que se tinha passado mais e o L responde que a personagem tinha também ficado presa numa caixa. Posto isto, pergunto porque achavam que a sala B1 deveria ler a história. (...) o L acrescenta “Porque às vezes, porque às vezes eles podem gostar”» (T8)</p> <p>«O L sugere que primeiro se fale da história» (T9)</p> <p>«O L diz então, depois do meu sinal, “Hoje nós vamos contar ao Eustáquio que ele, que ele... Que ele foi o, o mais engraçado, mas só que... Nós vamos fazer um vídeo e também nós vamos mostrar a vocês, mas, mas só que, mas só que nós temos que fazer quando nós dissermos, porque tem algumas coisas para nós fazermos ainda”» (T9)</p>	
Impacto do projeto nas práticas de leitura das crianças	O que aprenderam	<p>«Por fim, pergunto o que é que ele tinha aprendido e o L responde “Eu aprendi que, que, que, que se, se uma pessoa, lá da televisão, falar connosco e falar pá, pá mostrar uma coisa à sala B1, nós temos que, que apresentar”» (Ef L)</p>	1

	Como se sentiram	<p>«Seguidamente, perguntei também se ele tinha gostado de mostrar a história à sala B1, ao qual o L respondeu “Sim, porque, porque, porque eu, eu, eu, porque eu, porque eu adorei”. Perguntei porque é que tinha adorado e o L respondeu “Porque lá, porque lá tava, tava lá o meu amigo D”. Repeti o que me tinha dito e o L diz ainda “Sim, na sala B1, que se chama D”» (Ef L)</p> <p>«Estando quase na parte final da entrevista, perguntei qual tinha sido a parte de todo o projeto que ele tinha gostado mais de fazer, lembrando-lhe o que tínhamos feito. O L responde “Ah, já sei! Fizeste lá na escola, mas não foi dentro da escola, foi lá num lugar perto da nossa sala. Tu, tu, eu gostei mais da parte que nós lemos as histórias naquele dia”. (...) Perguntei porquê e ele disse “Porque, porque, porque, mas é, mas é que eu, é que eu estava, eu, é que eu gostei de, eu gostei muito de ver as histórias”» (Ef L)</p> <p>«Perguntei também se achara que os amigos da sua sala tinham gostado de fazer o projeto, ao qual o L respondeu “Sim, porque, porque, porque, porque, porque, porque, porque, porque, a V falou que gostou muito”» (Ef L)</p>	3
	Perceção das crianças relativamente à apresentação do vídeo à sala B1	«Passando para outra pergunta, perguntei se ele tinha achado que a sala B1 tinha gostado de ouvir a história e o L respondeu “Sim, porque, é que eu vi uma pessoa a sorrir e a rir. Era, era o meu amigo D”» (Ef L)	1

ANEXO L: TABELA DE CATEGORIAS DE ANÁLISE DA V

RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS LIVROS/NARRATIVA			
Categorias	Subcategorias	Evidências	Total
Escuta/leitura de livros e interação	Mediadores	«Pergunto primeiramente quem é que lhe lê histórias em casa e a V ri-se, respondendo que ninguém o faz. (...) Tento retomar a pergunta, percebendo se alguém lhe lia, e pergunto se a educadora lhe lia histórias, respondendo-me que sim» (Ei V)	1
	Frequência de escuta/leituras		0
	Livros preferidos	«Pergunto que histórias ouve e responde-me que “Eu tou a gostar mais das mais assustadoras (...) só que eu também gosto muito das divertidas, como aquelas que... como uma abelha pica as outras e ele está a me assustar e a gente ri-se gargalhadas”» (Ei V)	2

		«Depois pergunto qual era a história que gostava mais de ouvir. Tem de pensar um bocado na sua resposta, uma vez que “é tão secreto, tão secreto que esqueci-me”. Comenta outras coisas, mas quando se lembra, responde que “É a bruxa do bosque”» (Ei V)	
Critérios de escolha de livros que ouve/lê		<p>«Digo então para ver qual será o outro livro que gostava de ver e escolhe o livro <i>A toupeira que queria saber quem lhe fizer aquilo na cabeça</i>, de Werner Holzwarth, dizendo querer ver o do Pingolas» (T2 V)</p> <p>Depois de arrumar os livros que já tinha visto numa pilha e de apanhar aqueles que já tinham caído, diz-me “Vou aqui ver esta. Um menino subiu à árvore. Esta deve ser bem assustadora!”. (...) depois abre o livro [<i>Presos</i>, de Oliver Jeffers], para ver as suas imagens e diz, rindo “História, era uma vez um menino, ele estava com o seu para-quedas. Não sabia para onde ir. Voou”» (T2 V)</p> <p>«Um pouco mais tarde, a V diz ainda “Mas parece um monstro. Hmmm, oh,oh, ele sem querer... foi mandar lá um balde, pumba, logo de volta... Esta história é um pouquinho sem graça...”» (T2 V)</p> <p>«Coloco a história no monte dos livros já lidos e a V sorri e abre o livro <i>Eustáquio, o mágico magnífico</i>, de Alexandre Rampazo. Comenta depois “Acho que isto... acho que a gente tem que ir fazendo isto... Rei... Reino. Marta, esta história é muito grande... A gente não pode ler esta...” Digo para experimentar ver as páginas e responde-me, enquanto começa a virar as páginas, “Ok, mas eu não me vou habituar a ver”» (T2 V)</p> <p>«Pega no livro <i>O livro sem bonecos</i>, de B. J. Novak e diz “Eu vou dizer primeiro ao pessoal”. (...). Abre então o livro e comenta, olhando para mim a sorrir “Ahh, muitas letras! Isto não tem nada...”. Comenta também que o livro não é divertido. Pergunto então se vai escolher essa e a V responde “Não, a gente já sabe como é esta”» (T2 V)</p> <p>«O último livro que a V vê é <i>O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca</i>, de Helène Rice. (...) Abre o livro e a primeira coisa que diz é “Uau, ela tem a cor assim!”. Finge que o livro é um telemóvel, devido ao seu formato diferente, e depois chama o meu nome duas vezes, para eu ver as ilustrações. (...) Comenta também que “Eu deixei esta para a única, porque ela é uma lição interterminável” e acabamos por nos rir as duas. Ri-se com o crocodilo na panela. Fala que apagou-se a barriga do crocodilo e imita a sua cara de chateado. No final, resmunga que a história era muito pequena» (T2 V)</p> <p>«“Eu estou um bocadinho... Eu não estou a conseguir escolher... qual é que tu achas que é a melhor de todas, esta, esta, esta, esta...”. Pergunto qual é que foi a que tinha rido mais e acaba por escolher o livro <i>Eustáquio, o mágico magnífico</i>, de Alexandre Rampazo» (T2 V)</p>	7
Interações		«Ia para dizer uma coisa, mas pergunta-me se os meus bolsos são mágicos. Tento perceber porquê e	5

		<p>ela explica que existia um livro com uma personagem com o meu nome, que “Tinha bolsos, bolsos, bolsos. Num tinha aranhas, quer dizer, um tinha um crocodilo, um tubarão...”. Comento que seria divertido ter um casaco assim, mas não concorda comigo» (Ei V)</p> <p>«Por fim, pergunto se gostaria de dizer mais alguma coisa e responde que sim, dizendo “Que eu tenho medo da bruxa do bosque”, uma vez que “quem não respeita a mãe, aquela bruxa come”. A V depois diz também que “Não, mas aquela bruxa não existe... a gente é pa não obedecer” e que temos que ficar perto» (Ei V)</p> <p>«Começa então a dizer, virando algumas páginas [vê o livro <i>A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça</i>, de Werner Holzwarth], “Vês, eu disse que eram os Pingolas. História Pingolas, pinguins, era uma vez um pingola. Ai deixa-me aqui ver qual é a página mais engraçada. Ui, não, são ratazanas. Vamos ver o que é que eles dizem” (...) Continua a falar sobre a mesma, fazendo caretas ou rindo-se para mim, e quando acaba de ver o livro diz “Vitória Vitória, acabou-se a história!”» (T2 V)</p> <p>«Vira mais algumas páginas até que depois diz “Marta... precisas ver isto”. Mostra-me a ilustração da personagem principal do livro preso por correntes e eu pergunto se achava que ia conseguir escapar, ao qual a V me responde “Com certeza”. Repito o que diz e ela ainda acrescenta “Pá, mas ele está ao contrário...”. Acabamos por virar a página e a V exclama “É magia! Que mestre precioso...”» (T2 V)</p> <p>«Chegamos à parte em que a personagem desaparece e a V afirma que sabe onde está. Digo para ver a página seguinte e assim o faz, agitando também o livro enquanto se se ri. Comenta também “Ele ficou preso!”. (...) “Ele, ele foi andando para outra página”. (...) Depois mostra-me a página onde a personagem finalmente aparece agachada. Digo que não estava a ver nada e ela leva a página para mais perto de mim. Digo de novo que não via nada e ela aponta para a ilustração. Insisto que não via nada e que era uma página branca, mas a V também insiste, dizendo “Não é... Marta vê”» (T2 V)</p>	
Socialização de práticas de leitura	Interação e emoções tidas em torno do livro	<p>«Ao mostrar o coelho que Eustáquio retira do vazio, a V dá um pequeno salto de espanto» (T3 E)</p> <p>«A mostrar a tentativa de saída do Eustáquio do cofre onde entrou, a V sorri ao ver a ilustração» (T3 E)</p> <p>«Quando faço a contagem, a V acompanha-me (...)» (T3 E)</p> <p>«Viro de novo e a V exclama» (T3 E)</p> <p>«Comento que agora o Eustáquio já deve aparecer e a V, (...) concordam» (T3 E)</p> <p>«A V ri-se e diz “É engraçada!”» (T3 E)</p> <p>«A V salta no seu lugar» (T3 E)</p>	22

	<p>«Ao referir, de novo, que não conseguia ver onde estava a personagem, a V responde “Ali, de camisola vermelha!”» (T3 E)</p> <p>«A V coloca o dedo no ar, visto não ter conseguido captar a minha atenção tendo em conta o ruído em sala. Quando lhe dou a oportunidade para falar, ela diz “Olha, tu é que estavas com a página assim para nós vermos...”» (T3 E)</p> <p>«Quando confrontados com o tempo de cozedura da “vaca”, 30 minutos, a V comenta que “Isso é muito!”. Mais tarde, quando confrontados com a hipótese de a “vaca” se lançar sobre eles e de lhes explicar que as vacas são herbívoras e que não comem crianças, a V responde “Mas essa come!”» (T3 V)</p> <p>«Quando a contradigo e digo que é uma vaca, a V prontamente responde “Não, isso não é!”» (T3 V)</p> <p>«Quando peço para chamar a vaca comigo, imitando o seu mugido, a V, (...) juntam-se a mim para chamar» (T3 V)</p> <p>«Quando confrontados com o crocodilo, e quando refiro que temos de agarrar na borracha, a V repete as minhas palavras, dizendo “Borracha”» (T3 V)</p> <p>«Acabada a história, a V comenta que a história “Ela é bué pequena!”, acenando afirmativamente com a cabeça quando pergunto se tinham gostado da história. justificando-se e dizendo “Porque era engraçada”. Logo depois, contradiz-se e diz que não tinha achado engraçada, acrescentando ainda que “Ninguém achou graça”» (T3 V)</p> <p>«A V prontamente diz “Em vez de desenhar uma vaca tinha um crocodilo”. Decido desafiá-los e digo que na história estava realmente desenhada uma vaca. A V prontamente reclama, dizendo “Não era!”» (T3 V)</p> <p>«Começando a ler a história, (...), a V, (...) permanecem sentados em silêncio, observando as imagens do livro e o modo como personagem principal tentava atirar os seus sapatos para tentar tirar o seu papagaio de papel de uma árvore. Quando questionados sobre a possibilidade do que poderia acontecer a seguir depois de verem o gato Fred, a V comenta “Eu sei!”» (T3 P)</p> <p>«De seguida, a personagem da história traz um escadote que irá resolver todos os problemas. Quando eu digo “mas...”, a V acaba a minha frase, dizendo “Também ficou preso”» (T3 P)</p> <p>«Depois de ter perguntado se sabiam o que tinha acontecido, (...) a V pergunta “Ficou preso também?”» (T3 P)</p> <p>«Coletivamente, quando descobrem que a personagem atirou um pequeno barco para cima da árvore, as crianças preferem um “Oh!”, neste caso (...), a V (...))» (T3 P)</p> <p>«A V sorri» (T3 P)</p>	
--	---	--

		<p>«(...) eu explico e que o papagaio tinha finalmente caído no chão. A V prefere um “Ah!” surpreso» (T3 P)</p> <p>«A V, no final, comenta “Eu gostei mais dessa – fala da V”, referindo-se à história lida» (T3 P)</p>	
Escolha/seleção de livros		<p>«Sentada de novo na sua mesa, com a caneta e a folha perto de si, olha de novo para as capas dos livros e pergunta “Qual tu achaste mais engraçada?”, ao passo que respondo que tinha gostado de todas. A V diz “Pera, mas a do Eustáquio, sabes como ela é? É assim, podes olhar ainda” e levanta-se da cadeira, dizendo “É assim, ele estava assim para tu não veres”, mostrando-me como o Eustáquio estava agachando-se no chão. Pergunta “Agora consegues me ver? Estou aqui em baixo”» (T5)</p> <p>«Depois de me mostrar como a personagem da história tinha feito, questiono-a de novo qual tinha sido a história que tinha gostado mais e ela marca a história <i>Presos</i>, de Oliver Jeffers» (T5)</p>	2
Participação na elaboração do vídeo		<p>«(...) pergunto que mais ideias teriam para fazermos o vídeo, pelo que a V me responde “Vamos, vamos vamos, vamos convencê-los a ler, a sala 1, a sala B1”. Uso a ideia da V para perguntar de novo o que achavam que deveriam fazer no vídeo para convencer a sala B1 a querer escutar muito a história. A V responde, de novo, “Usar o teu telefone”» (T8)</p> <p>«Concordo com a ideia de eles contarem a história e pergunto se, para além de se contar a história, se existiria mais alguma coisa que pudessem fazer. A V diz “Eu consigo dançar, ummm...”» (T8)</p> <p>«A V pergunta “Mas olha, posso fazer a dança para vocês?”. Digo-lhe que sim e ela também vai para o chão para nos mostrar como seria a sua dança do Eustáquio. Explica que primeiro o Eustáquio fica parado e depois fica ao contrário, baixando-se» (T8)</p> <p>«A V começa a contar a história através de gestos, agachando-se e andando encolhida, explicando a história. (...) a V conversa com a MS e com a M sobre a ordem dos movimentos, argumentando que a parte onde ele aparece e desaparece corresponde à última página do livro» (T8)</p> <p>«Recapitulo aquilo que vão dizendo, falando alto que a ideia seria eles dançarem e a V interrompe-me dizendo “Não, agora é assim”, continuando a fazer movimentos» (T8)</p> <p>«A V quer dançar» (T8)</p> <p>«(...) a V pergunta “Mas olha, a gente, quando as bailarinas ainda vão dançar hoje no vídeo?”» (T9)</p> <p>«A V fica preocupada, dizendo “Porque depois ele quero aparecer e não, não... E depois não aparece no vídeo e depois, depois o nosso segredo vai ser estragado!...”» (T9)</p> <p>«A M e a V posam para a câmara (...) A V puxa a MR para mais perto de si, para que pudesse aparecer no vídeo» (T9)</p> <p>«(...) eu pergunto às meninas se gostariam de dizer alguma coisa sobre o Eustáquio e elas dizem</p>	14

		<p>que sim, dizendo (...) “E ele fechou-se, e quero dizer, e ele desapareceu em vários lugares”» (T9)</p> <p>«Pergunto como era a dança do Eustáquio e a M e a V metem se em posição, sendo que esta última diz “Vamos, vamos começar meninas!”»</p> <p>«Começam a dançar e a V resmunga, dizendo “Opá, não é assim, é a coisa que a gente viu no livro”. Comento que podem dançar como quiserem e as meninas assim fazem, dançando cada uma à sua maneira. A V comenta “Eu danço. Eu tou a dançar mentalmente como é”, enquanto as meninas mexem os seus braços e vão para cima e para baixo, escondendo-se da câmara» (T9)</p> <p>«(...) eu pergunto se o vídeo que iam fazer já tinha terminado. A V diz que não, acrescentando “Não, agora só falta fazer isto”, baixando-se para não aparecer no vídeo. (...) a V diz “Já está”» (T9)</p> <p>«Digo (e este foi o vídeo do Eustáquio, o mágico...) e a V acrescenta “Para a gente apresentar” (...) A V acrescenta ainda “Tomara que vocês gostem, tchau!”» (T9)</p>	
Impacto do projeto nas práticas de leitura das crianças	O que aprenderam	«“Eu aprendi que o Eustáquio existia” (...) Pergunto se tinha aprendido mais alguma coisa e ela diz que sim, sendo que eu lhe pergunto o que é que ela tinha aprendido mais. (...) Respondeu que aprendeu “Que talvez eu também apareça no circo”» (Ef V)	1
	Como se sentiram	<p>«Depois disso, pergunto qual tinha sido a história que ela tinha gostado mais das três que foram lidas, dizendo o nome das mesmas, e a V responde “Os dos Presos, só que havia um probleminha”. Pergunto qual era e ela responde “É que eu fiquei triste por não vencer”. Pergunto porque é que tinha gostado muito dessa história e ela responde “Porque ele teve mandado tudo na Terra, até ficar vazio”» (Ef V)</p> <p>«Posto isto, pergunto qual a parte do projeto que ela mais gostou de fazer, dando-lhe opções. A V responde que o que mais gostou foi votar no livro, acrescentando “Sim, porque eu demorei um bocadinho”» (Ef V)</p>	2

	<p>Percepção das crianças relativamente à apresentação do vídeo à sala B1</p>	<p>«(...) pergunto à V se sabia o que é que se tinha feito depois de se ter feito a votação. “A gente teve que ir à sala da H hoje. Só que foi muito mal, eles não concordaram com a gente”. Tendo em conta que a Valentina disse, pergunto se gostou de ir à sala B1 apresentar o vídeo que ela e outras crianças fizeram para convencer essa sala a escutar a história do <i>Eustáquio o mágico magnífico</i>, a história que eles consideraram ser a mais engraçada. A V responde “Não, mas sabes porquê, a gente só teve de ficar em pé, em pé, em pé e foi... Sabias...” (Ef V)</p> <p>«Pergunto se achava que a sala B1 tinha gostado de ouvir a história e ela olha para mim e acena negativamente com a cabeça, dizendo que não. Eu pergunto porquê e ela pede para eu não escrever, antes de olhar para a minha folha e de responder “Porque eles disseram que não, que não iam ler a história, toda a gente sabe”. Digo que foram uns malandros por não quererem ler a história e a V diz “Ah, mas quando quiserem que a sala da F leia, ela não lê. Foi a decisão deles”» (Ef V)</p>	2
--	---	---	---

ANEXO LI: TABELA DE CATEGORIAS DE ANÁLISE DA MR

RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS LIVROS/NARRATIVA			
Categorias	Subcategorias	Evidências	Total
Escuta/leitura de livros e interação	Mediadores	«Sento-me com a MR no espaço exterior e pergunto-lhe se alguém lhe contava histórias, pelo que me responde “Quando eu era pequenina a minha mãe lia”. Pergunto também se mais alguém lhe lia e ela aponta para mim. Pergunto se a educadora lhe contava histórias e após uma resposta afirmativa por parte da mesma pergunto se mais alguém lhe lia histórias. Responde que a outra estagiária também lhe lia» Ei MR)	1
	Frequência de escuta/leituras		0
	Livros preferidos	«Depois disso, pergunto-lhe qual as histórias que mais gostava de ouvir, pelo que me responde que eram “Capuchinho Vermelho, (...) A do Lobo Mau, (...) Os Três Porquinhos... – fala da MR”» (Ei MR)	1
	Critérios de escolha de livros que ouvi/lê	<p>«Pergunto se a história está engraçada e responde-me que não, dizendo depois que o crocodilo da história “Aqui tá no copo e aqui não tá, tá machucado – fala da MR”. Pergunto o porquê de o crocodilo estar dentro de uma panela e responde-me “Não sei. Ah, pá aquecer – fala da MR”» (T2 MR)</p> <p>«Continua no decorrer do livro [<i>O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca</i>, de Hélène Rice] a falar sobre as diferenças que encontra, acabando por me dizer que “Não, não é engraçada –</p>	2

	<p>fala da MR”, acabando por fechar o livro enquanto acena negativamente com a cabeça» (T2 MR)</p> <p>«Pega no próximo livro, <i>O livro sem bonecos</i>, de B. J. Novak, para o poder ver. Passa algumas páginas do livro, até que exclama “Porque é que ela não tem um senhor? – fala da MR”. Digo que a história tem letras e prontamente me responde, enquanto coloca rapidamente o livro de lado, “Eu não quero esta – fala da MR”» (T2 MR)</p> <p>«(...) escolhe o livro <i>A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça</i>, de Werner Holzwarth para ver de seguida» (T2 MR)</p> <p>«Puxa para perto de si o livro <i>Os bolsos da Marta</i>, de Quentin Blake, para o ver de seguida. Leio o título da história e a MR repete-o, dizendo depois “És tu! – fala da MR”» (T2 MR)</p> <p>«Diz depois que afinal não foi ter com a Marta e comenta que a história “não é engraçada. Não é engraçada – fala da MR” enquanto se ri.» (T2 MR)</p> <p>«Pergunto se vamos ver a última história e a MR puxa o livro <i>Presos</i>, de Oliver Jeffers para perto de si, abrindo-o. Comento que vamos ver se é engraçada e a MR responde “Ei... Nenhuma é engraçada... – fala da MR”. Pede para ver a primeira e pergunto se queria escolher essa. Responde que não e pede para ver todas as história e eu dou-lhe os livros porque a MR diz que “Tenho de ver todas – fala da MR”» (T2 MR)</p> <p>«Depois segura no livro <i>Eustáquio, o mágico magnífico</i>, de Alexandre Rampazo, afirmando “Ai, vamos ler essa – fala da MR”, acrescentando também que “Os amigos vão adorar! – fala da MR”. Quer levar agora a história para dentro e eu explico, mais uma vez que só a leríamos mais tarde, porque ainda tinha algumas perguntas a fazer às outras crianças. Concorda, mas continua a querer levar a história para a sua sala, para mostrar aos seus amigos. Digo então de que se tratava de uma missão secreta e que não o podia fazer, por ter de guardar segredo» (T2 MR)</p>	
<p>Interações</p>	<p>«Começa por abrir o livro <i>O melhor livro para aprender a desenhar uma vaca</i>, de Helène Rice, virando as páginas e mostrando-me todos os detalhes que vê nas ilustrações. Diz-me também que as duas páginas têm diferenças, afirmando também que, por exemplo “Aqui tem uma, uma cabeça e aqui não tem! – fala da MR”» (T2 MR)</p> <p>«Passamos à segunda história e ofereço-lhe o livro o livro <i>Eustáquio, o Mágico Magnífico</i>, de Alexandre Rampazo. (...) Sempre que algo a espanta abre a sua boca e tapa-a ou toca-me. Quando a personagem principal desaparece da história a MR grita espantada e tapa a sua boca de novo, dizendo-me “Vá vai, vira vira! – fala da MR”. Questiona-se também “Onde é que será que ele foi? – fala da MR”, virando as páginas» (T2 MR)</p> <p>«A MR profere um “Ainda não... ai! Tá aqui! – fala da MR” e eu comento que não a estava a ver, o que faz com que ela segure no meu queixo e o mova, para que pudesse olhar para a ilustração.</p>	

		<p>Quando vira a página de novo e a personagem desaparece a MR diz “Ele é um maroto! – fala da MR”» (T2 MR)</p> <p>«Começo por perguntar o que é que a toupeira tinha na sua cabeça, mas a MR exclama rapidamente “O quê?! Cocó da cabeça?! – fala da MR”, batendo também com a sua mão na testa» (T2 MR)</p> <p>«Passa as páginas, falando sobre as personagens que têm cocó, rindo-se também e dizendo “Que disparate – fala da MR”. Algumas vezes bate-me no meu braço, para me chamar e fazer com que eu olhe para as páginas com ela. Passado um pouco, encontra uma página que tem algo colado, sendo que o que está colado forma um círculo. Isso cria um enorme fascínio por parte da MR, que diz “Meu Deus, essa bola não sai! Isso é uma mágica, esse livro é mágico, por causa que tá...! – fala da MR”. Diz ainda que acha que esse círculo é um sinal. Repito o que disse e responde-me “Sim, eu acho que vai desaparecer alguém! – fala da MR”» (T2 MR)</p> <p>«(...) começa a contar-me o que é que a personagem tinha nos seus bolsos, como por exemplo “Olha, ela tem guarda-chuvas nos bolsos – fala da MR” ou “A Marta. A Marta tem bolsos que se fartam. A Marta tem bolsos que se fartam. Ela tem lenços quem tá constipado – fala da MR, acenando a cabeça”» (T2 MR)</p> <p>«Chega à parte em que a personagem usa buzinas para acordar as pessoas e pergunta “Os velhos, os velhos. Ei, onde é que estão os velhos? (vira a página) os velhos, para acordar os velhos – fala da MR”. Pergunto como é que acordavam as pessoas e a MR imita uma buzina, respondendo depois “Ela tem uma coisa assim pá acordar os senhores, para acordar os tios. Depois eles acordam – fala da MR”. Continua a contar a história, comentando que “Os bolsos são mágicos! Meu Deus... - fala da MR”. Diz depois que tem uma coisa para me contar. Digo para falar e a MR conta que “A Marta, ela esconde-se com aqueles cores, depois tira e eles atrás das costas. Eu sei por causa que eu já fui ter com a Marta e vi – fala da MR”» (T2 MR)</p>	
Socialização de práticas de leitura	Interação e emoções tidas em torno do livro	<p>«A primeira história lida intitula-se <i>Eustáquio, o mágico magnífico</i>, de Alexandre Rampazo. Ao mostrar a história às crianças, a MR proferiu rapidamente e alegremente que tinha sido aquela a história que tinha escolhido» (T3 E)</p> <p>«Quando viro e mostro a página onde o Eustáquio desaparece, a MR esboça um leve sorriso» (T3 E)</p> <p>«Pergunto se viro página e a V responde afirmativamente, assim como (...) a MR (...)» (T3 E)</p> <p>«Comento que agora o Eustáquio já deve aparecer e a (...) a MR, (...) concordam.» (T3 E)</p> <p>«Continuo a chamar pela personagem. Viro a página e num canto da folha está o Eustáquio escondido, a fazer sinal às crianças para não fazerem barulho. Todas as crianças da amostra prontamente apontam para a ilustração e exclamam, dizendo “Está aí!”, (...) A MR, (...)»</p>	

		<p>permanecem sentados» (T3 E)</p> <p>«Quando se questionou o grande grupo se tinham visto o Eustáquio,(...) A MR comenta que viu» (T3 E)</p> <p>«A MR coloca o dedo no ar, afirmando que quer falar e diz que “Ele estava assim escondido e tu não viste – fala da MR”» (T3 E)</p> <p>«Mostrando a página onde está desenhada a cauda e a cabeça da “vaca”, a MR comenta que “Ali não tem cabeça e ali tem. – fala da MR”» (T3 V)</p> <p>«A MR, depois de observar a página com atenção, consegue perceber que está ali uma pata, dizendo inclusivamente “Ah, está ali uma pata! – fala da MR”» (T3 V)</p> <p>«Questionei se os crocodilos comem vacas e a MR responde afirmativamente, dizendo que “Algumas vezes eles comem, porque eu um dia estava, quando eu era pequenina vi um filme e o crocodilo comeu a vaca -fala da MR”» (T3 V)</p> <p>«(...) a MR diz mais algumas diferenças que encontrou na página» (T3 V)»</p> <p>«Comentei que os gatos ficam presos nas árvores e a MR, prontamente, diz que “Ele também ficou preso! – fala da MR”» (T3 P)</p> <p>«A MR continua séria e passado pouco tempo deita-se no chão, levantando-se logo a seguir» (T3 P)</p>	
	Escolha/seleção de livros	<p>«Mostro-lhe que deveria fazer o voto dentro do quadrado e prontamente move a caneta para perto da história do <i>Eustáquio, o mágico magnífico</i>, de Alexandre Rampazo, dizendo “Eu gosto, eu vou fazer um coração – fala da MR”. Peço que me avise quando terminar de fazer o voto (...) a MR faz uma bola no seu voto» (T5 MR)</p> <p>«A MR, perante mais um voto no Eustáquio, salta no seu lugar agitando o punho no ar contente. Quando aparece mais um voto neste livro, a MR salta no seu lugar contente juntamente com outras crianças do grande grupo. (...) a MR é a que se encontra mais entusiasmada» (T6)</p>	
	Participação na elaboração do vídeo	<p>«(...) a MR acrescenta “Filmar! – fala da MR”» (T8)</p> <p>«Pergunto mais uma vez o que é que eles vão fazer no vídeo e a MR responde “Contar a história – fala da MR”.</p> <p>Depois, a M comenta que não consegue contar a história, levando a que o L, a MR e a MS digam o mesmo» (T8)</p> <p>«A MR volta a sugerir filmar-se» (T8)</p> <p>«A MR junta-se à V e dançam juntas. Digo-lhes que é uma boa ideia e que iria escrever aquilo que vi no meu caderno» (T8)</p> <p>«A V quer dançar, assim como a MR» (T8)</p> <p>«Enquanto falávamos sobre o local onde iria ser gravado o vídeo, a MR, (...) afastam-se de nós</p>	

		<p>para irem brincar» (T8)</p> <p>«A MR diz “É tudo certo – fala da MR”, enquanto olha e move a sua cara para perto da câmara» (T9)</p> <p>«(...) eu pergunto às meninas se gostariam de dizer alguma coisa sobre o Eustáquio e elas dizem que sim, dizendo “O Eustáquio é mágico – fala da MR”» (T9)</p> <p>«A MR volta para a frente da câmara, dançando ao mesmo tempo que sorri» (T9)</p>	
Impacto do projeto nas práticas de leitura das crianças	O que aprenderam	«Antes de terminar esta entrevista, perguntei à MR se ela tinha aprendido alguma coisa. A MR responde que não sabe. (...) Tento perguntar outra vez se a MR tinha aprendido alguma coisa nova, perguntando novamente o que é que ela tinha gostado mais de fazer e ela respondeu que tinha sido ler a história, resposta diferente da que ela tinha dada nisso inicialmente» (Ef MR)	
	Como se sentiram	<p>«Pergunto qual foi a história que ela tinha gostado mais e ela responde “A do... Do mágico – fala da MR”. Quando lhe pergunto porquê a MR responde “Porque ela ganhou”. Perguntei-lhe também o que é que ela tinha gostado mais na história e ela respondeu “Porque... ele desapareceu”, batendo com as mãos na mesa» (Ef MR)</p> <p>«Pergunto depois o que é que ela tinha gostado mais de fazer e quando ela ia responder interrompi-a sem querer. Paro e peço desculpa, deixando-a falar. A MR então diz que o que o que tinha gostado mais de fazer foi “Dançar”. Tendo por base aquilo que disse, perguntei se gostou de fazer o vídeo e ela respondeu que sim, acrescentando “E dançar”. Perguntei porque é que ela tinha gostado mais de dançar e ela respondeu “Por causa que... por causa que nós tínhamos que fazer o vídeo”» (Ef MR)</p> <p>«(...) pergunto se ela achava que os amigos da sua sala também tinham gostado de fazer este trabalho (...) Quando repito a pergunta, a MR responde “Não sei”» (Ef MR)</p>	
	Perceção das crianças relativamente à apresentação do vídeo à sala B1	<p>«Perguntei depois se tinha gostado de apresentar a história à sala B1 e ela respondeu afirmativamente. Quando perguntei à MR o porquê de ter gostado ela respondeu “Porque eles ouviram– fala da MR”» (Ef MR)</p> <p>«Perguntei depois se ela achava que os meninos da sala B1 tinham gostado da história que fomos contar no dia anterior e a MR respondeu “Acho que não, porque eles disseram assim «ai, nós não gostámos!»” – fala da MR”. Comento que isso foi uma chatice e ela diz “Eu até chorei – fala da MR”, levando a que eu perguntasse se tinha ficado mesmo triste e a MR responde que sim» (Ef MR)</p>	

